



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

JONATHAN VIEIRA DA SILVA

**COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO: O CASO DA
COOPERAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA E O CONSULADO-GERAL
DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE**

**JOÃO PESSOA
2022**



JONATHAN VIEIRA DA SILVA

**COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO: O CASO DA
COOPERAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA E O CONSULADO-GERAL
DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Orientadora: Dr^a. Lílíana Ramalho Froio

Coorientador: Dr. Túlio Sérgio Henrique Ferreira

**JOÃO PESSOA
2022**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Jonathan Vieira da.

Cooperação internacional descentralizada em educação
: o caso da cooperação entre o município de João pessoa
e o Consulado-geral dos Estados Unidos em Recife /
Jonathan Vieira da Silva. - João Pessoa, 2022.

314 f. : il.

Orientação: Liliana Ramalho Froio.

Coorientação: Túlio Sérgio Henrique Ferreira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ciência política. 2. Cooperação internacional -
Educação. 3. Estados Unidos da América. 4. João Pessoa.
I. Froio, Liliana Ramalho. II. Ferreira, Túlio Sérgio
Henrique. III. Título.

UFPB/BC

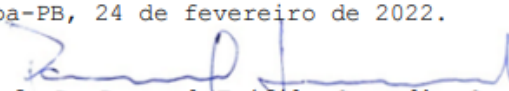
CDU 32(43)

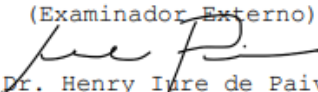


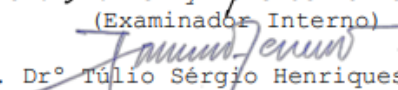
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO ALUNO
JONATHAN VIEIRA DA SILVA

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas e trinta minutos, realizou-se virtualmente, por meio da ferramenta Google Meet (meet.google.com/oxo-ewci-rdk) a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: "COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO: O CASO DA COOPERAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA E O CONSULADO-GERAL DOS ESTADOS UNIDOS", apresentada pelo aluno Jonathan Vieira da Silva, Bacharel em Tradução pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Ensino Superior da Paraíba (FESP), que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS, área de Concentração em Política Internacional, segundo encaminhamento do Prof. Dr.º Ítalo Fittipaldi, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB, e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O Prof. Dr.º Túlio Sérgio Henriques Ferreira (PPGCPRI/UFPB), na qualidade de co-orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Henry Iure de Paiva Silva (PPGCPRI/UFPB) e Pascoal Teófilo Carvalho Gonçalves (DRI/UFPB). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente Prof. Dr.º Túlio Sérgio Henriques Ferreira convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: **Aprovado**. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr.º Túlio Sérgio Henriques Ferreira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Prof. Dr.º Túlio Sérgio Henriques Ferreira (Secretário ad hoc) lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa-PB, 24 de fevereiro de 2022.


Prof. Dr. Pascoal Teófilo Carvalho Gonçalves
(Examinador Externo)


Prof. Dr. Henry Iure de Paiva Silva
(Examinador Interno)


Prof. Dr.º Túlio Sérgio Henriques Ferreira
(Presidente da Banca)

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, é preciso homenagear e agradecer. Em especial, faço esta homenagem e agradeço à minha eterna avó, Maria da Penha, ser humano ímpar, que mesmo tendo sido levada desta vida pelos desígnios do Criador em razão da pandemia da COVID-19, me deixou grandes ensinamentos, maravilhosas lembranças e grandes sentimentos, que me acompanham continuamente em minha intensa jornada nesta vida. Certamente, onde quer que ela esteja, sinto e sei que ela continua me desejando o melhor, me protegendo com suas boas energias e me transferindo força e fé em dias melhores, repletos de alegria, amor, saúde e paz. Que sua luz possa sempre estar comigo, vovó! Muito obrigado por ter existido tão presentemente em minha vida e por ter sempre desejado que eu atingisse meu máximo potencial enquanto ser humano, eterno estudante e profissional. Obrigado por ter me ensinado tanto sobre perdão e confiança, sobre respeito e amor, sobre coragem e paciência. Enfim, obrigado, e até um dia, certamente, de ainda mais sorrisos e conversas engraçadas.

Agradeço aos meus amados pais, Jailson Reis e Marinalva Vieira, sem quem eu não teria como ter tido as oportunidades que tive, nem de chegar a esta etapa de minha vida. Hoje entendo bem, através do exemplo deles, que sacrifício e amor andam juntos. À minha adorada irmã Juliane, meu carinho e obrigado. Tenham certeza que esta dissertação é nossa! Agradeço também aos meus queridos amigos, que a vida foi me dando ao longo do tempo, em momentos e contextos distintos, para me inspirar, alegrar e com sua luz cuidar de mim da forma como podem: Queiroz, Wilker, Rafaella, Genny, Karina, Rodolpho, Daiton, Edilma, Thaís, Eugênio, Diane, Carla, Vanessa, Evellin, Shirley, Adilsa, Kátia, Mariana, Stuart, Bibi e João Victor. São muitas as pessoas especiais, que acompanham a minha história, me ajudam e me inspiram a ser quem sou!

Um grande muito obrigado a todos os meus familiares, representados aqui através de minhas tias Janice, Janeide, Jamile, Marineide e Estela; meus tios Edvan, Adricélio, Jonacy e Roberto; meu primo Pedro; e meus avós Manoel, José e Luzia. Desculpem-me pelas ausências, gratidão por seu respeito, cuidado e amor!

À Professora Liliana Froio, minha orientadora, devo agradecer de forma máxima. Me apresentou um novo mundo, o da Cooperação Internacional Descentralizada, pelo qual venho cada vez mais me apaixonando. Entender os porquês, as implicações e as nuances deste mundo é uma aventura sem fim e isso é o que mais me motiva! Continuarei, com convicção, me especializando na área. Obrigado pelo companheirismo, empatia, paciência, atenção, humildade e respeito. Liliana Froio hoje para mim é um exemplo de educadora e ser humano, que com dedicação e fé inspira e cuida sem mesmo perceber. Minha perene admiração!

Agradeço ao ilustre professor Túlio Ferreira, coorientador da pesquisa, e que esteve presente nos momentos mais importantes de minha saga no PPGCPRI, sempre apoiando com palavras empáticas e fraternas. Gratidão aos membros da banca examinadora, inspirações acadêmicas e como pessoas!

Por último, contudo, em primeiro lugar, gratidão ao Criador, pela existência, confiança e evolução. Por ser a fonte de toda energia que em mim habita.

RESUMO

A atuação internacional de governos subnacionais tem se intensificado cada vez mais nas últimas décadas em razão de uma maior facilidade na aproximação e no diálogo com países e instituições externas. As assimetrias existentes entre as unidades federadas levam seus governos a buscarem uma atuação internacional mais direta lidando diretamente com atores estrangeiros, levando os interesses locais para discussão no cenário internacional em diversas áreas, por exemplo: política, econômica, cultural, ambiental e educacional. A Cooperação Descentralizada é uma das formas de atuação em nível internacional. Partindo do fato de que a Cooperação Descentralizada comporta características próprias das cidades ou regiões que a desenvolvem, e considerando relevante compreender a realidade de um município nordestino é que se justifica o estudo acerca da Cooperação Internacional Descentralizada em Educação entre o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos EUA em Recife. A parceria busca o fortalecimento do ensino da língua inglesa através da formação profissional de professores de inglês no município, entre outras ações conjuntas. Dessa forma, considerando a aproximação dos atores, esta pesquisa visa à compreensão da formatação e dos resultados da cooperação estabelecida. Propõe-se uma pesquisa metodologicamente baseada no uso de revisão de literatura sobre Cooperação Internacional, Descentralizada e Educacional, além de estudo de caso com a realização de expedientes empíricos através de entrevistas com atores relevantes. Ressalta-se o pioneirismo da cooperação para os atores, que desde 2012 mantinham contato, porém somente em 2015 iniciaram a primeira ação local. Aponta-se também a situação da parceria até janeiro de 2022, assim como alguns desafios provenientes da falta de estrutura especializada da Prefeitura de João Pessoa em algumas áreas: como a de Relações Internacionais. Ao final, fica em evidência que o Consulado conseguiu propagar a língua inglesa e a cultura norte-americana em João Pessoa, em consonância com a política externa dos EUA. A Prefeitura de João Pessoa contou com mão de obra e investimentos por parte dos EUA voltados à área de educação da língua inglesa.

Palavras-chave: Cooperação Internacional Descentralizada; Educação; João Pessoa; Estados Unidos da América; Consulado.

ABSTRACT

The international action of subnational governments has intensified more and more in the last decades due to a greater ease in approaching and dialoguing with countries and external institutions. The existing asymmetries between the federated units lead their governments to seek a more direct international action, dealing directly with foreign actors, taking local interests to discussion on the international scene in several areas, for example: political, economic, cultural, environmental, and educational. Decentralized Cooperation is one of the forms of action at the international level. Since Decentralized Cooperation has characteristics specific to the cities or regions that develop it, and considering it is relevant to understand the reality of a northeastern municipality, the study on the Decentralized International Cooperation in Education between the Municipality of João Pessoa and the US Consulate General in Recife. The partnership seeks to strengthen the teaching of the English language through the professional development of English teachers in the municipality, among other joint actions. Thus, considering the approximation of the actors, this research aims to understand the format and the results of the established cooperation. A research methodologically based on the use of a literature review on International, Decentralized and Educational Cooperation is proposed, as well as a case study with the realization of empirical expedients through interviews with relevant actors. We emphasize the pioneering spirit of cooperation for the actors, who had been in contact since 2012, but only in 2015 they initiated the first local action. The situation of the partnership until January 2022 is also pointed out, as well as some challenges arising from the lack of specialized structure of the Municipality of João Pessoa in some areas: such as International Relations. In the end, it is evident that the Consulate managed to propagate the English language and North American culture in João Pessoa, in line with US foreign policy. The Municipality of João Pessoa relied on manpower and investments from the USA aimed at the area of English language education.

Keywords: Decentralized International Cooperation; Education; João Pessoa; USA; Consulate.

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Seções e Escritórios do Consulado-Geral dos EUA em Recife.....	65
Figura II: IDHM e seus Indicadores no Município de JP/PB.....	73
Figura III: Estrutura Organizacional do <i>Bureau of Educational and Cultural Affairs</i> ...	77

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Entrevistados do Governo Federal.....	23
Quadro II: Entrevistados do Consulado e Prefeitura.....	26
Quadro III: Entrevistados da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa.....	28
Quadro IV: Programas do ECA Voltados para a Língua Inglesa.....	67
Quadro V: Grupos e Datas dos Encontros dos Professores com Diane Whaley.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ALFASOL	Associação de Alfabetização Solidária
AOD	Assistência Oficial ao Desenvolvimento
BRITE	<i>Brazilians Innovating on the Teaching of English</i>
CABER	Comissão Americano-Brasileira da Educação Rural
CAD	Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD	Cooperação Descentralizada
CECAPRO	Centro de Capacitação de Professores
CELEST	Centro de Línguas Estrangeiras
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CI	Cooperação Internacional
CID	Cooperação Internacional para o Desenvolvimento
CNS	Cooperação Norte-Sul
CSS	Cooperação Sul-Sul
CTN	Corporações Transnacionais
CTPD	Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
DH	Direitos Humanos
DRI	Diretoria de Relações Internacionais
ECA	Bureau of Educational and Cultural Affairs
EUA	Estados Unidos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
GAO	<i>United States Government Accountability Office</i>
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MEC-USAID	Ministério da Educação e Cultura e <i>United State Agency for International Development</i>
MNOAL	Movimento dos Países Não Alinhados
MRE	Ministério das Relações Exteriores

OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OECE	Organização Europeia de Cooperação Econômica
OIs	Organizações Internacionais
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEN	Rede Online para Ensino/Aprendizagem de Inglês
PABA	Plano de Ação de Buenos Aires
PE	Pernambuco
PED	Países em Desenvolvimento
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PQLP	Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa
RELO	Escritório Regional de Língua Inglesa
RI	Relações Internacionais
SEDEC	Secretaria de Desenvolvimento Econômico
SETUR	Secretaria de Turismo
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	Organização das ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UNICEF	Fundo de Emergência Internacional da ONU para a Infância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. METODOLOGIA DA PESQUISA: UM CAMINHO ESTRUTURADO.....	21
1.1 RELATO DO CAMINHO METODOLÓGICO.....	21
1.1.1 A Pesquisa e os Passos Envidados.....	22
2. A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO.....	31
2.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: BREVES CONSIDERAÇÕES.....	31
2.1.1 A Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e a Cooperação Sul-Sul.....	36
2.1.2 Cooperação Internacional em Educação.....	42
2.2 A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA.....	46
2.2.1 Cooperação Descentralizada em Educação no Brasil.....	55
3. COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA E O CONSULADO-GERAL DOS EUA EM RECIFE.....	61
3.1 INTERESSES E ATORES DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL EDUCACIONAL.....	62
3.1.1 Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e o Escritório de Educação e Cultura.....	63
3.1.2 O Município de João Pessoa.....	72
3.1.3 Dos Interesses para Cooperar em Educação e Cultura.....	74
3.2 A ORIGEM DA COOPERAÇÃO ENTRE O CONSULADO-GERAL DOS EUA EM RECIFE E O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA.....	79
3.2.1 Formalização do Ato e Diálogo com o Governo Federal.....	88
3.2.2 Percepções Sobre a Preparação Local.....	91
4. OS RESULTADOS DO PROJETO DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA – PB.....	96
4.1 O INÍCIO DO PROJETO E AS AÇÕES DESENVOLVIDAS.....	96
4.2 A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA E AS SUAS LIMITAÇÕES.....	105
CONCLUSÃO.....	114
Referências.....	125

ANEXOS – DOCUMENTAÇÕES PERTINENTES.....	141
ANEXO I.....	141
ANEXO II.....	146
ANEXO III.....	147
ANEXO IV.....	148
ANEXO V.....	150
ANEXO VI.....	153
ANEXO VII.....	155
ANEXO VIII.....	156
ANEXO IX.....	158
ANEXO X.....	160
ANEXO XI.....	166
ANEXO XII.....	169
ANEXO XIII.....	171
ANEXO XIV.....	174
ANEXO XV.....	184
ANEXO XVI.....	186
ANEXO XVII.....	187
ANEXO XVIII.....	188
ANEXO XIX.....	190
 APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	 192
Entrevista 1 – Stuart Beechler.....	192
Entrevista 2 – Luiz de Sousa Júnior.....	201
Entrevista 3 – Richard Reiter.....	207
Entrevista 4 – Matt Keener.....	210
Entrevista 5 – Mary Diane Whaley.....	215
Entrevista 6 – Wófsi Yuri.....	224
Entrevista 7 – Laíze Rodrigues.....	233
Entrevista 8 – Gilberto Cruz.....	249
Entrevista 9 – Edilma Ferreira.....	259
Entrevista 10 – Emerson de Azevedo.....	271
Entrevista 11 – Fábio Ribeiro.....	282
Entrevista 12 – Harlanne Godoi.....	291
Entrevista 13 – Aline Paz.....	303
 APÊNDICE II - VISITA À ASSESSORIA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS DO MEC.....	 314
APÊNDICE III - VISITA AO ITAMARATY.....	316

INTRODUÇÃO

“The international system consists not only of states. The international political system is the pattern of relationships among the states.” (Joseph Nye)

O cenário diariamente afetado pela crescente globalização e por uma maior aproximação e comunicação entre atores internacionais possibilita, cada vez mais, debates, sobretudo acerca de novos fenômenos ou fenômenos recorrentes, mas que ainda precisam de uma maior investigação acadêmica, como é o caso da cooperação internacional descentralizada.

Uma das definições para cooperação seria o ato de trabalhar em conjunto para alcançar um objetivo em comum. Seria uma ação conjunta em que uma ou mais pessoas (atores) realizam atividades com a finalidade de atingir as metas que podem beneficiar as partes (ZAGUMNY, 2019). A cooperação internacional, por sua vez, como será mais bem discutida ao longo deste estudo, é entendida como os atos de estreitamento de vínculos entre atores que fazem parte da esfera internacional e que visam ao seu desenvolvimento a partir de interesses comuns.

A cooperação internacional pode ser conceituada como a situação em que “as políticas efetivamente empreendidas por um governo são vistas pelos seus parceiros como facilitadoras da realização de seus próprios objetivos, como resultado de um processo de coordenação política” (KEOHANE, 1984, p. 51-2). Do ponto de vista histórico, a prática da cooperação internacional era compreendida como ocupada, na sua totalidade, pelos Estados, muitas vezes os únicos juridicamente empoderados e capazes de atuar na esfera internacional.

Assim, percebe-se um dinamismo, de tal forma que a cooperação internacional não deve ser compreendida como um procedimento mecânico e estático. Para a sua realização deve haver mais que atrativos mútuos para as partes, sendo necessária a comunicação, negociação e alinhamentos comportamentais, além de ser necessária a articulação de coordenação política (KEOHANE, 1984, *apud* SILVA, 2011) para que, com isso, haja o melhor alcance dos fins almejados. Atualmente, é possível não só

afirmar que a cooperação internacional se trata de um mecanismo de instrumentalização das políticas externas dos países, mas também uma forma de projetar interesses almejados por um ou mais entes domésticos, sejam nacionais ou subnacionais. Isto porque as demandas locais começam a ser consideradas no âmbito internacional fazendo com que os interesses subnacionais passem a alcançar espaços antes não ocupados, o que caracteriza a paradiplomacia.

Como forma de cooperação e meio de exercer a paradiplomacia, a cooperação internacional descentralizada é realizada contando com a participação de um governo local enquanto ator internacional, visando, com isto, o desenvolvimento local em um ou mais setores específicos. A cooperação internacional descentralizada vem sendo amplamente praticada no mundo face aos benefícios esperados para o desenvolvimento dos governos locais.

No Brasil, no âmbito das discussões sobre paradiplomacia, que será aprofundado oportunamente nesta dissertação, a cooperação internacional descentralizada também tem sido uma prática bastante disseminada e estudada (BOGÉA FILHO, 2011; VIGEVANI, 2006; SALOMÓN, 2008, 2013; GOMES FILHO, 2008, 2011; MIKLOS, 2010, 2011; RODRIGUES, 2011; FRÓIO, 2015), abordando casos específicos de entes subnacionais brasileiros e tratando do cenário doméstico, no que diz respeito ao fenômeno.

Nestes estudos, destaca-se que a legislação brasileira vigente é silente quanto à cooperação internacional descentralizada, não havendo aprovação para que os entes subnacionais possuam a necessária competência para a realização de suas tratativas no âmbito das relações internacionais, relegando esta atividade à prática “informal” por parte dos entes subnacionais que são interessados. Isto ocorre, também, quanto à temática educacional, na qual acordos nesse sentido, que instrumentalizam a cooperação internacional descentralizada em educação, não são previstos em termos legais.

Do ponto de vista local ao desenvolvimento deste estudo, analisando uma experiência prática e municipal, em João Pessoa, cidade localizada no estado da Paraíba – Brasil, é possível aprofundar a compreensão sobre a inserção internacional dos municípios brasileiros, em particular, quanto à cooperação internacional descentralizada, na modalidade educacional, por meio do caso do projeto embrionário acordado com o Consulado-Geral dos Estados Unidos da América, em Recife.

A Cooperação Educacional entre esses atores iniciou-se através do investimento consolidado do Departamento dos Estados Unidos da América, intitulado Programa de Especialista em Língua Inglesa. No que tange ao objetivo deste projeto embrionário de cooperação, sua finalidade inicial consistia em incentivar o ensino da Língua Inglesa através da formação profissional de professores da disciplina na Rede Municipal de Educação de João Pessoa. Outras atividades também foram desenvolvidas como, por exemplo: criação de escola bilíngue, criação de laboratórios para estudo da língua inglesa, visitas técnicas, financiamento na execução e participação de eventos e cursos no Brasil e nos EUA, dentre outras atividades. Tal processo carrega consigo, portanto, características de uma aproximação de cooperação descentralizada entre um município brasileiro e uma instituição estadunidense. O projeto proporcionou ao município de João Pessoa relações e implicações decorrentes desta aproximação que se deu pioneiramente.

Neste sentido, no que diz respeito à relevância desta dissertação, a inserção internacional de municípios brasileiros, por si, é assunto deveras relevante, tanto para a academia como para os governos. A dissertação, portanto, serve como um mecanismo de publicização de resultados do tipo de tratativa cooperativa aqui relatado, uma vez que enquanto pesquisa acadêmica tem a intenção de investigar e apresentar um fenômeno pioneiro para os atores. Desta maneira, a presente pesquisa foi desenvolvida como um estudo de caso alicerçado em documentos oficiais, entrevistas, material publicado na imprensa, e-mails e levantamento bibliográfico. O estudo também dispõe da experiência do pesquisador enquanto um agente no processo de implementação da parceria intergovernamental.

É importante também entender a pesquisa como um instrumento de ordem educacional e social, tanto por dar visibilidade a grupos que se encontram às margens de uma sociedade elitizada – do ponto de vista do acesso ao que vem de fora – quanto na produção de conhecimento científico e desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Ademais, a realização deste estudo posiciona um município brasileiro, pouco referenciado e localizado fora das regiões mais desenvolvidas do país, como é o caso da cidade de João Pessoa, em um lugar de valor, de significação e legitimação sócio-histórico-cultural.

Com essa perspectiva em vista, parte-se da problemática: como se deu e quais os resultados da cooperação internacional em educação entre o município de João

Pessoa e o Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife? Tem-se como pressuposto principal que a prática realizada pelo município de João Pessoa ocorre de modo autônomo, tal como se interpreta do conceito de paradiplomacia, que é definida tendo em vista os sujeitos subnacionais, que fazem parte da relação internacional estabelecida.

Esta prática, assim, se dá diante da ausência de regramento quanto à matéria ao nível federal, sendo que os resultados esperados podem ser considerados como alcançados neste governo local estudado, identificando-se, assim, que este fenômeno da cooperação internacional descentralizada possui alta relevância local e, por isso, precisa de contornos sólidos para o aprimoramento e chancela legal de sua prática, inclusive quanto ao âmbito educacional.

De modo específico, a análise da paradiplomacia educacional de João Pessoa justifica-se porque: i) a paradiplomacia é impactada por diferenças locais e regionais existentes entre os entes subnacionais, o que torna fundamental o estudo de casos empíricos para compreender melhor o fenômeno; ii) trata-se de um estudo de caso sobre um município da região Nordeste e, particularmente, do Estado da Paraíba – onde há uma carência de estudos sobre essa região e estado; iii) a análise das experiências internacionais no âmbito da paradiplomacia podem ser disseminadas e utilizadas como exemplo pelas localidades para promover suas políticas públicas; iv) é importante aprofundar os estudos sobre a paradiplomacia brasileira, apresentando as particularidades do caso de uma cidade paraibana¹.

Face ao exposto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar os resultados da cooperação internacional em educação entre o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos Estados Unidos no ensino da Língua Inglesa. Os objetivos específicos desta dissertação, por sua vez, desdobram-se em: a) investigar e compreender, de forma ampla, a cooperação internacional, com foco na modalidade descentralizada e educacional, entendendo onde se situa o debate, quais as características do fenômeno e os tipos de ações desenvolvidas; b) identificar os processos de estabelecimento da cooperação internacional descentralizada em educação estabelecida entre o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos

¹A relevância do trabalho baseia-se nas pesquisas desenvolvidas referentes ao Nordeste brasileiro, particularmente ao estado da Paraíba, e coordenadas pela professora Liliana Ramalho Froio.

EUA em Recife: as origens, os atores envolvidos e o processo de negociação; c) verificar os resultados do projeto de cooperação educacional para o município de João Pessoa; e d) analisar a continuidade da parceria entre a PMJP e o Consulado, as ações desenvolvidas recentemente, bem como as nuances e limitações do tipo de cooperação estabelecida.

Visando atender os objetivos geral e específicos elencados, a presente pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão de literatura sobre a cooperação internacional em educação e sobre a paradiplomacia. De acordo com Noronha e Ferreira (2000, p. 191), pesquisas que se baseiam em revisão de literatura são “estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada”. A revisão da literatura torna possível uma melhor compreensão tanto das características da cooperação internacional em educação quanto do lugar ocupado pela paradiplomacia educacional dentro desses referenciais de análise.

Com relação à geração dos dados a serem analisados, documentos assinados ou produzidos pelas instituições envolvidas, matérias jornalísticas e e-mails interinstitucionais foram analisados, assim como foram realizadas entrevistas com atores envolvidos no processo da cooperação internacional em educação (no âmbito brasileiro) e no processo da cooperação educacional estabelecida entre o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos EUA, em Recife, a saber: Stuart Beechler, especialista em diplomacia pública no Consulado dos Estados Unidos da América em Recife; Luiz de Sousa Junior, Secretário de Educação e Cultura do Município de João Pessoa durante setembro de 2012 a dezembro de 2014; Edilma Ferreira, ex-secretária da SEDEC de janeiro de 2013 até o final de 2020; Gilberto Cruz, ex-secretário da SEDEC e ex-diretor da DGC; Richard Reiter, Cônsul-Geral dos Estados Unidos da América em Recife de 2014 a 2017; Matt Keener, Cônsul de Diplomacia Pública do Consulado Geral dos Estados Unidos da América, em Recife, durante os anos de 2014 a 2017; Mary Diane Whaley, especialista em língua inglesa – especialista em língua inglesa do programa financiado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos a fim de atuar no projeto de parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa nos anos de 2015 e 2016; Wófsi Yuri, Coordenador de Cooperação Técnica

Recebida Bilateral da ABC/MRE, e André Galvão, Analista de Projetos da ABC/MRE; Leandro Gomes Cardoso, Coordenador Américas da Assessoria Internacional do MEC, e Paula Regina Ferreira da Silva, assessora especial da mesma Assessoria; Almerinda Augusta de Freitas Carvalho, chefe da Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa do MRE; Aline Paz, diretora da EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires; Emerson Bezerra, professor de ciências da EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires; Fábio Ribeiro, professor de inglês da rede municipal; Laíze Rodrigues, professora de inglês da rede municipal e Harlanne Godoi, professora de inglês da rede municipal.

Desse modo, este trabalho encontra-se estruturado mediante a seguinte organização:

No *Capítulo Introdutório*, a problemática da pesquisa é posta, assim: como aconteceu e quais as consequências da cooperação educacional internacional entre João Pessoa e o Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife? O pressuposto principal é que a atuação de João Pessoa se dá de forma autônoma, conforme se explica a partir do conceito de paradiplomacia, que se define em termos de entidades subestatais que fazem parte de relações internacionais estabelecidas.

O *Capítulo 1*, por sua vez, trata-se do capítulo metodológico, em que a metodologia para a organização desta pesquisa está descrita, dando ênfase a como a investigação do estudo de caso foi estruturada e quais recursos foram utilizados a fim de que os objetivos da pesquisa pudessem ser alcançados.

No *Capítulo 2*, encontra-se a revisão de literatura que embasa a temática da cooperação internacional, analisando a sua conceituação e discussões teóricas, bem como as tipificações relevantes para o estudo em questão, com ênfase nas classificações da cooperação descentralizada e da cooperação educacional.

No *Capítulo 3*, está aludida a relação firmada entre Estados Unidos da América, através do Consulado-Geral dos Estados Unidos, em Recife, e o município de João Pessoa, com ênfase na origem desta aproximação, quais os atores envolvidos e como se deu o processo de negociação. Neste capítulo, verifica-se como se deu a ocorrência da cooperação e quais os seus motivadores, delineando-a em seus aspectos essenciais. Para tanto, utilizou-se fonte documental e análise de conteúdo.

No *capítulo 4*, apresentamos os resultados da relação firmada entre o Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e o Município de João

Pessoa, no que diz respeito à formação de professores de língua inglesa e outras atividades, verificando, nesta oportunidade, como a cooperação subnacional trouxe implicações para a educação pública de João Pessoa. O capítulo foi baseado em análise de conteúdo a partir de fontes documentais, matérias jornalísticas, entrevistas, bem como as percepções do autor.

Por fim, são apresentadas as *Considerações Finais*, em que é realizada a análise dos principais fatos da cooperação pesquisada, situando o caso de uma forma concatenada com a literatura e os fatos levantados, apresentando também as limitações que puderam ser observadas.

1 A METODOLOGIA DA PESQUISA: UM CAMINHO ESTRUTURADO

A melhor metodologia é aquela que integra motivação e interação favorecendo um diálogo de aprendizagens. (Paulo Freire).

Neste capítulo metodológico, procurou-se esquematizar detalhadamente o caminho percorrido ao longo da pesquisa, a fim de que as perguntas geradoras desta investigação acadêmica viessem a ser, mais assertivamente, respondidas e os fenômenos investigados mais bem compreendidos. Bem lembra Bastos (2003) que o elemento básico de uma boa metodologia consiste em um plano detalhado de como alcançar o(s) objetivo(s), respondendo às questões propostas e/ou testando as hipóteses formuladas.

Vale ressaltar que no Brasil destacam-se alguns autores especializados na temática da cooperação internacional descentralizada (BOGÉA FILHO, 2011; VIGEVANI, 2006; SALOMÓN, 2008, 2013; GOMES FILHO, 2008, 2011; MIKLOS, 2010, 2011; RODRIGUES, 2011; FRÓIO, 2015). Dessa maneira, esta pesquisa visa contribuir com o acervo já existente de pesquisas e discussões acadêmicas da área, tendo um enfoque na área educacional, colaborando, portanto, com os esforços acadêmicos existentes para compreender as relações que os entes subnacionais brasileiros estabelecem com atores estrangeiros.

1.1 RELATO DO CAMINHO METODOLÓGICO

Esta seção tem por finalidade relatar os procedimentos envidados pelo pesquisador para compreender a cooperação estabelecida entre o Consulado-Geral dos Estados Unidos em Recife e o Município de João Pessoa, no que diz respeito à área de educação de língua inglesa. Para tanto, foram analisados documentos oficiais, e-mails, matérias jornalísticas de diferentes agentes de comunicação, *websites* institucionais, bem como foram realizadas entrevistas gravadas com agentes considerados relevantes no estabelecimento, na execução ou na vivência dos

resultados da cooperação, ou que, de uma maneira mais geral, têm ou tinham uma ligação com a temática da cooperação internacional em educação no país.

Considerando a participação do pesquisador em parte da operacionalização das ações da cooperação estudada, na dissertação também são encontrados relatos a partir de suas observações e vivências. Entre janeiro de 2015 e dezembro de 2018, o pesquisador esteve à frente enquanto diretor-geral do Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa (CELEST) da PMJP, projeto de curso de idiomas ligado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, sendo, inclusive, um dos setores da SEDEC referência para a execução de parte das ações inerentes à cooperação estabelecida. Esta participação parcial do pesquisador no processo cooperativo, em alguma medida, facilitou o acesso a documentações importantes ou mesmo a sujeitos relevantes no estudo de caso investigado para a realização de entrevistas.

1.1.1 A Pesquisa e os Passos Envidados

A partir do momento em que foi iniciado o processo de pesquisa da cooperação estabelecida entre o Consulado-Geral dos Estados Unidos em Recife e o Município de João Pessoa, buscou-se responder uma primeira pergunta, a qual sempre foi motivadora de toda a curiosidade e desejo de investigar a relação pioneira que vinha se estabelecendo entre a capital paraibana e o consulado norte-americano em Recife. A pergunta era: O Governo Federal do Brasil, através de seus ministérios da Educação ou das Relações Exteriores, sabe desse tipo de projeto cooperativo que os EUA estabelecem, através de suas representações diplomáticas, com os entes federativos do Brasil?

Considerando, então, a pergunta supracitada, se fazia clara a necessidade de consultar órgãos representativos do Governo Federal que inicialmente pudessem respondê-la, a fim de que houvesse um ponto inicial norteador da pesquisa. Dessa maneira, entrevistar representantes de alguns órgãos foi a estratégia inicial adotada, uma vez que, assim como diz Haguette (1997:86), a entrevista é um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Boni & Quaresma (2005) lembram que “entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas

abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal, o que, exatamente, adotou-se enquanto estratégia para a condução das entrevistas.

As entrevistas gravadas, que posteriormente viriam a ser transcritas, foram agendadas com agentes de instituições consideradas relevantes para a compreensão do fenômeno da cooperação internacional descentralizada em educação. As entrevistas se iniciaram no ano de 2016, com agentes do Ministério das Relações Exteriores (MRE), do Ministério da Educação (MEC) e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), e foram se desenvolvendo desde então. Os entrevistados do Governo Federal que cederam audiência em Brasília, entre os dias 14 e 15 de julho de 2016, foram:

Quadro I: ENTREVISTADOS DO GOVERNO FEDERAL

Nome	Instituição	Função	Pertinência
Wófsi Yuri	Agência Brasileira de Cooperação	Coordenador de cooperação técnica recebida bilateral	Integra a ABC e recebe projetos de cooperação envolvendo entes subnacionais
André Galvão	Agência Brasileira de Cooperação	Analista de projetos	Integra a ABC e recebe projetos de cooperação envolvendo entes subnacionais

Leandro Gomes Cardoso	Assessoria Internacional do MEC	Coordenador Américas	Integra o MEC e organiza projetos cooperativos entre países no continente americano
Paula Regina Ferreira da Silva	Assessoria Internacional do MEC	Assessora Especial	Integra o MEC e assessora projetos cooperativos
Almerinda Augusta de Freitas Carvalho	Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa do MRE	Chefe da Divisão	Responsável pelos temas ligados à Educação no MRE

Fonte: Elaboração do autor.

As perguntas feitas aos membros da Agência Brasileira de Cooperação, Assessoria Internacional do MEC e Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa do MRE, por sua vez, pretenderam verificar aspectos relevantes sobre as ações de cooperação internacional educacional e o diálogo entre as iniciativas subnacionais com o nível federal, no intuito de compreender as nuances do caso em investigação. Na descrição dos relatos colhidos nas entrevistas, os entrevistados serão mencionados a partir dos nomes e/ou funções exercidas.

As perguntas semiestruturadas foram pensadas para nortear as entrevistas com os representantes do Governo Federal. As perguntas não necessariamente foram feitas com exatidão, bem porque as interações com os agentes públicos se deram em

um tom muito natural sem seguir uma ordem única, porém, muito de acordo com a interação que se desenvolvia:

As primeiras perguntas aos entrevistados foram focadas, de forma mais ampla, na cooperação educacional, como se vê:

1. Como se encontra a cooperação educacional Brasil-EUA? Poderia explicar sobre as origens da cooperação e principais marcos (atos firmados, reuniões, programas desenvolvidos).

2. Dentro do tema cooperação educacional, os EUA seriam um dos principais países com o qual o Brasil desenvolve cooperação? Quais seriam os países com os quais o Brasil possui maior cooperação nesse tema?

3. Como os Programas de Incentivo à Língua Inglesa da Embaixada dos EUA no Brasil se inserem na cooperação educacional dos dois países? Ou não se inserem? Ou são programas que se desenvolvem fora dessa cooperação formal que existe entre os países? Onde o programa se situa na cooperação bilateral?

Após ter a primeira interação e respostas pensando na cooperação educacional, as seguintes perguntas realizadas foram mais de ordem institucional, a fim de entender mais sobre a participação de cidades e estados em cooperações internacionais:

1. Sobre a participação de cidades e estados nesses programas. A ABC/MRE/MEC sabe desses programas/projetos? Sabe que a prefeitura participa? A prefeitura teria que comunicar vocês (ABC/MRE/MEC)?

2. O Consulado procurou a prefeitura diretamente. Há alguma restrição em relação a isso? Qual seria a orientação sobre isso?

3. Prefeituras podem fazer acordos diretamente com as Embaixadas ou Consulados? A prefeitura tem essa autonomia? O que a prefeitura pode fazer em termos de cooperação internacional?

As respostas a partir da primeira interação com os agentes públicos do Governo Federal serviram como base importante para a continuação e desenvolvimento da pesquisa, justamente por terem contribuído na contextualização do fenômeno investigado, fazendo com que a partir de suas respostas se tornasse ainda maior a necessidade de consultar outros agentes e autoridades envolvidas diretamente com o processo cooperativo, tanto do lado dos EUA quanto do lado da Prefeitura de João Pessoa. As entrevistas com os representantes consulares dos EUA

e com os representantes da Prefeitura de João Pessoa se iniciaram em 2017, tendo sido realizadas com os seguintes sujeitos:

Quadro II: Entrevistados do Consulado e da Prefeitura

Nome	Instituição	Função	Pertinência
Stuart Beechler	Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife	Especialista em Diplomacia Pública	Intermediou os diálogos entre os cônsules e a SEDEC, além de conduzir o andamento da cooperação após a primeira reunião de entendimento.
Matt Keener	Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife	Cônsul de Diplomacia Pública do Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife de 2014 e 2017	Cônsul que, à época da formalização da cooperação, iniciou as tratativas junto ao Município de João Pessoa.
Richard Reiter	Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife	Cônsul-Geral dos Estados Unidos da América em Recife de 2014 e 2017	Cônsul-Geral à época da formalização da cooperação.

Diane Whaley	Departamento de Estado dos Estados Unidos da América	Especialista em Língua Inglesa	Especialista enviada pelo Departamento de Estado dos EUA e Georgetown University para ficar à disposição do Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e atuar na cooperação em João Pessoa.
Luiz de Sousa Júnior	Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa	Secretário de Educação de setembro de 2012 a dezembro de 2014	Junto ao Prefeito, à época, iniciou as primeiras tratativas da cooperação, enquanto gestor da SEDEC.
Gilberto Cruz	Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa	Diretor da Diretoria de Gestão Curricular de 2012 a 2019 e secretário de educação em 2020	Responsável pedagógico da SEDEC e que acompanhou momentos iniciais relevantes do estabelecimento da cooperação
Edilma Ferreira	Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa	Secretária de Educação e Cultura, entre 2013 a 2020.	Gestora da SEDEC, que por mais tempo conduziu o processo cooperativo representando a PMJP

Fonte: Elaboração do autor.

Nas perguntas realizadas aos entrevistados do Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa, pretendeu-se compreender os interesses de ambos os lados na cooperação internacional educacional, como se iniciou e foi desenvolvido o caso de João Pessoa e quais foram os papéis desempenhados pelos atores na sua operacionalização.

As entrevistas com os profissionais da Rede Municipal tiveram início em 2021. O intuito era, a partir de entrevistas com os professores da rede municipal, entender como foi a experiência deles com a parceria entre a PMJP e o Consulado. Também discutir as principais ações desenvolvidas, os desafios e quais as perspectivas para atividades futuras. Além dos docentes, também foi entrevistada a diretora da EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires em João Pessoa, uma vez que enquanto gestora atual da escola é considerada personagem importante para a compreensão da atual situação da parceria, por ser ela a representante municipal que mais mantém laços com os agentes do RELO e do Consulado em Recife.

Quadro III: Entrevistados da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

Nome	Instituição	Função	Relevância
Aline Paz	Rede Municipal de Ensino	Diretora da EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires	Em 2022, ponto focal por parte da PMJP nos contatos com o Consulado
Emerson Bezerra	Rede Municipal de Ensino	Professor de Ciências da EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires	Participou de ações relevantes resultantes da cooperação como formações e intercâmbio nos EUA

Fábio Ribeiro	Rede Municipal de Ensino	Professor de Inglês	Participou de ações relevantes resultantes da cooperação como formações
Laíze Rodrigues	Rede Municipal de Ensino	Professora de Inglês	Participou de ações relevantes resultantes da cooperação como formações
Harlanne Godoi	Rede Municipal de Ensino	Professora de Inglês	Participou de ações relevantes resultantes da cooperação como formações

Fonte: Elaboração do autor.

Com efeito, da reunião, sistematização, análise e reflexão acerca desse material, com subsídio de aportes teóricos através da revisão da literatura na área, esta pesquisa se constitui enquanto um estudo de caso tendo como objeto de estudo a paradiplomacia e como corpus a cooperação entre o consulado dos EUA em Recife e a Prefeitura de João Pessoa no supramencionado projeto.

No que se refere à sistematização do caso, de maneira em que possa ficar compreendida a sua gênese, oficialização, execução e resultados, vale ressaltar que uma série de fontes documentais foram levantadas, organizadas e analisadas, a fim de que os fatos pudessem cronologicamente ficar organizados. Tais documentações, as consideradas mais relevantes para a compreensão do caso estudado, representam as necessidades inerentes e naturais a esse tipo de relação estabelecida entre instituições, tanto do ponto de vista burocrático, quanto logístico. As principais fontes documentais podem ser encontradas nos anexos da dissertação e ficam enquanto compêndio exemplar do que é necessário para a realização desse tipo tratativa.

Além disso, ao longo da dissertação, serão trazidas informações a partir da experiência do autor, que esteve à frente do Centro de Línguas Estrangeiras

(CELEST) da Prefeitura Municipal de João Pessoa, entre janeiro de 2015 e dezembro de 2018. Profissionalmente, antes de assumir a direção-geral do CELEST, o autor passou pelas funções de diretor educacional da Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes, assim como tradutor de alemão e inglês da mesma instituição, em que havia iniciado seu labor em agosto de 2013, quando começou a prestar serviços para a Prefeitura de João Pessoa. Após a experiência no CELEST, no ano de 2019, o autor assumiu a direção-geral da Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes, onde permaneceu até janeiro de 2020, quando solicitou exoneração da PMJP. A participação no projeto do CELEST e o envolvimento na parceria entre o Consulado e a PMJP permitiram ao autor atuar com ensino de língua estrangeira em João Pessoa, assim como a lidar, em distintas ocasiões, com diferentes instituições e ações internacionais enquanto representante da PMJP. Desse modo, entende-se que essa experiência é relevante para a compreensão e análise dos aspectos da cooperação educacional entre João Pessoa e o Consulado dos EUA de Recife, que começaram a ser discutidas ainda no ano de 2012, mas que somente em 2015 se concretizaram com a primeira ação local.

O acesso aos e-mails que foram trocados entre o autor e os representantes dos EUA serviu bastante para a memória das interações ao longo dos anos, principalmente, a partir de 2015. Contabiliza-se mais de 600 e-mails entre o autor e diferentes sujeitos, principalmente, Diane Whaley e Stuart Beechler, os quais foram analisados e os mais relevantes estudados a fim de se extrair informações e documentos relevantes para a compreensão da cooperação. Além disso, matérias jornalísticas desde o ano de 2012 até 2021 foram levantadas no Portal Oficial da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Foram registradas mais de 30 matérias a respeito da parceria ou fazendo alguma referência a ela, as quais encontram-se referenciadas bibliograficamente. Outros portais locais também repercutiram as notícias registradas no portal da PMJP, assim como também o fez o portal oficial do Consulado dos EUA em Recife.

2. A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO

Cooperation is difficult in the absence of communication (Joseph Nye)

Este capítulo pretende realizar uma análise acerca da cooperação internacional descentralizada em educação, com o objetivo de situar o estudo de caso da pesquisa e de mostrar as particularidades desta modalidade de cooperação internacional. Para analisar o caso selecionado, é necessário compreender as categorias nas quais a unidade de análise é enquadrada.

Para tanto, optou-se metodologicamente por uma discussão que parte dos aspectos gerais para os específicos: primeiramente, parte-se de uma análise da cooperação internacional para em seguida fazer-se uma reflexão acerca da cooperação internacional descentralizada para, por fim, apresentar uma análise mais específica sobre a cooperação internacional descentralizada em educação.

2.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

As ações de cooperação internacional têm se expandido por serem um instrumento que proporciona a canalização de esforços para a busca de interesses que, por vezes, direcionam-se a atingir resultados diversos em distintos campos. Sua ocorrência se torna cada vez mais necessária, visto que constitui um forte mecanismo de fortalecimento e estabelecimento de relações entre os atores internacionais. É possível afirmar, em certa medida, que para o alcance de determinados fins, a colaboração entre entes internacionais na atualidade é indispensável.

Com o crescente avanço das ações de cooperação entre atores, estes também se defrontam com novos problemas e a necessidade de ampliar suas práticas e se especializarem em outros padrões para que assim consigam garantir seus interesses a curto e longo prazo (SATO, 2010). É deste modo que se pode afirmar que a

cooperação internacional é um fenômeno presente na modernidade e que adveio para fortalecer e inovar no campo da política externa. Para Sotillo (2011), a cooperação internacional passou a possuir um papel centralizado no âmbito das relações internacionais de tal modo que gerou uma série de compromissos, conforme se pode visualizar a partir dos diversos documentos, declarações e resultados de reuniões e encontros realizados.

No entanto, embora a modernidade tenha transformado as formas de cooperação e como esta ocorre, há um longo caminho histórico a ser compreendido até a configuração encontrada atualmente. A cooperação internacional possui uma vasta bagagem histórica, apenas podendo ser compreendida em sua plenitude quando se leva em consideração o contexto em que esta surgiu e no qual se desenvolve. Embora possa ser dito que sempre existiram interações internacionais, historicamente, mesmo que não da forma como vemos na contemporaneidade, há a possibilidade de se visualizar que o cenário pós-guerra e a expansão da globalização transformaram a forma de se ver a sociedade e, conseqüentemente, de se enxergar as relações internacionais. Isso ocorre devido ao surgimento de diversos problemas e situações sociais que ensejaram a necessidade de se intensificar as interações e os debates internacionais.

A terminologia “cooperação” não tem conceituação unânime. Para Sánchez (2002), a cooperação visa assegurar a paz, promover desenvolvimento e justiça e manter a ordem social e política legítima, devendo ser diferenciada em relação à ajuda oficial. Esta última é considerada uma forma de doação por parte de países que integram o Norte, uma tendência que vem mudando e sendo superada.

De acordo com enfoques tradicionais, Sánchez (2002) afirma que a cooperação pode ser associada ao período após a Segunda Guerra Mundial e desenvolvida durante a Guerra Fria. De outro lado, o enfoque moderno considera como marco inicial o período após a Guerra Fria, onde as organizações emergiram mais fortemente e passaram a cobrar mudanças na forma de se estabelecer a cooperação, reivindicando a mudança do padrão hegemônico que a cooperação despontava.

Para Prado Lallande (2008), o surgimento da cooperação entre os países, após duas grandes guerras mundiais, foi um grande desafio para a comunidade internacional e para o estabelecimento de mecanismos que contribuíssem para uma paz duradoura, estabilidade e crescimento econômico em escala global. Lima (2007)

traz que a cooperação internacional tem origens diversas e com natureza multifacetada. Por sua vez, Ayllón (2007) explica que o surgimento da cooperação internacional foi posterior à Segunda Guerra Mundial, decorrendo da geopolítica que a divisão bipolar do mundo gerou. Após a Segunda Guerra Mundial, a Cooperação Internacional se expandiu como uma prática institucionalizada pelos governos. Independente do status dessas sociedades, esses governos passaram a integrar e participar mais ativamente de foros internacionais e das práticas de CI em diversas áreas, sejam elas em comércio, educação, saúde, finanças etc. (AYLLÓN, 2007). A CI não seria apenas uma ajuda mútua entre os governos e instituições de diferentes países, mas possui o sentido mais amplo de trabalhar em conjunto para tomar decisões e iniciativas em prol de um objetivo em comum. A cooperação também implica os governos ou atores desenvolvendo ações comuns, programas e projetos para solucionar problemas ou garantir benefícios para sua sociedade (SATO, 2010).

Após as duas grandes guerras foram criadas, gradualmente, instituições multilaterais para consolidar a cooperação entre os estados. Contextualizando as relações internacionais e considerando o período após a Guerra Fria, Halliday (2007) apresenta que ao final dos anos 1980 e início dos anos 1990 estava sendo desencadeada uma espécie de desmoronamento da hegemonia e reestruturação do poder mundial, o que trouxe novos elementos e impactos na cooperação entre os países. A partir desse momento, há uma tendência crescente de superação da perspectiva tradicional da cooperação internacional, de tal forma que sua evolução aponta para que haja a intensificação desta entre países em desenvolvimento. Fato é que, as nações, ou grupos interessados, podem construir uma política de CI, pois políticas nacionais como as voltadas para o crescimento econômico ou promoção da melhoria da qualidade de vida podem ser articuladas com o meio internacional, ao se buscar cooperação com outras nações e atores que contribuíssem com essas políticas (SATO, 2010).

No entanto, entende-se que houve algumas consequências benéficas. É nesse sentido que se vê a cooperação internacional, como um fenômeno do qual surgem efeitos benéficos, surgindo no universo da criação de novas instituições internacionais, criadas para ampliar e moldar a configuração global de interação, fazendo com que os Estados pudessem se inserir em novos modelos interativos (RINALDI; MORINI, 2015).

Diante deste cenário de surgimento e fortalecimento de mecanismos ratificadores das relações internacionais, Cavallieri (2015: 197) afirma que:

As constantes trocas internacionais, consequência direta de um mundo que se constata realmente globalizado, exigem que os Estados mantenham canais de auxílio mútuo eficazes para que todos possam usufruir de maiores benefícios. No atual cenário, uma relevante forma de fazer parte deste universo transnacional é através de mecanismos de cooperação internacional. A cooperação entre as nações se faz cada vez mais necessária, na medida em que há um incremento da movimentação de pessoas, capitais, informações, serviços e bens (CAVALLIERI, 2015: 197).

Os canais de auxílio que se mencionam, no âmbito das relações internacionais, tomam forma por meio de instrumentos diversos, dentre os quais se destaca a cooperação internacional. Esta possui uma finalidade primordial de atenuação ou mesmo erradicação de problemas econômico-sociais, a exemplo da pobreza, fome e marginalização.

A cooperação internacional visa combater problemas que abalam o bem-estar social e que, via reflexa, possam incutir a ideia do fomento ao desenvolvimento nas mais diversas searas da sociedade. É neste sentido que para Derksen (2003: 28): “o desenvolvimento da cooperação iniciou-se com sonhos e ideais para um mundo melhor, um mundo sem pobreza e injustiça”.

O aspecto de solidariedade, desta maneira, historicamente surge como a faísca da cooperação internacional, sendo enxergada como um mecanismo que operacionaliza a busca e consecução de interesses que lhe sejam benéficos. A cooperação surge e se aprimora dentro do aspecto de alcance de interesses, visando a melhoria social. Pode ser dito, desta forma, que:

Desenvolveu-se uma crescente experiência no desenvolvimento de agendas internacionais próprias em busca de diversos possíveis interesses como: atração de investimentos e eventos, promoção turística e comercial, promoção política, pretensões autonomistas, ajuda humanitária, cooperação ao desenvolvimento, etc (ALMEIDA, 2013: 36).

Estes elementos importantes para a sociedade, que a tornam mais vulnerável quando não existentes, são os fatores ensejadores da necessidade de comunicação externa e, conseqüentemente, responsáveis pela fomentação da cooperação internacional. Com isso, pode ser afirmado que existem elementos que favorecem a

cooperação internacional, os quais, para Holsti (1995), são a existência de fins, interesses e necessidades semelhantes e/ou complementares; a distribuição equitativa dos custos do processo, dos riscos e, por óbvio, dos resultados benéficos; a confiança de que as partes que firmam a cooperação irão cumprir com o que restar estabelecido no acordo; por fim, que as interações que se desenvolvam por meio da reciprocidade e da confiança mútuas.

A CI é fenômeno de notória complexidade e para o seu entendimento deve-se ter em mente seu caráter multifacetado. Nessa perspectiva, algumas características importantes podem ser identificadas como: a discricionariedade, haja vista a não obrigatoriedade de o ator internacional cooperar internacionalmente; a pluralidade, em razão da existência de numerosas organizações doadoras e participantes do processo de cooperação internacional; e a especialização, por ser a maior parte das cooperações realizadas com fim e atuação voltados para setores específicos da população.

As categorias das relações de CI podem variar de acordo com a área temática, pois o tipo de ação a ser realizada ou os instrumentos necessários precisam levar em consideração se a cooperação será política, econômica, técnica, etc. O número de participantes na cooperação também pode defini-la como uma cooperação bilateral (dois atores envolvidos); multilateral (com diversos participantes ou por meio de Organizações Internacionais); também triangular (com um dos países financiando, enquanto outro executa a ação no país que deve receber esse apoio) (AYLLÓN, 2007).

Por outro lado, também podemos falar em cooperação internacional para o desenvolvimento (CID), considerando que a CI passa a ser entendida com objetivos específicos, cujo conceito insere debates sobre a promoção do desenvolvimento e superação de desigualdades. Neste sentido, a cooperação internacional para o desenvolvimento aborda diversos temas. Sato (2010: 49), ao abordar o comércio, saúde, emprego, ciência e tecnologia e educação, por exemplo, afirma que estes temas são questões essenciais para a agenda internacional e que “constituem facetas do desenvolvimento que não podem ignorar o fato de que nessas áreas a conexão com o meio internacional constitui fator condicionante básico”.

2.1.1 A Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e a Cooperação Sul-Sul

Nos dizeres de Milani (2012: 211), entende-se que a CID pode ser compreendida como uma forma de articulação entre a política dos Estados e atores não governamentais, um conjunto de normas difundidas por organizações internacionais e também a crença de que a promoção do desenvolvimento, com base na solidariedade, seria a medida mais adequada e desejável para superar as contradições e o universo de disparidades geradas pelo capitalismo no plano internacional (MILANI, 2012). Por CID pode-se também entender que é o conjunto de atividades realizadas por países desenvolvidos e que envolve a transferência de recursos para países em desenvolvimento. Desse modo, o objetivo destacado seria o de ajudar países a saírem de situações difíceis. Nos últimos anos, também surgem outros critérios como a necessidade de consenso nas metas e a participação dos que são beneficiados nos programas e projetos (TOMAZINI, 2018).

Os princípios orientadores da CID estão explicitados no Capítulo IX da Carta das Nações Unidas de 1945. No documento ficam definidos os objetivos da cooperação, em que se preza pela criação de condições de estabilidade e bem-estar para que sejam estabelecidas relações amistosas e pacíficas entre as nações (AYLLÓN, 2007). Porém, Tomazini (2017) aponta que os incentivos financeiros oriundos dos Estados Unidos (EUA) à Europa por meio do Plano Marshall são considerados um dos embriões da CID. O objetivo do programa era, primeiro, a reconstrução econômica e comercial do continente europeu; segundo, existia o interesse geopolítico de contenção da expansão do comunismo na região (TOMAZINI, 2017).

A ideia de subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento, ficou mais em evidência no discurso do ex-presidente americano Truman em 1949. No ponto IV de seu discurso é introduzida a ideia de que países em desenvolvimento deveriam alcançar o desenvolvimento utilizando a CI como um mecanismo para que áreas que estão atrasadas em seu país consigam ter progresso. O conceito de desenvolvimento, então, teria uma nova carga ideológica e seria associado à CID e à ajuda realizada (AYLLÓN, 2007). No entanto, no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, o conceito de desenvolvimento como equivalente de crescimento entra em crise. A partir dos anos oitenta, são enfatizadas outras questões como relevantes, é o caso dos

debates sobre pobreza, desenvolvimento e desemprego. Também a importância do desenvolvimento humano, seus direitos e a educação da sociedade. Desse modo, o desenvolvimento econômico não seria o único caminho importante para se alcançar o desenvolvimento em um país (MILANI, 2014).

Inicialmente, a ajuda empregada no início da CID consistia em estratégias de recuperação e crescimento para alguns países, como um auxílio de longo prazo. Além da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), também emergiram outras organizações internacionais (OIs), como a Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências especializadas em áreas como saúde, educação, trabalho, desenvolvimento, entre outras. A CID então acontecia a partir de diferentes tipos de coordenação, sejam eles no âmbito bilateral, multilateral, triangular ou técnico. A operacionalização dos projetos de CID poderia utilizar instrumentos diversos, entre eles a ajuda financeira; o apoio técnico; formação de recursos humanos; processos de transferência de tecnologia; e doação de equipamentos e materiais (SILVA, 2018).

Porém, o surgimento da CID também não pode ser dissociado do período em que surgiu, o final da Segunda Guerra Mundial e as rivalidades entre o Leste e Oeste, o que ficou conhecido por Guerra Fria. O lado ocidental e capitalista tinha os Estados Unidos como principal ator, enquanto o outro lado tinha a União Soviética como comunista. As iniciativas de cooperação, então, buscavam promover relações entre as nações do “mundo livre”. O momento foi marcado não só por tensão entre dois blocos, mas também pela prioridade em reconstruir a Europa no pós-guerra; processos de descolonização na África, Ásia, Caribe e Pacífico no período de 1950-1970; e novos modelos nacionais-desenvolvimentistas principalmente na América Latina. Era o momento dos “três D”: Direitos Humanos (DH), Descolonização e Desenvolvimento (MILANI, 2014).

A Organização Europeia de Cooperação Econômica (OECE) foi criada em 1948 como forma de gerir os recursos do Plano Marshall. Em 1961, a OECE é trocada pela OCDE, com participação de países não europeus como EUA e Canadá. No âmbito da OCDE, existe o Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD), com o objetivo inicial de monitorar as áreas chave para desenvolvimento (TOMAZINI, 2017).

Outro aspecto da CID seria a condicionalidade de ao realizar a ajuda internacional para um país, certos requisitos e condicionalidades devem ser

cumpridos. De forma mais oficial, caso a ajuda seja realizada de forma pública, bilateral ou multilateral, o país em desenvolvimento realiza uma série de critérios e se enquadra na “Assistência Oficial ao Desenvolvimento” (AOD) (AYLLÓN, 2007). A mensuração desses fluxos também chamados de “ajuda externa” entre os países do Norte e do Sul é mensurado pelo CAD, órgão intergovernamental criado pela OCDE em 1961. No comitê são estabelecidas as diretrizes e debates que orientam as políticas e práticas da CID. No entanto, apesar das reuniões gerarem declarações políticas que podem ocasionar em recomendações para os países, estes não são obrigados a seguir (SILVA et al, 2016).

No que concerne à AOD, esta pode ter sua origem por parte de uma agência do setor público, como o governo ou atores subnacionais; o destino da ajuda vai para países que estão na lista do CAD, os em desenvolvimento, ou para agências multilaterais envolvidas com CID; o objetivo principal é o da promoção do desenvolvimento econômico e o bem-estar; e a maneira como é realizada a AOD é por doações de dinheiro, bens ou serviços, ou empréstimos. Além do CAD contabilizar os fluxos de AOD, também contabiliza os gastos com cooperação técnica, o que inclui gastos com treinamento, equipamentos ou profissionais que são enviados ao país beneficiário. Nas décadas de 40 e 50, a CID era predominantemente bilateral e tinha o foco de enviar ajuda para países em desenvolvimento. Na década de 60 e 70, houve transformações no modelo, pois houve mais pressão por parte dos países em desenvolvimento; mais fundos aplicados por agências multilaterais e novos atores além dos Estados; e debates sobre o modelo tradicional se intensificam (LEITE, 2012).

A diferença de cooperação e ajuda para o desenvolvimento está nas ações e operações envolvidas. Em cooperação, além de recursos que favorecem um outro país, há também operações e atividades que são realizadas, como redução de tarifas, que podem contribuir para o outro país. Enquanto a ajuda seria uma transferência direta ou indireta do recurso financeiro para outros países. Ou seja, quando acontece a ajuda o recurso é transferido para uma área específica que precisa dessa contribuição, enquanto em cooperação o intuito seria que outros mecanismos sejam deixados à disposição para que o país beneficiário possa buscar seu progresso econômico e social. Desse modo, quando mencionadas ajuda externa ou ajuda internacional, se enquadram nos fluxos financeiros, como empréstimos, que são considerados AOD (LO BRUTTO, 2017).

Na década de 1990, surgiram mais questionamentos sobre os fracassos e sucessos da CID em conseguir que países em desenvolvimento se tornem desenvolvidos. Entretanto, a economia mundial passou por transformações desde a institucionalização da CID, também há mudanças nas relações econômicas e internacionais que vão reconfigurar as regras e a compreensão de como seria a CID (MILANI, 2014). Em 1990 novos aspectos passaram a ser importantes da agenda da CID, entre eles o combate contra a disseminação de pandemias como a do ébola e do SARS; também proteção da biodiversidade e o fenômeno das mudanças climáticas; parcerias entre os setores públicos e privados, com atuação do terceiro setor; programas com relação ao combate à pobreza etc. Dessa forma, a agenda da CID foi ampliada com projetos e intervenções mais pontuais para assim conseguir aumentar a ação da cooperação. O século XXI também é importante para a orientação da CID devido à criação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), pois as metas e indicadores seriam importantes para a avaliação das iniciativas realizadas nos países (SILVA 2018).

No que concerne à Cooperação Sul-Sul (CSS), esta vai emergir como uma alternativa à cooperação tradicional, marcada pela doação de países desenvolvidos para países em desenvolvimento, ou cooperação Norte-Sul (CNS). A CSS caracterizou-se por um perfil mais político e ideológico, enquanto a outra cooperação teria mais foco na questão econômica e comercial. Nos primeiros anos de seu surgimento, a CSS teria como visão de CI a solidariedade entre países com experiências semelhantes que poderiam cooperar e trocar conhecimentos e ações exitosas relacionadas às políticas públicas. O intuito também seria não gerar dependência dos que receberam o benefício com os que doaram, por isso seria importante desenvolver programas, projetos ou atividades em cada país e que esses ampliassem suas capacidades (LO BRUTTO, 2017).

Em 1950 acontece o processo de descolonização que implica em mais países em desenvolvimento e novamente o debate sobre a erradicação da pobreza e o desenvolvimento para esses países. Em 1955 acontece a Conferência de Bandung, que seria relevante como um instrumento que iria orientar a CSS. A conferência influencia ainda mais os representantes dos PED a verem a cooperação como uma ação que poderia ser realizada entre esses países com características semelhantes, mas que podem se ajudar de forma mútua (SILVA, 2018).

Em Bandung os líderes de países em desenvolvimento debateram sobre alternativas ao primeiro mundo capitalista e ao segundo socialista, ao buscar mais coesão e ações importantes para o terceiro mundo. Foram 29 países asiáticos e africanos, além de movimentos de libertação nacional, que enumeraram os princípios que deveriam guiar a cooperação entre eles e as medidas que seriam importantes para alcançar o desenvolvimento. A CSS além de discussões buscou a tentativa de implementar novas propostas de cooperação econômica e técnica entre os PED (AYLLÓN, 2014).

A CID foi inicialmente caracterizada pela relação vertical entre aqueles que repassam ajuda e os que recebiam, conhecidos por doadores e receptores. Em contrapartida, a CSS teria o intuito de ter o caráter horizontal entre os que participaram da cooperação, os PED. Essa horizontalidade implica em os países envolvidos tratarem-se mutuamente como parceiros e não como doadores/receptores, pois ao invés de uma ajuda apenas recebida, seria uma cooperação em que todas as partes trabalham em conjunto para obter ganhos mútuos. Outros princípios da CSS além da horizontalidade, seria respeitar a soberania dos PED e não interferir nos assuntos internos dos países envolvidos (TOMAZINI, 2017). A CSS não foi apenas um tipo de cooperação que surgiu após a expansão da CID, pois na verdade esteve relacionada com o desenvolvimento dos PED em diversas áreas e em sua maior participação em cooperação internacional entre si (SILVA, 2018).

A consciência latino-americana também é impulsionada com a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). Na conferência de Colombo em 1954 se reuniram os cinco primeiros-ministros de Ceilão, Birmânia, Índia, Paquistão e Indonésia para reconhecer seus interesses e problemas em comuns que poderiam orientar uma cooperação regional entre os países. A China também se aproxima da Índia e ocorre a visita de Zhou en Lai, primeiro-ministro chinês à Índia em 1954. O intuito era discutir uma resolução do conflito no Tibete, mas também serviu para firmar cinco princípios de coexistência pacífica entre os países: respeito mútuo da integridade territorial e da soberania; não agressão mútua; não ingerência mútua; igualdade e benefício mútuo; por fim, a coexistência pacífica. Esses princípios foram debatidos na Conferência de Bandung e seriam o núcleo principal do Movimento dos Países Não Alinhados (MNOAL) (AYLLÓN, 2014).

A iniciativa da CSS também era um campo que buscava certo distanciamento da CNS, isso ao ser uma cooperação alternativa à tradicional ao se apoiar na ideia de que aqueles envolvidos seriam semelhantes em certo nível e também compartilham experiências similares (AVELHAN, 2018). Foram compartilhadas expertise, tecnologia e outros aspectos para ampliar o conhecimento dos PED sobre desenvolvimento. Logo após a Segunda Guerra Mundial, a ideia era de que ao transferir recursos financeiros esse desenvolvimento poderia ser alcançado, porém para a promoção desse aspecto e para o crescimento econômico dos PED poderia ser necessário mais do que apenas transferência, mas de fato ações em conjunto (TOMAZINI, 2017).

A ONU também teve papel importante na promoção da CSS, ao em 1972 contribuir para a constituição do grupo sobre Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD). Em 1974, foi estabelecida a Unidade Especial de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento, ligada ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A unidade seria essencial para promover, gerir e coordenar a cooperação realizada pela CSS (AYLLÓN, 2014).

Em 1978, os países em desenvolvimento se reuniram na Conferência da ONU sobre Cooperação Técnica entre PED, que foi celebrada em Buenos Aires. O debate foi sobre a CSS ser essencial, mas não um substituto para a CNS. Foi adotado o Plano de Ação de Buenos Aires (Paba) para a promoção da CTPD em 12 de setembro. O plano consagrou a cooperação técnica baseada na horizontalidade e no intercâmbio de informações e experiência entre PED em diversas áreas, como saúde e educação (SILVA, 2018). O Paba foi importante para estabelecer os princípios orientadores da CSS e sua modalidade técnica, assim como destacar os objetivos que orientam as relações a promoção de autossuficiência nos PED, assim como o fortalecimento de suas capacidades em identificar e resolver seus problemas (AYLLÓN, 2014).

A partir do Século XXI, a CID demonstra mudanças em sua dinâmica, principalmente acerca do papel que seus doadores desempenham na cooperação. Com o início dos anos 2000 e o papel desempenhado pelos PED na CSS, há uma necessidade de se analisar a participação desses atores na cooperação. Além disso, a relevância de atores não tradicionais, ou seja, grupos ou participantes que podem fazer parte desses países, mas que atuam e desempenham um papel em cooperação com outras partes. No âmbito da CI também se torna cada vez mais importante

abarcam outros temas, além do socioeconômico, na busca pelo desenvolvimento, como os DH, a Educação e a promoção de acordos pacíficos (SILVA, 2018).

Por isso, é realizado entre os atores internacionais acordos, missões e ações que podem estar relacionadas com diferentes áreas. A educação também é um tema importante e tem sido foco de CI, tanto na forma de uma assistência entre países, mas também na coordenação de atividades em conjunto que possa beneficiar todos os envolvidos na cooperação.

2.1.2 Cooperação Internacional em Educação

Considerando a ampliação dos atores e agendas que passaram a integrar as relações internacionais, dentre outros atores, os entes subnacionais conquistaram espaços para tratar de assuntos de interesse local. De outro lado, em razão da mitigação do entendimento de que assuntos de *low politics* não deveriam integrar o leque de temas discutidos no plano internacional, a educação passou a fazer parte da pauta da CI.

Quanto à temática da educação nas relações internacionais, na Carta das Nações Unidas restou consignado, quando da atribuição de competências à Assembleia Geral, que:

Artigo 13. 1.

A Assembléia Geral iniciará estudos e fará recomendações, destinados a: a) promover cooperação internacional no terreno político e incentivar o desenvolvimento progressivo do direito internacional e a sua codificação; b) *promover cooperação internacional nos terrenos econômico, social, cultural, educacional e sanitário e favorecer o pleno gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, por parte de todos os povos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião* (BRASIL, 1945) (grifos nossos).

Vê-se a inserção da temática da educação na Carta da ONU, o que é considerado como um reconhecimento da importância do tema no plano internacional. Neste mesmo sentido, dispondo de modo mais específico acerca da CI, a Carta das Nações Unidas, quando do trato da cooperação econômica e social internacional, dispõe que:

Artigo 55. Com o fim de criar condições de estabilidade e bem estar, necessárias às relações pacíficas e amistosas entre as Nações, baseadas no respeito ao princípio da igualdade de direitos e da autodeterminação dos povos, as Nações Unidas favorecerão: a) níveis mais altos de vida, trabalho efetivo e condições de progresso e desenvolvimento econômico e social; *b) a solução dos problemas internacionais econômicos, sociais, sanitários e conexos; a cooperação internacional, de caráter cultural e educacional;* e c) o respeito universal e efetivo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião (BRASIL, 1945) (grifos nossos).

Para Guedes (2006) um marco do que se denomina “cooperação internacional educacional” foi a realização, no ano de 1990, da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, promovida pela UNESCO, UNICEF, PNUD e pelo Banco Mundial. A educação, assim, passou a ser entendida como tema relevante e que poderia somar esforços na luta contra outros problemas que afligem o mundo, como a miséria e a fome. Diz-se que esta conferência é um marco em razão de que promoveu o incentivo de que essas agências passassem a ditar diretrizes político-pedagógicas, norteadas, na nova ordem mundial, as reformas do Estado e da Educação.

De outro lado, o documento “Educação e Conhecimento: Eixo da Transformação Produtiva com Equidade”, emitido pela UNESCO e CEPAL, no ano de 1995, elenca a cooperação regional e internacional para:

1) melhoria da qualidade educacional; 2) introdução de inovações educacionais (níveis fundamental e médio); 3) elevação do grau de credibilidade de instituições, programas e unidades da educação superior; 4) formação de professores e pesquisadores de nível universitário; 5) reforma institucional e administrativa; 6) capacitação técnica; 7) pesquisa educacional; 8) intercâmbio de alunos; e 9) cooperação estratégica. (UNESCO & CEPAL, 1995:13).

O mesmo documento acima mencionado elenca a transformação na educação como um elemento fundamental para a integração e solidariedade, afirmando, nesse sentido, que:

Os estudos prospectivos demonstram que, ao converter-se o conhecimento no elemento central do novo paradigma produtivo, a transformação educacional torna-se fator fundamental para o desenvolvimento da capacidade de inovação e da criatividade, juntamente com integração e a solidariedade, aspectos-chave tanto para o exercício da cidadania quanto para alcançar altos níveis de competitividade (UNESCO & CEPAL, 1995: 14).

Logo, o papel transformador da educação é levado para a agenda internacional como um mecanismo para facilitar outros aspectos relacionados ao desenvolvimento. Na Conferência “Educação para Todos”, realizada em 2000 em Dakar, a educação foi tratada enquanto tema relevante para que se pudessem alcançar outros objetivos relacionados à busca pela vida com qualidade, intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento social e econômico (SILVA, 2011). Um outro documento da UNESCO, datado de 2010 e intitulado “Educação: Um Tesouro a Descobrir” aborda a temática da cooperação internacional, afirmando, desta maneira, que:

A necessidade de uma cooperação internacional – que deve ser repensada radicalmente – é válida também para a área da educação; trata-se de uma questão que implica não só os responsáveis pelas políticas educativas e os professores, mas também todos os atores da vida coletiva [...]. Modificar a orientação da política de assistência para uma perspectiva de parceria, *ao favorecer, especialmente, a cooperação e o intercâmbio no âmago de grupos regionais* [...]. Ajudar no fortalecimento dos sistemas educacionais nacionais ao encorajar as alianças e a cooperação entre os ministérios em nível regional, e entre países que enfrentam problemas semelhantes. Ajudar os países a enfatizar a dimensão internacional do ensino ministrado (programas de estudo, recurso às tecnologias da informação, cooperação internacional). Incrementar novas parcerias entre as instituições internacionais que se dedicam à educação, lançando, por exemplo, um projeto internacional que tenha o objetivo de divulgar e implementar o conceito de educação ao longo da vida, a partir do modelo de iniciativa interinstitucional que culminou na Conferência de Jomtien [...] (UNESCO, 2010: 37) (grifos nossos).

A essencialidade da educação como ferramenta para o alcance do desenvolvimento, da paz, liberdade e justiça social é encontrada neste relatório da UNESCO. Ao lado de outras vertentes da cooperação internacional, Sato (2010) afirma que educação, treinamento, ciência e tecnologia são, tipicamente, temas que integram programas de cooperação internacional.

Pinheiro e Beshara (2012) elencam a educação como forte mecanismo de criação de identidade e mudança social, sendo ambiente de forte incidência política. Logo, a educação está dentro da agenda da política externa, direcionada ao alcance de novos arranjos políticos. Ela pode, assim, ser apropriada como finalidade e como meio na política externa dos Estados.

A educação, diante de sua essencialidade, é uma das temáticas de maior importância dentro do âmbito brasileiro, de tal forma que no cenário da cooperação,

esta aparece como uma das áreas temáticas mais recorrentes de cooperação internacional. É visado, nessa perspectiva, o desenvolvimento educacional em um país em troca de um outro elemento de interesse estatal ou visando a consecução de fins do mesmo gênero, interligados à questão educacional.

No Brasil, no âmbito do Ministério das Relações Exteriores (MRE), cabe à Divisão de Temas Educacionais lidar com os projetos de cooperação na área de educação. Em termos de cooperação educacional, a Política Externa Brasileira age:

a) Economicamente, a educação, ao relacionar-se diretamente à qualificação da mão de obra de um país, interfere no desenvolvimento econômico. No cenário de globalização, a habilidade de uma economia em atrair capitais, investimentos e tecnologias, inserindo-se de forma competitiva no mercado internacional, está condicionada ao nível educacional e à qualificação dos seus recursos humanos; b) Politicamente, a cooperação educacional representa parte de uma agenda positiva da política externa, ao promover a aproximação entre os Estados. A visão do Brasil como um país que age com base em princípios de solidariedade e respeito favorece a formação de um pensamento positivo com relação à cooperação brasileira; c) Culturalmente, a convivência, o aprendizado do idioma e a troca de experiências contribuem para o estreitamento de laços entre as sociedades. Com isso, tem-se a formação de uma cultura de integração e de conhecimento mútuo das realidades de outros países (MRE, 2012).

Logo, pelas lições de Milani *et al.*, (2016), é possível analisar, esmiuçando os aspectos mais relevantes da cooperação internacional educacional, que a maioria das atividades de cooperação técnica em educação relaciona-se com o fomento à formação e à capacitação de profissionais, ao aprimoramento da gestão pública e à transferência de tecnologia. Assim, a cooperação internacional educacional visa alcançar a melhoria da educação, por meio de diversas formas de ação (MILANI, *et al.*, 2016).

A cooperação internacional educacional é realizada pelo Brasil por meio de cooperação com diversos atores internacionais. O país busca firmar acordos e se engajar em cooperação com países considerados desenvolvidos, como os EUA, mas também na forma de CSS e técnica com países em desenvolvimento, como alguns da África. No entanto, a cooperação educacional também pode envolver atores subnacionais, ou seja, outros além do Estado, que possuem interesse em melhorar a educação. Esses atores se engajam em cooperações e desenvolvem programas locais que podem beneficiar sua região ou aprimorar o setor educacional. A Cooperação Internacional Descentralizada é um dos tipos de cooperação que envolve

atores subnacionais que buscam relações com outros grupos em diversas áreas, entre elas a da educação.

2.2 A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA

A cooperação descentralizada (CD) representa uma nova dinâmica na CID. A União Europeia inseriu a modalidade em seu programa após a Conferência de Lomé em 1989. Diferente da CID que seria a relação de Estados centrais entre si e com outros atores, como a sociedade civil e setor privado, com menos participação, na CD existe a colaboração de todas as partes e utilização de outros instrumentos, além da transferência de recursos tradicionais (NGANJE, 2015). Desse modo, a CD teria enfoque em relações diretas de atores locais, ou entes subnacionais, com um ator internacional, ao buscar estimular suas capacidades e realizar iniciativas também com a participação direta de demais grupos da sociedade. A CD pode ser realizada por diversos participantes, mas alguns deles são as organizações não governamentais (ONGs), instituições de ensino, associações não governamentais, poderes públicos locais, entre outros (DESSOTTI, 2009).

Para Sassen (2004) apud Prado (2014), pode ser afirmado que a dinamização do cenário das relações internacionais também trouxe à tona desta ciência novas necessidades, oportunidades e problemas a serem superados, constando dentre estes desafios a inclusão de novos atores no âmbito internacional, haja vista a existência de interesses específicos e de natureza local que podem (devem) ser melhor articulados por meio da realização de ações de política externa descentralizadas da figura do Estado-nação.

A descentralização é uma das características, mas também uma modalidade de CI. Este é um fenômeno recente, visto que “[...] somente nas últimas décadas pode-se falar na inserção internacional dos governos subnacionais como um fenômeno concertado [...]” (BARROS, 2009: 18). Entretanto, tem-se que as aproximações internacionais foram avultadas a partir da formação dos Estados soberanos. Principalmente em razão da formação do Estado anteceder o surgimento dos entes subnacionais, às relações internacionais sempre se integraram pela liderança do Estado soberano, de modo que o Direito, seguindo esta tendência, passou a definir a capacidade de atuação diplomática centralizando-a no ator estatal.

Nas palavras de Diaz (2014: 31, tradução livre):

[...] em meados dos anos 80 se começaram a evidenciar os limites e fracassos da cooperação tradicional em relação à melhora das condições de vida dos povos. Pela sua parte, os processos de globalização e enfraquecimento do Estado-nação que acompanham este período favorecem a aparição das cidades e regiões como atores das relações internacionais. Por sua vez, o modelo neoliberal, ao optar por uma abertura descontrolada dos mercados e pela redução do rol do Estado na regulação e proteção da economia, abonou um terreno propício para que se comesçassem a delegar funções às entidades descentralizadas de governo (DIAZ, 2014: 31).

Para Diaz (2014), o termo “cooperação descentralizada” foi utilizado em 1989 pioneiramente, na IV Convenção de Lomé, firmada entre a Comissão Europeia e países da África, Caribe Pacífico. A Comissão Europeia, com efeito, foi a primeira doadora dessa modalidade de CI, intensificando a sua prática desse momento em diante, sendo praticada por diversos países e OIs. No entanto, ainda é difícil definir a CD, pois se duas cidades cooperam pode ser considerado uma cooperação intermunicipal e não CD. Mas as organizações envolvidas com CID geralmente utilizam a definição de CD que foi mencionada na Convenção de Lomé em 1995 e feita pela União Europeia. A conferência foi um tratado de cooperação feito entre a União Europeia e 70 países em desenvolvimento. Um novo tratado, o de Cotonou, substituiu o de Lomé no ano de 2000 (HAFTECK, 2003).

No entanto, como um dos marcos relevantes para a análise do fenômeno da CD, o término da Primeira Guerra Mundial trouxe consigo mudanças nas relações em âmbito global, tanto no campo dos objetos das tratativas, abarcando temas anteriormente relegados às esferas internas, assim como no que diz respeito aos atores que protagonizam ditas relações, passando a adotar a multiplicidade de sujeitos atuantes no cenário da diplomacia. Estas mudanças decorrem do natural processo de dinamização de institutos e instituições, sendo no cenário das relações internacionais incorporadas por meio de tendências de integração e interdependência de atores (DIAZ, 2014).

Também o término da Guerra Fria e a descontinuação do sistema bipolar contribuíram significativamente para o estabelecimento de relações internacionais de natureza multipolar, haja vista que a reestruturação do sistema internacional, à época, abriu oportunidades aos agentes subnacionais para atuação. Com isso, foi superada

a compreensão de que o ambiente internacional somente seria uma área de operação e influência dos Estados Nacionais, de maneira exclusiva (KEATING, 2000).

Nesse contexto, a intensificação das aproximações internacionais diante das mutações existentes no cenário global, decorrentes da expansão da interdependência e das tendências de integração, fez surgir a discussão acerca da emergência de atores subnacionais neste cenário; isso ocorreu em temas de relevância e de interesse local, sobre os quais o governo central não possuía o alcance específico requerido por realidades locais (MATSUMOTO, 2011).

O Estado Nacional, neste aspecto, precisa ater-se à nova agenda e modo de operação, de forma a reinventar as suas ferramentas de enfrentamento e trato destas contrariedades. Pelo que se entendeu, por ser cada vez mais necessária a atribuição de responsabilidades às entidades federativas descentralizadas, se preza, com essa postura, pela gestão de interesses próprios por partes destas e, por outro lado, pela maior eficácia na gestão como um todo (KEATING, 2000).

O Estado-Nação, em razão do crescente alargamento dos conflitos e adversidades que exigem expansão da atuação, em termos quantitativos e qualitativos, passa a ser enxergado como insuficiente para atender às demandas nacionais, regionais, locais e exteriores em busca do desenvolvimento. Passa, então, a transferir, por modos ativos ou passivos (delegando as responsabilidades ou permitindo que os subnacionais atuem em determinados temas sem oferecer oposição), a incumbência quanto ao trato de determinadas demandas que sejam mais satisfatoriamente geridas por entidades com maior proximidade quanto ao objeto (BARROS, 2009).

Nesse passo, embora não haja a sua substituição e, com isso, continue sendo o Estado-Nação o principal ator a ser considerado no contexto da dinâmica das relações diplomáticas atuais, este não pode mais ser considerado como um ator unitário, devendo participar em concorrência com outros na busca pelo desenvolvimento internacional. Com isso, os entes não-centrais passam a se envolver em questões que, anteriormente, cabiam apenas ao Estado-Nação (KEATING, 2000).

Tal envolvimento possui diversos incentivos para ocorrer, podendo ser associado a elementos de natureza política, cultural e econômica, sendo uma oportunidade que os entes subnacionais possuem de, diretamente, diante da ciência de suas necessidades, buscar apoio visando o desenvolvimento das áreas

estabelecidas como prioritárias, prescindindo da atuação de governos centrais nesta empreitada (KEATING, 2000).

Desta forma, os governos subnacionais passam a adentrar no cenário internacional de forma protagonista, de modo a sobrepujar as restrições estabelecidas pelos Estados nacionais neste aspecto. No entanto, essa prática não possui uma denominação consensualmente aceita pela literatura. Embora o escopo desta dissertação não seja o debate sobre a nomenclatura dada ao fenômeno, entende-se relevante definir como a categoria de análise será representada.

Quanto à nomenclatura a ser utilizada para o fenômeno em estudo, tem-se que, para Matsumoto (2011, p. 30), é “[...] comum utilizar palavras como “governo subnacional”, “unidade infra estatal”, “política externa federativa”, “diplomacia constituinte”, “micro-diplomacia”, “governos não-centrais” ou “atores livres de soberania” para descrever o tema”. A conceituação não é considerada uniforme pelos estudiosos, diante de sua alta complexidade, sendo um fenômeno em crescimento em termos teóricos. Isto porque, segundo Romero (2004: 101):

Un rápido repaso a la literatura sobre cooperación descentralizada basta para darse cuenta de las dificultades que implica calcular-las dimensiones de este fenómeno. Ello se debe principalmente a dos factores: los problemas para definir el concepto “cooperación descentralizada” con precisión y las dificultades que implican los procesos de recolección de información (ROMERO, 2004: 101).

A CD pode ser tida como uma forma de CI em que se firmam relações diretas entre entes que possuem representação e atuação local, levando em consideração interesses específicos e locais. A CD é uma forma de intercâmbio de objetos materiais e imateriais que tem como protagonistas os estados e municípios, autorizando-se, com isto, a governança local.

De acordo com Banzatto e Prado (2014), a CD também pode ser ações bilaterais ou multilaterais que envolvem esses atores subnacionais de dois ou mais Estados nacionais distintos. Essa modalidade também pode contribuir para conexões internacionais entre as comunidades locais com atores internacionais como os Estados, além de descentralizar ações ao reunir não só os atores que firmam a cooperação, mas também mobilizar diversos agentes locais para resolver os problemas cotidianos. Apesar de poder ser confundida com a paradiplomacia, para Banzatto e Prado (2014) os dois termos não são sinônimos, mas a CD é um dos

componentes da paradiplomacia, mas que pode ir além da cooperação (BANZATTO; PRADO, 2014).

Kincaid (1990) afirma que, em algumas instâncias, grupos de interesse e governos constituídos podem responder a eventos externos de uma maneira que beneficia a nação². Este fenômeno diz respeito às ações da cooperação internacional que são firmadas por entes subnacionais ou por instituições públicas, em que é dada relevância internacional aos atores subnacionais, sendo a cooperação internacional descentralizada uma forma de absorver essa tendência, de modo a abandonar o traço de verticalidade que permeia a cooperação tradicional.

O PNUD, por sua vez, define a CD com um significado mais geográfico ao relacionar essa atividade com atores que pertencem a duas áreas geográficas específicas e que atuam no local, mas não são a autoridade principal. ONGs, escolas, associações empresariais ou atores semelhantes são alguns dos participantes das atividades de CD. Outros atores que ainda podem ser considerados são governos locais, no caso municípios, mas também distritos. Por volta da década de 1980 e 1990, instituições nacionais se engajaram mais em cooperação e discutiam o assunto da CD. Essa participação acontece devido ao contexto, pois cresce a convicção de que o Estado não deve ser o único que pode resolver questões locais e nacionais. Porém, mesmo que esse tipo de modalidade tenha ganhado mais força após 1980, já existiam casos de cidades nos EUA e na Europa que mantinham relações e trocavam experiências no ano de 1950. Entretanto, não significa que a CD não pode ter um “doador”, ou seja, uma transferência de recursos financeiros, pois o ator local pode buscar por doadores para ampliar suas ações ou também realizar outras modalidades de cooperação (HAFTECK, 2003).

A cooperação pode variar de acordo com o objetivo que desejam alcançar com ela, no caso de promoção da educação pode ser referente a construção de escolas ou serviços de melhoria no ensino de idiomas; para saúde, também existe cooperação para construção de hospitais ou troca de informações ou envio de profissionais; além disso, podem realizar cooperação em que se transfere tecnologia para o fortalecimento das instituições locais (ANDRADE, 2017).

² No original, “In some instances, interest groups and constituent governments can respond to external events in ways that benefit the nation” (KINCAID, 1990: 56).

Os governos estaduais, provinciais ou municipais podem manter ou ampliar suas relações externas como forma de fortalecer aspectos internos de seu plano político, econômico e cultural (BARRETO, 2005). Basicamente, a CD surge como um modelo que se caracteriza por ser um conjunto de iniciativas de cooperação para o desenvolvimento que busca estimular a capacidade de atores da sociedade civil. Com a CD, há mais atores ativos na busca por melhorias ou expertise para suas questões locais (ALMEIDA; NADIR; ARAUJO, 2019).

As duas últimas décadas também foram importantes para mudanças nos discursos e na prática da CID, o que foi relevante também para aumentar o foco na CD. E embora a CD também tenha a Ajuda como uma de suas ações, a parceria também se amplia ao, assim como na cooperação técnica, ter troca de conhecimentos, experiências e recursos entre os parceiros (NGANJE, 2015). A CD no contexto da CI e da CID seria o conjunto de iniciativas de cooperação para o desenvolvimento que busca estimular a capacidade de atores locais e regionais. Nessa lógica, se desenvolvem os programas de cooperação entre Cidades, como as Redes de Cidades, com iniciativas abrangentes, coordenação de ações e políticas públicas adequadas para cada localidade (BANZATTO; PRADO, 2014).

Duchacek (1990: 15) considera a existência de 6 (seis) diferentes formas e fórmulas de ação subnacional nas relações internacionais:

Seis principais formas e fórmulas que governos não-centrais podem promover e defender seus interesses e afirmar suas competências internacionais no exterior: 1. Estabelecimento permanente de escritórios em capitais estrangeiras ou centros de comércio e indústria para representar governos não-centrais no exterior – o mais visível e claro sinal do que nós chamamos de “globalização do provincianismo” [...]; 2. Viagens bem promovidas e bem divulgadas realizadas por líderes dos governos não-centrais [...]; 3. Missões profissionais de curto prazo, expedidas para o exterior, por governos estaduais e provinciais; 4. Comércio e investimento mostram a produção provincial / estadual e o know-how tecnológico [...]; 5. Estabelecimento de zonas de comércio exterior; 6. Participação de representantes de governos não-centrais nos trabalhos de conferências internacionais, ou organizações, ou eventos mesmo em representações diplomáticas formais de seus governos nacionais em capitais estrangeiras (DUCHACEK, 1990: 15).

Soldatos (1990) traça diretrizes sobre a tipologia da dimensão geopolítica, da relação entre o ente subnacional e o governo-central, tipo de segmentação e a

proatividade da internacionalização; na dimensão geopolítica, o autor considera a paradiplomacia global, através da qual o ente trata questões concernentes ao sistema internacional; a paradiplomacia regional, em que as questões são de relevância regional para as comunidades que nela estão inseridas, podendo esta última categoria dividir-se em macrorregional, quando as comunidades não são contíguas, e microrregional quando são contíguas.

Quanto à relação existente entre o ente subnacional e governo-central, as ações paradiplomáticas podem ser paralelas ou cooperativas. Em relação à primeira categoria, quando não têm a intenção de ser conjuntas, possuindo caráter de substituição, conquanto possam ser harmônicas, com ou sem monitoramento do ente-central, e conflitantes, por outro lado; as últimas, por sua vez, são coordenadas pelo governo-central ou há a atuação conjunta (SOLDATOS, 1990).

Em relação às cidades em específico, Soldatos (1990) afirma existir dois tipos de internacionalização que ocorrem de forma ativa e passiva, chamando-as de “cidade-ator” e “cidade-espço”. A cidade-ator designa o ente subnacional que demonstra uma subalternidade do desenvolvimento internacional, atuando com menos expressividade, ao passo que a segunda possuiria uma atividade internacional com alto nível de dinamicidade.

As ações internacionais, praticadas pelos governos subnacionais, podem trazer uma situação de conflito com o governo central. Mas para Milani (2012), a paradiplomacia não é uma ameaça ao governo nacional, de modo que esta deve ser vista como um instrumento auxiliar da gestão e da promoção de recursos quando os problemas sociais não podem ser solucionados por governos centrais.

A horizontalização das relações internacionais funciona também como uma forma de facilitar o acesso do ente local à esfera internacional, sendo a cooperação internacional descentralizada o instrumento que facilita esta comunicação. Fala-se, assim, em complementaridade, no sentido de que o ente subnacional busca o auxílio de um ente externo que o ajude a complementar algumas de suas necessidades ou interesses. À primeira vista, tem-se que é predominante a necessidade de haver a compatibilização do ordenamento nacional com a atuação internacional praticada para que haja o reconhecimento da legitimidade da conduta do governo subnacional; em que pese, para fins de Direito Internacional, não ser os entes subnacionais sujeitos de direito no cenário internacional (MILANI, 2012).

Embora haja este obstáculo no reconhecimento internacional da atuação dos entes descentralizados, a prática demonstra que a sua ocorrência é constante e, na maioria das vezes, reconhecida pelo governo central. Em alguns casos, o ordenamento jurídico interno deste prevê a possibilidade dessa atuação, traça como deve se dar o procedimento e o consequente reconhecimento, legitimando, assim, a paradiplomacia. Ainda que existam limites traçados de atuação, mesmo no modelo que reconhece e estabelece diretrizes para a paradiplomacia, o reconhecimento jurídico interno da atuação de entes subnacionais facilita a expressão destes no ambiente internacional. Isso se dá ao traçar, ao menos minimamente, o que estes atores federados podem ou não fazer em se tratando de atuação externa.

No cenário brasileiro, a paradiplomacia tem aumentado de maneira gradativa entre os anos de 1980 e 1990, período em que alguns entes subnacionais municipais se inserem internacionalmente por meio de ações específicas. Nos dias atuais, esta atuação é crescente, sendo projetados os entes subnacionais nas relações internacionais, com grande articulação em políticas exteriores, embora de forma assimétrica. A assimetria na inserção de entes subnacionais nas relações internacionais dá-se em razão da falta de coordenação de atividades, embora o governo central do Brasil esforce-se buscando a aproximação dos governos locais no diálogo internacional. Há, dessa maneira, uma grande falha quando da coordenação das atividades que são realizadas buscando este fim, principalmente porque a atuação ocorre na ausência de medidas administrativas e legislativas, impossibilitando que algumas atividades sejam realizadas, limitando, assim, a efetiva atuação a nível internacional dos governos locais subnacionais do território brasileiro.

Para Matsumoto (2011: 35) “No Brasil também há um debate relevante sobre o tema. Tanto os autores da paradiplomacia quanto gestores locais e congressistas discutem a legalidade do fenômeno”. Ainda:

Desde a perspectiva do poder político, alguns estudos foram aprofundados, principalmente, na questão da soberania. Seria a paradiplomacia uma ameaça para o uso da força que o Estado nacional monopoliza? A atuação transnacional dos governos locais representa necessariamente um declínio do poder estatal? A paradiplomacia remete diretamente à vontade separatista das unidades federadas? (MATSUMOTO, 2011: 35).

Contudo, mesmo com as críticas envolvidas, sejam correlatas ao conceito e aos aspectos práticos da paradiplomacia, não se pode negar a sua importância e constância na agenda internacional e interna brasileira, sendo adotada

corriqueiramente no Brasil como uma forte ferramenta de desenvolvimento nacional e local.

Na paradiplomacia, que abrange a cooperação internacional descentralizada, possibilitam-se os intercâmbios de recursos e ideias, fazendo com que possam ser pensadas e executadas estratégias de desenvolvimento local por parte do governo local interessado. Nessa perspectiva, a população é beneficiada diretamente e sob governança do ente subnacional, levando em conta interesses específicos. A “paradiplomacia” nasceu no âmbito das discussões sobre as recentes formas de federalismo, denominando-se “novo federalismo”, trazendo-se, assim, um debate acerca da atuação internacional das unidades federativas (AGUIRRE, 1999). A nomenclatura surge do inglês “*paradiplomacy*”, sendo a abreviação de “*parallel diplomacy*” (diplomacia paralela).

Uma das acepções conceituais mais tradicionais e aceitas no âmbito acadêmico diz respeito àquela elaborada por Soldatos (1990), que trata da paradiplomacia enquanto “uma atividade de política externa de uma unidade federativa”. Nesta conceituação, os elementos ‘política externa’ e ‘unidade federativa’ remetem, de maneira simplificada, à atuação internacional desconcentrada em termos federativos. Para Salomón (2007), a ampliação do conceito, todavia, pode tornar menos relevante o fenômeno, por abarcar qualquer ação sem continuidade como paradiplomacia, fazendo referência àquelas atividades pontuais conjuntas entre atores de origens nacionais distintas, em que pelo menos um dos atores trata-se de ente subnacional.

A participação de atores não-centrais na formulação, implementação e influência da política externa, conseqüentemente, pode ser entendida e denominada como diplomacia subnacional ou paradiplomacia, fenômeno de grande relevância nas Relações Internacionais, mas que, diante de sua complexidade teórica, prática, política e normativa, não possui uma conceituação uniforme. Assim, as tratativas firmadas possuem um cunho mais generalista, não havendo ingerência dos entes subnacionais, de modo direto, nessas convencionalidades. Não obstante, na prática, estes entes possuem diversas relações firmadas por conta própria com outros externos. Havendo disposições atinentes à cooperação internacional descentralizada, poderia ser facilitada a comunicação entre entes locais e entes externos internacionais.

Em síntese, os governos locais e regionais estão participando cada vez mais de cooperações para conseguir soluções para seus problemas locais. Apesar desses governos locais não possuírem os mesmos recursos que o Estado Nacional possui, ainda assim esse processo de descentralização pode ser utilizado como estratégia para que, ao cooperar com outros atores globais e regionais, consigam garantir benefícios para sua região em diversas áreas. Os governos locais e regionais também podem conduzir ações em conjunto com o governo de seu país ou apenas lidar com o ator com quem está realizando a cooperação (HAFTECK, 2003).

Nesse sentido, conquanto a cooperação internacional descentralizada seja uma realidade mundial, no Brasil ainda não há legislação dispondo sobre a sua existência e operacionalização. Por isso, é preciso discutir o papel que esses atores subnacionais brasileiros desempenham na cooperação descentralizada no Brasil e como podem se envolver em áreas como a da Educação.

2.2.1 Cooperação Descentralizada em Educação no Brasil

A cooperação internacional descentralizada se insere em solo brasileiro e o seu aspecto histórico mostra o crescimento dos entes subnacionais nos assuntos relativos à política externa, favorecendo o fenômeno da paradiplomacia. Nesse passo, diversos entes da federação passam a ser percebidos como atores internacionalmente relevantes, mesmo que o Direito Internacional reconheça, tecnicamente, apenas os Estados-nacionais como sujeitos de direito internacional.

A Constituição de 1988, embora tenha fomentado a autonomia política dos entes subnacionais, não traz, para o âmbito das relações internacionais, instrumentos que possibilitem a cooperação internacional descentralizada, dispondo, de forma tradicionalista, que as relações exteriores competem exclusivamente à União e ao Chefe do Executivo nacional, conforme os arts. 20, inciso I, e 84, incisos VII e VIII da Carta Magna.

No entanto, mesmo diante da referida lacuna constitucional, a partir da presidência de Fernando Henrique Cardoso foi criada a Assessoria de Relações Federativas, no ano de 1995, bem como houve a fomentação da atuação do Itamaraty e dos escritórios estaduais do MRE. Desse modo, fez-se uma articulação com a

finalidade de se monitorar a paradiplomacia em território brasileiro, possuindo bastante eficácia em suas ações, embora carente de planejamento prévio e estruturação, em decorrência até mesmo do déficit legal nesse sentido.

Entretanto, a Assessoria de Relações Federativas, do governo de Fernando Henrique Cardoso, foi transformada em Assessoria de Relações Federativas e Parlamentares, demonstrando uma evolução na concepção da importância da temática (BARRETO, 2005, *apud* JUNQUEIRA, 2014). Durante o governo do presidente Lula, criou-se a Secretaria de Relações Institucionais da Presidência. Esse órgão era composto, inclusive, por uma Subchefia de Assuntos Federativos, sendo a cooperação internacional, assim como a sua forma descentralizada, um assunto a ser tratado pelo Itamaraty e pela Presidência da República desse momento em diante.

No que concerne aos entes não estatais, alguns operadores do direito internacional ressaltam que os acordos firmados por esses atores não podem ser considerados tratados internacionais, visto que o Direito Internacional Público não prevê este sujeito como legitimado. Contudo, pode fazê-lo, excepcionalmente, conforme previsto na Convenção de Viena sobre Direito dos Tratados, se o Estado-nação assim autorizar e delegar poderes para que o ente subnacional atue em nome próprio.

Entretanto, mesmo com esta lacuna, os entes subnacionais possuem papéis importantes no cenário mundial, de tal forma que se chega a se falar em direito local internacional, sendo estes os mecanismos jurídicos e compromissos a serem observados por um determinado ente não soberano. Assim, é possível ver que, mesmo diante dos desafios da primazia pela centralização estatal, como tradicional, a paradiplomacia vem se expandindo, considerando-se os entes subnacionais como sujeitos importantes quando da busca pelo desenvolvimento e do crescimento (VIGEVANI, 2006).

No Brasil, a cooperação internacional descentralizada vem ganhando força, de modo que se estimula esta atuação por meio do que se convencionou chamar de “federalismo cooperativo”. Partindo dessa compreensão, é feita uma união de esforços envidados entres os entes que integram a nação para que haja a busca e o efetivo alcance de objetivos em comum, obedecendo o disposto nas normas constitucionais no que tange às competências constitucionalmente previstas.

Há, no Brasil, autorizações para a prática de atuações externas pelos entes subnacionais, mas com controle e supervisão do Estado-nação. Isso demonstra, de certa maneira, uma manutenção da tradicional centralização do poder, pois os referidos entes necessitam de iniciativas políticas do ente soberano para praticar os referidos atos de política externa (MARIANO; BARRETO, 2004).

No entanto, no aspecto da cooperação internacional descentralizada, de suma importância para o desenvolvimento regional e local, não existem disposições específicas. Com efeito, tal modalidade é abordada apenas com uso das disposições gerais, sendo uma prática, assim, sem normatização específica prévia que regule a matéria.

Isto prejudica a realização das tratativas paradiplomáticas, todavia, não obsta a ocorrência destas, uma vez que elas se dão mesmo sem a existência de legislação amparando a matéria. A regulamentação e disposição sobre a cooperação internacional e entes externos é de competência da União, pois a esta cabe, conforme o art. 21 da Constituição Federal, inciso I, manter relações com Estados Estrangeiros (BRASIL, 1988). Também, conforme o art. 49 da Constituição Federal, é da competência exclusiva do Congresso Nacional resolver definitivamente sobre tratados, acordos ou atos internacionais que acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional (BRASIL, 1988).

Um exemplo de cooperação descentralizada no Brasil foi o Projeto Centro Paulista. As atividades no Centro Paulista tiveram início em 2009 e foram formalizadas em 2010 com assinaturas de acordos de cooperação entre municípios de Araraquara, São Carlos, Rio Claro, Descalvado, Itirapina, Ribeirão Bonito. Em 2013, Gavião Peixoto e Jaú integraram o projeto. Os objetivos iniciais eram a identificação e a implementação de ações voltadas ao desenvolvimento local e regional e a construção de uma rede integrada de apoio às políticas públicas voltadas para micro e pequenos empreendedores. O período previsto de atividades foi de 2010 a 2014 (LORENZO; FONSECA; SANTOS, 2016).

Quanto ao tema da educação, a prerrogativa de firmar acordos educacionais com entes estrangeiros também se situa neste debate, uma vez que pouco se sabe através dos estudos acadêmicos disponíveis sobre entes subnacionais firmando parcerias com entes estrangeiros no que se refere a projetos e a atividades na área de educação. No entanto, a educação está entre um dos três setores mais relevantes

entre os programas de cooperação técnica realizados pelo Brasil, enquanto saúde e agricultura são as outras áreas.

As atividades brasileiras com relação à educação focam na capacitação, gestão pública e transferência de tecnologia para as áreas de: educação profissional, alfabetização, educação formal e de pessoas especiais. Bolsas de estudos para estudantes estrangeiros também é uma das práticas que foram lançadas pelo Brasil em 1950. O objetivo dessa cooperação educacional seria promover maiores padrões de educação ao receber estudantes de outras regiões em desenvolvimento; promover o diálogo entre os jovens brasileiros e estrangeiros; divulgar a cultura brasileira e o idioma. Além de bolsas, o governo brasileiro também realizou cooperação triangular na área de educação ao ter um programa de alfabetização de jovens e adultos com foco em Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que era desenvolvido pelo Ministério da Educação em parceria com ONG, a Associação de Alfabetização Solidária (AlfaSol) (MILANI; CONCEIÇÃO; M'BUNDE, 2016).

No Brasil, ainda em 2007, foi instituída na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a Diretoria de Relações Internacionais (DRI), que diversificou acordos, programas e projetos relacionados com a CI. A diretoria também tem função de coordenar programas de bolsa no exterior e promover ações bilaterais e multilaterais que contribuam para desenvolver áreas de conhecimento que ainda não estão consolidadas em graduações e pós-graduações no país. A Cooperação Acadêmica Internacional possibilita o intercâmbio de pesquisadores, docentes e discentes e a cooperação é realizada por meio de tratados e acordos culturais, educacionais e científicos (WESTPHALL; GISI, 2018).

A CAPES foi criada em 1951 e tem como uma de suas atividades apoiar grupos de pesquisa brasileiros por meio de CI. O envolvimento com CI funciona através de acordos bilaterais com projetos em conjunto com atores estrangeiros; e por meio de parcerias universitárias entre os países. Nas duas formas, os estudantes podem ser contemplados com bolsas de estudos custeados pelo governo para que se capacitem e aprimorem seus estudos no exterior (OLIVEIRA; GRIKE; TODESCHINI, 2017).

Com relação à cooperação em educação, o Brasil desenvolveu cooperação com o Timor-Leste em 2003 com o intuito de melhorar a qualidade e eficácia da educação no Timor-Leste. O Brasil enviou uma equipe com seis professores que tinham por objetivo prestar serviços técnicos ao orientar e compartilhar conhecimentos

na área educacional. Essa equipe também prestou assessoria na implantação do Plano de Desenvolvimento do Currículo Nacional e na formulação de políticas para a formação de professores em Língua Portuguesa. Com essa experiência de Cooperação Sul-Sul em educação em 2004, o então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa (PQLP) com o decreto nº5.274, de 18 de novembro de 2004. O PQLP tem por objetivo continuar a contribuir para a formação de professores timorenses no ensino da Língua Portuguesa e apoio ao ensino superior (GUEDES; PAULINO, 2016).

Um outro caso foi o curso de Formação de Professores Rurais criado em Sergipe. A primeira turma foi a de 1949 e contou com a realização de outros projetos nas escolas rurais. O curso tinha um total de 360 aulas, com 204 aulas práticas e 120 teóricas. E apesar da iniciativa partir de uma cooperação educacional entre o Brasil e os EUA, ainda assim as atividades eram coordenadas e mantidas por duas entidades, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o governo do Estado de Sergipe (COLMAN; SIQUEIRA, 2018).

Em suma, o Brasil já se engajava em Cooperação em Educação por meio de relações com outros países. Porém, o interesse nesta área não se limita apenas ao país, mas também a seus atores subnacionais em busca de melhorar a educação ou ter relações com outros atores que possam aprimorar seus conhecimentos e desenvolver esse aspecto em sua localidade.

De acordo com Froio e Medeiros (2020), os objetivos das subunidades brasileiras têm se voltado mais para interesses econômicos, como promoção de negócios locais, comércio exterior e atração de investimento, enquanto que os objetivos políticos não são comuns (FROIO; MEDEIROS, 2020). Como no caso brasileiro há uma centralização de poderes da União, os entes subnacionais brasileiros não contam com aporte legal perante a Constituição Federal de 1988, ou seja, para realizar de forma autônoma projetos, acordos, intercâmbios e missões no exterior. Por isso, as secretarias conduzem suas ações e acordos internacionais em comum acordo com a União Federal e são uma forma de realizar esse tipo de atividade. Entretanto, não são apenas secretarias, mas conselhos, assessorias, coordenadorias e departamentos que lidam com relações internacionais (JUNQUEIRA, 2015).

Porém, não são muitos municípios que declaram possuir uma secretaria ou pessoa responsável por questões internacionais ou relacionadas à CD (HAFTECK, 2003). Há uma concentração de prefeituras que possuem um órgão responsável pelas relações internacionais no estado de São Paulo. Nesse sentido, como não fica em evidência quais os órgãos responsáveis por executar ações de cooperação internacional descentralizada, como assessorias, coordenadorias e departamentos, também não são tão evidentes os municípios brasileiros que se engajam em CD e realizam cooperação para solucionar desafios de desenvolvimento ou fortalecimento de políticas públicas específicas (PERPÉTUO, 2018).

Desse modo, mesmo que os estados e municípios aumentem sua participação internacional, o Brasil ainda não avançou muito nesse aspecto, pois outros países, como alguns europeus, possuem normas internas que já garantem a participação internacional desses entes subnacionais (FROIO; MEDEIROS, 2020). Também, no caso brasileiro, não fica tão em evidência quais entes subnacionais se engajam em cooperação descentralizada em educação, pois é uma área específica nesta modalidade de cooperação.

Em síntese, atores subnacionais brasileiros também têm se interessado em se engajar nos processos de elaboração e implementação de políticas públicas em conjunto com atores internacionais. Como a cooperação em educação é uma das áreas importantes em outras cooperações realizadas pelo Brasil, seja CSS ou técnica, também emerge o interesse de atores não estatais em ampliar e melhorar a educação e o ensino em sua região. Um desses casos é a Cooperação Internacional educacional entre o município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos EUA de Recife. Um dos atores é um governo subnacional, que integra a estrutura federativa de um Estado, enquanto o outro é a repartição consular de um Estado. Para compreender como é realizada a cooperação descentralizada em educação é importante analisar este caso, os atores envolvidos, seus interesses e o projeto implantado.

3. COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DESCENTRALIZADA EM EDUCAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA E O CONSULADO-GERAL DOS EUA EM RECIFE

A educação é um processo social, é desenvolvimento.
Não é a preparação para uma vida, é a própria vida.
(John Dewey)

Este capítulo objetiva compreender a realização da cooperação educacional realizada entre o Município de João Pessoa e os Estados Unidos da América, assim como descrever o estudo de caso que norteia a pesquisa, baseando-se na análise de documentos, e-mails, matérias jornalísticas e conteúdo de entrevistas realizadas, bem como no cotejo à bibliografia especializada. Especificamente, pretende-se investigar os processos ocorridos para a operacionalização da cooperação internacional educacional que foi realizada entre os dois governos.

Com relação às entrevistas, foi feita uma análise de conteúdo exploratória e indutiva. Com este procedimento, pretendeu-se verificar: 1) o ponto de partida para a ocorrência da cooperação; 2), como se deu o seu desenvolvimento; 3) quais são as percepções sobre a preparação local para recebê-la; 4), como o ato foi formalizado; e, 5) se houve ou não alguma forma de diálogo com o nível federal.

A cooperação educacional em investigação iniciou-se a partir do Programa de Especialista em Língua Inglesa mantido e financiado pelo Departamento de Estado dos EUA, sendo este o objeto do primeiro acordo firmado entre o Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e o Município de João Pessoa. O intuito da cooperação entre esses atores seria o de coordenar esforços coletivos para aprimorar a capacidade do ensino do idioma inglês por meio da formação de professores municipais em metodologia de ensino da língua inglesa. O período inicial de realização do objeto principal da cooperação entre os participantes seria de cinco meses a partir da chegada em João Pessoa, em julho de 2015, da Sra. Diane Whaley, Especialista em Língua Inglesa contratada pela Universidade de *Georgetown* para atuar em nome do Programa do Departamento de Estado dos EUA, intitulado *English Language Specialist Program*.

Através do supracitado programa de Especialista em Língua Inglesa haveria a vinda e permanência de profissional para executar a formação de 2015 dos professores municipais de inglês. O papel da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e de sua Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEDEC) seria contribuir com os aportes institucionais e operacionais para viabilizar o Programa conforme o que foi estabelecido entre as partes na primeira proposta apresentada enquanto projeto por parte dos EUA (Anexo I). A especialista ficou encarregada também, de acordo com a referida proposta, de visitar as escolas municipais para compreender a realidade do ensino da língua inglesa, bem como entender suas principais necessidades; realizar oficinas junto aos professores de inglês com foco em metodologias no ensino da língua inglesa; e apresentar e elaborar materiais metodológicos para uso dos professores.

No entanto, para compreender os resultados deste programa é preciso analisar a articulação entre o Município de João Pessoa e a mencionada repartição consular norte-americana. Buscou-se entender as premissas gerais da educação enquanto elemento da política externa do Brasil e dos Estados Unidos para, em seguida, caracterizar a cooperação realizada, a partir do relato histórico e mapeamento dos processos. São descritos: 1) os atores que integraram a relação; 2) no que consiste a cooperação; 3) como se deu a sua operacionalização; e, 4) quais foram os marcos relevantes para a sua realização.

3.1 INTERESSES E ATORES DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL EDUCACIONAL

Na cooperação internacional educacional descentralizada, que é objeto desta investigação, constata-se que os atores principais são o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife. Respectivamente, estes atores dizem respeito a um governo subnacional, que integra a estrutura federativa de um Estado, e uma repartição consular de um Estado.

Em termos conceituais, a categoria “ator subnacional”, para fins deste estudo, irá englobar:

Partes constituintes dos estados nacionais atuando na esfera internacional ou interagindo com temas de dimensão internacional. Diferem-se das

Organizações Internacionais Não-Governamentais (OING) e das Corporações Transnacionais (CTN), uma vez que são atores estatais, ainda que não falem em nome de um estado nacional ou uma organização internacional. Podem ser representantes tanto do governo (poder Executivo), do parlamento (poder Legislativo) ou da magistratura (poder Judiciário) dos entes constitutivos de um determinado estado nacional (estados, províncias, cantões, regiões, prefeituras, departamentos, Länder, Oblasts, municípios, condados, distritos, etc.) (BUENO, 2010, p. 345).

Nesse sentido, o Município será o recorte de ator subnacional abordado neste estudo, considerando o estudo de caso sobre um município brasileiro. Por sua vez, o conceito de repartição consular partirá da definição contida na Convenção de Viena sobre Relações Consulares, que define no artigo 1º que repartição consular é todo consulado geral, consulado, vice-consulado ou agência consular (UNITED NATIONS, 1963). Ainda sobre o conceito de consulado, o Manual do Serviço Consular e Jurídico do MRE (2014) traz, entre tantas, as seguintes funções de consulados consideradas basilares para a compreensão dessa representação governamental:

I - proteger, no Estado receptor, os interesses do Estado que envia e de seus nacionais, pessoas físicas ou jurídicas, dentro dos limites permitidos pelo direito internacional; II - fomentar o desenvolvimento das relações comerciais e econômicas, culturais e científicas entre o Estado que envia e o Estado receptor e promover, ainda, as relações amistosas entre eles, de conformidade com as disposições da Convenção; III - informar-se, por todos os meios lícitos, das condições e da evolução da vida comercial, econômica, cultural e científica do Estado receptor, informar a respeito o Governo do Estado que envia e fornecer dados às pessoas interessadas; XIII - exercer todas as demais funções confiadas à Repartição Consular pelo Estado que envia, as quais não sejam proibidas pelas leis e regulamentos do Estado receptor, ou às quais este não se oponha, ou ainda as que lhe sejam atribuídas pelos acordos internacionais em vigor entre o Estado que envia e o Estado receptor.

Para compreender a atuação dos atores em investigação, é relevante analisar a agenda de cooperação internacional educacional entre o Brasil e os Estados Unidos, com o objetivo de compreender onde o caso investigado se insere. Em que pese, verificar quais são as diretrizes da política internacional dos países que legitimam essa ação e que interesses permeiam a operacionalização destas relações.

3.1.1 Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife e o Escritório de Educação e Cultura

A Missão Diplomática dos Estados Unidos da América no Brasil é representada por meio da Embaixada, localizada na capital do Estado, em Brasília, também por meio dos Consulados-Gerais, localizados em Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo e pela Representação Diplomática em Belo Horizonte (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Os EUA foram a primeira nação a estabelecer um consulado no Brasil em 1808 e o primeiro país a reconhecer a independência do Brasil em 1822 (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020). Também os Estados Unidos foram o primeiro país a estabelecer uma Embaixada em Brasília, sendo estabelecida em um espaço doado pelo governo brasileiro, no mandato do Presidente Juscelino Kubitschek, durante a visita do Secretário de Estado John Foster Dulles, em 1958 (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

O terreno foi ocupado por um trailer no ano de 1960, inicialmente, e a Embaixada iniciou as suas atividades em Brasília no mesmo ano, no Brasília Palace Hotel, mudando-se para a Chancelaria “provisória” em março de 1961; esta última foi inaugurada em abril de 1961 (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Em relação às funções da Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil, a Embaixada e os Consulados dos Estados Unidos no Brasil prestam serviços aos cidadãos e empresas dos EUA, dando suporte a cerca de 60.000 cidadãos dos EUA residentes no Brasil e, se necessário, prestâncias emergenciais a turistas dos EUA no Brasil. Estima-se que anualmente cerca de 150.000 cidadãos dos Estados Unidos visitam o Brasil (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

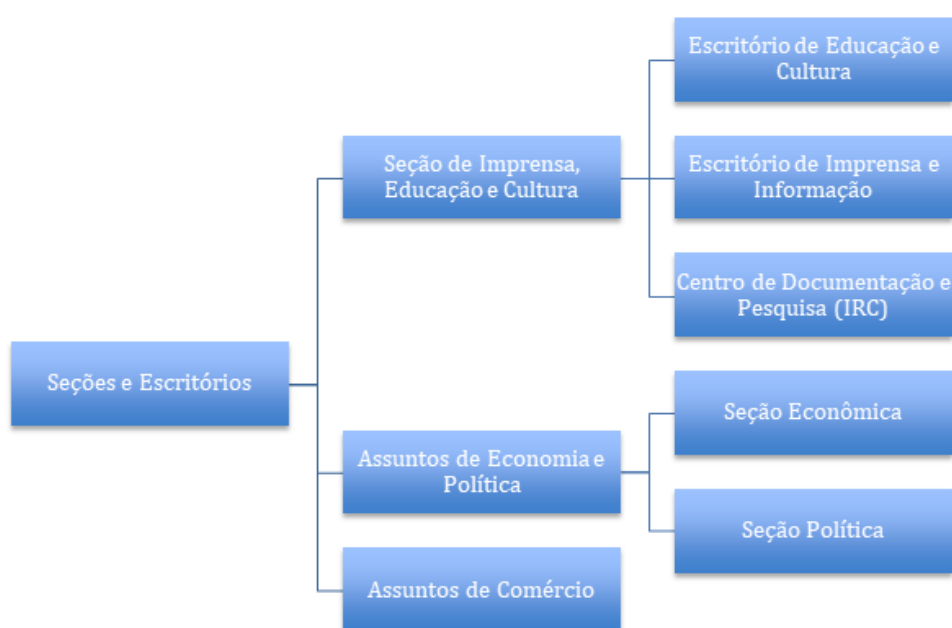
Especificamente quanto ao Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife, este foi estabelecido no ano de 1815 e é o posto de representação diplomática dos Estados Unidos mais antigo no Brasil, tendo sido Samuel Voorhees o seu primeiro cônsul. O Consulado-Geral dos EUA em Recife atua em diversas áreas nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco (PE), Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Em relação às perspectivas futuras do Consulado-Geral dos EUA em Recife, é possível mencionar que:

No século XXI, os Estados Unidos e o Brasil continuam priorizando desenvolvimento econômico, ensino de Inglês e os programas de intercâmbio entre pessoas. Em parceria com o consulado, os centros binacionais de São Luís, Fortaleza e Recife, em conjunto com American Corners e centros Education USA, formam uma rede para que mais nordestinos possam estudar nos Estados Unidos e aumentar suas habilidades em língua inglesa. O crescente comércio bilateral também tem provocado uma contínua onda de viagens entre o Nordeste e os Estados Unidos. Nos últimos anos, além de ampliar o número de funcionários, o Consulado Geral vem se expandindo com a abertura do departamento para assuntos Político-Econômicos e do Serviço Comercial (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Quanto às atividades e ao organograma do Consulado, os funcionários desempenham funções administrativas, consulares, econômicas, políticas e de imprensa, educação e cultura. As seções e escritórios estão organizadas da seguinte forma:

Figura I: Seções e Escritórios do Consulado-Geral dos EUA em Recife.



Fonte: Elaboração própria, a partir do site oficial das Embaixadas e Consulados dos Estados Unidos da América (2020).

Quanto à temática da educação, que é a agenda abordada nesta pesquisa, o engajamento em educação e cultura da Embaixada e os Consulados dos EUA no Brasil serve aos propósitos de “apoiar os objetivos de política externa dos EUA e

encorajar as relações interpessoais entre americanos e brasileiros” (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Para o alcance desses fins, que dialogam diretamente com as diretrizes do Bureau of Educational and Cultural Affairs (Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais), são promovidos intercâmbios, eventos e recursos, inclusive havendo programas locais de educação, intercâmbios profissionais, programas culturais, ensino e aprendizado de Inglês e o Programa Jovens Embaixadores (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

O Consulado dos Estados Unidos da América em Recife, na temática da educação e cultura, oferece programas locais de educação, intercâmbios profissionais, programas culturais, ensino e aprendizado de Inglês e o Programa Jovens Embaixadores. Ainda, alguns estados da jurisdição do Consulado oferecem espaços estadunidenses, como as Esquinas Americanas e os centros binacionais.

Especificamente no que diz respeito aos programas de ensino e aprendizado de Inglês, considerando o foco da presente pesquisa, a parceria estratégica entre o Brasil e os EUA no fortalecimento da capacitação através do ensino e aprendizado de inglês em todo o Brasil é intermediada pelo Escritório Regional de Língua Inglesa (RELO).

No Brasil, o RELO está situado na Embaixada dos EUA em Brasília e é um dos vinte e cinco escritórios desse tipo em todo o mundo, sendo financiado e coordenado pelo Departamento de Estado dos EUA, por meio do Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais e o Escritório de Programas de Língua Inglesa. O RELO Brasil apoia os esforços da diplomacia pública dos EUA para aumentar o entendimento mútuo (através do inglês) entre os povos do Brasil e dos Estados Unidos (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

O RELO oferece diversos serviços, a exemplo do desenvolvimento profissional de professores de Inglês, programas de intercâmbio educacional e materiais para professores e estudantes de inglês. Operacionalizar tais ações por meio de contatos com o Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais de educação pública, associações de professores de inglês, universidades públicas e privadas, além de outros parceiros (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Para alunos, o RELO oferece diversos recursos como o *Essay Writing Resource Center*/Centro de Recursos para Redação em Inglês, *Podcasts Slice of Life*/Língua da Gente, Olimpíadas de Inglês, MOOCs para alunos de inglês e a American English Página Web (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020).

Para professores, são oferecidos recursos de desenvolvimento profissional online, como a Rede Online para Ensino/Aprendizagem de Inglês (OPEN), contendo MOOCs e cursos online globais e eventos gravados e ao vivo no *American English*; são oferecidos ainda materiais e recursos para ensino, como a Revista Fórum e o *American English Website*, bem como programas para professores de escolas públicas, como o programa *Brazilians Innovating on the Teaching of English* (BRITE – Brasileiros Inovando no Ensino de Inglês) e o Access (EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL, 2020). Ainda, há trabalho em conjunto com a Comissão *Fulbright*, no que tange a outros programas do Departamento de Estado dos EUA.

Quanto aos recursos para instituições e parcerias, como é o caso em investigação, o RELO, através do ECA, oferece os seguintes programas:

Quadro IV: Programas do ECA voltados para a língua inglesa

Programa	Descrição
Programa para Especialista em Língua Inglesa.	O <i>Specialist Program</i> recruta acadêmicos estadunidenses nas áreas de Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas (TESOL) e Linguística Aplicada para projetos de curta duração com foco em treinamento de professores, desenvolvimento de materiais, planejamento curricular ou avaliação. Os projetos ocorrem ao longo do ano e podem incluir componentes virtuais e presenciais.

Programa <i>English Language Fellow</i> (Mestres em Ensino de Língua Inglesa).	O <i>English Language Fellow Program</i> seleciona educadores norte-americanos talentosos e altamente qualificados com Mestrado em TESOL ou Linguística Aplicada para desenvolver atividades em universidades, Secretarias de Educação e outros centros de educação em todo o Brasil. Os Fellows compartilham seus conhecimentos, adquirem experiência internacional e profissional e aprendem sobre a cultura brasileira. O escritório do RELO solicita propostas para os Fellows anualmente.
<i>English Access Microscholarship Program.</i>	É um programa focado no aprendizado o inglês, fornecendo uma base de conhecimentos da língua inglesa para participantes advindos de setores economicamente desfavorecidos. Aulas e atividades intensivas são oferecidas após o período de aula regular e também durante as férias escolares. O Access oferece aos alunos habilidades em inglês que podem levar a melhores oportunidades de trabalho e perspectivas acadêmicas, além de habilitá-los para participar de intercâmbios e estudos nos Estados Unidos. Originalmente concebido para adolescentes de comunidades de baixa renda, o Programa Access já forneceu bolsas de estudo para mais de 180.000 estudantes em 86 países desde sua criação em 2004. A Embaixada e os Consulados dos EUA no Brasil têm sediado Programas Access desde 2008 e mais de 2.500 estudantes já participaram do programa. Atualmente, o programa tem nove projetos em andamento, implantados por parceiros locais por todo o Brasil, beneficiando adolescentes, professores de inglês em início de carreira, bem como alunos de edições anteriores do Access. Propostas para implementar o programa são solicitadas anualmente.

Seminários para Capacitação Profissional e Oficinas.	O RELO oferece oficinas e sessões para capacitação profissional em todo o Brasil em parceria com Secretarias de Educação, Associações de Professores, centros binacionais e escolas públicas e privadas.
Apoio a Projetos Inovadores.	O escritório do RELO oferece suporte financeiro para apoiar oportunidades de desenvolvimento profissional na área de ensino de língua inglesa no Brasil. Os subsídios normalmente são usados para ajudar a iniciar, apoiar ou expandir grupos de trabalho para professores de inglês, desenvolver materiais de ensino que proporcionem uma melhor compreensão das culturas brasileira e norte-americana, ou mesmo para apoiar projetos de desenvolvimento profissional únicos que tenham impacto consistente e duradouro na comunidade de ensino de inglês. Os recursos são limitados e o processo seletivo é bastante competitivo.

Fonte: Elaboração própria, a partir do site oficial das Embaixadas e Consulados dos Estados Unidos da América (2020).

Por meio da entrevista realizada com Stuart Beechler, especialista em diplomacia pública do Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife, foi possível verificar as finalidades e como se dá a operacionalização das cooperações intermediadas pelo Consulado com governos do Nordeste. O papel do especialista, segundo foi declarado, é de funcionar como uma ponte entre os diplomatas americanos que chegam ao Nordeste para trabalhar nas áreas de educação e cultura com os parceiros locais.

Perguntado sobre as cooperações realizadas em educação entre o Brasil e os EUA, especificamente envolvendo entes subnacionais brasileiros, Stuart Beechler salientou a clareza e sinergia nas áreas de educação e cultura entre os dois países, especificamente na jurisdição do Consulado localizado em Recife, incluindo a sinergia entre as estratégias. Mencionou também que foi desenvolvida uma rede de parceiros

que se identificam muito com os programas ofertados pelos Estados Unidos, reforçando a ideia de haver interesses similares entre os países e também com os parceiros subnacionais.

Dentre os projetos mencionados, Stuart Beechler ressaltou a relevância das redes de centros binacionais existentes em Recife, São Luiz e Fortaleza, que trabalham a difusão da cultura e de troca das culturas estadunidenses e brasileiras; mencionou o serviço de orientação para estudos nos Estados Unidos, o “*Education in USA*”, serviço gratuito para quem está buscando uma oportunidade de estudo e pesquisa nos Estados Unidos e a possibilidade de financiamento ou bolsas; citou ainda programas de intercâmbio para jovens, como o Jovens Embaixadores, e um suporte que é dado aos programas que são dos governos estaduais e federal para intercâmbio, como os programas Ganhe o Mundo, Gira Mundo e o extinto Ciência Sem Fronteiras.

Por fim, referiu-se ao Programa de Visitantes Profissionais e ao Programa de Língua Inglesa, que oferecem recursos para fortalecer e qualificar o ensino do inglês e a aprendizagem do inglês acessível. Tal oferta é operacionalizada através de recursos e cursos online, materiais impressos e, periodicamente, ofertando recursos presenciais, considerando a vinda de especialistas no ensino da língua inglesa ao Brasil, estes que passam de 10 dias a 10 meses trabalhando com professores brasileiros.

Quanto aos interesses para a realização da cooperação em educação, Stuart Beechler mencionou as estratégias da missão diplomática dos Estados Unidos: promover a paz e estabilidade na região, promover amizade e identificação com os Estados Unidos e, também, promover para o Brasil os benefícios econômicos e comerciais dos Estados Unidos. Ressaltou a “*soft diplomacy*”, considerando o conhecimento e envolvimento dos cidadãos nessas atividades para que, a partir disso, venha a ser criada uma relação, uma espécie de vínculo com os Estados Unidos.

Richard Reiter, Cônsul-Geral dos Estados Unidos da América em Recife entre os anos de 2014 e 2017, narrando os interesses para a realização desse tipo de cooperação, nas áreas de educação e cultura, ressaltou que fazem isso para que as pessoas conheçam os Estados Unidos e queiram aprender mais sobre o país. Afirmou, ainda, que quando as pessoas conhecem e visitam o país pela primeira vez,

elas querem voltar e fazer mais pelo seu país de origem, afirmando que isso teria potencial de mudar a vida delas.

O entrevistado acredita que:

[...] if we can share some of our experience, some of our culture, some of our educational practices, it can be transformative, both for the Americans and for the other folks. So, this really drives a lot of what we do and when you think about the way I've just laid it out, it's a sort of long-term investments. If you are taking a child and teaching them English or teaching them anything, you're not really going to see the fruits of that investment for many many years. It requires a certain matter of vision, it requires a long-term planning, and it requires a faith of what we're doing is the right thing. We have all of these programs and you are familiar with the English Language Programs. We are not going to see real benefits for a long time. We are convinced that it's a good path, a fruitful path, it builds strong ties between the American people and people of other countries. That's an investment that we do with great pleasure³.

Assim, conforme é possível perceber a partir do exposto pelo entrevistado, a cooperação é feita considerando o poder de transformação da experiência, cultura e práticas educacionais para os americanos e para outros povos. Richard Reiter ainda afirmou que a cooperação em educação entre o Brasil e os Estados Unidos é importante, principalmente, considerando as demandas de treinamento na Língua Inglesa, que abre portas para grandes projetos acadêmicos, intercâmbios profissionais e trocas entre os governos, por exemplo.

Para o Cônsul de Diplomacia Pública do Consulado-Geral dos Estados Unidos da América em Recife de 2014 a 2017, Matt Keener, quando se ajuda os países a desenvolverem os seus sistemas educacionais, você dá às pessoas mais oportunidades nas esferas social, profissional e cultural. Também afirmou que a partir da cooperação em educação é possível prover mais oportunidades para o

³ Em português, “[...] se pudermos compartilhar um pouco da nossa experiência, um pouco da nossa cultura, algumas de nossas práticas educacionais, isso pode ser transformador, tanto para os estadunidenses quanto para as outras pessoas. Então, isso realmente impulsiona muito o que fazemos, e quando você pensa sobre a maneira como eu acabei de definir, esta é uma espécie de investimento de longo prazo. Se você pega uma criança e lhe ensina inglês ou ensina qualquer coisa, você não verá os frutos desse investimento por muitos anos. Isso requer uma certa questão de visão, requer um planejamento de longo prazo e requer fé de que o que estamos fazendo é a coisa certa. Temos todos esses programas e você está familiarizado com os programas de Língua Inglesa. Nós não veremos benefícios reais por muito tempo. Estamos convencidos de que é um bom caminho, um caminho frutífero, que constrói laços fortes entre o povo americano e pessoas de outros países. É um investimento que nós fazemos com muito prazer”.

fortalecimento de relações comerciais e fortalecimento dos laços humanos entre os países e os Estados Unidos simplesmente por meio do apoio à educação.

No documento *English Language Specialist Proposal* (Anexo I), enquanto interesse mencionado para a realização da cooperação, temos o avanço nas prioridades da educação da diplomacia pública dos EUA, que pode resultar em futuros retornos por capacitar estudantes brasileiros a participarem de intercâmbios nos EUA financiados pelo Brasil. Neste sentido, o fortalecimento da língua inglesa, em nível local, também é mencionado enquanto interesse.

Como resultados a alcançar, que denotam as motivações do ator consular dos EUA ao realizar a cooperação, são mencionados: aprimoramento da habilidade dos professores em ensinar a língua inglesa, auxiliando os estudantes a ter um melhor acesso aos programas internacionais dos EUA; maior acesso e oportunidades para interagir com americanos, a cultura e a história dos EUA; fortalecimento da parceria entre os atores; fazer da educação da língua inglesa, no nível local, uma prioridade e componente fundamental no sistema educacional e promover o intercâmbio e a internacionalização.

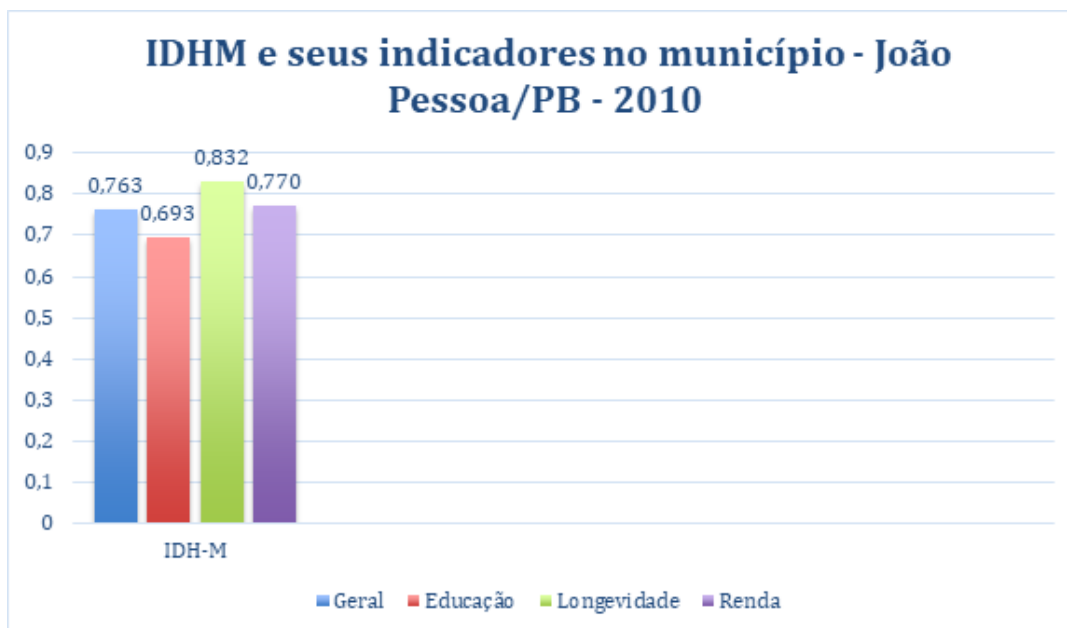
3.1.2 O Município de João Pessoa

O ator doméstico que compõe a cooperação internacional educacional em estudo é o Município de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, localizado no Nordeste do Brasil. O Município de João Pessoa possui área territorial de 210,044 km², segundo dados do IBGE de 2019, e população estimada de 817.511 pessoas, conforme dados de 2020 (IBGE, 2020).

Em relação à economia da cidade, segundo dados de 2018, o Produto Interno Bruto - PIB - a preços correntes de João Pessoa é de R\$ 17.293.048,24, ocupando o 1º lugar do estado da Paraíba e 45º lugar no país, enquanto o PIB *per capita* de João pessoa é de R\$ 25.035,80, ocupando o 6º lugar no estado da Paraíba e 1775º no país (IBGE, 2020).

É a cidade com o maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM - do estado, ocupando a primeira posição com a média 0,763 (ATLAS BRASIL, 2010), o que é considerado “alto”, segundo as categorias do índice. De maneira fragmentada por componentes, o IDHM de João Pessoa pode ser assim representado:

Figura II: IDHM e seus Indicadores no município de JP/PB



Fonte: Elaboração própria a partir de Atlas Brasil (2010).

A representação da educação no desenvolvimento humano do município é um índice importante para esta investigação. Como é possível analisar, a partir do gráfico, a educação representa o menor indicador dentro do IDHM de João Pessoa. É importante registrar que, no censo do ano de 2000, o IDHM Educação de João Pessoa obteve o índice de 0,523, ano no qual a média geral da cidade foi de 0,644 (ATLAS BRASIL, 2010), seguindo a tendência de ser o menor índice dentre os três grandes indicadores que compõem o IDHM.

Em sua organização administrativa, a Prefeitura Municipal de João Pessoa, até o ano de 2020, possuía as seguintes secretarias: Administração, Ciência e Tecnologia, Comunicação Social, Controladoria Geral do Município, Desenvolvimento Social, Desenvolvimento Urbano, Educação, Fazenda, Finanças, Gestão Governamental e Articulação Política, Habitação Social, Infraestrutura, Juventude, Esporte e Recreação, Meio Ambiente, Orçamento Participativo, Ouvidoria Geral do Município, Planejamento, Políticas Públicas para as Mulheres, Proteção e Defesa do Consumidor, Receita, Saúde, Segurança Urbana e Cidadania, Trabalho, Produção e Renda e Transparência Pública (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2020). Conta, ainda, com outros órgãos e coordenadorias especiais, nenhum, porém, voltado à Cooperação ou Relações Internacionais.

Em relação à pasta da educação e sua gestão no Município de João Pessoa, compete à Secretaria de Educação e Cultura, tendo como objetivos principais:

[...] organizar, executar, manter, orientar, coordenar, controlar as atividades do poder público ligadas à educação municipal, consubstanciadas no Plano Municipal de Educação, velando pela observância da Legislação educacional, das deliberações da Conferência Municipal de Educação e das decisões dos Conselhos Municipais ligadas à Educação (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2020).

Assim, localizando os principais atores domésticos que integram o processo de cooperação entre João Pessoa e os Estados Unidos da América, verifica-se que a articulação a nível local se deu por meio da Secretaria de Educação e Cultura. Não obstante, houve parcerias locais relevantes para que a cooperação fosse operacionalizada e os resultados viessem a ser alcançados, como será visualizado no relato histórico a seguir.

3.1.3 Dos Interesses para Cooperar em Educação e Cultura

Como visto no capítulo anterior, as áreas temáticas para cooperar podem ser diversas. Em se tratando de relações bilaterais ou multilaterais, para além do objeto da cooperação, os atores possuem interesses variados, que podem ser explicitados ou não. No Brasil, a cooperação internacional educacional, enquanto agenda desta pesquisa, é um tema que no MRE, é de competência da Divisão de Temas Educacionais, sendo esta responsável por traçar as diretrizes, objetivos e operacionalizar as tratativas da área eventualmente estabelecidas (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2020).

Na Política Externa Brasileira, a educação é compreendida como uma das dimensões da interação entre atores internacionais, entendida como agenda positiva e que implica em ações de benefício mútuo para os países, sendo uma questão ligada ao desenvolvimento econômico e social, à cooperação internacional e à promoção da convivência cultural das sociedades (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2020).

As vertentes pelas quais a Política Externa Brasileira age, por meio de ações de cooperação internacional educacional, são de caráter econômico, político e cultural, caracterizando-se da seguinte forma:

Economicamente, a educação, ao relacionar-se diretamente à qualificação da mão-de-obra de um país, interfere no desenvolvimento econômico. No cenário de globalização, a habilidade de uma economia em atrair capitais, investimentos e tecnologias, inserindo-se de forma competitiva no mercado internacional, está condicionada ao nível educacional e à qualificação dos seus recursos humanos. A cooperação é uma modalidade de relacionamento que busca construir essas capacidades.

Politicamente, a cooperação educacional representa parte de uma agenda positiva da política externa, ao promover a aproximação entre os Estados por meio de seus nacionais. A visão do Brasil como um país que age com base em princípios de solidariedade e respeito favorece a formação de um pensamento positivo, tudo isso no âmbito da crescente cooperação entre países em desenvolvimento.

Culturalmente, a convivência, o aprendizado do idioma e a troca de experiências contribui para o estreitamento de laços entre as sociedades. Com isso, tem-se a formação de uma cultura de integração, de conhecimento mútuo das realidades de outros países, em meio a uma forte significação humanista. Como resultado, aumenta-se a compreensão mútua e a tolerância (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2020).

Do outro lado, os Estados Unidos tiveram um papel central com relação à ajuda bilateral e à institucionalização da CID. O país criou programas nacionais de ajuda internacional ao, em 1954, o Congresso aprovar o “*Agricultural Trade Development and Assistance Act*”; em 1961, o “*Foreign Assistance Act*” que substituiu o anterior. E nos anos seguintes os termos ajuda e desenvolvimento estavam cada vez mais presentes nos discursos e documentos oficiais do governo norte-americano. Como o momento era o período da Guerra Fria, a luta anticomunista foi um elo entre a CID e as agendas da política externa estadunidense no período (MILANI, 2014).

No período da Guerra Fria, a ajuda norte-americana orientada para a América Latina foi lançada nos anos 60 durante a gestão de J.F. Kennedy (1961-1963). O objetivo era estimular o desenvolvimento econômico, social e político da região, mas também manter aliados ao repassar grandes montantes de ajuda financeira e técnica (MATOS, 2008). Com a intenção de disseminar o capitalismo, o desenvolvimento e modernização, os EUA firmaram acordos na área de educação na forma de cooperação técnica com o Brasil; em 1946, os países assinaram o primeiro acordo, o “*Agreement on Rural Education between the Ministry of Culture of the United States of Brazil and the Inter-American Educational Foundation, Inc.*”. O acordo estabelecia o intercâmbio e treinamento de especialistas norte-americanos e brasileiros na área de educação rural e agricultura. Em 1952, consolidaram um novo acordo, o “*Rural Education Program*” que reafirmava as propostas do acordo anterior de 1946 e

acrescentava a instituição da Comissão Americano-Brasileira da Educação Rural (CABER) como parte do Ministério da Educação e Saúde, ou seja, funcionaria como órgão executivo para realização de programas de cooperação educacional (COLMAN; SIQUEIRA, 2018).

No que concerne à parceria entre o Brasil e os Estados Unidos na área da Educação, o Brasil desenvolveu reformas educacionais nas décadas de 1960 e 1970. O planejamento era implantar um projeto de educação voltado para alcançar o crescimento econômico. Nesse período são efetivados diversos acordos entre os EUA e o Brasil, chamados de MEC-Usaid (Ministério da Educação e Cultura e United State Agency for International Development), com o intuito de realizar cooperação financeira e assistência técnica entre os países. A reforma educacional, então, estaria atrelada à política norte-americana e voltada para três pontos: educação e desenvolvimento; educação e segurança; educação e comunidade (MATOS, 2008).

Além disso, os EUA, dentro da estrutura da *Under Secretary for Public Diplomacy and Public Affairs* (Subsecretaria de Diplomacia Pública e Assuntos Públicos), o *Bureau of Educational and Cultural Affairs - ECA* (Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais) tem por missão “aumentar o entendimento mútuo entre o povo dos Estados Unidos e o povo de outros países por meio do intercâmbio educacional e cultural que auxilie no desenvolvimento de relações pacíficas” (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2020).

O ECA do Departamento de Estado dos Estados Unidos, conforme determinação da Lei de Intercâmbio Educacional e Cultural Mútuo, de 1961, trabalha para construir relações amigáveis e pacíficas entre o povo dos Estados Unidos e o povo de outros países por meio do ensino, intercâmbios culturais, esportivos e profissionais, bem como parcerias público-privadas (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2020).

A Lei de Intercâmbio Educacional e Cultural Mútuo, de 1961, reflete um dos vértices da diplomacia pública estadunidense, sendo estes programas reforçados após a Segunda Guerra Mundial. Desde então, buscou-se a intensificação do *mutual understanding*, utilizado por Washington para explicitar a intenção política de entendimento com outros países (TOSCANO, 2017).

O mútuo entendimento incentivava a “maior apreciação do outro a ser feito pelas sociedades, a fim de se afastarem da possibilidade de conflito e reconhecerem

os benefícios da interdependência dos povos, da cooperação e das trocas de ideias, juízos, bens e serviços” (TOSCANO, 2017, p. 52). Desde então, esta perspectiva vem sendo utilizada pela diplomacia pública dos Estados Unidos, como visto na missão do ECA.

Em esforços para refletir a diversidade dos Estados Unidos e da sociedade global, incentivando o envolvimento de participantes americanos e internacionais de grupos tradicionalmente sub-representados, o ECA lidera os esforços de divulgação da diplomacia pública para o Departamento de Estado dos Estados Unidos por meio de programas de intercâmbio. Busca, desse modo, melhorar as relações externas e fortalecer a segurança nacional dos Estados Unidos, apoiando a liderança internacional do país e fornecendo uma ampla gama de benefícios domésticos, ajudando a quebrar as barreiras que muitas vezes causam divisões (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2020).

O ECA é estruturado da seguinte maneira:

Figura III: Estrutura Organizacional do *Bureau of Educational and Cultural Affairs*.



Fonte: Elaboração própria, a partir do portal do Bureau of Educational and Cultural Affairs (2020).

No início do governo Barack Obama, o relatório do United States Government Accountability Office - GAO - explicita a necessidade de serem intensificados os esforços para que, no âmbito da diplomacia pública, se apoiasse a meta de promover o mútuo entendimento (UNITED STATES GOVERNMENT ACCOUNTABILITY OFFICE, 2009).

Seguindo esta tendência, especificamente no caso das relações estabelecidas entre os Estados Unidos e o Brasil, um dos marcos recentes para estas relações foram os acordos assinados no ano de 2011 por ambos os países, o que ocorreu na oportunidade da visita do Presidente Barack Obama ao Brasil. Os acordos assinados tratavam de parcerias nos temas da educação e inovação (TOSCANO, 2014).

O governo brasileiro demonstrou interesse em aproximar e avançar as experiências educacionais, ampliar o intercâmbio e progredir em todas as áreas do conhecimento. Assim sendo, foi firmado um acordo de desenvolvimento de pesquisas em áreas prioritárias e outro acordo com o intuito de intensificar o intercâmbio acadêmico para promoção do entendimento mútuo e do desenvolvimento da ciência e tecnologia (TOSCANO, 2014).

Analisando a agenda de cooperação educacional entre os dois países, Toscano (2014, p. 24), ao questionar os interesses para a realização destas parcerias, afirma que:

O Brasil busca educação, ciência, tecnologia e inovação – que representam recursos cruciais de qualquer estratégia de desenvolvimento. Os Estados Unidos têm interesse em incrementar seu prestígio junto às instituições e à maior economia da América Latina, e concebemos instrumentos de cooperação para intercâmbios educacionais como ferramentas essenciais de sua diplomacia pública, expressão do seu *soft power*.

O desenvolvimento destas parcerias também foi objeto das reuniões intituladas “Diálogo de Parceria Global Brasil–Estados Unidos” - DPG, que ocorreram entre 2010 e 2012, para definir o alinhamento entre os países, incluindo as parcerias na área da educação e cultura. Nas quatro reuniões ocorridas no âmbito do DPG, a expansão dos intercâmbios educacionais, promoção da cooperação em pesquisa e desenvolvimento e o treinamento de uma força de trabalho capacitada foram questões

levantadas e acordadas entre os países (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011).

3.2 A ORIGEM DA COOPERAÇÃO ENTRE O CONSULADO-GERAL DOS EUA EM RECIFE E O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA

Para que haja o início de projetos da Embaixada e dos Consulados dos Estados Unidos em uma determinada localidade é preciso que haja manifestação de interesse. Stuart Beechler mencionou que quase todos os programas são iniciados a partir dos parceiros locais, que enviam representantes até o consulado para expressar o seu interesse pessoal no intercâmbio, sendo captada esta manifestação de interesse por um determinado Consulado como uma oportunidade.

Stuart Beechler declarou que, havendo esse interesse, há um investimento de tempo, energia e, às vezes, também de caráter financeiro, para possibilitar um contato por meio de diálogo presencial. Mencionou que é mais fácil haver contatos com parceiros da cidade de Recife, considerando a localização do Consulado, mas que também os funcionários desse órgão diplomático vão para outras cidades em outros Estados, para ter momentos de construção, mensurando e aumentando o nível de compromisso em ambos os lados, buscando afinidades para concretizar ações que sejam do interesse dos Estados Unidos e do parceiro brasileiro.

Ainda sobre o ator que normalmente toma a iniciativa, Stuart Beechler relatou que o Consulado não age apenas passivamente, mas participa de eventos e oportunidades que geram outras relações, reunindo-se com atores engajados em educação, mas também em outras áreas como Comércio, Política, Economia, Cultura, etc. A partir disso, são promovidos encontros para ouvir e conhecer o que está sendo feito na localidade e, durante essas reuniões, surgem as oportunidades e demandas para a colaboração do Consulado.

Quanto ao Município de João Pessoa em específico, perguntado sobre como foi iniciada a colaboração do Consulado, Stuart Beechler relatou que, quando alguns representantes do Consulado visitaram a cidade de João Pessoa em 2012, foram procurados pelos gestores na área de educação e pelo Prefeito à época para que

analisassem a forma pela qual poderiam contribuir para a qualificação do ensino do inglês na rede municipal, no ensino fundamental II.

Informações relevantes a respeito dessa primeira aproximação entre Consulado e Prefeitura de João Pessoa foram obtidas também na entrevista com o professor Luiz de Sousa Júnior, Secretário de Educação e Cultura do Município de João Pessoa entre setembro de 2012 e dezembro de 2014. Vale ressaltar que o entrevistado publicou a obra de nome “No Meio da Travessia: Breves Narrativas Sobre Gestão Municipal da Educação”, através da qual confirmou que em 2012 o prefeito Luciano Agra (mandato de 2010 a 2012) recebeu a então cônsul-geral do Consulado-Geral dos EUA Usha Pitts em um almoço. Na ocasião, de acordo com o entrevistado, a cônsul fez “menção a temas relacionados às áreas de turismo e educação, embora de forma genérica” (SOUSA JÚNIOR, p. 197, 2017). Esse foi, na visão do secretário, o primeiro contato entre as duas instituições.

Em matéria publicada no portal oficial da Prefeitura Municipal de João Pessoa, intitulada “Agra se encontra com cônsul dos Estados Unidos e discute futuras parcerias”, fica claro que o prefeito Luciano Agra, no dia 28 de setembro de 2012, se encontrou com a então cônsul, que estava em João Pessoa em razão do II Festival de Turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2012). Em um almoço entre prefeito, cônsul, secretário de turismo, secretário de educação e outras autoridades, “ao se falar sobre possíveis parcerias, a cônsul citou que a parceria poderia ser nas áreas de educação e turismo”. Na mesma matéria, é apontado o nome da diplomata Catherine Fischer como intermediadora dos futuros contatos entre Consulado e Gestão Municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2012). Roberto Brunet (2022), à época secretário de Turismo de João Pessoa, destaca que não sabe se foi realizado por parte do festival um convite para Usha Pitts participar representando o consulado, mas a prefeitura de João Pessoa reiterou o convite para o Consulado Geral dos EUA em Recife, para que pudessem participar do encontro.

Também foi o momento de lançar o Plano Diretor Municipal de Turismo por parte do então prefeito Luciano Agra. Fizeram o lançamento do Plano Diretor, e logo após estreitaram a relação com Usha, pois houve convite para ir até o Consulado e ela também vinha para João Pessoa em eventos. Então, com essa relação mais estreita, começaram conversas sobre realizar algo entre a cidade de João Pessoa e

o Consulado. A cônsul Usha fez pesquisas sobre as possibilidades, entre elas a de “cidades irmãs”. Enquanto proposta, havia uma possibilidade inicial de realizar uma parceria entre João Pessoa e a cidade de Pompano Beach, na Flórida, nos EUA. Esse desejo pelo irmanamento se iniciou com uma carta de intenção, porém com a saída do secretário Roberto Brunet da PMJP em abril de 2014, não houve mais continuidade desse contato iniciado por parte da SETUR. Nesse projeto, então, não houve a continuidade da ação por parte da Prefeitura de João Pessoa com uma cidade norte americana (BRUNET, 2022).

Em 2013, um ano depois do encontro com o ex-prefeito Luciano Agra, a Cônsul Usha Pitts se fez presente no III Festival de Turismo representando o Consulado dos EUA em Recife (PE), e destacou a importância de estreitar as relações com João Pessoa (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2013). Na ocasião, a mesma foi apresentada ao novo prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (dois mandatos de 2013 a 2021), o que pode ser confirmado através das informações constantes no portal oficial da Prefeitura Municipal de João Pessoa através de matéria publicada em 27 de setembro de 2013, “Prefeito Luciano Cartaxo recebe visita da cônsul dos EUA”. Vale ressaltar que o Roberto Brunet também participou do encontro com a Cônsul dos Estados Unidos.

O evento foi realizado na Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes nos dias 27 e 28 de setembro de 2013, oportunidade na qual o Prefeito Luciano Cartaxo enfatizou “tivemos a oportunidade de dialogar bastante sobre vários pontos”. Esse diálogo com o consulado é de grande importância para o fortalecimento de nosso turismo” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2013). Afirmando a abertura da cidade em trabalhar com agendas para além do turismo, o contato realizado na ocasião foi estendido para a pauta da educação, como focado nesta pesquisa.

Vale ressaltar também que o ex-secretário Luiz Júnior se manteve Secretário de Educação e Cultura na gestão do Prefeito Luciano Cartaxo e, a partir de sua fala, o próximo contato a partir do Consulado de que ele se recorda foi realizado no início de 2014. Tal interlocução não ocorreu propriamente para tratar da parceria, mas para que houvesse, por parte da SEDEC, a recepção de um professor e uma equipe norte-americana para a exposição de um projeto de tecnologias educacionais na área de física. Todavia, a gestão municipal não mostrou interesse na aquisição do produto porque a disciplina de Física não fazia parte do currículo do ensino fundamental.

Já em 06 de maio de 2014, por meio das Secretarias de Turismo (SETUR) e da Educação e Cultura (SEDEC), foi noticiado que a Prefeitura Municipal de João Pessoa iria firmar uma parceria com o Consulado Americano. Na ocasião, representando o prefeito Luciano Cartaxo, que estava em Brasília, os secretários de turismo Bruno Farias e Edilma Ferreira, secretária-adjunta da SEDEC, receberam a vice-cônsul dos Estados Unidos no Recife, Monique Nowicki (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2014). De acordo com o relatado na matéria do portal oficial da PMJP, a reunião girou em torno de uma proposta de irmanamento entre João Pessoa e *Pompano Beach*, cidade na Flórida/EUA. Este irmanamento visava “à parceria cultural, artística, turística, educacional e de segurança pública entre os municípios” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2014). Na ocasião, discutiu-se, também, de forma mais objetiva pensando na área de educação, a respeito da qualificação dos professores do Centro de Línguas Estrangeiras (CELEST), administrado pela SEDEC.

Após esse momento de maio de 2014, o ex-secretário de educação de João Pessoa, Luiz Júnior, afirmou que no mês de agosto do mesmo ano, recebeu ligação da secretária do prefeito Luciano Cartaxo comunicando uma agenda com o Cônsul de Diplomacia Pública, Matt Keener, e o Especialista em Diplomacia Pública, Stuart Beechler, ambos agentes do Consulado-Geral dos EUA em Recife. Luiz Júnior afirmou que, nessa ocasião, representou o prefeito na audiência realizada na sala da direção da Estação Cabo Branco e “foram apresentadas as diretrizes gerais do Programa do Governo Americano intitulado “Especialista na Língua Inglesa” (English Language Specialist Program). No final da reunião, nova reunião foi agendada” (SOUSA JÚNIOR, p. 197, 2017).

Na entrevista, o ex-secretário, narrando a iniciativa da representação consular dos Estados Unidos da América afirmou também que:

[...] pareceu-me que eles quem pediram a audiência. Veja bem, ela não foi marcada para a Secretaria de Educação, ela foi marcada para o Prefeito, então, eu não tenho como ter certeza, porque se tivesse sido o Prefeito quem pedira a audiência, muito provavelmente o Prefeito estaria lá. Então, como eles vieram, deu-me a entender que eles quem tomaram a iniciativa. Bom, então eles disseram que o motivo era esse, relacionado à educação, e que os Estados Unidos já desenvolviam esse tipo de projeto [...] eles fizeram referência ao CELEST. Eles disseram que ficaram sabendo que nós criamos um Centro de Línguas e isso os interessou bastante. Então, o Centro de Línguas foi meio que um ponto de referência, essa foi a impressão que me deu. Estávamos com uma iniciativa, para eles, muito interessante, de difundir

o ensino da língua inglesa. E, então, eles queriam trabalhar junto dos professores. Eu disse que estava totalmente de acordo, me manifestei na hora e nem perguntei ao Prefeito [...]. Fiz, também, uma defesa, tanto do CELEST quanto dessa parceria. E então foi quando eles explicaram. Claro que eu perguntei sobre custos, da universidade norte-americana, que após veio a ser Georgetown, mas na época não me falaram qual era, não tinha ainda sido aprovado, a universidade tinha apenas comunicado que tinha o programa. Então, os Estados Unidos mandariam esse especialista, e nós aqui só entraríamos meio que com um apoio logístico.

O ex-secretário afirmou, em resumo, que os primeiros diálogos ocorreram no ano de 2012. Ele salientou também que à época o Brasil estava muito em alta no cenário internacional, com um destaque especial à Região Nordeste, a qual tinha passado por um desenvolvimento superior à média nacional. Para o entrevistado, os representantes dos Estados Unidos da América viram uma oportunidade na Paraíba e, especificamente, no Município de João Pessoa, principalmente, em um momento em que os investimentos no Nordeste estavam numa crescente.

Depois da reunião em que concretamente o Programa Especialista na Língua Inglesa foi apresentado, a nova reunião e contato entre os agentes de ambas as instituições aconteceu em 26 de novembro de 2014, novamente na Estação Cabo Branco e, desta vez, contou com a participação do secretário Luiz de Sousa Junior, do representante do Consulado dos Estados Unidos em Recife, Stuart Beechler, e do diretor de Gestão Curricular da SEDEC, Gilberto Cruz. A pauta da reunião girou em torno da vinda de um docente da Universidade Georgetown (EUA) para trabalhar com os professores de inglês da rede municipal de João Pessoa, utilizando novas metodologias e técnicas de ensino PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2014b).

Programou-se que ainda em dezembro de 2014 o projeto seria apresentado aos professores de Língua Inglesa da Rede Municipal de João Pessoa, e que o próximo passo seria a assinatura do acordo entre os atores, cuja previsão foi projetada para o primeiro trimestre de 2015 (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2014b). Em 10 de dezembro de 2014, a apresentação foi feita aos professores. Na ocasião, o secretário Luiz Júnior mencionou que o projeto representaria uma nova fase no ensino do inglês na Rede (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2014c).

Um ofício (Anexo II) foi enviado à SEDEC, pelo Consulado em Recife, assinado pelo cônsul Matt Keener, que informou sobre o envio da proposta (Anexo I) para o

Departamento de Estado dos EUA referente a um especialista em língua inglesa para o Município de João Pessoa. Ainda, ao passo em que o documento informa a necessidade de que o programa inicie no final de março de 2015, ressalta que o contato posterior por parte do Consulado seria para ter a contribuição da PMJP no processo de seleção do especialista a ser enviado para João Pessoa e para planejar os próximos passos da cooperação.

Na proposta inicial enviada ao Departamento de Estado dos EUA, pode-se observar o detalhamento das atividades previstas, os resultados esperados, a capacidade institucional do parceiro e a importância do projeto, além do plano de avaliação e monitoramento, conforme apresentado no Anexo I. A proposta falava sobre fortalecer o ensino da língua inglesa nas escolas públicas de João Pessoa. E um dos objetivos do programa seria o envio de um(a) especialista para realizar momentos de formação com os professores de inglês da Rede Municipal de Ensino para compartilhar e apresentar aos docentes técnicas e metodologias de ensino.

No referido ofício enviado pelo Consulado à PMJP, consta também que todos os recursos seriam disponibilizados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, através do Consulado Geral dos EUA em Recife. E que havia um contentamento por parte do Consulado nas perspectivas para ampliar a parceria entre os atores por meio do Programa de Especialista em Língua Inglesa.

Em posse de tais documentos e informações, em 31 de dezembro de 2014, foi enviado ao Consulado, via e-mail, o Ofício Nº 1.803/14-GS/SEDEC. Neste, como se vê no Anexo III, foi comunicado que a SEDEC tinha uma nova gestora titular, a professora Edilma Ferreira, até então secretária-adjunta da Secretaria. Na ocasião, foi manifestado por parte da SEDEC o interesse em dar continuidade à cooperação que estava se configurando. Nesse período, o convite para o autor para assumir a direção do CELEST havia acabado de ser realizado, bem como contribuir na operacionalização da cooperação com o Consulado visando à formação dos professores de inglês.

Em 23 de janeiro de 2015, foi enviado e-mail ao Consulado reiterando o envio do ofício do dia 31 de dezembro de 2014, tendo sido, no mesmo dia, obtida resposta do especialista Stuart Beechler, informando que realizaria viagem aos EUA para tratar da proposta e que a parceria estava em andamento. Em 09 de março de 2015, questionado sobre o andamento do projeto, Stuart mencionou, em e-mail datado de

16 de março de 2015, a dificuldade em selecionar os candidatos para iniciarem no mês de março, considerando que o período letivo nos EUA iria até o final de junho. Afirmou que o programa começaria em junho ou julho de 2015, solicitando uma reunião para discussão do assunto em 07 de abril de 2015, visando construir os planos referentes ao programa a ser desenvolvido.

Após a reunião de abril, já com o nome da especialista em língua inglesa confirmado, começou-se a se organizar a logística para a execução do projeto, incluindo detalhes sobre o período de permanência da especialista Diane Whaley, em João Pessoa, contemplando questões relativas aos vistos e local de residência, ao passo em que o memorando de entendimento da cooperação entre as partes, ainda não assinado, vinha sendo debatido e ajustado entre os atores institucionais para ser somente assinado em 8 de julho de 2015.

O Memorando de Entendimento entre as partes, como pode ser visto no Anexo III, aborda o “Programa de Especialista em Língua Inglesa” e visava aprimorar a capacidade de ensino da língua inglesa por meio da formação de professores em metodologia de ensino da língua inglesa. O período do acordo entrou em vigor, principalmente, após a chegada da especialista, Diane Whaley, em julho de 2015. A conclusão do programa respeitaria a finalização de todas as atividades previstas em um período de cinco meses. Na descrição do memorando também consta o objetivo do programa e o papel do Consulado, que seria viabilizar a vinda e permanência do especialista para executar o projeto durante o ano letivo de 2015. Enquanto que o papel da PMJP seria contribuir com os aportes institucionais e operacionais para viabilizar o programa. As atividades do especialista seriam visitar as escolas e realizar levantamento sobre as necessidades; a realização de oficinas de formação de professores e gestores em metodologias de ensino da língua inglesa; por fim, a elaboração de materiais metodológicos para uso dos professores.

Acompanhando o Memorando de Entendimento de 2015 (Anexo IV) estava o seu Documento de Suporte, como pode ser observado no Anexo V, em que consta a estrutura da cooperação e o papel das partes. Ao consulado caberia, antes da chegada da especialista, a revisão do currículo de candidatos e selecionar entre os candidatos o especialista junto com a SEDEC; cobrir os custos de viagens internacionais e outras dependências da especialista; fornecer as informações necessárias para o especialista quando estiver no Brasil; fornecer materiais e

recursos; manter um relacionamento estreito com a instituição anfitriã; divulgar o projeto de parceria, entre outros pontos. Ficou a cargo da PMJP, designar um colaborador para acompanhar a especialista; elaborar plano de trabalho a ser executado pela especialista; proporcionar a infraestrutura necessária para execução do projeto; zelar pela segurança e bem-estar da especialista; manter contato com o consulado sobre qualquer informação acerca do projeto; e divulgar o projeto enquanto parceria com o consulado.

Em 15 de abril de 2015, como consta no Anexo VI, foi enviado um ofício para o Consulado do Brasil nos Estados Unidos, em que é comunicada a parceria entre a PMJP e o Consulado Geral dos EUA e a presença de Diane Whaley como a especialista que estaria à frente do programa. Tal comunicação foi importante de ser realizada para que fosse viabilizado o visto brasileiro de trabalho para Diane Whaley. No mesmo dia também foi enviado um ofício para Diane Whaley (Anexo VII), em que é ressaltado o entusiasmo em recebê-la no município, dando-lhe as boas-vindas.

A PMJP também organizou um documento intitulado Notas Sobre a Montagem do Projeto Pedagógico (Anexo VIII), com o intuito de identificar os maiores desafios enfrentados pelos professores nas escolas e repassar essas informações para Diane Whaley. Entre os desafios estavam o número de alunos por turma, pois as escolas brasileiras possuem um grande número; a realidade desestimulante em aprender outro idioma; dificuldade em usar novas tecnologias e integrar no currículo as competências; e poucas aulas por turma para estabelecer uma proficiência ou competências linguísticas.

No dia 08 de julho de 2015, em evento realizado na Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes, em João Pessoa, com a presença dos gestores do Consulado dos Estados Unidos da América em Recife e da Prefeitura Municipal de João Pessoa, o acordo de cooperação foi firmado. Na oportunidade, foi ministrada a aula inaugural com a especialista Diane Whaley, selecionada para o programa (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2015a).

O especialista em diplomacia pública do Consulado, Stuart Beechler, considera que a oportunidade foi uma novidade desafiadora que, ao mesmo tempo, trouxe uma perspectiva muito animadora de ampliar o programa. Isto porque, tratando especificamente dos programas de língua inglesa, ele mencionou que o Consulado normalmente atua em conjunto com redes estaduais, fazendo parcerias através de

centros de línguas e de ações de formação de professores. Também relatou que o Consulado atua muito com o ensino superior – normalmente com universidades públicas – através de programas como o Idiomas Sem Fronteiras.

O especialista relatou que foi surpreendente o grau de compromisso e competência que os parceiros em João Pessoa demonstraram no que concerne a fazer diferença em termos de qualidade, de escala, e de longevidade. Afirmou que nas primeiras conversas a partir de 2012, houve alguns momentos de avanços e de recuos, caracterizando estas situações como momentos de “dois passos para a frente e um para trás”, devido às mudanças de gestores, de liderança, no nível da secretaria, mas que mesmo assim o diálogo nunca se perdeu.

Depois as aproximações tomaram uma velocidade maior após 2012, aliando a oportunidade com a disponibilidade de recursos, que acabaram sendo maiores do que tinham imaginado ou pleiteado: de \$100.000 (cem mil dólares) subiu para \$330.000 (trezentos e trinta mil dólares), chegando mais próximo a meio milhão de dólares, possibilitando um trabalho mais robusto e em um número maior de locais.

Corroborando com o relato do especialista Stuart Beechler, o Cônsul-Geral Richard Reiter alegou que a representação consular não insiste ou força o caminho para alguma conversa com governos, mas são os governos que frequentemente os procuram, como é o caso de João Pessoa, que conversou com a representação consular e questionou que tipo de recurso e parcerias poderiam ser desenvolvidas.

O Cônsul de Diplomacia Pública, Matt Keener, por sua vez, relatou que a visita de uma ex-colega à João Pessoa, Usha Pitts, em 2012 foi o primeiro contato para a cooperação, considerando que esta ex-colega teve reuniões com funcionários do governo local e o prefeito manifestou interesse em qualquer recurso para fortalecer o ensino da língua inglesa em João Pessoa. No momento, Usha Pitts participava do II Festival de Turismo e representava o Consulado.

Matt Keener afirmou que à época tinha acabado de chegar à cidade de Recife e já tinha verificado a eficácia de programas de bolsas e de especialistas no estado de Pernambuco para apoiar as metas estaduais de ensino da língua inglesa. Assim, enviou uma proposta ao Departamento de Estado dos Estados Unidos pedindo mais recursos para fazer mais programas desse tipo em todo o Nordeste, inclusive em João Pessoa. Relatou que o Departamento de Estado, com entusiasmo ao pedido, garantiu esses recursos, direcionando até um montante maior do que foi inicialmente solicitado.

Com essa autorização, iniciaram-se os preparativos para lançar programas de ensino de Língua Inglesa em outros lugares do Nordeste.

3.2.1 Formalização do Ato e Diálogo com o Governo Federal

A cooperação educacional entre os atores foi instrumentalizada sob a forma de Memorando de Entendimento (Anexo IV), firmado em 08 de julho de 2015 após confecção conjunta dos representantes do Consulado dos Estados Unidos da América em Recife e da Prefeitura Municipal de João Pessoa. No documento, constou a finalidade e o período de duração do acordo, descrição e objetivo do programa, hipóteses de rescisão e outros termos e condições.

Como atores do ME, constaram o Consulado e a PMJP, sendo a finalidade declarada neste documento “aprimorar a capacidade de ensino do idioma Inglês por meio da formação de professores em metodologia de ensino da língua inglesa, buscando o desenvolvimento de professores de escolas públicas no município de João Pessoa”.

O período de vigência do ME foi vinculado à conclusão da atividade proposta, considerando que a especialista chegaria em julho de 2015 e permaneceria em João Pessoa por 5 (cinco) meses. Quanto às obrigações de cada parte, o ME previa que caberia ao Consulado viabilizar a vinda e permanência da especialista em João Pessoa, ao passo que à Prefeitura caberia contribuir com os aportes operacionais e institucionais para viabilizar a realização do programa. Nas hipóteses de rescisão e demais termos e condições do ME, restou clara a natureza simples do documento, não havendo vinculação de quaisquer naturezas entre a PMJP e o Consulado, inclusive prevendo uma rescisão de forma facilitada caso qualquer condição torne a responsabilidade contínua do Projeto contrária aos melhores interesses mútuos.

Em 2016, um novo Memorando de Entendimento (Anexo IX) entre o Consulado e a PMJP foi assinado. Em relação ao memorando do ano anterior, o que foi feito no de 2016 foi uma atualização das ações planejadas tendo em vista a continuidade daquelas iniciadas em 2015. As atividades se iniciaram em março de 2016 e seguiram a proposta pedagógica atualizada para esse segundo ano de atividades, conforme pode ser visto no Anexo X. No que diz respeito à formalização do ato, Stuart Beechler, ao ser questionado sobre a chancela do governo federal para a realização da cooperação educacional, respondeu que os acordos federais são “guarda-chuva”, que

permitem a atuação e representação dos Estados Unidos no Brasil para viabilizar ações, de tal forma que entendem que a maneira de trabalhar é tentar não burocratizar mais do que precisa. Com isso, o especialista Stuart Beechler, reconhecendo que os acordos federais são amplos e permitem a atuação e representação do Governo dos Estados Unidos dentro do Brasil, relatou que não foi necessário ter o Governo Federal Brasileiro na tratativa em questão.

Nesse sentido de desburocratizar, Stuart Beechler afirmou que o foco da cooperação é no parceiro, sendo que o instrumento pelo qual a relação foi formalizada em João Pessoa foi elaborado de uma forma leve, em termos jurídicos, mesmo havendo deveres, responsabilidades e direitos de cada parceiro acordados, da mesma forma como foi feito pelo Consulado com outras organizações e instituições. O documento de 2016 foi assinado pela secretária da SEDEC, representando a PMJP, e pelo Consulado quem assinou foi o cônsul de diplomacia pública. É importante ressaltar que entre o Governo dos EUA e a Universidade de *Georgetown* havia um acordo paralelo, já que o contrato da especialista em língua inglesa era direto com essa universidade, cuja responsabilidade era de selecionar os especialistas para as missões referentes aos projetos envolvendo a língua inglesa mundo afora.

Por sua vez, falando sobre a formalização inicial da cooperação, o ex-secretário Luiz Sousa Júnior narrou que o Consulado entregou um documento, que posteriormente foi assinado pelo Prefeito e, em uma solenidade, o chefe do executivo municipal assinou um termo de cooperação simples. Luiz Júnior ressaltou que, à época, já não era mais o secretário.

Questionado sobre este ponto, Matt Keener afirmou que a cooperação ocorreu diretamente entre o Consulado, o governo dos Estados Unidos, e a cidade de João Pessoa. O entrevistado considerou que o procedimento se deu com requisição sua ao Departamento de Estado e ao governo dos Estados Unidos para a obtenção dos recursos. Quando obtivessem os recursos, passaria a ser sua a responsabilidade lidar com os parceiros que foram identificados para desenvolver os programas. No caso em investigação, Matt afirmou que foram discutidas as questões tão somente com o Município de João Pessoa e a Universidade Federal da Paraíba, esta que também contou com uma especialista em língua inglesa que atuou durante praticamente o mesmo período junto aos programas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) referentes à língua inglesa.

Narrou Matt Keener, ainda, que o Consulado é o representante dos Estados Unidos para o Nordeste do Brasil e que são responsáveis por todas as relações bilaterais dentro desse recorte espacial. Perguntado se existiria algum tipo de acordo que permitiria ao Consulado fazer este tipo de parceria com os municípios, o entrevistado respondeu que eles precisavam apenas da aprovação da Embaixada e de *Washington* para avançar, ressaltando que possuíam autoridade relativamente ampla para desenvolver esses tipos de parcerias locais nos níveis municipal e estadual.

Em entrevista com André Galvão e Wófsi Yuri, o analista de projetos e o coordenador de Cooperação Técnica recebida bilateral, respectivamente, e representantes da ABC, foi realizada a indagação sobre a possibilidade de relação direta entre o Consulado e o Município de João Pessoa. André Galvão respondeu que toda relação binacional tem um acordo básico de cooperação entre dois países, sendo amplo e contemplando todas as modalidades, as formas de atuação e responsabilidades.

Afirmou que a ABC tenta identificar e fortalecer o sistema nacional de cooperação e criar a possibilidade de difundir isso também para outros países. Narrou, ainda, que é muito difícil às vezes quando se estabelece uma relação direta, sem que isso seja comunicado à ABC, afirmando que os esforços de cooperação demandam um trabalho de fortalecimento que merece possuir a divulgação necessária.

Wófsi Yuri, por sua vez, afirmou que, quando se faz uma ação dessa diretamente, não seria necessariamente uma cooperação descentralizada. Na verdade, segundo ele, poderia se falar em instrumentos considerados como uma cooperação interinstitucional, em que há uma cooperação entre organizações, mas sem intermediação de governos. Este caminho, por conseguinte, seria escolhido, de certa forma, por ser mais simples, mais direto, com menos burocracia e de execução mais fácil.

Afirmou o entrevistado que:

A avaliação que se deve fazer é qual a perspectiva de consolidar esse processo, de ter uma base de conhecimento produzida a partir dessa experiência? Se for realmente um horizonte muito rápido para viabilizar alguns intercâmbios, e que com um ou dois anos se acaba, esse instrumento institucional também pode ser escolhido. Mesmo assim nós incentivamos que as ações ocorram por meio de uma negociação, de cooperação técnica, conduzida pela ABC, porque haverá a definição de um marco de

responsabilidade e compromissos mais permanentes e a própria visão e experiência da Agência em relação a construir a própria proposta corrobora no projeto e que, muitas vezes, os entes não observam, mas os técnicos e analistas conseguem prestar esse tipo de apoio e ajudar no desenvolvimento desse trabalho. Isso já é um ganho por si. Numa eventual situação de divergência, de demanda, aquele instrumento original que não permite nenhuma ação jurídica fica limitado. Já no arranjo formal, nós temos instrumentos que poderiam cobrir ou respaldar eventuais questões pelo lado do ente brasileiro.

Foi possível perceber, principalmente dos representantes da ABC, que estes não tinham conhecimento acerca da cooperação que foi operacionalizada e em desenvolvimento na cidade de João Pessoa. Nesse sentido, é possível verificar que estes entendem que tais ações teriam maior visibilidade e alcance se fossem comunicadas à esfera federal, além de assim receberem o suporte necessário para sua ampliação e longevidade maior. Vale ressaltar, também, que os acordos bilaterais básicos entre países são amplos e abrangem diferentes modalidades, permitindo, assim, ações cooperativas.

Também foi possível perceber nas falas de Leandro Cardoso, Coordenador de assuntos internacionais do MEC, e Paula Regina Ferreira, assistente de coordenação, que nunca tinham visto uma cooperação ou parceria nesse modelo, pois tratam mais de ações como o Programa Idioma Sem Fronteiras, uma outra forma de programa para capacitar alunos. Também possuem mais conhecimento de casos de intercâmbio, mas essa atuação do Consulado norte-americano é uma novidade para eles. Para Almerinda Carvalho, chefe da Divisão de Temas Educacionais do Itamaraty, também é uma novidade esse tipo de parceria, mas acredita que deve ser disseminada, pois é uma boa prática para os envolvidos, principalmente os alunos beneficiados com a parceria. Em síntese, percebemos como essa ação e cooperação entre a PMJP e o Consulado foi pioneira e apresentou uma parceria vista pelos agentes governamentais entrevistados como pioneira e relevante.

3.2.2 Percepções Sobre a Preparação Local

Quanto à preparação para a compreensão e operacionalização da cooperação, Richard Reiter salientou que os representantes do Consulado costumam se questionar a respeito do compromisso do parceiro local (Prefeitura, Secretaria de Educação, Governo do Estado). No caso de ser um forte parceiro, que precise da

representação consular ou de alguma assistência, esta é provida e há grande satisfação em auxiliar.

No documento *English Language Specialist Proposal* (Anexo I), na parte da capacidade institucional da Prefeitura Municipal de João Pessoa, menciona-se o comprometimento da cidade em investir na educação de língua inglesa, buscando melhorar o currículo e o ensino. Ressaltou-se, ainda, a criação do CELEST e o plano ambicioso da instituição em instruir professores, alunos da rede municipal e profissionais de serviços básicos da área do turismo. Também foi mencionado o interesse da SEDEC em obter os recursos online disponibilizados pelo RELO (*Regional English Language Office*).

Stuart Beechler, acerca da preparação da cidade de João Pessoa para receber uma cooperação como a firmada, mencionou que, na visão dele, a cidade estava “preparada, mas não estava pronta”. Relatou que havia visão, seriedade e um nível de criatividade para enxergar de que forma as contribuições poderiam estar potencializando os programas em andamento, além de perceber potencial para crescer e dar um salto qualitativo e quantitativo no que se refere à educação de língua inglesa.

Sobre essa mesma questão da preparação, o ex-secretário Luiz de Sousa Júnior mencionou que, encaixando-se dentro do projeto buscado pela gestão, segundo a sua percepção, se “segurou” à oportunidade, por entender que a proposta era exatamente o que precisavam. Em outro momento da entrevista, também apontou que a ocasião era de “saber aproveitar as oportunidades” e que “[...] o tempo da gestão, o tempo político, é muito curto. Ou então você decide tomar a decisão e ir em frente, para viabilizar, ou você não vai conseguir”.

Diane Whaley relatou que em visitas entre representantes de instituições, diálogos surgem e, com frequência, e, às vezes, por acaso, promessas e intenções também surgem. Estas, quando atingem os ouvidos certos de alguém que enxerga os benefícios e se propõe a fazer algo a respeito, como a cooperação educacional, algo bom pode acontecer. Relatou, ainda, que acredita ser essencial a combinação de vontade, habilidade e paixão.

Ainda, narrou que João Pessoa foi a melhor experiência que ela teve, considerando a dedicação clara ao objetivo de melhorar o ensino da língua inglesa, e percebeu que o interesse era muito sincero, não apenas uma declaração política.

Mencionou que percebeu uma abertura para a propositura de ideias e que as demandas solicitadas eram atendidas rapidamente, embora fosse ciente de que normalmente a burocracia poderia fazer as coisas demorarem um pouco. Afirmou, ao fim, que “houve vontade e capacidade para o fazer. Muitas vezes, há uma necessidade, mas não há vontade. Muitas vezes há necessidade e vontade, mas não capacidade. E, neste caso, tudo isso veio junto”.

Diane Whaley também realizou workshops, em que o objetivo era ajudar os professores a ensinarem de um modo que os estudantes pudessem desenvolver habilidades e se comunicarem na “vida real”. Desse modo, Diane Whaley ajudaria os docentes a compreender técnicas para motivar seus alunos, como pode ser visto no Anexo XI, que se trata da ementa do curso formativo. Sobre o trabalho de Diane Whaley, vale ressaltar também que ela durante todo o seu tempo em João Pessoa semanalmente fazia um breve relatório (*Highlights Form*) para os órgãos relacionados à sua atividade: Consulado, RELO e os escritórios do Departamento de Estado Americano e da Universidade de Georgetown responsáveis pelos programas de língua inglesa. Nesse documento, havia a descrição da atividade realizada junto aos professores municipais, como foi conduzida a atividade e o feedback final. No anexo XII, pode ser encontrado um desses relatórios semanais enviados. No documento, também havia uma descrição da importância daquela atividade e algumas situações de destaque, por exemplo falas dos professores. Outras informações colocadas no relatório eram: a quantidade de participantes, se havia fotos do evento/reunião, o custo da atividade e se teve colaboração com outra organização.

O especialista em diplomacia pública destacou a criatividade e compromisso do gestor principal, o próprio Prefeito, e pensando na Secretaria de Educação, destacou o gestor do Centro de Línguas e o Diretor da DGC. Afirmou que na base disso tudo está o professor. Nesse contexto, o papel do profissional do magistério em João Pessoa foi concebido “quase como uma fênix, um renascimento, uma luz no fim do túnel que estava ficando escuro, em termos de metodologia em termos de gestão de aula de inglês”.

Como um dos primeiros representantes da Prefeitura de João Pessoa a articular a cooperação em educação com o Consulado, o ex-secretário Luiz Sousa Júnior relatou que mesmo sabendo que não pretendia continuar à frente da pasta da educação, afirmou que, após as reuniões realizadas, deu andamento à cooperação,

reunindo os professores de inglês no Centro de Capacitação de Professores - CECAPRO - e dando a notícia sobre o projeto. Afirmou que, quando saiu da gestão da SEDEC, deixou tudo encaminhado com o Prefeito e com Edilma Ferreira, a sua Secretária Adjunta. Concluiu afirmando que não acompanhou o treinamento e a capacitação, mas que recebeu algumas informações positivas posteriormente.

Em 8 de agosto de 2016, foi enviado em nome do Prefeito de João Pessoa Luciano Cartaxo um ofício para José Mendonça Bezerra Filho, Ministro da Educação, em que eram informados os principais aspectos da cooperação entre a PMJP e o Consulado (Anexo XIII). O ofício também tinha os pontos importantes sobre essa parceria e quais as ações e resultados foram obtidos, além de abordar o interesse em renovar essa parceria em prol da educação da região. Em 2017, também foi feito um relatório para uma representante da Unesco, em que foi realizada a contextualização do projeto; explicada a participação da especialista Diane Whaley; as características do projeto e seus objetivos; e as conclusões sobre a experiência. Esse documento, conforme pode ser visto no Anexo XIV, foi uma forma de apresentar a cooperação entre esses dois atores e o que foi alcançado desde que teve início em 2015. Ambos os documentos foram enviados após solicitação e intermediação da Assessoria de Assuntos Internacionais do MEC, a qual havia recebido nossa visita para a condução de entrevistas e que aproveitou o ensejo para solicitar informações sobre a referida cooperação estabelecida em João Pessoa.

A cooperação entre esses dois atores foi um acordo inicial que, todavia, gerou uma série de produtos derivados. Em 2017, não houve mais memorandos de entendimento vigentes entre os atores da cooperação, porém o contato assíduo entre os atores não se findou, pelo contrário, houve uma série de reuniões e visitas entre os respectivos representantes institucionais, bem como o planejamento de futuras ações para 2018, como o lançamento da primeira escola municipal bilíngue da rede de ensino. Em 2018, João Pessoa recebeu uma nova especialista, a Júlia Hedges, durante uma semana, para realizar workshops junto aos professores da escola EMEF Bilíngue Dom José Maria Pires, inaugurada no início do mesmo ano. Júlia Hedges também teve a missão de identificar e relatar para o Consulado através de um relatório as principais necessidades dos professores da instituição. Vale ressaltar que Julia Hedges durante um mês de atividades esteve em diferentes estados do Nordeste, apresentando metodologias de ensino do inglês, aspectos da educação bilíngue, bem

como participando de eventos, como pode ser visto no Anexo XV, que trata do planejamento da atuação da especialista no Brasil.

Ao mesmo tempo, como pode ser observado no Anexo XVI, ofício 2.182/18-GS/SEDEC, a PMJP preparava-se para a vinda de uma nova profissional para todo o ano de 2019, a Chloe Bellows, também especializada em ensino de língua inglesa e educação bilíngue. Esta profissional ficaria responsável pela formação de professores da Rede de Ensino, assessoria à Escola Bilíngue e ao CELEST, e ficaria em João Pessoa por dez meses. A Chloe Bellows fazia parte do *English Language Fellow Program*, uma outra iniciativa do ECA, como se pode observar no Resumo da Proposta da Atuação da Chloe recebido pela PMJP (Anexo XVII). Desse modo, o envio de profissionais por parte dos EUA com foco na formação dos professores permaneceu frequente até 2019. Vale ressaltar que tanto para o recebimento da especialista Julia Hedges, bem como para a *Fellow* Chloe Bellows, não houve acordo previamente assinado entre os atores envolvidos. Comunicações via e-mail foram feitas sinalizando a continuidade dos Programas em João Pessoa e os encaminhamentos para a vinda das profissionais. No e-mail enviado por Stuart Beechler (Anexo XVIII) é possível verificar essa comunicação oficial endereçada à PMJP e à UFPB. A PMJP executou atividades semelhantes às previstas nos acordos iniciais, dando todo o suporte logístico e administrativo às profissionais.

No que concerne ao próximo capítulo, discutiremos os principais resultados desta cooperação, os aspectos positivos e as suas limitações. Desse modo, podemos compreender a realização desta cooperação descentralizada em educação e os seus frutos e desafios para os atores envolvidos.

4. OS RESULTADOS DO PROJETO DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA – PB

Education is the most powerful weapon you can use to change the world. (Nelson Mandela)

Este capítulo objetiva elucidar as principais ações da realização da cooperação educacional entre a PMJP e os EUA, por meio de seu Consulado-Geral em Recife. Para isso, primeiro, é abordado cada ano da parceria e quais as atividades desenvolvidas em cada um deles. Também, destacado os resultados e ações, pois houve as formações com a especialista, eventos, intercâmbio de profissionais para os EUA e a criação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue Dom José Maria Pires.

Expostos os principais momentos dessa cooperação, posteriormente é debatido aspectos positivos e as limitações ou desafios possíveis de inferir a partir dos fatos levantados. Para analisar essas ações foram utilizadas as entrevistas com alguns atores que estiveram, ou estão, diretamente envolvidos na cooperação e em seus frutos.

4.1 O INÍCIO DO PROJETO E AS AÇÕES DESENVOLVIDAS

A execução do projeto de Cooperação Educacional entre o Município de João Pessoa, capital da Paraíba, e o Consulado-Geral dos EUA em Recife teve início formal em 8 de julho de 2015. No entanto, as primeiras interações entre os atores aconteceram em 28 de setembro de 2012. No período, houve a aproximação entre o prefeito de João Pessoa da época, Luciano Agra, e a cônsul estadunidense Usha Pitts. Neste momento inicial, ocorre, de forma espontânea, uma conversa sobre as possibilidades de parceria para o turismo e para a área de educação.

Ao longo dos dois anos seguintes, foram registrados encontros entre os representantes consulares e os representantes da PMJP, fazendo com que somente em 2014, de forma mais clara, inicia-se a formatação da cooperação em educação entre esses atores visando à formação dos professores de inglês do município. O projeto firmado entre o Consulado Norte Americano e a Prefeitura de João Pessoa foi

tratado, pela primeira vez e sem detalhamento com os professores de língua inglesa da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, em dezembro de 2014, em tom de apresentação do que vinha se firmando entre os parceiros. O responsável por repassar as informações sobre a parceria, que vinha sendo planejada, foi Luiz de Sousa Junior, secretário da SEDEC, que estava de saída do cargo, mas que resolveu contextualizar os professores dos esforços que estavam sendo envidados em relação à sua formação continuada. A reunião aconteceu no Centro de Capacitação dos Professores (CECAPRO). Foi explicado que o objetivo da parceria seria a formação continuada dos professores de inglês da rede municipal e que o consulado disponibilizaria um docente da Universidade de Georgetown dos Estados Unidos para trabalhar técnicas e metodologias com os professores (JOÃO PESSOA, 2014).

Quase sete meses depois, no dia 08 de julho de 2015, depois de diversas outras interações entre os atores, principalmente via e-mail, houve o encontro inicial em uma aula inaugural entre os professores e a especialista em língua inglesa. Na mesma ocasião, o Memorando de Entendimento de 2015 (Anexo IV) foi assinado pelo prefeito Luciano Cartaxo e o Cônsul-Geral Richard Reiter. A especialista em língua inglesa escolhida para João Pessoa foi Diane Whaley, que chegou no dia 28 de junho de 2015 a São Paulo, onde passou por um período de planejamento com representantes do RELO. Após poucos dias em SP, viajou para Recife para outras reuniões no Consulado, chegando a João Pessoa somente no dia 4 de julho de 2015. A partir de 8 de julho, Diane Whaley se encontrou com cada grupo de professores quinzenalmente, o que totalizou em dez encontros, e ficou por 152 dias no Brasil em razão do projeto, retornando aos EUA em novembro de 2015.

É interessante notar que mesmo sem uma assinatura prévia de um documento a respeito do entendimento entre as duas instituições, as negociações, trocas de ofícios, reuniões entre os representantes de ambas as instituições, bem como outras demonstrações de interesse pela parceria já vinham sendo suficientes para garantir ações institucionais importantes para a viabilização da cooperação entre as duas instituições.

Dessa maneira, como um dos resultados desta cooperação descentralizada em educação, temos as formações em metodologia de ensino do inglês, que a especialista em língua inglesa Diane Whaley ministrou por cinco meses em João Pessoa no ano de 2015. Seu papel no projeto foi desenvolver profissionalmente os

professores municipais de inglês e sua atuação deu-se com quatro grupos. A capacitação para os professores de inglês da rede municipal aconteceu todas as quartas-feiras no CECAPRO. Durante esse período de capacitação, Diane Whaley também visitou professores em suas escolas, interagindo em sala de aula com os alunos e vendo a prática de ensino dos professores. Exemplos disso foram as visitas às aulas de inglês de alunos do 6º ano da Escola Municipal Darcy Ribeiro e da Escola Municipal Padre Pedro Serrão, com o objetivo de que saíssem da sala de aula convencional e fossem para uma sala focada no ensino da língua inglesa e na conversação (QUINTANS, 2015a).

A primeira capacitação aconteceu em 2015 no CECAPRO com a especialista. Eram previstos 160 professores para aprender novas técnicas de ensino de inglês, criação de materiais didáticos, desenvolvimento de currículo e avaliação de metodologias de ensino. O programa pensando nos gastos com a especialista em língua inglesa e com as atividades que ela viria a desenvolver foi custeado pelo Governo Americano, enquanto a PMJP realizou a recepção e acompanhamento dos trabalhos da especialista e assessorando no desenvolvimento das atividades (QUINTANS, 2015a). A PMJP custeou a parte logística em João Pessoa para a operacionalização do Programa, arcando com salários dos funcionários envolvidos, estrutura operacional, transporte para a especialista e outras despesas naturais corriqueiras referentes aos cursos de formação e visita a escolas.

Quadro V: Grupos e Datas dos encontros dos Professores com Diane Whaley

Grupos A e B	Grupos C e D
15/07	22/07
29/07	05/08
12/08	19/08
26/08	02/09

09/09	16/09
23/09	30/09
07/10	14/10
21/10	28/10
04/11	11/11
18/11	25/11

Fonte: Elaboração Própria.

Com o final do primeiro período de parceria em 2015, é anunciada a renovação da mesma para 2016. Com isso, a partir das entrevistas realizadas, matérias jornalísticas, documentos e relatórios analisados, bem como a experiência empírica no projeto, pode-se considerar que além das formações com os professores de inglês ao longo das duas atuações de Diane Whaley nos anos de 2015 e 2016, durante suas estadas em João Pessoa, consideradas resultados relevantes da cooperação estabelecida, foram também coordenadas por ela as seguintes ações: 1) a criação de laboratórios de inglês em nove escolas municipais; 2) a identificação de professores que precisavam de apoio em relação ao nível de comunicação em inglês e que precisaram ser alojados em cursos de língua no CELEST; 3) momentos de debates de professores para se analisar os livros didáticos que são escolhidos a cada quatro anos nas escolas; 4) visitas a aulas de professores de inglês nas suas respectivas escolas; 5) distribuição de materiais e jogos confeccionados pelo Departamento de Estado Americano; 6) aquisição de dezenas de livros e jogos para serem usados no CELEST e nos laboratórios de inglês criados; 7) organização e financiamento de eventos municipais para professores de inglês, como a I Conferência dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa (UFPB, 2017); 8) financiamento de visitas técnicas a projetos como o do CIEP 117 Carlos Drummond de Andrade Brasil Estados Unidos, que se trata de uma escola estadual bilíngue de

ensino médio em Nova Iguaçu no estado do Rio de Janeiro com forte caráter intercultural e que também contou com um especialista em língua inglesa atuando nela por três anos; 9) organização de acervo pedagógico digital para consulta e compartilhamento de materiais com os professores de inglês: joapessoapd.wordpress.com; 10) aproximação com instituições parceiras, como a UFPB (QUINTANS, 2018a).

Para uma educação de qualidade é preciso que haja esse investimento na qualificação dos professores, mas também das estruturas físicas das unidades de ensino, para que o ambiente também seja de qualidade. Desse modo, o objetivo do projeto seria aprimorar, capacitar e melhorar os métodos de todos os 160 professores de língua inglesa da rede municipal, para que esses pudessem transmitir o conteúdo para os alunos e ter um ambiente de aprendizagem que fosse ao mesmo tempo estimulante e focado no aluno e na conversação do idioma (QUINTANS, 2015b). Ainda em 2015, acontece a I Conferência dos Professores de inglês do município de João Pessoa, organizada pela PMJP e o Consulado. A conferência teve como protagonistas e organizadores os professores que participaram da formação com Diane Whaley, e teve como foco a discussão sobre a valorização do ensino e aprendizagem da língua inglesa no ambiente escolar. O evento também foi importante para a troca de experiência entre os docentes e para o debate sobre a relevância de atividades mais centradas no aluno e no incentivo da interação na sala de aula (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2015).

As ações iniciais geradas durante e pela aproximação da PMJP e Consulado mostraram-se alinhadas com as necessidades inerentes à Rede de Ensino no que se refere à área de inglês. Entende-se que essas ações foram dando mais força ao inglês, enquanto disciplina, junto à SEDEC culminando em outras parcerias e em investimentos maiores por parte da SEDEC. No final de 2016, nove salas de aula em nove escolas estavam voltadas exclusivamente para o ensino da língua inglesa, o que possibilitou aos alunos um ambiente mais apropriado e uma base comunicativa maior da segunda língua para esses alunos (QUINTANS, 2016).

Depois da renovação da parceria para o ano de 2016, Diane Whaley retornou ao Brasil para dar continuidade ao seu trabalho de 2015, de março de 2016 até agosto do mesmo ano, tendo atuado por um período de 150 dias. Após esses dois anos de atuação, e sem que houvesse uma renovação da parceria nos mesmos termos para

o ano de 2017, é possível verificar nos relatos e experiências dos atores envolvidos na pesquisa que a experiência inicial através de Diane Whaley foi considerada positiva por estar alinhada com os interesses institucionais de cada ator. No caso da PMJP, além de capacitar os professores do município com o auxílio de uma especialista em ensino do inglês dos EUA, também permitiu que aprendessem novas técnicas de ensino. Para Richard Reiter, João Pessoa foi a pioneira em receber esse tipo de parceria, pois a cidade demonstrou seu interesse em investir no ensino de línguas.

Em 2017, a UFPB, que havia se aproximado ainda mais da PMJP através do programa de extensão Espaços para a Formação do Professor de Língua Inglesa (EFOPLI), inclusive firmando parceria com a SEDEC, foi quem ministrou a formação dos professores municipais de inglês garantindo uma continuidade formativa em língua inglesa e voltada a metodologias de ensino do idioma (UFPB, 2018a). A então secretária de Educação e Cultura de João Pessoa, Edilma Ferreira, recebeu a coordenadora do projeto de extensão EFOPLI da UFPB, a professora Mariana Perez, para oficializar essa nova parceria. O objetivo do encontro foi assinar um memorando de cooperação na área de formação continuada para os professores de inglês da Rede Municipal de Ensino. A formação deu continuidade ao que já vinha sendo promovido pela PMJP com os professores de inglês com acesso à aprendizagem de novas práticas de ensino, novas metodologias e como fazer uso de tecnologias em sala de aula. A formação foi realizada de forma presencial, com uma parte na UFPB e outra no CELEST (UFPB, 2018b).

Ainda em 2017, acontece o 4º Encontro Paraibano de Professores de Inglês (IV EPPI) e a 2ª Conferência dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa nos dias 24 e 25 de novembro. Os eventos foram realizados pelo EFOPLI do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB em parceria com a PMJP. O EPPI tem como objetivo reunir professores de inglês que atuam em diferentes contextos e níveis de ensino na Paraíba para a troca de experiências sobre a prática de ensino (UFPB, 2017).

2017 também foi o ano do planejamento do projeto da escola bilíngue, projeto que já vinha sendo anunciado pelo prefeito Luciano Cartaxo desde 2016, durante a publicidade televisiva de sua campanha à reeleição, a qual nitidamente trazia o Consulado dos EUA como parceiro nesse futuro projeto, caso o prefeito viesse a ganhar. Com a vitória de Luciano Cartaxo, começaram-se os planejamentos e as

organizações para a execução do projeto, que viria em 2018 a se tornar a primeira escola pública bilíngue de inglês de ensino fundamental II de João Pessoa, a E.M.E.F Dom José Maria Pires. Desde sua gênese, a escola foi concebida com o apoio e sinalização do Consulado de futuras parcerias em prol da escola. Como mencionado anteriormente, o Consulado havia financiado a ida de educadores da PMJP para conhecer um projeto exitoso no Rio de Janeiro e que também havia sido concebido com a presença durante três anos de um profissional especializado no ensino da língua inglesa, proveniente do Programa *English Language Fellow Program* do Departamento de Estado dos EUA.

Ainda em 2017, o prefeito de João Pessoa resolveu inaugurar uma nova sede do CELEST. O investimento foi realizado na principal avenida comercial de João Pessoa, a Av. Epitácio Pessoa, e permitiu a ampliação de 50% (cinquenta) da capacidade de ensino de cinco idiomas para a população da capital, podendo comportar 3 (três) mil alunos no ambiente. Os cinco idiomas oferecidos no CELEST são Inglês, Espanhol, Alemão, Libras e Francês, com cursos de duração de até três anos. A entrega do novo prédio contou com a presença de Matt Keener, Cônsul de Diplomacia Pública do Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife, o que enfatizou a importância das relações entre o governo municipal e o consulado, já que esses investimentos também são importantes para fortalecer a capital e o ensino de línguas (AZEVEDO, 2017). O projeto do CELEST, ainda no mesmo ano, foi reconhecido e premiado internacionalmente pela *Educational Testing Service*, instituição fundada em 1947 e baseada em *Princeton, New Jersey*, respeitada internacionalmente por realizar a avaliação de proficiência em línguas no mundo e realizar o TOEFL. O reconhecimento foi por ser uma iniciativa exitosa no ensino de línguas em João Pessoa, o que junto com outras iniciativas pode também representar que o inglês estaria vivenciando uma fase de maior destaque na Rede de Ensino de João Pessoa (MORAES, 2017).

Além da parceria com o Consulado, em 2017 a equipe da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa recebeu a visita de *David Eshed*, diretor da *Time to Know*, empresa de Israel. A *Time to Know* oferece programas de educação à distância e durante o encontro foram discutidas três áreas do ensino na Capital, a formação continuada para professores, alunos do Educação de Jovens e Adultos, e os programas para alunos do Ensino Fundamental. Nesse aspecto, já era pensado na

época desenvolver novos projetos e parcerias focadas na educação e no ensino de João Pessoa com parceiros internacionais (OLIVEIRA, 2017).

Para a inauguração da E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires em 2017, a PMJP contou com a contribuição do Consulado em relação aos contatos necessários com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, que viabilizou os documentos pedagógicos e fundadores do CIEP 117 Carlos Drummond de Andrade Intercultural Brasil - Estados Unidos, tais documentos foram muito importantes para a organização do projeto de João Pessoa (OS GUEDES, 2018). A inauguração da escola, em 2018, contou com a presença das autoridades municipais e a presença do Cônsul-Geral e Cônsul de Diplomacia Pública à época, respectivamente, John Barret e Daniel Stewart. A Escola Bilíngue teve como base oferecer disciplinas, como matemática, história e geografia, em dois idiomas. Também permitiu aos alunos terem aulas voltadas para o aprendizado da língua estrangeira de forma mais focada nas atividades para seu desenvolvimento (OS GUEDES, 2018).

Em 2018, a PMJP também realizou o *TOEFL Primary*, teste internacional de língua inglesa. O teste foi aplicado para cerca de 4 mil alunos do oitavo ano da Rede Municipal de Educação e foi uma parceria da PMJP com a organização ETS. O teste foi uma forma de fazer um diagnóstico do ensino da língua inglesa e assim buscar potencializar o ensino nas escolas municipais, assim como traçar metas e objetivos para essa melhoria (QUINTANS, 2018b).

Com a E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires inaugurada, um momento inicial de ampliação dos conhecimentos dos docentes e gestores da escola foi articulado e organizado pelo Consulado através da visita à Associação Brasil América (ABA), em Recife, Pernambuco. Esse momento representou uma formação a mais para os profissionais da escola, pois a ABA promove a educação bilíngue em toda a região Nordeste do Brasil e realiza cursos de língua e intercâmbios, ou seja, foi uma oportunidade de entender como funciona esse espaço de educação e o foco na educação bilíngue (QUINTANS, 2018d).

A presença de representantes da Missão Diplomática dos EUA no Brasil em João Pessoa é entendida como bem assídua desde o início da cooperação, inclusive vale salientar que, do ponto de vista político, ainda no ano de 2015, o prefeito Luciano Cartaxo recebeu a visita da embaixadora dos EUA Liliana Ayalde que, durante almoço com o prefeito, anunciou a ampliação da parceria na área de educação (OLIVEIRA,

2015). Durante todos os outros anos, representantes do consulado se fizeram presentes em João Pessoa através de reuniões, visitas técnicas e participação em eventos. A partir de 2018, na escola bilíngue, o Consulado se manteve presente para acompanhar o progresso da escola e fomentar a formação dos professores da instituição. É importante ressaltar a vinda de outra especialista em língua inglesa neste ano, a Julia Hedges, que durante uma semana esteve na escola dando workshops para professores e diretores, assim como entendendo a prática pedagógica dos professores para gerar um relatório sobre as principais necessidades da escola (QUINTANS, 2018c).

Nesse mesmo período, o especialista em língua inglesa do Consulado, Stuart Beechler, conduziu uma palestra com os pais dos alunos matriculados na escola cujo tema era internacionalização da educação (QUINTANS, 2018c). Na ocasião, o especialista também explicou a missão dos EUA no Brasil na área de educação, a função do consulado, assim como falou sobre possibilidades futuras para os alunos da escola nos EUA. Em reunião em dezembro de 2018, Stuart Beechler anunciou à secretária da SEDEC, Edilma Ferreira, que sete professores da escola bilíngue iriam para os EUA no início de 2019 sendo totalmente custeados pelo Consulado, passando dois meses, janeiro e fevereiro, em uma universidade no estado do Arizona, se aprofundando nos estudos sobre bilinguismo.

Na mesma ocasião, Stuart informou que a partir de fevereiro de 2019 viria para João Pessoa uma especialista americana no ensino da língua inglesa, Chloe Bellows, que iria passar 10 meses focando na formação de professores da Rede Municipal (SECOMJP, 2019a). Além de se integrar na formação dos professores de inglês, Chloe Bellows também se dedicou às atividades e assessoramento pedagógico da escola bilíngue, formando professores, interagindo com os alunos e participando de todas as atividades da escola. Neste mesmo ano, também houve visitas por parte de representantes do consulado para entregar materiais didáticos que viessem a auxiliar nas aulas da escola aumentando assim a interatividade das mesmas (SECOMJP, 2019b). Em 2019, Edilma, ainda como secretária de Educação e Cultura, renovou a parceria com a UFPB, para a formação dos professores de língua inglesa da Rede Municipal de Ensino. A formação aconteceu de abril a junho de 2019 no CELEST. O curso também foi ministrado em parceria com Chloe Bellows (SECOM-JP, 2019), o que demonstra como havia trocas entre as três instituições.

Em 2019, além da presença constante de Chloe Bellows, os professores e alunos da Escola Municipal Bilíngue, receberam visitas de outros agentes consulares, como do Cônsul de Diplomacia Pública, Daniel Stewart, acompanhado do especialista em Diplomacia Pública, Stuart Beechler, que visitaram a escola para ter uma conversa com os professores que participaram de um intercâmbio no início do ano para o estado do Arizona, nos Estados Unidos. Ao final da visita, a unidade de ensino recebeu materiais didáticos para auxiliar nas aulas e na interatividade entre os alunos (SECOM-JP, 2019).

Ainda em 2019, PMJP, Consulado e UFPB, através do EFOPLI, se reuniram para planejar as ações dos próximos anos. A reunião contou com a presença do especialista em diplomacia pública Stuart Beechler, da diretora do CELEST, Mariana Fontenele, da diretora da Escola Municipal Bilíngue, Aline Paz, e da especialista em língua inglesa, Chloe Bellows, assim como com a coordenadora do EFOPLI, Mariana Perez. Com esse encontro, ficou em evidência o desejo desses atores em manter a parceria e realizarem novas ações nos anos seguintes (UFPB, 2019).

Em suma, a aproximação gerada entre todos os atores vinha se fortalecendo cada vez mais em prol da educação de língua inglesa no município de João Pessoa. No entanto, é preciso discutir a importância dessas realizações e quais os desafios ou limitações enfrentadas durante essa cooperação.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA E AS SUAS LIMITAÇÕES

Uma cooperação que se iniciou com o intuito de capacitação de professores, não ficou limitada a esse aspecto, pois os atores demonstraram interesse em criar possibilidades para os estudantes de João Pessoa e para os profissionais envolvidos com o ensino de idiomas. Entende-se que os resultados da cooperação foram além dos momentos formativos primeiramente imaginados, foram consideráveis as outras ações desenvolvidas, como a participação em eventos, intercâmbio, criação de salas para ensino do idioma, de uma escola, de lei municipal valorizando profissionais municipais bilíngues atuantes em projetos bilíngues.

Uma das primeiras ações que pode ser ressaltada são as formações que foram realizadas no município. Como abordado anteriormente, as formações tiveram a presença de especialistas em língua inglesa que compartilharam conhecimento e

metodologias para professores da rede municipal de João Pessoa. Os aspectos positivos dessas formações ficam em evidência nas falas dos entrevistados, alguns destes são professores municipais de inglês ou da escola bilíngue, que participaram das atividades ou tiveram uma nova experiência de ensino após a parceria entre o Consulado e a Prefeitura de João Pessoa. Primeiramente, a professora de inglês da Rede Municipal Laíze Rodrigues, ressalta que a experiência foi como um sonho, pois além dos professores terem a oportunidade de “ir para o exterior”, devido ao contato com uma profissional dos EUA em João Pessoa, um grande diferencial foi “abrir os olhos” para um novo método, um em que o foco não é só repassar conhecimento para os alunos, mas também ter a participação deles em sala de aula, junto com o professor.

A gente se sentiu, pelo menos eu me senti assim, abastecida, encorajada, capacitada, foi de verdade uma capacitação pra gente melhorar o que realmente importa que é o método ensino-aprendizagem e mais, né, ver o nosso aluno crescer. Eu até mudei a questão da minha mentalidade, com relação ao profissionalismo quando eu percebi que não era só chegar na minha sala de aula e dar aula né, era fazer aquele aluno avançar, era chegar mais perto, era ir de encontro e tudo isso foi o que essa parceria internacional nos proporcionou, trazendo professores assim altamente capacitados, treinamentos maravilhosos e que a gente colocava a mão na massa de verdade, né. (RODRIGUES, p.223, 2021).

Ainda em relação ao momento de formação, fruto da parceria, um outro entrevistado, o professor de inglês Fábio Ribeiro, destaca que foi bem positivo porque os professores sentiram mais motivação em relação ao idioma na Rede Municipal, também mais capacitados. Isso porque Diane Whaley apresentou uma estrutura diferente e muito além de ser uma nativa, também demonstrava conhecimento importante sobre aprendizagem e como repassar conhecimento para os alunos.

Outro ponto é que, tanto este entrevistado, quanto Laíze, tiveram contato com uma sala de aula feita exclusivamente para o ensino de inglês, utilizando os materiais fornecidos pelo Consulado, mas também as instruções. O intuito era “deixar as aulas mais comunicativas, fazer com que os alunos pudessem conversar mais em inglês, pudessem interagir em inglês também” (RIBEIRO, p.269, 2021).

Em entrevista, a ex-secretária da SEDEC, Edilma Ferreira, reforça que várias escolas da Rede Municipal criaram espaços, vivências, para as aulas de inglês. O que foi mais um ponto importante para João Pessoa se tornar um município referência no

Brasil ao fazer esse tipo de parceria com o Consulado. Também por causa da primeira escola do ensino fundamental bilíngue municipal, algo que permitiu ao município oferecer professores motivados, preparados e valorizados. Algo também destacado pela ex-secretária, é que os professores bilíngues da escola recebiam um diferencial no contracheque. Essa valorização foi aprovada pela Câmara Municipal de João Pessoa por meio da Lei Complementar Nº 122, de 04 de julho de 2019. (Anexo XIX).

Um outro ponto positivo em relação à parceria, é destacado na entrevista de Emerson Bezerra, professor de Ciências da escola bilíngue, que ressalta como a possibilidade de ter uma educação bilíngue no setor público é algo que chama muito a atenção. Também é destacada a possibilidade de viajar para os Estados Unidos com todos os custos financiados pelo Governo Americano. A relevância da parceria também é reforçada na entrevista de Harlanne Godoi, professora de inglês da Rede Municipal, que pontua que essa experiência colaborou para ampliar sua visão sobre a prática na sala de aula.

No que concerne à relevância desse tipo de cooperação para os alunos, Gilberto Cruz, o ex-diretor da DGC e ex-secretário da SEDEC, aborda que a escola bilíngue é importante para aprimorar o ensino de idioma na cidade e que além da parceria melhorar o desempenho de professores de inglês, também melhora o desempenho de professores de disciplinas curriculares que podem ensiná-las em dois idiomas, os alunos também se beneficiam.

A participação do Consulado do Governo Americano em um apoio como esse abre portas para futuramente esses alunos, que estão já nesse processo, visitar esses países, no caso aqui da parceria os Estados Unidos porque é importante sim, sem nenhum preconceito com as pessoas dos Estados Unidos. Eu tô falando de investimento, investimento na área que nós, todos os dias, batemos na mesma tecla. A educação é a única forma de você tirar as pessoas, muitas vezes, do mundo desconhecido (CRUZ, p.238, 2021).

Desse modo, os professores e profissionais entrevistados e que participaram das formações e eventos destacam que foi uma parceria exitosa por todo aprendizado gerado para professores e alunos. No entanto, é importante ressaltar que essa relevância vai muito além de aprender um idioma ou colocá-lo em prática, é, na verdade, uma parceria que investe na educação de uma região. Entende-se que esse

investimento pode ser notado na formação dos professores, na criação da escola bilíngue e de laboratórios de inglês. Esse tipo de cooperação também pode servir para abrir novos horizontes e a busca por novas parcerias ou melhorias para o que já está em andamento.

Em síntese, esses entrevistados, principalmente os professores da rede municipal, reforçaram como essa parceria, essas formações, participação em eventos e o foco específico no inglês, foram importantes para os motivarem, engajarem e abrirem suas visões sobre o ensino-aprendizagem em que não deveriam se limitar a apenas repassar um conteúdo, mas interagir com seus alunos. Essa experiência também foi importante, pois puderam ter mais contato com o idioma e aprenderem mais sobre bilinguismo.

No entanto, apesar dos aspectos positivos ressaltados pelos envolvidos, também é destacada a dificuldade em manter funcionando o que foi adquirido. Além da necessidade de se ter uma boa estrutura em escolas municipais e a manutenção delas, também é preciso que esses professores continuem sendo motivados e tenham seus conhecimentos aprimorados. Uma limitação, destacada nas entrevistas de Laíze e Fábio, é que apesar de, a princípio, conseguirem montar uma sala de aula exclusivamente para o ensino da língua inglesa e tentarem interagir melhor com os alunos, foi muito difícil manter a experiência com o passar do tempo. Laíze Rodrigues ressaltou que uma das limitações era a falta de apoio de outros atores da escola, no sentido de que seria preciso ajuda de outros profissionais, além do professor, para que o aluno consiga frequentar as aulas e manter bem seu desempenho, por exemplo, um acompanhamento de psicólogo. Ou seja, apesar da experiência considerada positiva da formação dos professores, a tentativa de operacionalizar por si só o que foi repassado pela especialista, com o passar do tempo, não foi suficiente para a continuidade de algumas ações, já que segundo os entrevistados é necessário toda uma estrutura e equipe para que esse ensino se dê com qualidade, pois como esses professores estão lidando com alunos que possuem maneiras de aprender divergentes, ou dilemas pessoais que podem mudar também sua conduta na escola, é preciso muito mais do que a sala de aula pode proporcionar.

Ao serem perguntados acerca da continuidade da parceria entre o Consulado e João Pessoa, ou a possibilidade de novas parcerias, houve apenas a incerteza por parte deles, pois após a pandemia e mudança de gestão municipal ainda não sabem

como vai ficar. A doença da COVID-19 foi declarada pandemia em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). É uma infecção respiratória provocada pelo vírus Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) que foi identificada em dezembro de 2019 após um surto na cidade de Wuhan. A doença se propagou devido à alta taxa de transmissão do vírus e teve alcance em nível mundial. Devido ao avanço da contaminação da doença, várias autoridades governamentais adotaram medidas com intenção de reduzir o ritmo da contaminação, entre elas a recomendação de isolamento social, pois a COVID-19 é transmitida de pessoa para pessoa, por meio de gotículas de saliva, tosse, contato ou até mesmo em objetos contaminados (PEREIRA et al, 2020).

Para os anos de 2020 e 2021, segundo as entrevistas colhidas, havia também a programação de recebimento de visitas de professores americanos que iriam contribuir com a prática pedagógica da escola (UFPB, 2019). O relato da diretora da escola bilíngue, Aline Paz, é que esses profissionais chegaram a vir para o Brasil, porém retornaram aos EUA devido à pandemia que se instalou no mundo. Dessa maneira, as atividades foram interrompidas, e a presença do Consulado no que se refere à escola se fez pensando mais na oferta de cursos e seminários online. Nas entrevistas com os professores, também ressaltam essa mudança para formação no modo remoto, só que com temas mais amplos. Os entrevistados ressaltam como é um desafio essa mudança de migrar das formações presenciais para as atuais, no modo remoto, e como era muito bom ter a presença de especialistas dos EUA acompanhando cada atividade deles durante um período. A UFPB, uma das parceiras que continuou realizando as formações após as especialistas dos EUA começarem, permaneceu na função até 2020, mas também precisou frear seu planejamento devido à pandemia.

Ainda não há ações planejadas para os próximos anos com o consulado dada a falta de verba específica, segundo a diretora da escola bilíngue, principalmente, porque ainda se mantém a pandemia, mas que o contato com os agentes consulares é constante. O consulado e o RELO no Brasil estão sempre encaminhando materiais digitais para os professores da escola, assim como solicitando que a experiência da escola iniciada em João Pessoa seja compartilhada com outros governos Brasil afora que estão planejando projetos de escolas bilíngues. Segundo a diretora da escola, essa prática faz parte da “via de mão dupla” existente no que se refere à bilateralidade

de uma parceria como a existente entre os dois governos. A realização de um projeto como o da escola bilíngue, segundo a diretora, parece despertar muito interesse junto a outros governos e isso aparentemente faz com que esses governos busquem também uma aproximação da missão diplomática dos EUA no Brasil.

É importante destacar esses aspectos sobre a continuidade do projeto e quais as ações planejadas para o futuro, pois João Pessoa teve uma mudança de gestão e seu atual prefeito é Cícero Lucena. Junqueira e Araújo (2021) debatem como as relações internacionais de atores subnacionais geralmente estão diretamente ligadas às metas de seu gestor, seja ele governador ou o prefeito. Isso porque ao se ter uma ausência de mecanismos formais, departamentos, secretarias, que possam regular as ações e projetos internacionais, geralmente o modelo adotado pela cidade e seus objetivos podem ficar atrelados a liderança do momento (JUNQUEIRA; ARAÚJO, 2021). Como foi recente a mudança de gestão, e a pandemia também provocou mudanças nas relações entre esses parceiros, foi importante tentar compreender o andamento da cooperação recentemente.

No que concerne a futuras parcerias, os entrevistados não souberam repassar esse tipo de informação. E sobre um setor responsável por captar parcerias com organismos internacionais ou acompanhar essas parcerias e oportunidades, não há um na Secretaria de Educação ou na Prefeitura que seja específico para Relações Internacionais. Contudo, na entrevista com Gilberto Cruz, fica em evidência que a Diretoria de Gestão Curricular era a responsável pelos convênios e parcerias da SEDEC, porém estas eram principalmente com atores nacionais e locais.

Um outro aspecto da estrutura da SEDEC a ser considerado em relação à área de inglês, tanto sinalizado por professores entrevistados como se compreende pela experiência empírica adquirida, é o da histórica não existência de setor específico para fazer o desenvolvimento focado da disciplina de inglês na Rede de Ensino, acompanhando professores e promovendo ações voltadas a eles. Pelo que se entende, com a chegada da primeira especialista em língua inglesa, Diane Whaley, passou-se a ter uma pessoa pedagogicamente instruída para estar com os professores, apresentar-lhes metodologias de ensino, fazer discussões importantes para a prática do docente de língua estrangeira e escutá-los de forma geral, pensando nas suas maiores demandas e desafios (QUINTANS, 2015c). Entende-se que a presença das especialistas em língua inglesa em 2015, 2016, 2018 e 2019, preencheu

uma lacuna existente em relação ao apoio aos professores de inglês, que começou a ser suprida por esses agentes norte-americanos em 2015, mas também pela UFPB a partir de 2017, através do EFOPLI.

O autor da pesquisa, por estar à frente do CELEST entre janeiro de 2015 e janeiro 2019, e ter tido a tarefa de coordenar administrativamente e acompanhar as atividades da formação dos professores, acredita que os professores do município se aproximaram do CELEST encontrando no projeto uma referência para a área de inglês, levando, inclusive, para a instituição, demandas e discussões sobre a realidade deles nas escolas e da sua formação continuada. Porém, mesmo com essa espontaneidade por parte dos professores, entende-se que esse é outro ponto que colabora com a compreensão de que não existia na SEDEC setor específico para o acompanhamento da situação e práticas dos docentes de língua inglesa. O CELEST enquanto projeto de cursos livres volta-se a oferta de cursos gratuitos de idiomas a alunos da rede municipal, servidores da PMJP, profissionais do trade turístico de João Pessoa e sociedade em geral e não dispunha de estrutura ou profissionais especializados e pedagogicamente experientes para tratar das demandas referentes ao inglês de todas as escolas da Rede Municipal de Ensino, até porque o CELEST não fazia o acompanhamento do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, nem tinha poder administrativo de ingerência para tal, por ser, simplesmente um curso livre de idiomas, de acordo com o Conselho Municipal de Educação de João Pessoa.

O exemplo da cidade de João Pessoa, no que se refere à potencialização da área de inglês, vem se refletindo em outras localidades. Isso é o que nos relata a diretora da escola bilíngue, Aline Paz, que sinalizou que vem contextualizando outros governos a respeito do que aconteceu em João Pessoa. Tendo o Governo dos EUA como referência de parceiro nesse projeto, é interessante observar que o investimento financeiro inicial do Consulado vem gerando resultados não somente na capital paraibana, mas também em outras localidades do país, mostrando a outros gestores que é possível fazer uma escola bilíngue de inglês de Ensino Fundamental II na esfera pública.

Segundo a diretora da escola, são muitos os outros governos que vêm a contactando para compreender como executar um projeto como o da escola bilíngue de João Pessoa. Esses contatos se dão na sua maioria por intermédio do RELO no Brasil que cede e-mails e telefones dos representantes de João Pessoa para que

possam atender outros representantes de governos. Acredita-se que esse tipo de cooperação, quando realizado, consegue ser um atrativo, trazendo uma visibilidade política e administrativa para os governos envolvidos, justamente porque, no caso específico, o tema bilinguismo vem atraindo muito a atenção de governantes por ser um tema bem aceito pela sociedade e mídia. Dados da Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (Abebi) apontam um aumento entre 6% e 10% no segmento de escolas bilíngues do país nos últimos cinco anos (FILIZOLA, 2019). Esse crescimento do interesse em bilinguismo, ao que parece, fortalece a Missão dos EUA no Brasil, que sabidamente busca a potencialização do inglês e de sua cultura no mundo.

O financiamento e o convite por parte do Consulado para que representantes da Prefeitura possam estar presentes nos mais diversos eventos de educação compartilhando as suas experiências nos parece ser também uma forma de divulgação muito eficaz das ações norte-americanas realizadas no Brasil. O autor mesmo teve a oportunidade de participar de eventos organizados pelo próprio consulado, como por exemplo o evento Internacionalização do Ensino Público no Nordeste Brasileiro, em que vários gestores do Nordeste foram reunidos pelo Consulado para compartilhar suas experiências profissionais entre si. Também houve o financiamento para a participação em eventos como o *BrazTesol*, EPPIs, Conferências dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa, entre outros.

Vale salientar que o projeto da cooperação com o consulado foi apresentado durante a pesquisa de campo em Brasília a gestores de órgãos federais (QUINTANS, 2016). Ao MEC, à sua Assessoria de Assuntos Internacionais, foi encaminhado um ofício (Anexo XIII) assinado pelo prefeito de João Pessoa com uma espécie de relatório, depois de uma solicitação dos gestores da Assessoria de Assuntos Internacionais, no sentido de mostrar a eles como uma cooperação educacional com o Governo dos EUA estava sendo executada e aparentemente trazendo frutos para João Pessoa. Tempos depois, uma representante da UNESCO-Brasil, que estava fazendo um levantamento de ações de cooperação educacional de outros governos no Brasil, ao ter tido uma reunião no MEC, tomou ciência da experiência de João Pessoa com o Governo dos EUA e solicitou também à PMJP um breve relatório (Anexo XIV).

Acredita-se que uma cooperação na educação como a da pesquisa se mostrou relevante e positiva para os agentes locais pelos avanços práticos que conseguiu

proporcionar na educação local, principalmente, por haver uma necessidade de maiores investimentos na área de inglês, considerando a formação de professores de inglês e projetos que pudessem intensificar os estudos dessa língua. Entretanto, ainda é preciso que os desafios e limitações sejam entendidos, para que assim esse tipo de experiência seja mais bem compreendido e possa se desenvolver de forma mais assertiva, considerando recursos humanos e administrativos essenciais para a intensificação da qualidade das ações desenvolvidas. Esse tipo de parceria entre os atores também demonstra como uma Cooperação Descentralizada acontece entre um ator subnacional e um ente que está ligado a um ator internacional que custeia e averigua esse tipo de ação. Em relação à PMJP, é importante ressaltar que a falta de setor específico voltado ao acompanhamento de ações internacionais, ou de setor voltado ao ensino metodológico de língua inglesa nas escolas regulares, fez com que a execução de muitas tarefas se concentrasse no CELEST, o qual, como mencionado, dispunha de uma estrutura administrativa de escola de cursos de idiomas, com quase 3 mil alunos. Outras ações de cunho internacional estiveram também entre 2015 e 2018 relacionadas com o CELEST, principalmente na direção, que precisava fazer viagens internacionais acompanhando autoridades municipais, participar de reuniões locais de teor internacional como as do projeto entre PMJP e Unesco intitulado Cidade Criativas, ou como as do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), participação na organização dos Festivais Internacionais de Música Clássica, recepção de autoridades diplomáticas, traduções de documentos, entre outras atividades que mantêm uma relação com o campo internacional.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa partiu da problemática de ‘como se deu e quais os resultados da cooperação internacional em educação entre o município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos EUA em Recife?’. A partir da análise de documentos oficiais, e-mails institucionais, entrevistas, matérias jornalísticas, literatura e experiência empírica, conclui-se que o caso da Cooperação Internacional Descentralizada em Educação entre a PMJP e o Consulado foi pioneiro no Nordeste do Brasil, ao se considerar as práticas de cooperação por parte do Consulado-Geral dos EUA em Recife, que vinha normalmente cooperando na área de educação com governos estaduais e universidades. Para a PMJP também foi a primeira vez em que foi realizada uma cooperação com uma unidade consular de um governo estrangeiro. Além disso, segundo as informações levantadas e replicadas pelos agentes consulares, também foi a primeira vez em que um município brasileiro e um representante da missão diplomática dos EUA no Brasil cooperaram formalmente na área de educação considerando o *English Language Specialist Program*. Essa cooperação é identificada por descentralizada porque foi a relação direta entre um ator brasileiro subnacional, a PMJP, com um órgão consular representante de um ator internacional, os EUA.

O primeiro objetivo específico da pesquisa foi compreender, de forma ampla, a cooperação internacional e as modalidades descentralizada e educacional, entendendo onde se situa o debate, quais as características do fenômeno e os tipos de ações desenvolvidas. Ao investigar esse processo, compreendemos que a descentralização é uma das estratégias que podem ser utilizadas por atores locais para conseguir garantir benefícios para si através do desenvolvimento de ações conjuntas com atores governamentais de outro país.

A cooperação internacional descentralizada, como pontua Banzatto e Prado (2014), envolve atores subnacionais de algum estado nacional que buscam conexões internacionais que possam contribuir para resolver seus problemas cotidianos. Esse tipo de cooperação além de buscar suprir necessidades dos atores envolvidos, normalmente se realiza através da mobilização de diversos agentes locais. No caso de João Pessoa, considerando as necessidades de ambos os atores envolvidos em relação à área de inglês, entende-se que a cooperação é descentralizada por ser a

PMJP o ator subnacional que firmou uma cooperação com um ator internacional, o Consulado-Geral dos EUA em Recife, representante oficial dos interesses e objetivos dos Estados Unidos.

Nganje (2015) destaca que na CD existe a colaboração de todas as partes envolvidas e não seria apenas uma transferência de recursos. Pensando nisso, conclui-se que a cooperação pesquisada se trata de cooperação descentralizada justamente porque houve a colaboração entre ambos os atores durante todas as ações executadas a fim de que os melhores interesses dos governos envolvidos fossem assegurados. Exemplos disso foram os financiamentos de profissionais, investimentos em materiais, eventos, intercâmbios, visitas técnicas, realização de aportes administrativos, entre outras iniciativas, o que fez com que ambos os atores participassem e contribuíssem ativamente na cooperação, se envolvendo de acordo com suas possibilidades e em proporções diferentes a depender da ação em curso.

Dessa maneira, a realização de cooperação com outros atores é uma ferramenta que tem sido buscada por atores locais para que possam suprir alguma(s) demanda(s) em algum setor específico de sua região. No caso da parceria entre João Pessoa e o Consulado dos EUA, o foco da cooperação foi bem específico na área da educação de língua inglesa. A área da educação, em relação à cooperação internacional, desde muito tempo vem sendo uma das áreas importantes no Brasil, pois o país realiza cooperação técnica e Sul-Sul com países em desenvolvimento, com foco em troca de experiências e em desenvolver projetos em conjunto. De forma local, é conhecimento comum que há em todas as unidades federativas do país necessidades referentes à educação e ao se pensar na educação de língua inglesa, há uma carência histórica e sistemática na formação de professores e alunos, o que implica em necessidades relevantes por investimentos na área.

Como segundo objetivo da pesquisa, buscamos identificar os processos de estabelecimento da cooperação internacional descentralizada em educação estabelecida entre o Município de João Pessoa e o Consulado-Geral dos EUA em Recife: as origens, os atores envolvidos e o processo de negociação. Pensando nisso, concluímos que as primeiras aproximações de 2012, através do prefeito Luciano Agra, foram fundamentais para que o Consulado pudesse acreditar que João Pessoa era uma cidade promissora em termos de cooperação. Vale lembrar que Luciano Agra lançou o Plano Diretor de Turismo de João Pessoa com a presença da cônsul Usha

Pitts em 29 de setembro de 2012. A partir de 2013, na gestão do Prefeito Luciano Cartaxo, os contatos foram se intensificando ao longo de dois anos, até que em 2014 houvesse uma proposta por parte do Consulado do que poderia ser feito em João Pessoa na área de inglês, o que veio a se concretizar através de formação para os professores de inglês em 2015, dando seguimento também a uma série de ações levantadas e mencionadas nesta pesquisa.

A iniciativa também proporcionou uma maior sintonia entre os atores engajados na parceria, pois permitiu que fosse possível 1) trocar informações e aprimorar seu conhecimento a respeito da realidade do inglês na escola pública de João Pessoa; 2) discutir erros e acertos da parceria a fim de desenvolver e programar melhor futuras ações; 3) criar laços mais fortes entre si, gerando em alguma medida continuidade nas ações e no vínculo estabelecido. Neste último ponto, conclui-se inclusive que esses laços de confiança criados afastaram em alguma medida a tão natural formalização documental dos atos da administração pública em parcerias, principalmente, quando envolvidos entes governamentais distintos, já que pelo que se levantou inexistia acordo formal assinado entre os atores versando sobre outras ações cooperativas desde 2017, tendo os e-mails entre os atores sido suficientes para a consolidação de novos investimentos e outras ações importantes. No caso da CD, sabe-se que há muitos entendimentos informais que podem implicar em alguma limitação e incentivar a “tendência da descontinuidade, dispersão de objetivos e a dependência das opções dos governantes” (LESSA, 2002 apud VIGEVANI, PRADO, 2010).

O terceiro objetivo da dissertação foi o de verificar os resultados da cooperação estabelecida. De modo geral, a partir dos relatos obtidos, matérias jornalísticas colhidas, e-mails analisados e documentações da formalização da cooperação, a parceria garantiu a presença de especialistas em língua inglesa que em João Pessoa garantiram a formação de dezenas de educadores, em média 160 professores de inglês e 21 professores da E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires. Todos não só tiveram o contato com especialistas nativos dos EUA, mas também trocaram experiências entre si e com outros parceiros locais, tendo assim acesso a outras situações proporcionadas, de alguma maneira, a partir do movimento gerado pela cooperação entre a PMJP e o Consulado, porém não previstas nos memorandos de entendimento firmados.

Exemplos dessas situações não previstas inicialmente que se destacaram foram: 1) a aproximação com a UFPB, através do EFOPLI, garantindo a continuidade, entre 2017 e 2020, da formação continuada dos professores municipais; 2) formação metodológica em bilinguismo nos EUA de oito educadores da E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires; 3) financiamento para a organização e participação em eventos e em visitas técnicas, por exemplo: financiamento parcial das Conferências dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa, financiamento total de visita ao Projeto Dupla Escola no estado do Rio de Janeiro, de visita à Associação Brasil-América (ABA) em Recife, de participação no BrazTesol em Brasília, no Seminário de Internacionalização do Ensino Público no Nordeste Brasileiro, entre outras ações; 4) financiamento e doação de materiais bilíngues para o CELEST e a E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires.

Como outro resultado relevante, temos a inauguração da E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires⁴ em 2018, que pelos registros da época, foi a primeira escola da categoria na esfera pública brasileira voltada ao ensino de inglês no Ensino Fundamental II. A escola foi amplamente divulgada e concebida como uma parceria entre a PMJP e o Consulado-Geral dos Estados Unidos em Recife, inclusive na campanha eleitoral de reeleição do Prefeito Luciano Cartaxo em 2016. É importante ressaltar que os profissionais atuantes no ensino nesta escola não foram trazidos de fora da estrutura da Rede Municipal de Ensino; todos eram professores concursados e bilíngues da rede municipal que após avaliação linguística e metodológica foram considerados aptos a ensinar suas disciplinas em dois idiomas, sendo, inclusive, remunerados para isso, por força da Lei Complementar Nº 122, de 04 de julho de 2019 (Anexo XIX), criada em razão deste projeto.

Dessa maneira, conclui-se que a E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires se tornou resultado da parceria devido ao relevante incentivo e ao financiamento de visita técnica por parte do Consulado, que levou representantes da PMJP, da UFPB e do Governo do Estado da PB para Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, para conhecer o CIEP

⁴ A E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires segue o modelo cultural padrão de escolas norte-americanas em que há pelo menos uma sala de aula para cada disciplina curricular do Ensino Fundamental II. Os alunos têm de interagir com dois idiomas de forma constante, em tempo integral, contando também com um curso específico de inglês três vezes na semana, além das interações diárias em inglês e português nas disciplinas curriculares regulares. Espera-se ainda que, em um ciclo de quatro anos de estudo, os alunos deixem a escola com habilidades bilíngues e aptos a fazer um real uso do inglês, tanto quanto do português. (grifos nossos)

117 Carlos Drummond de Andrade Intercultural Brasil - Estados Unidos, um projeto de escola bilíngue de Ensino Médio realizado através de uma parceria entre o Governo dos EUA e o Governo Estadual do RJ. O Consulado participou da idealização da escola com a PMJP, assim como mediou documentos junto à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro a respeito da fundação e do funcionamento da escola bilíngue fluminense.

Nesse sentido, considera-se que a cooperação entre PMJP e Consulado trouxe resultados importantes para ambos, uma vez que o ente externo contribuiu para complementar e suprir necessidades e interesses do ente local, previstos ou que foram surgindo ao longo das interações estabelecidas. Entende-se também que a disponibilidade para cooperar da PMJP, assim como sua abertura para as novas ideias apresentadas pelo Consulado, contribuíram de forma clara com os interesses da política externa estadunidense no que se refere à potencialização da língua inglesa e da cultura norte-americana em países aliados, promovendo, assim, uma maior sintonia com os Estados Unidos.

Um último objetivo importante nesta pesquisa foi analisar a continuidade da parceria e as ações desenvolvidas recentemente, bem como as nuances e limitações do tipo de cooperação estabelecida. Junqueira e Araújo (2021) debatem como as relações internacionais de atores subnacionais geralmente estão diretamente ligadas às metas de seu gestor, seja ele governador ou o prefeito. Isso porque ao se ter uma ausência de mecanismos formais, departamentos, secretarias, que possam regular as ações e projetos internacionais, geralmente o modelo adotado pela cidade e seus objetivos podem ficar atrelados à liderança do momento (JUNQUEIRA; ARAÚJO, 2021). Como foi recente a mudança de gestão, e a pandemia da COVID19 também provocou mudanças nas relações entre esses parceiros, foi importante tentar compreender o andamento da cooperação recentemente.

“Apadrinhamento” foi a palavra que a diretora da E.M.E.F Bilíngue Dom José Maria Pires usou para definir os contatos em janeiro de 2022 existentes entre a PMJP, através da escola bilíngue, e o Consulado. Ela acrescentou que ultimamente esses contatos são solicitações por parte dos representantes da Missão Diplomática dos EUA no Brasil, em especial o RELO, para que a experiência de João Pessoa em relação à escola bilíngue seja compartilhada tecnicamente com outros governos interessados em replicar o projeto. Dessa maneira, conclui-se que até janeiro de 2022,

havia um canal de contato entre a PMJP e o Consulado, através da diretora Aline Paz, porém, sem memorando de entendimento assinado ou planejamento de ações conjuntas mais concretas nos moldes dos anos anteriores. As interações online com os professores da escola se mantinham pensando no compartilhamento de oportunidades de palestras e cursos online organizados pelos EUA para educadores que lidam com a língua inglesa.

Vale também ressaltar que nos últimos anos, 2020 e 2021, não houve presença em João Pessoa de especialistas em língua inglesa, dada a pandemia instalada, porém havia programação para tal em 2020, restando assim um contato mais online através de cursos e seminários oferecidos pelo RELO. Conclui-se, então, que os atores mesmo na adversidade da pandemia e com a mudança de gestor municipal mantiveram-se com alguma ligação, principalmente, em razão da escola E.M.E.F Dom José Maria Pires, onde não houve alterações na gestão. Vale salientar que com a mudança de gestor municipal, sendo Cícero Lucena o atual prefeito, ainda não houve aproximação que tenha sido noticiada entre ele e os representantes dos EUA, contudo, segundo a Aline Paz, que atualmente vem sendo a única profissional da PMJP que mantém os laços com o Consulado, há sensibilidade por parte da gestão atual em relação ao parceiro consular. No momento, a direção da escola bilíngue, bem como professores entrevistados, não sabe de forma concreta sobre ações futuras planejadas ou em negociação com os EUA ou com outros governos ou instituições no âmbito internacional.

Considerando algumas limitações observadas no caso, é importante considerar a situação do trabalho dos professores de inglês nas escolas e em sua formação continuada. Entende-se que havia a necessidade de um maior e mais específico apoio considerando as demandas inerentes a essas atividades. Na SEDEC, inexistiam até 2015 departamento e/ou profissional específico voltado para as demandas e necessidades dos profissionais de língua inglesa das escolas municipais. Mais precisamente, na DGC ou CECAPRO, não havia especificidade nas ações voltadas aos professores de inglês, proporcionando apoio pedagógico, vivências e formações que se voltassem à prática do professor de língua estrangeira/inglesa (QUINTANS, 2015d). Na SEDEC, nos setores citados, entende-se que os trabalhos eram mais pedagogicamente generalistas e administrativos, sem foco na disciplina de inglês, seja em projetos nas escolas, apoio pedagógico ou na formação continuada, inclusive, com

relatos de que esses profissionais eram normalmente incluídos em formações e ações específicas de outras disciplinas, como a de português.

Vale ressaltar que a literatura mostra que no Brasil, e em João Pessoa não era diferente, existem desafios gerais presentes na rede pública ao se considerar o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Tais desafios, de forma geral, envolvem: carga horária baixa, aula não comunicativa, falta de recursos lúdicos, formação continuada não focada em estratégias de ensino do inglês, conteúdo curricular excessivo, baixo interesse dos alunos, limitações linguísticas de professores etc. Dessa maneira, conclui-se que a oportunidade de ter profissionais experientes, como os especialistas dos EUA em metodologia de ensino em língua inglesa, lidando com pontos desafiadores como os citados foi algo bem-vindo por parte dos professores e gestores da SEDEC/ PMJP, principalmente, ao se considerar como verdade que:

Os problemas vão desde a falta de preparação do profissional, perpassando a carência de material didático e a carga horária insuficiente, até a falta de estrutura das escolas para receberem os alunos para que os docentes consigam colocar em prática metodologias de ensino significativas. Essas questões têm impactado direta e indiretamente a qualidade do ensino e aprendizagem desta língua, bem como a vida pessoal e profissional do docente, que se sente frustrado diante da não eficiência de seu trabalho (ZOLNIER; MICCOLI, 2009 *apud* GONTIJO, 2018).

Por mais que não houvesse uma estrutura organizada da SEDEC para fazer o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa nas escolas de forma especializada, entende-se que os gestores da SEDEC tinham noção das demandas gerais dos professores da disciplina e acreditaram que através de formações em outro modelo mais focado na disciplina, haveria ganhos relevantes para professores e alunos. Dessa maneira, embora não houvesse o levantamento preciso das demandas para se levar em consideração no momento da concepção da cooperação com os EUA, o que se pode considerar como uma limitação, entende-se que depois de iniciada a formação dos professores, o que foi sendo compartilhado de conhecimento pelos especialistas dos EUA gerou um movimento de valorização maior do ensino de línguas na SEDEC, o que inclusive levou a investimentos não planejados com antecedência: ampliação da estrutura do CELEST, parceria com a *Educational Testing Service* para fazer um diagnóstico do nível de inglês dos alunos municipais

através do teste *TOEFL Primary*, criação de uma escola bilíngue, criação de lei voltada ao bilinguismo valorizando a remuneração do professor bilíngue, aquisição de livros paradidáticos em inglês via processos licitatórios, parceria celebrada com a UFPB através do EFOPLI para garantir formação mais especializada aos professores de inglês, criação de laboratórios de inglês em nove escolas, apoio a conferências municipais de professores de inglês, entre outras ações.

Além disso, extrai-se, a partir dos depoimentos dos entrevistados, que ações não devem ser apenas realizadas, mas também acompanhadas e potencializadas. Apesar desse tipo de cooperação ter sido pioneira, compreende-se que teria sido relevante contar com o apoio e o gerenciamento de departamentos e equipes especializadas em gestão de projetos, em ensino de língua inglesa e em relações internacionais, para possivelmente garantir um maior planejamento e continuidade das ações, bem como a busca pela potencialização e ampliação dos bons resultados. Estes departamentos ainda não existem na estrutura da SEDEC/PMJP, mas, entende-se que eles podem servir como pilares importantes para a gestão de projetos futuros semelhantes à iniciativa cooperativa com os EUA.

Acredita-se que tais departamentos, cada qual com sua obrigação, poderiam fornecer maior segurança institucional para as ações da cooperação, através de maior monitoramento e organização delas, criação e renovação de documentos e ampliação das boas práticas, seja com o próprio parceiro ou até com outros, que poderiam colaborar em outras demandas municipais. Um exemplo disso é o Setor de Relações Internacionais, que quando existente, pode servir como setor competente para captar e acompanhar a execução das parcerias internacionais. Sem acordos formais ou mesmo relatórios periódicos, é difícil compreender como determinadas ações aconteceram, por quanto tempo aconteceram, maiores desafios e aprendizados; em outras palavras, sem o devido registro, ações relevantes para a sociedade podem se perder no tempo e ficar dependentes somente da memória dos agentes envolvidos, como se entende que parcialmente aconteceu na PMJP pela falta de estrutura e profissionais específicos para as demandas de um projeto como o que foi estabelecido em parceria com o Consulado-Geral dos EUA no Recife.

Vale lembrar a fala de Stuart Beechler ao dizer que em sua visão “a cidade estava preparada, mas não estava pronta”, ao ser indagado sobre o nível de preparação de João Pessoa para receber uma cooperação como a firmada. Entende-

se que tal fala corrobora com a ideia de que a estrutura da PMJP poderia ser mais robusta ao contar com mecanismos institucionais mais sólidos. Por mais que o relato de Stuart Beechler a respeito da cooperação tenha sido também no sentido de que na PMJP havia seriedade, criatividade e percepção do potencial de crescimento qualitativo e quantitativo no que se refere à educação de língua inglesa, pode-se imaginar que a morosidade para o início das tratativas da cooperação e a falta de mapeamento das necessidades da área de educação de língua inglesa, assim como a falta de experiência no estabelecimento de relações com organismos internacionais, podem ter demonstrado, em alguma medida, que a PMJP estava ainda dando passos nesse universo cooperativo internacional e na educação da língua inglesa

Conclui-se, assim, que uma maior tecnicidade traz maior segurança para ações planejadas e implementadas. Também é importante ressaltar novamente a fala de Stuart Beechler que pontua que após as primeiras conversas a partir de 2012, houve avanços e recuos e que houve momentos em que se dava “dois passos para a frente e um para trás”. Entende-se que a falta de setores especializados e as mudanças de liderança tão comuns na esfera pública atrasaram a cooperação ou não a deixaram tão assertiva quanto possível. Muito embora, mesmo de forma muito espaçada, desde 2012, os diálogos entre os atores não se perderam até o início da cooperação em julho de 2015.

Ainda versando sobre limitações da cooperação, conclui-se que a concentração de muitas ações no CELEST é considerada uma limitação, uma vez que se tratava de um projeto de curso gratuito de idiomas que não dispunha da estrutura ideal para o acompanhamento e amplificação das ações de um projeto de cooperação internacional educacional como o estudado nesta pesquisa. Acredita-se que setores voltados a relações internacionais, gestão de projetos e em ensino da língua inglesa, se existentes, poderiam ter facilitado e expandido ainda mais as ações, permitindo um maior acompanhamento, melhor execução e ampliação dos resultados, bem como o mapeamento de outros parceiros e demandas municipais (SOARES, 2017).

Conclui-se também que a cooperação internacional na área da educação ainda é uma novidade para o município de João Pessoa e nesta sua primeira experiência, tomando como base a fala dos entrevistados, foram atingidos resultados considerados positivos para a Rede de Ensino. Acredita-se que esse tipo de experiência pode se tornar ainda mais exitosa caso o município consiga dar continuidade ao que foi

compartilhado, e caso consiga continuar investindo no que for necessário em educação e em outras áreas para que as ações implementadas se potencializem e se institucionalizem e não se percam no tempo e no espaço.

No caso dos resultados positivos para os EUA, é possível concluir que o seu investimento e a aproximação realizados em João Pessoa vêm gerando valor para sua missão diplomática, já que o projeto da escola bilíngue vem reverberando em outros governos brasileiros, principalmente, através do compartilhamento de informações e da experiência de João Pessoa sobre como executar uma escola do gênero. O fato de o RELO e o Consulado-Geral dos EUA em Recife estarem mantendo contato com a escola até o último período averiguado, janeiro de 2022, nessa espécie de “apadrinhamento”, mostra o quanto esse projeto está alinhado com a política externa dos EUA de valorização da língua inglesa e da cultura do país.

Acredita-se que a disponibilidade dos agentes de João Pessoa é considerada estratégica e ideal para os EUA, uma vez que esses agentes acabam sendo recursos humanos importantes para explicar sobre como planejar e executar aqui no Brasil uma escola bilíngue com características das escolas estadunidenses. O convite e o financiamento por parte do Consulado para que representantes da PMJP possam compartilhar os frutos da parceria em eventos Brasil afora também são considerados um investimento estratégico para que as ações possam ser levadas enquanto boas práticas para outros lugares e com isso despertar o interesse de serem replicadas, dando visibilidade política às ações desenvolvidas pelos EUA no Brasil, através da atuação direta e anuência de entes subnacionais brasileiros.

Embora precise ser mais bem aprofundado, acredita-se que no Brasil, os EUA vêm buscando estrategicamente atuar mais com os entes subnacionais do que com o Governo Federal, uma vez que ações cooperativas com a esfera federal aparentemente são mais complexas. Ao se analisar o caso, foi possível observar ações se executando em um considerado curto espaço de tempo, e possibilidade de replicabilidade das mesmas. Com isso em mente, acredita-se que estados e municípios podem estar se tornando, cada vez mais, um foco da Missão Diplomática dos EUA no Brasil na área de educação, principalmente, através da língua inglesa, dadas as históricas necessidades de apoio aos professores de inglês atuantes no Brasil. Dessa maneira, redes de ensino são canais estratégicos para se chegar a milhares de indivíduos em formação e lhes apresentar a cultura e língua dos EUA.

Pensando nisso e ao se indagar sobre os porquês de os EUA cooperarem em educação, conclui-se, considerando a literatura, e a fala do especialista em diplomacia pública Stuart Beechler que a “cooperação em educação consegue promover a paz e estabilidade na região, assim como promover amizade e identificação com os Estados Unidos criando uma espécie de vínculo com o país”. Na mesma linha de raciocínio, está a fala do cônsul-geral Richard Reiter que diz que “através da educação é possível fazer com que as pessoas conheçam e aprendam mais sobre os EUA”. Já o cônsul de diplomacia pública Matt Keener coloca “o fortalecimento de relações comerciais e fortalecimento dos laços humanos entre os países e os Estados Unidos simplesmente por meio do apoio à educação”. Dessa maneira, acredita-se que a educação pode ser o primeiro passo para vincular atores para que possam cooperar mais e mais em outras áreas, como nas áreas comercial, turística, financeira etc.

Pinheiro e Beshara (2012) fazem referência à educação como um forte mecanismo de criação de identidade e mudança social, sendo, portanto, um ambiente de forte incidência política, podemos, dessa forma, compreendê-la não só como fim, mas também como meio na política externa dos Estados. Em João Pessoa, pode-se compreender que isso se alinha com as ações desenvolvidas na Rede Municipal de Ensino, as quais se iniciaram visando à formação de professores de inglês, mas que foram se expandindo e incidindo em outras ações na área de educação não previamente planejadas.

Por fim, entende-se que a aproximação dos EUA com João Pessoa, iniciada através da educação, permite também pensar em uma maior facilidade para cooperar em outras áreas, uma vez que se considera que uma cooperação frutífera em uma área pode levar a outras em outras áreas com os mesmos atores. Bem nos lembram também Pinheiro e Beshara (2012) que a cooperação internacional em educação se apoia em três vieses: o econômico, o político e o cultural; fatores estes que juntos promovem maior integração, conhecimento mútuo e desenvolvimento humano. Dessa forma, entende-se que iniciar cooperando em educação pode ser uma importante estratégia para a criação do vínculo e da confiança necessários para a cooperação em outras áreas em demasiado importantes para governos.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, I. Making sense of Paradiplomacy? An Intertextual Inquiry about a Concept in Search of a Definition. In: Aldecou, F. and Keating, M. (Eds.) **Paradiplomacy in Action: the foreign relations of subnational governments**. London/Portland, OR: Frank Cass, 1999.

ALMEIDA, Filipe Cordeiro de. **Os governos locais brasileiros e o Mercosul: a influência da paradiplomacia na agenda de integração regional** (2012). Dissertação de mestrado: Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília. Brasília: IREL/UnB, 2013.

ALMEIDA, M. V. A.; NADIR, M.; ARAUJO, L. E. B. A cooperação internacional descentralizada como estratégia para a proteção da sociobiodiversidade. **RDUNO**, v.2, p.175-191, 2019.

ANDRADE, Camila Santos. **Governos locais e a Cooperação Internacional Descentralizada: mecanismo de fortalecimento das capacidades estatais?**. XVI Congresso Internacional FoMerco 27-29 setembro, UFBA, Salvador – Bahia, 2017. Disponível em: http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1505962269_ARQUIVO_CapacidadeEstataleCooperacaoDescentralizada-FoMercoCamilaAndrade.pdf. Acesso em: 11 set. 2020.

ATLAS BRASIL. **IDHM e seus indicadores no município - João Pessoa/PB - 2000 e 2010**. Elaboração: PNUD, Ipea e FJP. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/250750>. Acesso em: 20 dez. 2020.

AVELHAN, L. L. A Cooperação Sul-Sul brasileira em Saúde: o Projeto de Fortalecimento da Autoridade Sanitária do Haiti. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v.3, n.1, p. 22-49, 2018.

AYLLÓN, B. **Evolução Histórica da Cooperação Sul-Sul**. In: André de Mello e Souza (org.). In: André de Mello e Souza (org.). **Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento**. Brasília: IPEA, p. 57-88, 2014.

AYLLÓN, B. **La cooperación internacional para el desarrollo: fundamentos y justificaciones en la perspectiva de la teoría de las relaciones internacionales.** Carta Internacional, v. 2, n. 2, p. 32-47, out. 2007.

AZEVEDO, Flávio. **Prefeito entrega prédio do Celest e amplia em 50% capacidade do ensino de línguas estrangeiras.** Prefeitura de João Pessoa, 2017. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/prefeito-entrega-predio-do-celest-e-amplia-em-50-capacidade-do-ensino-de-linguas-estrangeiras/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

BANZATTO, A. P. A.; PRADO, H. S. A. A Paradiplomacia, a cooperação descentralizada e a integração fronteiriça no Mercosul. **Boletim Meridiano 47**, v.15, n.141, p.18-24, 2014.

BARRETO, M. I. **A Inserção Internacional das cidades enquanto estratégia de fortalecimento da capacidade de gestão dos governos locais.** X Congresso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administracion Pública, Santiago: Chile, 18 a 21 de out, 2005, p. 1-14.

BARROS, Marinana Andrade e. **Atuação externa dos governos subnacionais: análise jurídica do caso brasileiro.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2009.

BASTOS, Lília da Rocha et alli. **Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografia.** 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003

BONI, Valdete; QUARESMA, Sívila Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas nas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>.

BUENO, Ironildes. **Paradiplomacia contemporânea: trajetórias e tendências da atuação internacional dos governos estaduais do Brasil e EUA.** 2010. 350 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 14 fev. 2020.

_____. **Decreto Nº 8.817**, de 21 de julho de 2016. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério das Relações Exteriores, remaneja cargos em comissão e funções gratificadas e substitui cargos em comissão do Grupo Direção e Assessoramento Superior-DAS por Funções Comissionadas Técnicas do Poder Executivo Federal - FCPE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8817.htm#art10>. Acesso em: 29 jan. 2020.

_____. **Decreto Nº 19.841**, de 22 de outubro de 1945. Promulga a Carta das Nações Unidas, da qual faz parte integrante o anexo Estatuto da Corte Internacional de Justiça, assinada em São Francisco, a 26 de junho de 1945, por ocasião da Conferência de Organização Internacional das Nações Unidas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **Cooperação educacional**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/cooperacao/3687-cooperacao-educacional>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

BRUNET, Roberto. Comentário sobre o interesse inicial em realizar a parceria e o encontro com a Cônsul Usha. Whatsapp, 2022.

CAVALLIERI, Leila Arruda. **A cooperação internacional**. Revista de Direito da Universidade Federal de Viçosa. V. 7, n. 1, 2015.

CLICK PB. **Prefeitura e Consulado Americano firmam parceria para capacitação de professores**. Click PB, 2015. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/educacao/prefeitura-e-consulado-americano-firmam-parceria-para-capacitacao-de-professores-188693.html>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

COLMAN, S. R.; SIQUEIRA, M. S. S. **Os acordos de colaboração técnica entre Brasil e Estados Unidos: uma nova perspectiva para educação rural em sergipe nos meados do século XX.** 11 ENFOPE, 12 FOPIE, p. 1-12, 2018.

DERKSEN, Harry. **Outro diálogo é possível na cooperação Norte-Sul.** São Paulo: Abong; Peirópolis, 2003.

DESSOTTI, F. R. **Cooperação Descentralizada: uma inovação das políticas públicas de desenvolvimento local.** 5ème colloque de l'IFBAE – Grenoble, 18 et 19 maio, 2009, p. 1-19.

DIAZ, Javiera. **Hacia la horizontalidad y descentralización de las relaciones internacionales:** Estudio sobre Cooperación Sur-Sur Descentralizada (CSSD) em America Latina. Barcelona: Observatório (2014). Disponível em: <http://observocd.org/sites/observ-ocd.org/files/publicacion/docs/documento_final_-_noviembre_2014.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

DUCHACEK, I. **Perforated Sovereignities:** Towards a Typology of New Actors in international Relations. In. MICHELMANN, J. y SOLDATOS, P., Federalism and International Relations: The Role of Subnational Units, Oxford: Clarendon Press, 1990.

EMBAIXADA E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL. **Consulado Geral dos EUA em Recife (s/d).** Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/embassy-consulates-pt/recife/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

EMBAIXADAS E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL. **Consulado Geral dos EUA em Recife (2020).** Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/embassy-consulates-pt/recife/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FILIZOLA, P. Dados registram aumento na procura por ensino bilíngue no Brasil. Metrôpoles, 2019. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/conteudo-especial/educacao-do-amanha-2019/dados-registram-aumento-na-procura-por-ensino-bilingue-no-brasil#:~:text=Dados%20da%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20do,mil%20unidades%20de%20ensino%20brasileiras>. Acesso em: 06 de fev de 2022.

FROIO, L. R.; MEDEIROS, M. A. Analysing the Asymmetry in Decentralised International Co-operation: The Case of Brazil/Europe Sub-national Relations. **Contexto Internacional**, v.42, n.2, p. 303-325, 2020.

GONTIJO, M. R. Desafios na Docência em Escolas Públicas: Percepções e Vivências nas narrativas de professores. **Revista X**: Curitiba, v.13, n.2, p. 15-33, 2018.

GUEDES, M. D.; PAULINO, V. Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Educação: um estudo preliminar sobre os desafios e possibilidades a partir da experiência compartilhada entre Brasil e Timor-Leste. **Perspectiva**: Florianópolis, v.34, n2, p.365-389, 2016.

GUEDES, Maria Denise. **Educação de jovens e adultos**: o debate na década de 1990. 2006. 139p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

HAFTECK, P. An Introduction to Decentralized Cooperation: Definitions, Origins and Conceptual Mapping. **Public Administration and Development**, n.23, p.333-345, 2003.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALLIDAY, F. **Repensando as relações internacionais**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

HOLSTI, Kalevi J. **International Politics, a Framework for Analysis**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**: João Pessoa (2020). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/joao-pessoa.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

JUNQUEIRA, C. G. B. A criação das secretarias municipais de Relações Internacionais (SMRIS) como nova realidade da Inserção Internacional dos entes subnacionais brasileiros. **Boletim de Economia e Política Internacional (BEPI)**, n.21, p.71-83, 2015.

JUNQUEIRA, C.; ARAÚJO, F. L. Internacionalização municipal e alternância político-partidária: uma análise da participação de São Paulo na Rede Mercocidades. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 10, n. 1, p. 125-160, 2021.

JUNQUEIRA, Cairo Gabriel Borges. A cooperação internacional no Mercosul: os casos das mercocidades e do FCCR. **BJIR**, Marília, v.3, n.1, p. 146-169, Jan./Abr. 2014.

KEATING, Michael. **Paradiplomacy and Regional Networking**. Forum of Federations: an International Federalism. Hanover, outubro 2000. Disponível em: <www.forumfed.org/en/libdocs/ForRelCU01/924-FRCU0105-eu_keating.htm>. Acesso em: 07 fev. 2020.

KEOHANE, Robert. **After hegemony. Cooperation and discord in the world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

KINCAID, J.. **Constituent diplomacy in federal polities and the nation-state conflict and co-operation**. In: MICHELMANN, H.; SOLDATOS, P. (Eds.). *Federalism and international relations: the role of subnational units*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 54-75.

LEITE, I. C. Cooperação Sul-Sul: Conceito, História e Marcos Interpretativos. *Observatório Político Sul-Americano*, v.7, n.3, p. 1-41, 2012.

LIMA, A.C.S. Notas (muito) breves sobre a cooperação técnica internacional para o desenvolvimento. In: SILVA K.C.; SIMIÃO, D.S. (Org.). **Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 417-425.

LO BRUTTO, G. **A Propósito de la Cooperación Internacional y del desarrollo: Una Visión más realista**. In: DOMÍNGUEZ, R.; ALBOR, G. R. *Historia de la Cooperación Internacional desde una Perspectiva Crítica*. Editorial Uniautónoma, 2017, p. 55-74.

LORENZO, H. C.; FONSECA, S. A.; SANTOS, L. M.P. O Programa “Brasil Próximo” na região Centro Paulista: uma experiência de Cooperação Internacional descentralizada. **Interações**, Campo Grande, MS, v.17, n.4, p.621-634, 2016.

MARIANO, Marcelo Passini; BARRETO, Maria Inês. Questão subnacional e integração regional o caso do Mercosul. In: VIGEVANI, Tullo et al. (orgs.) **A dimensão subnacional e as relações internacionais**. São Paulo/ Bauru: EDUC/Editora UNESP/Cadernos Cedec, 2004.

MATOS, E. A. **O Programa “Aliança para o progresso”: o discurso civilizador na imprensa e a educação profissional no Paraná – Brasil**. IX Simposio Internacional Processo Civilizador, Buenos Aires: Argentina, p. 359-367, 2008.

MATSUMOTO, Carlos Eduardo Higa. **As determinantes locais da paradiplomacia: O caso dos municípios brasileiros** (2011). Dissertação de mestrado: Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – IREL/UnB, 2011.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution**. Klagenfurt, Austria: GESIS/Leibniz-Institut, 2014. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssor-395173>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MILANI, C. R. S. **Aprendendo com a História: críticas à experiência da Cooperação Norte-Sul e atuais desafios à Cooperação Sul-Sul**. CADERNO CRH, Salvador, v. 25, n. 65, p. 211-231, maio/ago. 2012.

MILANI, C. R. S. **Evolução Histórica da Cooperação Norte-Sul**. In: André de Mello e Souza (org.). In: André de Mello e Souza (org.). Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento. Brasília: IPEA, p.33-54, 2014.

MILANI, C. R. S.; CONCEIÇÃO, F. C.; M'BUNDE, T. S. Cooperação Sul-Sul em educação e Relações Brasil-PALOP. **Caderno CRH**, Salvador, v.29, n.76, p.13-32, 2016.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **A Educação na Política Externa (2020)**. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEB.php>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Diálogo de Parceria Global Brasil-Estados Unidos – Washington, 31 de maio e 1º de junho de 2011 – Comunicado Conjunto (2011)**. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/dialogo-de-parceria-global-brasil-

estados-unidos-washington-31-de-maio-e-1-de-junho-de-2011-comunicado-conjunto. Acesso em: 12 jan. 2021.

MORAES, Thiago. **Gestão Luciano recebe nos EUA título pela qualidade do centro de línguas de JP.** Paraíba Rádio Blog, 2017. Disponível em: <https://www.paraibaradioblog.com/2017/10/25/gestao-luciano-recebe-nos-eua-titulo-pela-qualidade-do-centro-de-linguas-de-jp/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

MRE. Divisão de Temas Educacionais. **A Educação na Política Externa Brasileira.** Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEB.html>>. Acesso em: 05 maio. 2020.

NGANJE, F. Decentralized Cooperation and the New Development Cooperation Agenda: What Role for the UN?. **United Nations University Centre for Policy Research**, p.1-9, 2015.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. **Revisões de literatura.** In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, M. R.; GRIKE, F.; TODESCHINI, I. Internacionalização da educação superior: uma análise dos Programas de Cooperação Internacional – CAPES. **Espacios**, v.38, n.10, p.1-11, 2017.

OLIVEIRA, Max. **Prefeito da Capital e embaixadora americana anunciam ampliação de parceria em Educação. Prefeitura de João Pessoa**, 2015. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/prefeito-da-capital-e-embaixadora-americana-anunciam-ampliacao-de-parceria-em-educacao/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

OLIVEIRA, Max. **Sedec discute parcerias com empresa de Israel especializada em ensino à distância.** Prefeitura de João Pessoa, 2017. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/sedec-discute-parcerias-com-empresa-iraniana-especializada-em-ensino-a-distancia/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

OSGUEDES. **Luciano Cartaxo entrega primeira Escola Bilíngue da rede pública de João Pessoa.** Os Guedes, 2018. Disponível em:

<https://www.osguedes.com.br/2018/01/29/luciano-cartaxo-entrega-primeira-escola-bilingue-da-rede-publica-de-joao-pessoa/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

PARLAMENTO PB. **Luciano Cartaxo recebe visita da cônsul dos EUA (2013)**. Disponível em: <<https://parlamentopb.com.br/luciano-cartaxo-recebe-visita-da-consul-dos-eua/>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A; DANTAS, E. H. M. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v.9, n.7, p. 1-31, 2020.

PERPÉTUO, R. O. Processos de avaliação da Cooperação Descentralizada no Brasil. In: COSTA, M. A. (Org.). **Práticas de Avaliação da Cooperação Internacional no Brasil**. Nik  Consultoria: Brasília, p. 110-112, 2018.

PINHEIRO, L.; BESHARA, G. Política Externa e educação: confluências e perspectivas no marco da integração regional. In: PINHEIRO, Leticia; MILANI, Carlos (org.) **Política externa brasileira: as práticas da política e a política das práticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

PRADO LALLANDE, J. P. La dimensión  tica de la cooperación internacional AL desarrollo. Entre la solidaridad y el poder en las relaciones internacionales. In: GOTTSBACHER, M.; LUCATELLO, S. (Org.). **Reflexiones sobre la  tica y la cooperación internacional para el desarrollo: los retos del siglo XXI**. Cidade do México: Instituto Mora, 2008.

PRADO, H. S. A. **A Cooperação Descentralizada como instrumento da política para a fronteira do Mercosul**. IX Encontro da ABCP, Brasília DF, 4 a 7 de ago, 2014, p.1-25.

PRADO, Henrique Sartori de Almeida. **A cooperação descentralizada como instrumento da política para a fronteira no MERCOSUL (2014)**. IX Encontro da ABCP. Brasília: DF, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Agra lança Plano Diretor para impulsionar turismo em João Pessoa**. Prefeitura de João Pessoa, 2012a.

Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/agra-lanca-plano-diretor-para-impulsionar-turismo-em-joao-pessoa/>. Acesso em: 10 de jan de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Agra se encontra com cônsul dos Estados Unidos e discute futuras parcerias.** Prefeitura de João Pessoa, 2012b. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/agra-se-encontra-com-consul-dos-estados-unidos-e-discute-futuras-parcerias/>. Acesso em: 23 de nov de 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Parceria com o Consulado é apresentada para professores.** Prefeitura de João Pessoa, 2014a. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/parceria-com-consulado-americano-e-apresentada-para-professores/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **PMJP e Consulado Americano se reúnem para firmar parcerias educacionais, culturais e no turismo.** Prefeitura de João Pessoa, 2014b. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/pmjp-e-consulado-americano-se-reunem-para-firmar-parcerias-educacionais-e-culturais/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Parceria pioneira entre Prefeitura e consulado dos EUA capacita 160 professores.** Prefeitura de João Pessoa, 2015. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/parceria-pioneira-entre-prefeitura-e-consulado-dos-eua-capacita-160-professores/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Alunos da escola bilíngue da PMJP recebem visita de membros do Consulado Americano.** Prefeitura de João Pessoa, 2018a. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/alunos-da-escola-bilingue-da-pmjp-recebem-visita-de-membros-do-consulado-americano/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Alunos da rede municipal de Educação realizam teste internacional de proficiência em língua inglesa.** Prefeitura de João Pessoa, 2018b. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/alunos-da-rede-municipal-de-educacao-realizam-teste-internacional-de-proficiencia-em-lingua-inglesa/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Familiares de alunos da Escola Bilíngue participam de palestra com especialista em Diplomacia Pública.** Prefeitura de João Pessoa, 2018c. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/familiares-de-alunos-da-escola-bilingue-participam-de-palestra-com-especialista-em-diplomacia-publica/>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Prefeitura e Consulado Americano debatem parceria e incentivos para a rede municipal de educação.** Prefeitura de João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/prefeitura-e-consulado-americano-debatem-parceria-e-incentivos-para-a-rede-municipal-de-educacao/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Professores da Escola Bilíngue visitam a Associação Brasil América no Recife.** Prefeitura de João Pessoa, 2018d. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/professores-da-escola-bilingue-visitam-a-associacao-brasil-america-no-recife/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Professores da Rede Municipal iniciam capacitação no ensino do inglês.** Prefeitura de João Pessoa, 2015a. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/professores-da-rede-municipal-iniciam-capitacao-no-ensino-do-ingles/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Professores de inglês colocam em prática metodologia adquirida em parceria com o Consulado Americano.** Prefeitura de João Pessoa, 2015b. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/professores-de-ingles-colocam-em-pratica-metodologia-adquirida-em-parceria-com-consulado-americano/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Professores de inglês colocam em prática metodologia adquirida em parceria com Consulado Americano.** Prefeitura de João Pessoa, 2015c. Disponível em: <http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/professores-de-ingles-colocam-em-pratica-metodologia-adquirida-em-parceria-com-consulado-americano/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

QUINTANS, Alexandre. **Professores de inglês da rede municipal de ensino vão passar por capacitação.** Prefeitura de João Pessoa, 2015d. Disponível em:

<http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/professores-de-ingles-da-rede-municipal-de-ensino-vao-passar-por-capacitacao/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

RINALDI, Augusto Leal; MORINI, Cristiano. **Estado e organismos internacionais: limites à cooperação sob a ótica realista**. BJIR, Marília, v. 4, n. 3, p. 516-557, set/dez. 2015.

ROMERO, María del Huerto. **Uma Aproximación Contextual y Conceptual a la Cooperación Descentralizada**. Valparaíso: Ilustre Municipalidad de Valparaíso y Diputación de Barcelona, 2004. 32 p. Disponível em: <http://observ-oed.org/sites/observ-oed.org/files/.../235_29_2.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SALOMÓN, M. e NUNES, C. **A ação externa dos governos subnacionais no Brasil: os casos do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre**. Um estudo comparativo de dois tipos de atores mistos. In: Contexto Internacional, v. 29, n. 1, janeiro/junho, p. 99-147, 2007.

SÁNCHEZ, E.R. **Cooperación y desarrollo: nueve preguntas sobre el tema (2002)**. Burgos, España: Amycos. Disponível em: <www.ciberoamericana.unican.es/documentos/introcoopdes/Cooperación%20y%20desarrollo.%20Nueve%20preguntas%20sobre%20el%20tema.pdf>. Acesso em: 8 maio. 2020.

SATO, Eiiti. **Cooperação internacional: uma componente essencial das relações internacionais**. 46RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.46-57, mar., 2010

SECOM JP. **PMJP e UFPB renovam parceria para formações dos professores de língua inglesa da Rede Municipal**. Prefeitura de João Pessoa, 2019a. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/pmjp-e-ufpb-renovam-parceira-para-formacoes-dos-professores-de-lingua-inglesa-da-rede-municipal/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

SECOM JP. **Professores da Escola Bilíngue Dom José Maria Pires recebem visita de Cônsul Americano**. Prefeitura de João Pessoa, 2019b. Disponível em:

<https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/professores-da-escola-bilingue-dom-jose-maria-pires-recebe-visita-de-consul-americano/>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

SILVA, Carolina Senra Nogueira da. **A importância dos regimes internacionais para a educação brasileira:** a UNESCO e o Plano Nacional de Educação de 2001. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. PUC-MG, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_SilvaCS_1.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

SILVA, D. M.; SUYAMA, B.; POMEROY, M.; SANTOS, V. S. **Panorama do Monitoramento dos fluxos da Cooperação Internacional para o desenvolvimento:** Oportunidades e desafios para construção de uma metodologia brasileira. OXFAM BRASIL, 2016, p. 1-53. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/panorama-do-monitoramento-dos-fluxos-da-cooperacao-internacional-para-o-desenvolvimento/>. Acesso em: 24 de nov de 2021.

SILVA, L. R. **A Cooperação Internacional Descentralizada no Brasil: o caso do estado da Bahia.** Universidade Federal de Uberlândia, UFU, p. 1-32, 2018.

SILVA, Sandra E. C. Dutra e. **Cooperação internacional para o desenvolvimento sob uma nova perspectiva.** Relações Internacionais no Mundo Atual. V. 1, n. 13, 2011. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/187/162>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

SOLDATOS, P. **An Explanatory Framework for the study of Federated States as Foreign Policy Actors.** In: MICHELMANN, H; SOLDATOS. Federalism and International Relations. The role of subnational Units. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 34-53.

SOTILLO, José Ángel. **El sistema de cooperación para el desarrollo.** Actores, formas y procesos. Madrid: Ed. Catarata, 2011. p.23-70.

TOMAZINI, R. C. Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Cooperação Sul-Sul: uma análise comparativa de seus princípios e desafios de gestão. **Revista Carta Internacional**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2017, p. 28-48.

TOMAZINI, R. C. Entendendo a Cooperação entre a União Europeia e o Brasil: duas décadas de ações conjuntas. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v.3, n.1, 2018, p.50-74.

TOSCANO, Daniella. **Os padrões da cooperação educacional – o caso dos Estados Unidos-Brasil, e Fulbright-CAPES**. Boletim Meridiano 47 vol. 15, n. 144, jul.-ago. 2014 [p. 24 a 31]. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/4950/4495>. Acesso em: 06 jan. 2021.

UFPB. **EFOPLI define ações para 2020 com os parceiros nacionais e internacionais**. Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: <https://www.ufpb.br/efopli/contents/noticias/efopli-define-acoes-para-2020-com-os-parceiros-nacionais-e-internacionais>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

UFPB. **EFOPLI-UFPB renova parceria com PMJP para oferta de formação para professores de inglês**. Universidade Federal da Paraíba, 2018a. Disponível em: <http://150.165.254.38/efopli/contents/noticias/prefeitura-renova-parceria-com-a-ufpb-para-formacao-continuada-de-professores-da-lingua-inglesa>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

UFPB. **Parceria da PMJP com UFPB promove formação para professores da Escola Bilíngue**. Universidade Federal da Paraíba, 2018b. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/efopli/contents/noticias/parceria-da-pmjp-com-efopli-ufpb-promove-formacao-para-professores-da-escola-bilingue>. Acesso em: 06 de jan de 2022.

UFPB. **Parceria entre PMJP e UFPB promove formação continuada para professores da Língua Inglesa**. Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível em: <https://www.ufpb.br/efopli/contents/noticias/parceria-entre-pmjp-e-ufpb-promove-formacao-continuada-para-professores-da-lingua-inglesa>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura & Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (1995). **Educação e conhecimento:** eixo da transformação produtiva com equidade. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001777.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2020.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação: um tesouro a descobrir** (2010). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2020.

UNITED NATIONS. **Vienna Convention on Consular Relations (1963)**. Disponível em: https://treaties.un.org/pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=III-6&chapter=3. Acesso em: 20 dez. 2020.

UNITED STATES DEPARTMENT. **Bureau of Educational and Cultural Affairs:** Promoting Mutual Understanding (2020). Disponível em: <https://eca.state.gov/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

UNITED STATES GOVERNMENT ACCOUNTABILITY OFFICE. **Report to Congressional Committees: U.S. Public Diplomacy - Key Issues for Congressional Oversight**. GAO: 2009, GAO-09-679SP. Disponível em: <https://www.gao.gov/new.items/d09679sp.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

VIGEVANI, Tullo. **Problemas para a atividade internacional das unidades subnacionais:** São Paulo e o contexto brasileiro. In: VIGEVANI, Tullo; WANDERLEY, Luisa Eduardo; CINTRA, Rodrigo. (orgs.). *Ação Internacional das Cidades no Contexto da Globalização*. Cadernos Cedec. São Paulo, CEDEC, abril 2006 Nº 80. P. 11 a 29, 2006.

VIGEVANI, Tullo; PRADO, Débora Figueiredo B. **“Ações e problemas da paradiplomacia no Brasil”**. In: SALA, José Blanes; GASPAROTO, Ana Lúcia (orgs.). *Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Marília: Oficina Universitária/Unesp, CAPES, 2010, pp. 25-54 (ISBN 978-85-60810-21-5).

WESTPHALL, A. M. S.; GISI, M. L. A educação superior no context da Cooperação Acadêmica Internacional. **Interações**, Campo Grande: MS, v.20, n.2, p.369-382, 2019.

ZAGUMNY, M. J. **Cooperation**. The Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology, First Edition, By John Wiley & Sons, p. 1-2, 2013.

ANEXOS - DOCUMENTAÇÕES PERTINENTES

ANEXO I

ENGLISH LANGUAGE SPECIALIST PROPOSAL

Proposal Title:

Strengthening Public School English Language Education in the Municipality of Joao Pessoa,

Brazil

DATES

Post Arrival (proposed): 03/30/15

Post Departure (proposed): 08/29/15

PROGRAM DESCRIPTION AND JUSTIFICATION

Program Description

The project entails implementation of a teacher capacity-building project to be developed in the Joao Pessoa Municipal School System in 2015, targeting teachers in schools located in the capital of the state of Paraíba.

English Language Specialist activities will concentrate primarily on Public School Teacher Development Courses to impart Teaching Methodologies. The Specialist will:

- Carry out school/classroom visits in the municipality to assess program needs and monitor progress.
- Conduct a series of workshops on teaching methodologies for English Language Education, targeting public school teachers (grades 6th through 9th) and select Secretary of Education staff working to support the English language curriculum.
- Conduct Intensive English Language Education Courses for public school teachers collaborating with the Secretary of Education's Language Center (created in 2014). Training will be provided through on-site workshops (at the Language Center).
- Support English language education materials will be made available to the public school system (largely through RELO).
- Develop a guide of teaching methodologies and practices based on the experience, which will subsequently be distributed to all Joao Pessoa Municipal Public School English Teachers.

Program Objectives

The key objective is to improve the teaching methods and skills of English (EFL) teachers in the Joao Pessoa Municipal Public School System. The project will train public school teachers to incorporate classroom techniques and resources that provide for a stimulating learning environment. The project will give teachers in the municipal public school system new skills and resources related to language skills and teaching methodologies.

Specifically, the project should:

- Help the teachers develop more effective skills for use in their classrooms.
- Give teachers more confidence in teaching English.
- Encourage teachers to use their knowledge and strategies in the classroom.
- Enable teachers to share what they learn with other teachers in their schools.
- Promote a change in attitude and approach in teachers' practices through demonstration of innovative teaching methodologies, developing a partnership for sharing ideas and approaches.

Primary Theme

Primary = Global Education

Secondary = Expand and Strengthen People to People Relationships

Program Summary How does the proposed program address the selected Strategic and/or MSRP priority/priorities?

This Specialist will help implement post's overall English strategy for Brazil, which is supporting Post's ICS goals in the area of Mutual Understanding. The Specialist's activities will also support ICS goals related to Economic Prosperity and Social Inclusion by providing increased access to high quality English language instruction to disadvantaged teachers.

The proposed project addresses the priorities of the host institution because those priorities continue to be to strengthen the implementation of English in the curriculum and to have experienced partners to assist in this new and long journey. It is an opportunity to continue to change not only the curriculum of their courses but also public education policies.

Program Significance / Background Why is this program needed? Why is it important to hosts? To posts?

The project will place the Specialist in the CG Recife district to build on not only the significant investments made to date by several NE Brazilian states in English language education but also on the investment begun during the first phase of this project. The USG investment will enable a multiplying effect on Brazil's much larger investments in education and exchanges, which will advance U.S. public diplomacy education priorities and result in future returns by enabling more Brazilian students to participate in Brazilian-funded exchanges and study abroad in the U.S. Students of the teachers who participate in these programs will eventually be excellent candidates for grants to study in the United States under the Brazilian government's Science Mobility Program, contributing to achieving the 100,000 Strong in the Americas goal.

Locally, the project is needed because the general state of English language education in Joao Pessoa Municipal Public School System faces challenges in maximizing the impact of its efforts to date, as English language teachers typically lack the knowledge and resources to teach English communicative skills effectively. At the same time, the municipal government intends to invest in programs and resources to improve English language education, such as the Joao Pessoa Municipal Foreign Language Center (which was established in 2014 as part of a campaign promise by the newly elected mayor) and development of core curriculum. The state of Paraiba (Joao Pessoa is the capital.) also has a foreign language center, and the strengthening of English language education at the middle school level will contribute to the results achieved at the secondary/high-school level. Programs are in need of support to reach their potential, moving beyond more conventional forms of English language teaching and maximizing teaching in spite of limitations in English language skills per se among teachers of English.

Program Details: How is the proposed program integrated into other post-sponsored/organized EL activities and/or PAS programs? Will there be collaboration with other USG organizations?

The proposed project will be part of the PA partnership with the Joao Pessoa Education Secretariat. PA Recife has interest in building a solid relationship with the municipal government and has already developed linkages with the secretariats of tourism (promoting citizen and government-to-government exchanges) and culture (promoting musical exchanges).

The proposal for an English Language Specialist is also modelled after very successful projects with English Language Fellows in the state of Pernambuco.

There is no direct collaboration anticipated with other USG organizations. However, it is expected that the English Language Specialist project to be implemented during the same period with the Federal University of Paraiba (UFPB) will have some degree of collaboration. It is worth noting that the UFPB does conduct teacher training in the public school system and this is a component of the project to be carried out by the English Language Specialist to be placed at the UFPB.

Anticipated Results: Describe the expected impact of this program on the participants, educational institutions, and community overall. What do we achieve?

It is expected that the project will have a direct impact primarily on teachers in the primary/middle public schools (grades six to nine). Through improvements in their ability to teach English more effectively, they will be in a position to help their students learn and subsequently have greater access to international programs in conjunction with the United States.

As teachers and students become more proficient in teaching (teachers) and communicating (teachers and students) in English, they will have greater access to opportunities such as interaction with Americans and American culture/history.

Institutionally, the partner institution will gain from strengthening its teacher training programs (in-service training, Foreign Language Center services, support for curriculum development and implementation) and become an even stronger partner with the USG.

The partner institution has expressed a broader desire for the project to contribute to making language education – and particularly English language education – a priority and a fundamental component within the education system.

While the project is targeting the primary/middle school level (which has a direct impact on the above-mentioned high school exchange program), it is also relevant to PA Recife's efforts to promote exchanges and internationalization in conjunction with the public universities in Paraiba, through support of the 100,000 Strong initiative for academic study/exchanges in the U.S. While the major effort underway by the GOB is the Science Mobility Program, there are other exchange programs at the secondary and higher education levels that are conduits for students to participate in exchanges in the U.S. The project scope targets public school teachers of English as a critical strategy for increasing the level of English among potential/future university students from the public school system. These students frequently enter higher education with a language deficit due to deficiencies in their public school education.

Institutional Capacity and Importance: In what way(s) does/do the proposed host(s) have the capacity to capitalize on the specialist's expertise and why are they an important institution for the post?

Joao Pessoa Municipal Secretariat of Education

The Joao Pessoa Municipal Secretariat of Education is committed to investing in English language education in the primary/middle school system and seeks to improve curriculum and teaching. The Municipal Secretary of Education (proposed host institution) has an ambitious plan to strengthen its recently-created Foreign Language Center to work with approximately 2,000 public school students.

The targeted professors are teaching students in grades six to nine, in 88 schools around the municipality (capital). The Foreign Language Center offers additional instruction to these students, as well as to older students (enrolled in the *EJA* – Youth and Education Adult - programs) and professionals providing basic services – such as transportation and hospitality – in the tourism sector.

The Secretary of Education is also interested in the online resources available through the RELO in Brazil to complement training activities for professors.

The general state of English language education in Joao Pessoa faces challenges in maximizing the impact of its efforts to date, as English language teachers typically lack the knowledge and resources to teach English as effectively as needed.

Evaluation Plan and Follow-Up: How will post assess the program's progress and whether objectives were met? How will the program be followed up after the Specialist has departed? If meeting the objective is a longer term, multi-step process, what's next?

CG Recife/PAS and RELO will be in systematic contact with the Joao Pessoa Municipal Secretary of Education in order to monitor the project's progress through desk (telephone, electronic correspondence and reports) and on-site (periodic site visits) actions. Interaction will take place with the host institution and the ELS, with additional interaction occurring directly with the ELS.

The host institution and ELS will provide periodic reports and informal feedback. Another mechanism for CG Recife/PAS to track and access the project is through the products (materials) and activities (workshops, events, etc.) achieved by the project team (host institution and ELS).

As such, products from activities and materials produced will serve as indicators for accessing the quality and outcomes of the project. The impact of the ELS project will also be measurable through improvements in the performance of teachers trained under the project.

Since the project is largely focused on the training of teachers, the impact of the project on their students will not be measurable during the ELS project. However, it is expected that this expected outcome can be quantified and qualified in the near future together with the host institution towards overall feedback on the project and future direction for follow-on.

Specialist Qualifications: Please list all necessary skills required of the Specialist for this program.

The host institution has requested that the English Language Specialist have the following capacities and skills in:

- Teacher-training
- English language Curriculum for younger students (grades six to nine)
- Integration of technology in the teaching of languages – relevant for “today’s youth”
- Teaching of English as a Foreign Language (as opposed to ESL)
- Evaluation
- Portuguese and/or Spanish (if possible)

CONTRIBUTIONS

The host institution will provide in-kind support to the ELS including:

- infrastructure (office space, computer, access to printer and telephone, office supplies)
- staff support for planning and conducting activities
- materials for conducting teacher training activities
- personal support to locate housing, access services (transportation, health/medical)

ANEXO II



U.S. Consulate General Recife, Brazil

Rua Gonçalves Maia, 162, Boa Vista - Recife - PE, CEP 50070-600
 Tel.: +55-81-3416-3228

Recife, 19 de dezembro de 2014

Ao

Prof. Luiz de Souza Junior
 Secretário
 Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC
 Município de João Pessoa

Prezado Secretário,

É um prazer informar que a nossa proposta de qualificação do ensino de inglês – o *Programa de Especialista na Língua Inglesa* – construída de forma conjunta no último mês de novembro, foi encaminhada para Washington DC. Os recursos em questão serão disponibilizados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, por meio do Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife. Veja em anexo um resumo da proposta (em inglês).

Estamos muito contentes com as perspectivas para ampliar nossa parceria por meio deste programa, o qual visa qualificar o ensino da língua inglesa, especialmente em redes e instituições de ensino público.

O processo de recrutamento e seleção do Especialista na Língua Inglesa leva alguns meses, conforme informamos anteriormente. Assim, solicitamos que o programa inicie no final do mês de março de 2015. Vale ressaltar que o mesmo poderá iniciar depois do período solicitado, a depender do processo de seleção e a disponibilidade do especialista.

Retomaremos nosso contato na segunda quinzena de janeiro, visando garantir suas contribuições ao processo de seleção do especialista, como também para planejar os próximos passos, incluindo a elaboração do plano de trabalho.

Sem mais, agradecemos a parceria com o Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife e desejamos um final de ano com muita paz e saúde.

Atenciosamente,

Matt Keener
 Cônsul de Diplomacia Pública

ANEXO III



PREFEITURA DE

JOÃO

PESSOA

PARA VIVER MELHOR

Ofício nº. 1.803/14-GS/SEDEC

João Pessoa, 29 de dezembro de 2014.

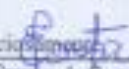
Ilmo. Sr. Cônsul,

Cumprimentando-o, informamos a V.S.^a, que a atual Secretária de Educação e Cultura do Município de João Pessoa/PB é a Sr^a **EDILMA FERREIRA DA COSTA** e todas as correspondências deverão ser encaminhadas em seu nome.

Sabientamos que o endereço de e-mail da referida secretária é o seguinte: edcosta@jp.pb.gov.br e o telefone de seu gabinete é o +55 (83) 3218-9274.

Na oportunidade reafirmamos nosso compromisso e disponibilidade em atender os objetivos dessa tão importante parceria para o município de João Pessoa.

Sem mais para o momento e ao inteiro dispor, renovamos préstimos de elevada consideração e desejamos que o ano vindouro, de 2015, seja frutífero e de muita paz para todos.



Atenciosamente,
Edilma Ferreira da Costa
 Secretária de Educação e Cultura

EDILMA FERREIRA DA COSTA
 Secretária de Educação e Cultura

Ao Ilmo. Sr.
MATT KEENER
 Cônsul de Diplomacia Pública
 U.S Consulate General Recife, Brasil
 Rua Gonçalves Maia, 163 Boa Vista
 Recife- PE CEP: 50070-060

SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 Av. DIÓGENES CHIANÇA, 177 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
 PARAIBA - BRASIL • CEP: 58052-900 • FONE: 3218-9273/3218-9274
www.joao-pessoa.pb.gov.br

ANEXO IV

MEMORANDO DE ENTENDIMENTO ENTRE O CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE, PE E A PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, PB

I. Finalidade

Este Memorando de Entendimento (doravante denominado "ME") entre o Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife, Pernambuco, Brasil e a Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba, Brasil, tem o intuito de coordenar os seus esforços coletivos com relação ao Programa de Especialista na Língua Inglesa. O ME visa aprimorar a capacidade de ensino do idioma Inglês por meio da formação de professores em metodologia de ensino da língua inglesa, buscando o desenvolvimento de professores de escolas públicas no município de João Pessoa, Paraíba, Brasil. O Consulado, a Prefeitura, e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Instituição Anfitriã) são referidos coletivamente neste como os "Participantes".

II. Período do Acordo

Este ME entrará em vigor a partir da data de execução por todos os Participantes e permanecerá em vigor até a conclusão da atividade do programa. O Especialista está programado para chegar em João Pessoa no início de julho de 2015 e permanecer durante cinco meses.

III. Descrição e Objetivo do Programa

O Consulado deve viabilizar a vinda e permanência do Especialista na Língua Inglesa ("Especialista") para executar o projeto de formação de professores durante o ano letivo de 2015. A Prefeitura Municipal de João Pessoa/Secretaria Municipal de Educação e Cultura deve contribuir com os aportes institucionais e operacionais para viabilizar o Programa conforme entendimentos estabelecidos.

As atividades a serem realizadas pelo Especialista devem incluir:

- Visitas a escolas municipais para levantamento de necessidades;
- Realização de oficinas de formação de professores e gestores em metodologias no ensino da língua inglesa, focando nas séries do Ensino Fundamental II;
- Elaboração e/ou disponibilização de materiais metodológicos para uso dos professores.

Os participantes reconhecem e concordam que o Especialista não é oficial ou funcionário do Governo dos Estados Unidos ou da Prefeitura de João Pessoa.

VI. Rescisão

Aos Participantes se reserva o direito de por termo a este ME caso qualquer outra condição torne a responsabilidade contínua do Projeto contrária aos melhores interesses mútuos. Sempre que possível, os Participantes comunicarão previamente por escrito sua intenção de cancelamento.

VII. Outros Termos e Condições

- Este ME poderá ser emendado pôr meio de acordo entre os Participantes.
- Este ME não é vinculativo e os Participantes não são em caso algum susceptíveis um ao outro ou a terceiros por danos monetários, sejam diretos ou indiretos, decorrentes deste.
- Este ME não é um documento fiscal nem um documento de recursos financeiros.
- Nada neste ME autoriza ou se destina a comprometer os participantes a se sujeitar, despende, permutar ou reembolsar fundos, serviços, ou suprimentos, ou transferir ou receber qualquer coisa de valor.

Richard Reiter
Cônsul Geral – Consulado Geral dos EUA no Recife

Local e Data

Luciano Cartaxo Pires de Sá
Prefeito – Município de João Pessoa

Local e Data

ANEXO V

DOCUMENTO DE SUPORTE AO MEMORANDO DE ENTENDIMENTO DE 2015 ENTRE O CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE, PE E A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE JOÃO PESSOA, PB

I. Estrutura para Cooperação

Este ME estabelece o entendimento comum dos Participantes referente à designação do Especialista para João Pessoa e aos recursos relacionados com esta designação.

A. Enquanto Patrocinado, ao Consulado cabe:

1. Antes da chegada do Especialista:

- Revisar currículos de candidatos e selecionar o Especialista em consulta com a Secretaria Municipal;
- Cobrir os custos de viagens internacionais e subsídios dependentes para o Especialista. Especificidades do orçamento e prazos de pagamento serão acordadas pelo Consulado e o Especialista por meio de um acordo separado (contratação pela Georgetown University, EUA);
- Comunicar com a Secretaria Municipal referente: elaboração de Plano de Trabalho, alojamento para o Especialista que atendam a critérios de segurança e localização, considerando as circunstâncias do local (bem localizado, seguro e protegido);
- Fornecer ao Especialista o nome e endereço eletrônico da pessoa de contato na Secretaria Municipal com quem o Especialista possa se comunicar;
- Prover o Especialista com datas de viagem e rotas preferenciais para o local de designação do Especialista;
- Garantir que o Especialista receba informações oportunas e precisas sobre os procedimentos adequados para a obtenção de um visto que permitirá que ele/ela e seus dependentes possam ingressar no país de designação;
- Providenciar que o Especialista seja recepcionado no momento da chegada ao país.

2. Após Chegada do Especialista no País:

- Fornecer orientação pós-chegada, informações sobre segurança e outras formas de apoio logístico relacionado com a chegada. A orientação pós-chegada pode durar até três dias.
- Facilitar contatos com colegas no país de designação, funcionários de ONGs e voluntários da Fulbright que podem ser um recurso para o Especialista;
- Prover informações de contato da Embaixada dos EUA [endereço, número(s) de telefone e endereço(s) eletrônico(s)] ao Especialista;
- Providenciar que o Especialista encontre-se com o contato/colega da Instituição Anfitriã que auxiliará o Especialista a se estabelecer.

3. Durante o Projeto:

- Fornecer materiais/recursos pedagógicos para formações junto aos professores e gestores;
- Prestar assistência oportuna e apropriada em situações de emergência (médicas, partidas voluntárias e ordenadas, segurança, etc.);
- Manter um estreito relacionamento com a Instituição Anfitriã antes da chegada do Especialista, bem como durante toda a designação do Especialista;
- Trabalhar com a Instituição Anfitriã e efetuar quaisquer alterações ou ajustes necessários nos projetos/atribuições do Especialista.
- Divulgar o projeto enquanto parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de João Pessoa, também reconhecendo publicamente o empenho do ELS quando

apropriado;

- Divulgar a colaborar no âmbito do presente ME através de canais do Consulado, incluindo a Embaixada dos EUA e o Departamento de Estado, portais da web e outras mídias eletrônicas e impressas conforme o caso e mediante acordo entre os Participantes.

B. Enquanto Instituição Anfitriã, à Secretaria Municipal cabe:

1. Antes da chegada do Especialista:

- Estabelecer em colaboração com o Consulado os parâmetros do projeto a ser executado pelo Especialista;
- Elaborar um Plano de Trabalho baseado no projeto a ser executado pelo Especialista, especificando as atividades a serem realizadas para alcançar os objetivos, como também o cronograma e insumos necessários para a realização eficaz das mesmas, fazendo os ajustes necessários no decorrer do mesmo.
- Designar um colaborador e/ou membro da equipe para acompanhar o Especialista em entrevistas/procedimentos exigidos pela polícia e outras autoridades locais;

2. Após Chegada do Especialista no País:

- Ao chegar o Especialista, a Secretaria Municipal deverá garantir que esse colaborador auxilie o Especialista com o estabelecer-se, com as questões de moradia, regularização com a Polícia Federal, espaço físico e estrutura no local de execução do projeto, etc.; · Estruturar o projeto em todos seus aspectos operacionais e programáticos;

3. Durante o Projeto:

- Proporcionar a infraestrutura necessária para execução do projeto – incluindo espaço físico para o ELS na SEDEC (incluindo acesso a ferramentas de informática e comunicação), transporte para as atividades externas à Secretaria Municipal, e materiais para realização das atividades;
- Zelar pela segurança e bem-estar do ELS; auxiliar no processo de identificar/viabilizar moradia segura e de qualidade; auxiliar com os trâmites referentes ao visto e registro com órgãos oficiais no Brasil, assim que chegar ao país;
- Garantir a estabilidade e continuidade do projeto, independente de mudanças institucionais de âmbito local;
- Manter contato com o Consulado, como uma primeira linha de comunicação relativa a eventuais alterações na missão, acomodação, visto/autorização de trabalho e preocupações médicas com a saúde e com a política;
- Divulgar o projeto enquanto parceria com o Consulado dos Estados Unidos em Recife, também reconhecendo publicamente o empenho do ELS quando apropriado. · Divulgar o projeto no âmbito do presente ME através de canais da Secretaria Municipal, portais da web e outras mídias eletrônicas e impressas conforme o caso e mediante acordo entre os Participantes.

II. Contatos

Os pontos de contato designados para a implementação deste ME são os seguintes:

A. Consulado:

Matt Keener

Cônsul de Diplomacia Pública

Consulado Geral dos EUA em Recife

Pernambuco, Brasil

E-mail: beecklersa@state.gov

Tel: 81-3416-3064

Stuart Alan Beechler
Especialista em Diplomacia Pública
Consulado Geral dos EUA em Recife
Pernambuco, Brasil
E-mail: beechlersa@state.gov
Tel: 81-99922-7085 / 81-3416-3066

B. Secretaria Municipal:

Profa. Edilma Ferreira da Costa
Secretária de Educação e Cultura
Secretaria Municipal de Educação e Cultura de João Pessoa
Paraíba, Brasil
E-mail: edcostasedecjp@gmail.com
Tel: 83- 3218-9275 / 3218-9274

Prof. Jonathan Vieira
Diretor do Centro de Línguas Estrangeiras – CELEST
Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa
Paraíba, Brasil
E-mail: jonathan.vieira.jvs@gmail.com
Tel.: 83-99999-0073 / 83-3214-7044

III. Outros Termos e Condições

· O ME poderá ser emendado por meio de acordo escrito entre os Participantes. · O ME não é vinculativo e os Participantes não são em caso algum susceptíveis um ao outro ou a terceiros por danos monetários, sejam diretos ou indiretos, decorrentes deste. · O ME não é um documento fiscal nem um documento de recursos financeiros. Nada neste ME autoriza ou se destina a comprometer os participantes a se sujeitar, despendar, permutar ou reembolsar fundos, serviços, ou suprimentos, ou transferir ou receber qualquer coisa de valor.

ANEXO VI



PREFEITURA DE
**JOÃO
PESSOA**
PRA VIVER MELHOR

Ofício nº. 0645/15-GS/SEDEC

João Pessoa, 15 de abril de 2015.

Ao

Consulado Brasileiro dos Estados Unidos

Assunto: Especialista em Ensino de Língua Inglesa

Prezado (a) Senhor (a),

Comunicamos que a Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) do Município de João Pessoa firmará parceria com o Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife, convidando a Sra. Mary Diane Whaley, integrante do English Language Specialist Program, para promover atividades de ensino de Língua Inglesa para professores da rede municipal de educação de João Pessoa, Paraíba. Com base nas informações contidas no currículo da Sra. Mary Diane Whaley, além de orientações do Consulado Geral dos EUA, acreditamos que a contribuição ao ensino de Inglês na nossa rede municipal de educação será de singular relevância.

O projeto será desenvolvido no período de cinco meses, de 01 de julho a 31 de novembro de 2015. No entanto, e levando em conta os preparativos de uma viagem internacional, os ajustes com estadia e o estabelecimento da Sra. Mary Diane Whaley no país, será necessário obtermos um visto de sete meses de duração (de 26 de junho a 25 de dezembro de 2015).

As responsabilidades assumidas pela Sra. Mary Diane Whaley incluem:

Análise de necessidades e visitas a espaços de ensino da rede municipal de educação.

SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
AV. DIÓGENES CHIANCA, 1777 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
PARAÍBA • BRASIL • CEP: 58053-900 • FONE: 3218-9273/3218-9274
www.joaopeessoa.pb.gov.br



PREFEITURA DE
JOÃO PESSOA
PARA VIVER MELHOR

Capacitação de gestores e professores da rede municipal, responsáveis pelo ensino da língua inglesa, focando em metodologias de ensino e práticas na sala de aula.

Elaboração e distribuição de material didático para professores e gestores.

Ressaltamos que o Governo dos Estados Unidos da América será o responsável pelo pagamento dos honorários da Sra. Mary Diane Whaley e por suas despesas pessoais durante o período de sua estadia no Brasil. Como contrapartida, a Secretaria de Educação aportará a infraestrutura e suporte necessário para o sucesso do projeto.

No decorrer do desenvolvimento das suas atividades, a Sra. Mary Diane Whaley terá como sede a Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa, localizado no Centro Administrativo Municipal, no endereço: Centro Administrativo Municipal – CAM – Rua Diógenes Chianca, 1777, Água Fria – João Pessoa, PB – CEP: 58053-900 – Telefone: +55-83-3218-9275.

Agradecemos sua atenção e estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Edilma Ferreira da Costa
EDILMA FERREIRA DA COSTA

Secretária da Educação e Cultura

CARTÓRIO
VIEIRA BATISTA



SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
AV. DIÓGENES CHIANCA, 1777 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
PARAIBA • BRASIL • CEP: 58053-900 • FONE: 3218-9273/3218-9274
www.joaopeessoa.pb.gov.br

ANEXO VII



Ofício nº. 0644/15-GS/SEDEC

João Pessoa, April 15, 2015

To
Ms. Mary Diane Whaley
English Language Specialist

Dear Ms. Whaley,

The João Pessoa Municipal Department of Education is very pleased to welcome you as English Language Specialist for the purpose of improving the English Language teaching and learning in our public school system. As we work in partnership with the United States Consul General in Recife, we are confident that your knowledge and experience will contribute immensely to strengthening English language instruction in our school system.

It is our understanding that the U.S. Government will cover all expenses related to your honoraria and living expenses during your stay in Brazil from July 1 to November 31, 2015, as you carry out activities within the João Pessoa Municipal Department of Education. The Secretary of Education will provide the necessary infrastructure and support to ensure the success of the project.

During your stay in João Pessoa, you will be based at the João Pessoa Municipal Department of Education, at the following address: Centro Administrativo Municipal – CAM – Rua Diógenes Chianca, 1777, Água Fria – João Pessoa, PB – CEP: 58053-900 – Telephone: +55-83-3218-9275.

We are very enthusiastic about the time you will spend with us in João Pessoa and truly look forward to your arrival.

Sincerely,

Edilma Ferreira da Costa
EDILMA FERREIRA DA COSTA

Secretary for Education and Culture – Municipality of João Pessoa

SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Av. DIÓGENES CHIANCA, 1777 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
PARAÍBA • BRASIL • CEP: 58053-900 • FONE: 3218-9273/3218-9274
www.joaopeessoa.pb.gov.br



CARTÓRIO
VIEIRA BATISTA

ANEXO VIII



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Notas sobre a montagem do Projeto Pedagógico

É uma grande honra para a Prefeitura de João Pessoa poder participar de um programa como este ofertado pelo Departamento de Estado Americano, que visa a melhoria da qualidade pedagógica na aprendizagem de língua estrangeira em nosso sistema de ensino. Esta notícia foi recebida com grande entusiasmo pelos nossos professores de língua inglesa que participarão desta formação que busca aperfeiçoar e capacitar suas práticas nas salas de aula com novas estratégias e metodologias para poderem cada vez mais ofertar aos nossos alunos um ensino que garanta uma verdadeira experiência cognitiva através deste projeto com a ajuda da professora Mary Diane Whaley.

O foco principal deste plano pedagógico é identificar os maiores desafios enfrentados por nossos professores em nossas escolas para fornecer a professora Mary Diane Whaley, dados para que ela possa conhecer um pouco das nossas necessidades, dificuldades e desafios. Pretendemos que o uso destas informações possa de alguma forma ajudá-la a nortear uma melhor forma de aplicar sua vasta experiência no ensino de segunda língua para estrangeiros na formação de docentes contribuindo consequentemente na melhoria do ensino ao compartilhar suas experiências de ensino do inglês como segunda língua e ao apresentar aos nossos professores novas estratégias pedagógicas a fim de superarmos tais obstáculos.

Apesar dos grandes e inegáveis avanços que o Brasil tem conquistado nos últimos anos no ensino básico, ainda persiste uma grande discrepância entre a universalização e a qualidade de nosso ensino quando comparados dados de escolas da rede pública e escolas da rede privada.

A respeito do ensino de língua estrangeira moderna o próprio MEC (Ministério da Educação) reconhece oficialmente os problemas do ensino de línguas estrangeiras modernas ao afirmar nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que:

“Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido ao giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado em termos da função social das LEs no país e também em termos dos objetivos realizáveis tendo em vista condições existentes.” (Brasil, 1998, p. 21)

No entanto os PCNs deixam claro que o papel de aquisição de uma segunda língua é da escola:

“Embora seu conhecimento seja altamente prestigiado na sociedade, as línguas estrangeiras, como disciplinas, se encontram deslocadas da escola. A proliferação de cursos particulares é evidência clara para tal afirmação. Seu ensino, como o de outras disciplinas, é função da escola, e é lá que deve ocorrer.” (Brasil, 1998, p. 19)

Gostaríamos de chamar atenção para os grandes desafios enfrentados por professores no Brasil:

1. Número de alunos por turma:

As escolas brasileiras possuem um grande número de alunos por turmas, são cerca de 35 a 45 alunos em cada turma, desta forma necessitamos de estratégias que possam dinamizar o trabalho do professor e proporcionar que todos alunos participem efetivamente das aulas, atividades que envolvam grupos serão importantes para atingir o máximo de estudantes.

2. Realidade desestimulante dos alunos em aprender outro idioma:

Atualmente um grande número de estudantes são interessados em aprender outro idioma, entretanto quando eles encaram a conjuntura do ensino tradicional que perdura dentro do ensino da língua inglesa na educação básica, eles não sentem nenhum tipo de motivação para continuar estudando. É necessário desenvolver estratégias de interação e motivação entre professores e alunos.

3. Dificuldade em usar novas tecnologias integrando currículo as competências linguísticas:

Apesar dos grandes avanços tecnológicos vivenciados na era digital, boa parte das escolas brasileiras ainda possui acesso limitado a Internet. Além disso, ainda existem muitos professores que não estão prontos para lidar com novas tecnologias e eles não usam recursos tecnológicos em suas aulas como uma maneira de integrar o processo de aprendizagem de uma língua com ferramentas das novas tecnologias.

4. Poucas aulas por turma para estabelecer proficiência e/ou competências linguísticas:

Nós temos no Brasil apenas duas aulas de língua estrangeira durante a semana, que de acordo com muitos professores não é suficiente para atingir metas e desenvolver competências linguísticas.

ANEXO IX

MEMORANDO DE ENTENDIMENTO ENTRE O CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE, PE E A PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, PB

I. Finalidade

Este Memorando de Entendimento (doravante denominado "ME") entre o Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife, Pernambuco, Brasil e a Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba, Brasil, tem o intuito de coordenar os seus esforços coletivos com relação ao Programa de Especialista na Língua Inglesa. O ME visa aprimorar a capacidade de ensino do idioma Inglês por meio da formação de professores em metodologia de ensino da língua inglesa, buscando o desenvolvimento de professores de escolas públicas no município de João Pessoa, Paraíba, Brasil. O Consulado, a Prefeitura, e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Instituição Anfitriã) são referidos coletivamente neste como os "Participantes".

II. Período do Acordo

Este ME entrará em vigor a partir da data de execução por todos os Participantes e permanecerá em vigor até a conclusão da atividade do programa. O Especialista está programado para chegar em João Pessoa na segunda quinzena de março de 2016 e permanecer durante cinco meses.

III. Descrição e Objetivo do Programa

O Consulado deve viabilizar a vinda e permanência do Especialista na Língua Inglesa ("Especialista") para executar o projeto de formação de professores durante o ano letivo de 2016. A Prefeitura Municipal de João Pessoa/Secretaria Municipal de Educação e Cultura deve contribuir com os aportes institucionais e operacionais para viabilizar o Programa conforme entendimentos estabelecidos.

As atividades a serem realizadas pelo Especialista devem incluir:

- Visitas a escolas municipais para levantamento de necessidades;
- Realização de oficinas de formação de professores e gestores em metodologias no ensino da língua inglesa, focando nas séries do Ensino Fundamental II;
- Elaboração e/ou disponibilização de materiais metodológicos para uso dos professores.

Os participantes reconhecem e concordam que o Especialista não é oficial ou funcionário do Governo dos Estados Unidos ou da Prefeitura de João Pessoa.

VI. Rescisão

Aos Participantes se reserva o direito de por termo a este ME caso qualquer outra condição torne a responsabilidade contínua do Projeto contrária aos melhores interesses mútuos. Sempre que possível, os Participantes comunicarão previamente por escrito sua intenção de cancelamento.

VII. Outros Termos e Condições

- Este ME poderá ser emendado por meio de acordo entre os Participantes.
- Este ME não é vinculativo e os Participantes não são em caso algum susceptíveis um ao outro ou a terceiros por danos monetários, sejam diretos ou indiretos, decorrentes deste.
- Este ME não é um documento fiscal nem um documento de recursos financeiros.

- Nada neste ME autoriza ou se destina a comprometer os participantes a se sujeitar, despende, permutar ou reembolsar fundos, serviços, ou suprimentos, ou transferir ou receber qualquer coisa de valor.

Matt Kenner
Cônsul de Diplomacia Pública –
Consulado Geral dos EUA no Recife

Local e Data

Edilma Ferreira da Costa
Secretária de Educação e Cultura –
Prefeitura Municipal de João Pessoa

Local e Data

ANEXO X

ENGLISH LANGUAGE SPECIALIST PROPOSAL

Proposal Title:

Strengthening Public School English Language Education in the Municipality of João Pessoa,
Paraíba,

Brazil

DATES

Post Arrival (proposed): 02/22/2016

Post Departure (proposed): 07/23/2016

PROGRAM DESCRIPTION AND JUSTIFICATION

Program Description

The project entails continued implementation of a teacher capacity-building project begun in the Joao Pessoa Municipal School System in 2015, targeting teachers in schools located in the capital of the state of Paraíba.

English Language Specialist activities will concentrate primarily on Public School Teacher Development Courses to impart Teaching Methodologies. The Specialist will:

- Carry out school/classroom visits in the municipality to assess program needs and monitor progress.
- Conduct a series of workshops on teaching methodologies for English Language Education, targeting public school teachers (grades 6th through 9th) and select Secretary of Education staff working to support the English language curriculum. (at CECAPRO, the municipality's professional development center for teachers and staff).
- Conduct Intensive English for Special Purposes Courses for public school teachers collaborating with the Secretary of Education's Language Center (created in 2014). Training will be provided through on-site workshops (at CECAPRO).
- Provide English language education materials (largely through RELO) and associated hands-on training (ELS) in the use of those materials to the public school system.
- Establish and supply educational materials for classroom space dedicated to the exclusive use of English teaching/learning in at least five additional public schools to be funded largely through the ELS's PAA. (ELS created two such classrooms in a pilot program in the first phase of this project.)

- Create a web-based archive of teaching materials and methodologies based on the experience of the first phase of this project which will be available to all João Pessoa Municipal School English teachers.

Program Objectives

The key objective is to improve the teaching methods and skills of English (EFL) teachers in the Joao Pessoa Municipal Public School System. The project will train public school teachers to incorporate classroom techniques and resources that provide for a stimulating learning environment. The project will give teachers in the municipal public school system new skills and resources related to language skills and teaching methodologies.

Specifically, the project should:

- Help the teachers develop more effective skills for use in their classrooms.
- Give teachers more confidence in teaching English.
- Encourage teachers to use their knowledge and strategies in the classroom.
- Enable teachers to share what they learn with other teachers in their schools.
- Promote a change in attitude and approach in teachers' practices through demonstration of innovative teaching methodologies, developing a partnership for sharing ideas and approaches.

Primary Theme

Primary = Global Education

Secondary = Expand and Strengthen People to People Relationships

Program Summary How does the proposed program address the selected Strategic and/or MSRP priority/priorities?

This Specialist will help implement post's overall English strategy for Brazil, which is supporting Post's ICS goals in the area of Mutual Understanding. The Specialist's activities will also support ICS goals related to Economic Prosperity and Social Inclusion by providing increased access to high quality English language instruction to disadvantaged teachers.

The proposed project addresses the priorities of the host institution because those priorities continue to be to strengthen the implementation of English in the curriculum and to have experienced partners to assist in this new and long journey. It is an opportunity to continue to change not only the curriculum of their courses but also public education policies.

Program Significance / Background Why is this program needed? Why is it important to hosts? To posts?

The project will place the Specialist in the CG Recife district to build on not only the significant investments made to date by several NE Brazilian states in English language education but also on the investment begun during the first phase of this project. The USG investment will enable a multiplying effect on Brazil's much larger investments in education and exchanges, which will advance U.S. public diplomacy education priorities and result in future returns by enabling more Brazilian students to participate in Brazilian-funded exchanges and study abroad in the U.S. Students of the teachers who participate in these programs will eventually be excellent candidates for grants to study in the United States under the Brazilian government's Science Mobility Program, contributing to achieving the 100,000 Strong in the Americas goal.

Locally, the project is needed because the general state of English language education in Joao Pessoa Municipal Public School System faces challenges in maximizing the impact of its efforts to date, as English language teachers typically lack the knowledge and resources to teach English communicative skills effectively. At the same time, the municipal government intends to invest in programs and resources to improve English language education, such as the Joao Pessoa Municipal Foreign Language Center (which was established in 2014 as part of a campaign promise by the newly elected mayor) and development of core curriculum. The state of Paraiba (Joao Pessoa is the capital.) also has a foreign language center, and the strengthening of English language education at the middle school level will contribute to the results achieved at the secondary/high-school level. Programs are in need of support to reach their potential, moving beyond more conventional forms of English language teaching and maximizing teaching in spite of limitations in English language skills per se among teachers of English.

The first phase of this project was an outstanding success with the 2/3 of the municipal English teachers who participated. This phase of the project will reach the remaining 1/3 who were unable to attend in 2015 as well as offer additional, basic professional development opportunities to the teachers who participated in the 2015 project.

City officials, including the Mayor and the Secretary of Education, took the first steps in a significant policy change during the first phase of this project by allowing the establishment of two classrooms for the exclusive use of English teaching. During the 2016 phase, the city will continue to rely on the ELS to provide training, materials, and motivation as the number of these classrooms increases. The ELS was able to introduce some of the basic concepts related to the student-centered, communicative approach to teaching, but these ideas need to be reinforced and put into practice under monitored conditions so that the teachers' skills can be honed. Many of the essential ideas and techniques of this approach still need to be introduced to the teachers who participated in the first phase.

Program Details: How is the proposed program integrated into other post-sponsored/organized EL activities and/or PAS programs? Will there be collaboration with other USG organizations?

Continuing this project will enhance the PA partnership the ELS has built with the Joao Pessoa Education Secretariat. PA Recife has already taken initial steps in building a solid relationship with the municipal government and has already developed linkages with the secretariats of tourism (promoting citizen and government-to-government exchanges) and culture (promoting musical exchanges). This project has significantly strengthened those relationships, and continuing it into a second phase will solidify it even more.

The proposal for an English Language Specialist is also modelled after very successful projects with English Language Fellows in the state of Pernambuco.

There is no direct collaboration anticipated with other USG organizations. However, the English Language Specialist project that was implemented during the same period with the Federal University of Paraiba (UFPB) offered several opportunities for collaboration. The EL Specialists fostered cooperation between the City of João Pessoa, UFPB, and Paraiba State Education officials during several combined endeavors including informal meetings, two professional conferences, and a joint fact-finding visit to Dupla Escola in Rio de Janeiro. It is also worth noting that UFPB does conduct teacher training in the public school system, and this is a component of the project carried out by the English Language Specialist at the UFPB.

Anticipated Results: Describe the expected impact of this program on the participants, educational institutions, and community overall. What do we achieve?

It is expected that the project will have a direct impact primarily on teachers in the primary/middle public schools (grades six to nine). Through improvements in their ability to teach English more effectively, they will be in a position to help their students learn and subsequently have greater access to international programs in conjunction with the United States.

As teachers and students become more proficient in teaching (teachers) and communicating (teachers and students) in English, they will have greater access to opportunities such as interaction with Americans and American culture/history.

Institutionally, the partner institution will gain from strengthening its teacher training programs (in-service training, Foreign Language Center services, support for curriculum development and implementation) and become an even stronger partner with the USG.

The partner institution has expressed a broader desire for the project to contribute to making language education – and particularly English language education – a priority and a fundamental component within the education system.

While the project is targeting the primary/middle school level (which has a direct impact on the above-mentioned high school exchange program), it is also relevant to PA Recife's efforts to promote exchanges and internationalization in conjunction with the public universities in Paraiba, through support of the 100,000 Strong initiative for academic study/exchanges in the U.S. While

the major effort underway by the GOB is the Science Mobility Program, there are other exchange programs at the secondary and higher education levels that are conduits for students to participate in exchanges in the U.S. The project scope targets public school teachers of English as a critical strategy for increasing the level of English among potential/future university students from the public school system. These students frequently enter higher education with a language deficit due to deficiencies in their public school education.

Institutional Capacity and Importance: In what way(s) does/do the proposed host(s) have the capacity to capitalize on the specialist's expertise and why are they an important institution for the post?

Joao Pessoa Municipal Secretariat of Education

The Joao Pessoa Municipal Secretariat of Education is committed to investing in English language education in the primary/middle school system and seeks to improve curriculum and teaching. The Municipal Secretary of Education (proposed host institution) has an ambitious plan to strengthen its recently-created Foreign Language Center to work with approximately 2,000 public school students.

The targeted professors are teaching students in grades six to nine, in 88 schools around the municipality (capital). The Foreign Language Center offers additional instruction to these students, as well as to older students (enrolled in the *EJA* – Youth and Education Adult - programs) and professionals providing basic services – such as transportation and hospitality – in the tourism sector.

The Secretary of Education is also interested in the online resources available through the RELO in Brazil to complement training activities for professors.

The general state of English language education in Joao Pessoa faces challenges in maximizing the impact of its efforts to date, as English language teachers typically lack the knowledge and resources to teach English as effectively as needed.

Evaluation Plan and Follow-Up: How will post assess the program's progress and whether objectives were met? How will the program be followed up after the Specialist has departed? If meeting the objective is a longer term, multi-step process, what's next?

CG Recife/PAS and RELO will be in systematic contact with the Joao Pessoa Municipal Secretary of Education in order to monitor the project's progress through desk (telephone, electronic correspondence and reports) and on-site (periodic site visits) actions. Interaction will take place with the host institution and the ELS, with additional interaction occurring directly with the ELS.

The host institution and ELS will provide periodic reports and informal feedback. Another mechanism for CG Recife/PAS to track and access the project is through the products (materials) and activities (workshops, events, etc.) achieved by the project team (host institution and ELS).

As such, products from activities and materials produced will serve as indicators for accessing the quality and outcomes of the project. The impact of the ELS project will also be measurable through improvements in the performance of teachers trained under the project.

Since the project is largely focused on the training of teachers, the impact of the project on their students will not be measurable during the ELS project. However, it is expected that this expected outcome can be quantified and qualified in the near future together with the host institution towards overall feedback on the project and future direction for follow-on.

Specialist Qualifications: Please list all necessary skills required of the Specialist for this program.

The host institution has requested that the English Language Specialist have the following capacities and skills in:

- Teacher-training
- English language Curriculum for younger students (grades six to nine)
- Integration of technology in the teaching of languages – relevant for “today’s youth”
- Teaching of English as a Foreign Language (as opposed to ESL)
- Evaluation
- Portuguese and/or Spanish (if possible)

CONTRIBUTIONS

The host institution will provide in-kind support to the ELS including:

- infrastructure (office space, computer, access to printer and telephone, office supplies)
- staff support for planning and conducting activities
- materials for conducting teacher training activities
- personal support to locate housing, access services (transportation, health/medical)

ANEXO XI

Proposed Syllabus English Teachers' Professional Development Workshops João Pessoa Municipal Schools 2015

Contact Information

Diane Whaley
Email: caniac25@gmail.com
Cell phone: 9999 2424 7

You are welcome to contact me whenever you need help.

Our website: www.joaopessoapd.wordpress.com

General Objective of the Workshops

These workshops will help you to teach more communicatively so that your students will be able to develop practical skills, language that they can use in the real world. I will give you some ideas about how to motivate your students and to show them the practical value of learning English.

Textbook and Supplementary Materials

Textbook:

- *From Language Learner to Language Teacher* by Don Snow. (I will distribute copies in class.)

Supplementary Materials:

- *Becoming a Language Teacher: A Practical Guide to Second Language Learning and Teaching*, by Elaine Kolker Horwitz (I will use selected chapters. They will be on our website. www.joaopessoapd.wordpress.com)
- *The Monster Book of Language Teaching Activities* by the Regional English Language Office, U.S. Department of State, Sao Paulo (I have posted the entire book on our website. www.joaopessoapd.wordpress.com)

Course Schedule

Four hours per week on every other Wednesday according to your group.

Course Requirements

- Presentation of the main points from one chapter of the textbook. This is a group project. (You will receive a separate handout about this.)
- Teaching demonstration of and reflection on one communicative classroom activity. This is a pair project. (You will receive a separate handout about this.)
- A Portfolio of all classroom materials. This can be electronic, paper, or a combination of both. (See the Portfolio section below.)
- A Personal Journal. (See the Journal section below.)
- The Final Project. (Details will be provided later in the course.)

Grading System

Attendance/Punctuality:	5%
Class Participation:	10%
Presentation of textbook chapter:	20%
Teaching demonstration:	25%
The Portfolio	5%
The Journal	5%
The Final Project	25%

Attendance

Each group of 40 students will meet just 10 times, so it is critical that you attend all sessions. Students who are absent for more than two sessions will not receive a certificate of completion.

I expect everyone to arrive on time every day. Being late 1 to 20 minutes three times equals 1/2 absence; 20 to 40 minutes late once equals 1/2 absence; 20 to 40 minutes late twice equals one full absence; over 40 minutes late just once equals one full absence.

Class Participation

Your participation will be evaluated **daily** on the quality of your ideas, not necessarily the quantity and **never on the accuracy of your English**, in pair work, group work, and whole class activities. I expect you to speak to the best of your ability. Everyone will be evaluated as individuals; I do not make comparisons between students in terms of language proficiency. **Focus on fluency, not accuracy.**

The Portfolio

Your portfolio may be digital, paper, or a combination of both. It should contain:

- Everything that you receive and create throughout the course in an organized fashion.

- A very short paragraph identifying one activity, idea from the textbook, resource, opportunity, etc. that you found particularly valuable. Explain why is helpful to you and make any other comments you would like.
- A very short paragraph about what improvement I could make in this course or what you would like to see included in a future course.

Due date: Your portfolio is due at **the next to the last session**. I will review and return to you during your last session.

The Journal

Your journal must be submitted digitally. Keep it organized, and **submit the entire journal every time** in chronological order.

You are free to write about anything you like. You can give me feedback. You can ask me a question about teaching, grammar, etc. You can tell me about an interesting article or website. Whatever is on your mind. I will reply.

Please write a few words or a few sentences after every session – no more than five or six sentences, please. *I will not grade or comment on your English – only your ideas.*

Due date: The first Sunday after each session. No later than midnight!

The Final Project

Description of the final project options will be available soon.

Due date: To be determined

Description of a Normal Class

Icebreaker activity by Diane	15 minutes
Group PPT presentation on the textbook	30 minutes
Pair Activity presentations	60 minutes
Resource/Opportunity Presentation by Diane	15/30 minutes
Break	15 minutes
Presentation on the Textbook by Diane	60 minutes
Closing/ Reflection	15 minutes

ANEXO XII

Highlights Form

Name: Diane Whaley	Participant type: Specialist
Activity Title: <i>WordScapes</i> Provided by English Language Specialist Diane Whaley Are a Huge Hit in Middle School English Language Classroom <i>Please use the words "Specialist" and "English" in the title if possible.</i>	
Activity Location: Ateneo Colégio, João Pessoa, Paraíba, Brazil <i>Please enter both the city and country</i>	
Activity Start Date: 6/28/2016	Activity End Date: June 28, 2016
Which U.S. State Department initiated programs or products were associated with this activity? (In addition to English Language Fellow or Specialist Program) WordScapes teaching materials provided by ECA via the U.S. Embassy in Brasília <i>e.g. Fulbright ETAs, English Access Microscholarship Students, E-teacher program, MOOC Camp, American English website, ECA English teaching materials, etc.)</i>	

Describe the activity (who, what, where, when) - what did participants learn, how was the activity conducted, feedback from participants, etc.

English Language learners from Colégio Ateneo in João Pessoa, Paraíba, Brazil were only mildly interested when their teacher told them he had something new for them to do in class today. But when Mr. Barbosa showed them the WordScapes materials, they immediately became fully engaged in his lesson and enthusiastically participated in the student-centered, communicative activities he had designed for them. These middle school students expanded their vocabulary, improved their spelling, and practiced their speaking and listening skills using the colorful landscapes provided by English Language Specialist Diane Whaley.

Activity Significance:

Why did you do this? What was the value of the activity? What are the expected outcomes?

Language teachers are continually challenged to develop activities and materials that will motivate their students to communicate in class. WordScapes (and other materials) produced by ECA and provided by English Language Specialists around the world are always sought after and appreciated because they are of such high quality, because they reduce teachers' preparation time significantly, and, most importantly, because they provide interesting opportunities for students to communicate in English. Today, using these materials, students learned new vocabulary, practiced using that vocabulary in a communicative manner, and thoroughly enjoyed the process.

Quotes about the activity

In your own words (or words of a participant), tell us your impressions of the activity in short sentences. We may use these quotes for our website or other promotional materials. Please include 1-3 quotes.

(Example: "The younger teachers would defer to the older teachers, even if they were wrong. I had to find a way to help the young teachers navigate the culture of reverence for elders just to get them to participate in the workshop.").

English Language teacher Elton Jones Barbosa: “My students were fully engaged, focused, and working independently in small groups with the WordScapes pictures.”

Number of Foreign Participants: 18	
Key audience 1: Youth (Under 18)	Percentage of audience: 95%
Key audience 2: Educators/Adademics/Think Tanks	Percentage of audience: 5%
1. Please choose at least one key audience. 2. If you select more than one, percentages should add up to 100%. 3. If an audience member falls into more than one category, list that person in the category of the capacity that they are there. (e.g. A 20 year old teacher in attendance at a teaching workshop should be an “Educator,” but that same person in attendance at a youth empowerment rally should be a “Youth (19-35)”	
Percentage male: 55%	Percentage female: 45%
Did you collaborate with any other organizations (U.S. Government or local organizations) to carry out this activity? Yes ☐ No ☒ If yes, what organization(s)?	
What was the budget for this activity? No costs involved	
What materials did you use for this activity: <i>Were materials used or distributed at this event? Were there any U.S. Embassy materials--English Teaching Forum, print publications, etc.</i>	
ECA-provided educational materials including WordScapes.	
How did you recruit participants for this activity: <i>One of the teachers in my professional development workshops decided to use WordScapes and sent me these photos after a successful session with his students.</i>	
Do you have any photos of the activity? Yes ☒ No ☐ <i>If yes, please attach them to the email.</i> Caption for photos: <i>Middle School Students in João Pessoa, Paraíba, Brazil, completely engaged and working independently with WordScapes</i>	

This form should be filled out and submitted as soon as possible after the event takes place. Please email it as an attachment to

1. your GU/CIED Program Officer
2. your RELO & RELO Assistant, and
3. your Post contact (if different from RELO)

ANEXO XIII



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA DE JOÃO PESSOA
GABINETE DO PREFEITO

João Pessoa, 08 de agosto de 2016.

Ofício nº 095/2016 - GAPRE

Excelentíssimo Senhor

José Mendonça Bezerra Filho

Ministro da Educação

Excelentíssimo Senhor Ministro,

Venho por meio deste, colocá-lo a par do exitoso projeto de cooperação educacional entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa e o Consulado-Geral dos Estados Unidos em Recife. O projeto iniciado em 2015 e renovado para 2016 cuida-se de capacitação profissional dos professores de inglês da rede municipal de ensino de João Pessoa através de uma especialista em língua inglesa, atuante na área de formação de professores de inglês como língua estrangeira, a serviço do Departamento de Estado Americano atuando no programa *"English Language Specialist"*. A profissional a que me refiro, enviada pelo governo americano, atuou em 2015 e em 2016, por cinco meses, oferecendo cursos e *workshops* nos encontros obrigatórios de formação continuada, dos quais nossos professores de língua inglesa participam.

Os encontros visaram:

- a) Apresentação de novas estratégias e metodologias de ensino da língua inglesa de caráter mais comunicativo.

- b) Técnicas e estratégias de trabalho em grupo, utilização de tecnologia em sala de aula, técnicas motivacionais, utilização de dinâmicas e jogos educativos em sala de aula.
- c) A análise e compreensão do modelo de aula de língua inglesa seguido pelas escolas municipais.
- d) Fomentar a criação, em algumas escolas municipais, de salas de aula exclusivas para o ensino de inglês, a fim de proporcionar uma mudança na cultura de ensino do idioma de forma mais contextualizada.

O projeto culminou:

- a) Na formação continuada de 80 professores da rede municipal de ensino de João Pessoa que atuam nas 67 escolas trabalhando com por volta de 22.000 alunos que cursam o fundamental II.
- b) Na I Conferência Municipal dos Professores de Inglês de João Pessoa, evento no qual se discutiu como o ensino de inglês na escola pública vem sendo assertivo e realmente impactando o alunado.
- c) Incentivos aos trabalhos realizados no Centro de Línguas Estrangeiras da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Saliento também que a motivação dos nossos profissionais de língua inglesa que participaram desse projeto é visível. A discussão de técnicas, a fim de deixar o ensino de língua inglesa mais comunicativo, mais lúdico e melhor pensado, para o real uso da língua é um diferencial importante a ser considerado, dado o impacto positivo existente no trabalho diário dos professores e no aprendizado dos alunos. Digo isso uma vez que, pela experiência e depoimento de nossos professores, o atual modelo de ensino nas nossas escolas, cujo foco quase que absoluto é na gramática, deixa o processo de ensino e aprendizagem muito menos assertivo já que a carga gramatical a ser trabalhada é demasiadamente densa e extensa.

Este breve relato serve também para ratificar nosso compromisso na renovação das práticas de ensino nas escolas públicas de nosso país. Com parceiros como o Governo dos Estados Unidos, através de

seus departamentos e projetos na área de educação, percebemos como uma cooperação parceira dessa magnitude foi e continua sendo importante para toda uma classe de profissionais.

Atenciosamente,



Luciano Cartaxo Pires de Sá
Prefeito

ANEXO XIV

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DESEMPENHADAS EM CARÁTER COOPERATIVO
ENTRE PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA E GOVERNO AMERICANO,
ATRAVÉS DO CONSULADO-GERAL DOS ESTADOS UNIDOS EM RECIFE.

JOÃO PESSOA
JANEIRO/2017

□ Contextualização Inicial do Projeto

A Prefeitura Municipal de João Pessoa, na Paraíba, e o Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife, Pernambuco, em maio de 2014 iniciaram contatos visando trabalhar juntos para melhorar o ensino da língua inglesa para crianças nas escolas municipais de João Pessoa através de investimentos em capacitação dos professores de inglês da rede municipal de ensino. Em 2015, mais precisamente, de 28 de junho a 29 de novembro, foi enviada a especialista em língua inglesa Diane Whaley para trabalhar com os professores de inglês da rede municipal. Em 2016, mais precisamente, de 19 de março a 20 de agosto, em uma segunda versão do projeto, a fim dar continuidade ao que havia sido iniciado em 2015, a especialista retorna à João Pessoa. A principal tarefa da especialista em ambos os anos foi de realizar oficinas de capacitação profissional para os professores de inglês da rede municipal de João Pessoa. A especialista atuou diretamente com aproximadamente 80 professores durante todo o curso de formação, assim como com dezenas de outros profissionais de língua inglesa que participaram, pontualmente, de *workshops* específicos, da Primeira Conferência dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa e de outras iniciativas ou situações que contaram com a presença da especialista. É importante salientar que esses professores estão distribuídos nas 67 escolas municipais da rede de ensino que dispõem de Ensino Fundamental II e que trabalham com cerca de 22 mil alunos que têm contato com a língua inglesa, como língua estrangeira.

□ Sobre a profissional especialista em língua inglesa Diane Whaley.

Uma especialista em língua inglesa a serviço do Departamento de Estado dos Estados Unidos designada para um projeto de primeira classe entre um Consulado dos Estados Unidos no Brasil e um governo municipal. Antes dessa tarefa, Diane conduziu *workshops* de capacitação profissional em um projeto internacional em conjunto com o *British Council*, o RELO-Cairo (Regional English Language Office in Cairo) e a Direção de Capacitação dos Institutos e Faculdades Nacionais do Ministério da Educação Egípcio em um *STEM Project* treinando os treinadores desse projeto.

Além disso, ela serviu em duas missões consecutivas como uma profissional especialista em língua inglesa em Montevideu, Uruguai. No Uruguai, Diane desenvolveu materiais educacionais para o Ministério da Educação do Uruguai, ministrou vários cursos na Universidade de Montevideu e realizou *workshops* de capacitação profissional para professores de inglês de escolas públicas em todo o país. Diane passou a maior parte de sua carreira na Faculdade de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins em Washington, D.C. dirigindo o Programa de Inglês e administrando o Centro de Estudos Árabes no Exterior. Ela também ocupou cargos de professora no Consulado Americano em Istambul, na Universidade de King Saud na Arábia Saudita, na *Fuqua School of Business* da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, e na Universidade de Siracusa, em Nova York.

□ Características Pedagógicas do Projeto

Depois de avaliar e se contextualizar a respeito da situação aparente do ensino de inglês local, pôde-se identificar quatro grandes áreas de preocupação:

- 1) Os alunos das escolas municipais de João Pessoa não estavam aprendendo a se comunicar em inglês;
- 2) Os alunos não se motivavam a aprender inglês;
- 3) Professores de inglês foram desencorajados e frustrados pela incapacidade dos seus alunos de participar ativamente na sala de aula;
- 4) A cultura nas salas de aula não era propícia para a aprendizagem de línguas.

Foram identificadas quatro maneiras de melhorar essa situação e foram definidos quatro objetivos correspondentes para o projeto.

Objetivos:

- 1) Introduzir métodos de ensino comunicativo e centrados no aluno para melhorar a aprendizagem e o ensino de línguas;

- 2) Fornecer materiais educacionais interessantes e fáceis de usar para melhorar a aprendizagem de línguas e reduzir o tempo de preparação da aula por parte do professor;
- 3) Designar em algumas escolas espaço dedicado exclusivamente ao ensino de inglês para que os professores possam estabelecer o controle da sala de aula e começar a mudar a cultura de ensino da aula de inglês e de relacionamento com os alunos;
- 4) Desenvolver uma estratégia para motivar os professores a experimentar novos métodos, materiais e outras ferramentas para motivar os alunos.

As atividades desempenhadas ao longo do processo de cumprimento dos objetivos acima contaram com as seguintes autoridades educacionais da cidade: Jonathan Vieira, Diretor do Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa, Gilberto Cruz, diretor da Diretoria de Gestão Curricular e Edilma Ferreira, secretária de Educação e Cultura de João Pessoa. Jonathan Vieira atuou como coordenador do projeto e teve a função de administrar as demandas relacionadas ao projeto junto aos mais altos níveis da gestão municipal apoiando os objetivos da especialista e os fazendo seus objetivos, assim como contribuindo e direcionando o projeto com a especialista.

Como resultado direto desse apoio, foram feitos progressos significativos em direção a esses objetivos já citados. Além disso, tanto o Escritório Regional de Ensino de Língua Inglesa (RELO) em São Paulo (especialmente a especialista regional em ensino de língua inglesa Helmara Moraes) e o Consulado Geral dos Estados Unidos, Recife (através do especialista em diplomacia pública Stuart Beechler, do cônsul de diplomacia pública Matt Keener e do cônsul-geral Richard Reiter) foram excepcionalmente imprescindíveis para a realização de todos os esforços investidos, tanto fazendo os investimentos necessários para a realização do projeto como participando das iniciativas propostas, por exemplo, a participação pessoal do Cônsul Geral na Cerimônia Inaugural do projeto, bem como sua participação e observações na Primeira Conferência dos Professores de Inglês de João Pessoa, evento dirigido por Diane Whaley e Jonathan Vieira e que contou com os professores do município de João Pessoa e outros convidados como palestrantes.

É importante salientar que após ter sido confirmada a vinda da especialista em língua inglesa no ano de 2015, os primeiros contatos com ela começaram antes mesmo de sua chegada, a fim de contextualizá-la acerca das dificuldades da rede municipal de ensino em relação à língua inglesa, assim como da real situação do ensino. Foi organizado um documento por parte de dois professores da rede municipal escolhidos para poder representar os seus colegas, assim como houve contato direto entre a especialista e o diretor do Centro de Línguas Estrangeiras via e-mail e conversas em Skype, o qual teve a missão de fazê-la compreender, mesmo que distante, um pouco mais, do ambiente, para o qual ela estava vindo. Esse contato continuou durante todo o momento de sua estada em João Pessoa, diariamente.

Vale ressaltar que para que houvesse formalização documental a respeito do projeto de cooperação educacional estabelecido entre Prefeitura Municipal de João Pessoa e Consulado-Geral dos Estados Unidos em Recife, ambas instituições resolveram assinar Memorando de Entendimento assegurando alguns compromissos bilaterais e adotando alguns compromissos.

Para que os objetivos do projeto fossem alcançados, os trabalhos aconteceram das seguintes maneiras de acordo com cada objetivo:

Objetivo 1 - Introduzir métodos de ensino comunicativo e centrados no aluno para melhorar a aprendizagem e o ensino de línguas;

Desde muito cedo, na primeira sessão presencial da formação proposta aos professores, ficou claro que os professores de inglês da rede municipal de João Pessoa não estavam familiarizados com a abordagem comunicativa e centrada no aluno para ensinar inglês. Este objetivo para ser atingido necessitou de uma reorganização pela especialista de seu plano de atuação a fim de que isso pudesse ser apresentado basicamente para os professores e eles pudessem entender e se concentrar nesse objetivo.

Muitas foram as vertentes de ensino por parte da especialista, a qual tentou inspirar os professores utilizando diversas técnicas e materiais. Todo o plano de curso e atividades propostas pela especialista podem ser acompanhadas através do

seguinte *website* criado para que os professores pudessem ter acesso a todo o conteúdo discutido na formação: <https://joapessoapd.wordpress.com/>.

De forma resumida, muitas das atividades da especialista se concentraram na apresentação de técnicas e estratégias de trabalho em grupo, em como poder fazer a utilização de tecnologia em sala de aula, em técnicas motivacionais, utilização de dinâmicas e jogos educativos e lúdicos em sala de aula, o que, certamente, é engrandecedor para os profissionais professores porque os norteia em relação à preparação de suas aulas.

Objetivo 2 - Fornecer materiais educacionais interessantes e fáceis de usar para melhorar a aprendizagem da língua inglesa e reduzir o tempo de preparação da aula por parte do professor;

Foram solicitados materiais pedagógicos através do Escritório RELO (Escritório Regional de Ensino de Língua Inglesa, à época localizado na cidade de São Paulo, hoje em Brasília), incluindo os seguintes materiais:

- 1) *WordScapes*
- 2) *The Monster Book of Language Learning Activities*
- 3) *The Color Vowel Chart*
- 4) *Activate*
- 5) *Forum*
- 6) *Trace Effects DVDs*

Os professores e a especialista Diane Whaley dedicaram ao longo de cada *workshop* tempo discutindo e praticando como usar estes e outros materiais fornecidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. Os materiais disponíveis pelo Departamento de Estado dos Estados formam grandiosa coleção e podem ser acessados gratuitamente por todos os educadores de língua inglesa, servindo, portanto, de grande acervo. Este podendo ser encontrado através do *link*: <https://americanenglish.state.gov/>. Ter tido acesso a esta plataforma dedicada ao ensino de língua inglesa, bem como ao outros espaços, embora aparentemente simples, norteou professores para um local seguro no qual informações e formações importantíssimas para sua profissionalização estão disponíveis.

Objetivo 3 - Designar em algumas escolas espaço dedicado exclusivamente ao ensino de inglês para que os professores possam estabelecer o controle da sala de aula e começar a mudar a cultura de ensino da aula de inglês e de relacionamento com os alunos;

Semelhante a muitos outros países, no Brasil nos níveis fundamental e médio, os alunos permanecem na sala de aula enquanto os professores se intercalam de sala em sala, para que as aulas sejam dadas em uma espécie de "território" dos alunos. O objetivo da especialista foi demonstrar como a cultura de uma sala de aula pode ser mudada e como o aprendizado de línguas estrangeiras pode se tornar mais divertido e mais eficaz, deixando professores e alunos mais motivados, uma vez que com essa iniciativa os professores têm o "seu espaço". Para esse projeto das salas de aula ser implementado, a especialista Diane Whaley trabalhou de perto com diretores, vice-diretores, três professores de inglês que se voluntariaram neste projeto inicial e o diretor do CELEST.

Inicialmente, as escolas escolhidas foram a EMEF Padre Pedro Serrão e EMEF Darcy Ribiero; Três professores se voluntariaram para o projeto a fim de utilizar as novas metodologia recentemente estudadas nos *workshops*; O Consulado dos Estados Unidos em Recife forneceu materiais educacionais; Foram comprados materiais adicionais, incluindo pôsteres para paredes de sala de aula e outros materiais para ambientar a sala, assim como também foram comprados livros leitura e jogos apropriados para idade dos alunos e ensino de inglês. Em algumas salas de aula foram colocadas mesas redondas para facilitar as atividades em grupo dos profissionais. Além das escolas acima citadas, o projeto foi expandido para outras escolas e ambientes, são elas: EMEF Governador Leonel Brizola, EMEF Chico Xavier, EMEF José Américo de Almeida, EMEF Antônio Santos Coelho, CELEST – Centro de Línguas Estrangeiras da PMJP, EMEF João Santa Cruz e EMEF Cônego João de Deus. A intenção é de fazer pelo menos mais cinco ambientes voltados para o Ensino de Língua Inglesa em mais cinco escolas municipais, no primeiro semestre do ano.

Objetivo 4: Desenvolver uma estratégia para motivar os professores a experimentar novos métodos, materiais e outras ferramentas para motivar os alunos. Foi percebido que para tomar as medidas necessárias para alcançar os três primeiros objetivos outro

objetivo deveria ser atingido, ou seja, o de impactar diretamente o nível de motivação do professor. Ao participar deste projeto de capacitação de professores com o Departamento de Estado do Governo Estados Unidos, as autoridades municipais mostraram claramente seu apoio aos professores de inglês. Apoiar a presença da especialista em João Pessoa foi uma demonstração da disposição do município para melhorar a situação do ensino da disciplina de inglês na rede municipal. Mostrar esse compromisso de melhorar a situação do ensino de inglês foi a todo momento objetivo sincero e genuíno e se tornou um motivador significativo para os professores que participaram dos cursos obrigatórios de formação continuada. Durante os encontros dos professores, passou-se uma quantidade significativa de tempo discutindo-se como melhorar a motivação deles enquanto professores e de seus alunos, incluindo algo tão simples como construir um programa de estudos (syllabus) com os alunos para que em conjunto alunos e professores pudessem participar do processo de tomada de decisão de como as aulas poderiam acontecer. Na sala de aula, os materiais educacionais fornecidos também funcionaram como motivadores diretos.

Para motivar ainda mais os professores e melhorar a sua autoestima, decidiu-se também organizar uma conferência organizada pelos professores municipais de João Pessoa. Nesta conferência, os professores atuaram como multiplicadores, disseminando seus conhecimentos recém-adquiridos sobre o ensino comunicativo centrado no aluno para um público mais amplo em João Pessoa, incluindo professores de escolas públicas estaduais e privadas, estudantes universitários e professores universitários.

Muitos dos professores de inglês das escolas municipais de João Pessoa não tinham uma ideia clara do que era uma conferência profissional antes de que essa ideia fosse proposta e antes de participarem organizando a Primeira Conferência dos Professores de Inglês de João Pessoa. É importante também salientar que muitos deles também não tinham feito uma apresentação formal ou apresentado um pôster em uma conferência. No entanto, como eles trabalharam juntos para fazer esta conferência, uma transformação nos professores pôde ser percebida: esses professores desenvolveram um senso de comunidade; eles agora se veem como parte de uma equipe profissional maior; eles têm mais autoconfiança, mais

autorespeito e, portanto, estão mais motivados para experimentar novas abordagens em seu trabalho. Eles convidaram seus colegas de escolas estaduais e escolas privadas, seus diretores, estudantes e professores universitários para a conferência e, nitidamente, ficaram ansiosos para compartilhar seus conhecimentos recém-adquiridos e novas habilidades. Além de atuar como um poderoso evento motivador, a conferência também promoveu o uso de atividades práticas, centradas no aluno, comunicativas em salas de aula de língua inglesa em toda a cidade. O website da Primeira Conferência dos Professores de Inglês do Município de João Pessoa é o seguinte: <https://www.doity.com.br/conferencia-professores-ingles-joao-pessoa>. Neste evento, participaram 225 educadores de língua inglesa.

□ Visita ao Projeto Dupla Escola

Em colaboração com Laura Mizuha, especialista em língua inglesa em João Pessoa, que atuou nos projetos do Programa Idioma Sem Fronteiras na UFPB (Universidade Federal da Paraíba), foi organizada uma viagem para coletar informações sobre o projeto Escola Dupla do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Esta viagem foi organizada para gestores da educação da cidade de João Pessoa e do Estado da Paraíba para que eles pudessem ver um projeto que vem dando certo e que vai contra a realidade de muitos jovens de escolas públicas, que é a de não aprender propriamente a língua inglesa na escola, por vários motivos, sejam de ordem curricular, motivacional, de estratégia de ensino ou do uso de recursos mais assertivos para ensinar inglês.

O Estado do Rio de Janeiro tentou e, pelo menos para cerca de 300 alunos, conseguiu superar com êxito a problemática em relação aos alunos da escola pública que aprendem inglês. O programa Dupla Escola conseguiu, além de proporcionar os objetivos acima mencionados, combater com êxito a disparidade no ensino de inglês, proporcionando educação de qualidade e instrução de inglês para os alunos da escola pública de Ensino Médio criada para ser uma escola bilíngue, a qual é a única do gênero no Brasil, em uma rede pública estadual. Representantes da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de João Pessoa viajaram para o Rio de Janeiro para juntos compreenderem mais sobre o programa Dupla Escola para servir como

inspiração para ideias sobre como estabelecer programas igualmente bem sucedidos na educação de língua inglesa no estado da Paraíba. O diretor do Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa, o diretor da Escola de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro de João Pessoa, O diretor da Diretoria de Gestão Curricular e a secretária de Educação e Cultura de João Pessoa acompanharam a especialista, bem como outros educadores, nessa ida ao projeto no Rio de Janeiro.

□ Conclusões da Experiência

A cooperação educacional aqui relatada teve grande impacto na estrutura já conhecida em relação ao ensino de inglês da rede municipal de ensino. Foi muito interessante poder observar como uma atenção diferenciada voltada para a formação dos professores de inglês, que pudesse perpassar a realidade do dia-a-dia do professor de inglês na escola pública, foi ponto fulcral para se estabelecer uma nova fase em relação à forma de pensar na educação de língua inglesa em toda uma rede municipal. Poder proporcionar união e esperança à classe de professores de inglês no tocante às atuais dificuldades dos professores e suas reais expectativas foi um resultado deveras exitoso e que nos fez e faz refletir constantemente a respeito da forma como estávamos e estamos proporcionando educação. Poder encontrar apoio nas políticas públicas educacionais de um país como os Estados Unidos nos permite hoje compreender que através de medidas cooperativas demandas de muito tempo podem ser supridas de forma singular e esperada.

Espera-se continuar fazendo investimentos em relação ao ensino de língua inglesa na cidade de João Pessoa, seja através de medidas como a capacitação de nossos profissionais da rede e realinhamento do currículo, como também através de ampliações de serviços como o do Centro de Línguas Estrangeiras que neste semestre irá atender aproximadamente 2000 pessoas gratuitamente, desde alunos da rede municipal até adultos dos mais diversos segmentos de público.

Jonathan Vieira da Silva

Diretor do Centro de Línguas Estrangeiras da Prefeitura Municipal de João Pessoa

ANEXO XV



U.S. Consulate General Recife, Brazil

Rua Gonçalves Maia, 163, Boa Vista – Recife – PE, CEP 50070-060
Ph: +55 81 3416-3050

ENGLISH LANGUAGE SPECIALIST – 2018 RECIFE / JOÃO PESSOA / TERESINA / SÃO LUÍS

English Language Teaching and Bilingual Education in Public Schools in NE Brazil

Project Dates: September 11 - October 10, 2018 *(subject to final confirmation once Specialist is confirmed)*

Project Description

The Recife Consulate General has partnered with leading education institutions in the Northeast of Brazil to strengthen the capacity of English language teachers in public school systems, including municipal and state school systems, universities, and American Spaces (*Bi-National Centers*), as strategic partners in the Consulate's English language development strategy. Universities have bolstered their language programs with federal support (*Idiomas sem Fronteiras*), state and municipal governments have invested in Language Centers, and the city of Joao Pessoa started the region's first bilingual public middle school in 2018. Some states are also implementing high school exchange programs for public school students. The Recife Consulate General is dedicated to promoting the expansion of such initiatives. While there is a groundswell of programs and partnerships, the region remains under-served, especially by the public school systems.

The ELS project will support efforts to address these needs and opportunities, focusing on teacher training, curriculum development, and materials development. The project will build public school teaching capacity at all levels (municipal, state, federal) to increase student engagement with English and the U.S., with follow-on opportunities to participate in virtual training opportunities. It will also strengthen the capacity of American Spaces to offer virtual and on-site services and exchange opportunities.

By the end of this project the participants will have:

- Teachers – improved TESOL methods for communicative teaching skills & classroom management;
- Teachers – increased access to and understanding of teaching materials, as well as online courses/training, offered by the State Dept. American English website;
- Bilingual school staff and teachers – greater understanding of effective teaching skills and classroom management methodologies.

The project will be carried out in four sites over five weeks: Joao Pessoa, Teresina, Sao Luis and Recife over the following timeframe:

- RECIFE, Pernambuco - September 11-15: Provide teacher training workshops as follow-on for multipliers trained from previous ELS projects (2016). Collaborating Institutions: Pernambuco State Education Secretariat, ABA - Bi-national Center in Recife.
- JOAO PESSOA, Paraiba - September 15-26: Identify and support teacher development needs in the newly established bilingual public middle school, offering a needs assessment with recommendations for curriculum/materials development and support to teacher capacity-building at municipal English-language centers. Also lay the groundwork for an FY19 ELF project, targeting English language teachers. Collaborating Institutions: Municipal Education Secretariat, Federal University of Paraiba, Dom Jose Maria Pires Bilingual School, Paraiba State Education Secretariat.

- TERESINA, Piaui - September 26-30: Teacher training workshops as follow-up on previous ELS project (2015) through teacher training workshops for secondary public school teachers. Collaborating Institutions: Federal University of Piaui (UFPI), Piaui State Education Secretariat.
- SAO LUIS, Maranhao - October 1-8: Teacher training of Bi-National Center teachers and public school teachers through teacher training workshops and lay the groundwork for an FY19 ELF project, targeting English language teachers. Collaborating Institutions: ICBEU MA - Bi-national Center in Sao Luis, Maranhao State Education Secretariat, State Institute of Maranhao (IEMA).
- RECIFE, Pernambuco – October 8-10: Closure with U.S. Consulate General Public Affairs team.

Tuesday, 09/11/2018	Arrival in Recife
Wednesday, 09/12/2018	Preparation with local partners in Recife
Thursday, 09/13/2018	Teacher Training in Recife
Friday, 09/14/2018	Teacher Training in Recife
Saturday, 09/15/2018	Travel to Joao Pessoa
Sunday, 09/16/2018	Rest day in Joao Pessoa
Monday, 09/17/2018	Preparation with local partners in Joao Pessoa
Tuesday, 09/18/2018	Conference in Joao Pessoa
Wednesday, 09/19/2018	Conference in Joao Pessoa
Thursday, 09/20/2018	Conference in Joao Pessoa
Friday, 09/21/2018	Conference in Joao Pessoa
Saturday, 09/22/2018	Rest day in Joao Pessoa
Sunday, 09/23/2018	Rest day in Joao Pessoa
Monday, 09/24/2018	Observation, Assessment in Bilingual Education in Joao Pessoa
Tuesday, 09/25/2018	Training in Bilingual Education in Joao Pessoa
Wednesday, 09/26/2018	Travel to Teresina
Thursday, 09/27/2018	Preparation with local partners / Conference in Teresina
Friday, 09/28/2018	Conference / workshops in Teresina
Saturday, 09/29/2018	Workshops in Teresina (TBC)
Sunday, 09/30/2018	Rest day in Teresina, Piaui State
Monday, 10/01/2018	Travel to Sao Luis
Tuesday, 10/02/2018	Preparation with local partners in Sao Luis
Wednesday, 10/03/2018	Conference / workshops in Sao Luis
Thursday, 10/04/2018	Conference / workshops in Sao Luis
Friday, 10/05/2018	Conference / workshops in Sao Luis
Saturday, 10/06/2018	Rest day in Sao Luis, Maranhao State
Sunday, 10/07/2018	Rest day in Sao Luis, Maranhao State
Monday, 10/08/2018	Travel to Recife
Wednesday, 10/09/2018	Consultation in Recife
Thursday, 10/10/2018	Closure in Recife / Depart for U.S.

ITINERARY:

ANEXO XVI



Ofício nº. 2.182/18-GS/SEDEC

João Pessoa, 16 de novembro 2018.

Prezados representantes consulares do Brasil na cidade de Buenos Aires,

Aos passo em que lhes cumprimentamos, gostaríamos de informar que Chloe Sophia Bellows é especialista em língua inglesa do Departamento de Estado Americano atuando no "Fellow Program" e foi designada para vir à cidade de João Pessoa para atuar em um grande projeto de cooperação educacional na área de ensino de língua inglesa conduzidos pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

A senhora Chloe Sophia Bellows irá, mais precisamente, atuar na Escola Municipal Bilingue de Ensino Fundamental Dom José Maria Pires e no Centro de Línguas Estrangeiras, ambas instituições que fazem parte da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, assim como irá também atuar com professores de inglês no nosso município em caráter de formação continuada. O período previsto de sua atuação profissional é de dez meses com sua chegada para fevereiro e saída em dezembro. Portanto, é de muita importância para o planejamento desta Secretaria de Educação e Cultura que a mesma pudesse, formal e oficialmente, ter autorização para estar no Brasil com tempo suficiente para exercer as atividades profissionais supracitadas.

Ciente da compreensão e compromisso com a cooperação educacional em questão, solicitamos, com todo respeito, o deferimento da documentação necessária para viabilizar a vinda de Chloe Sophia Bellows.

Atenciosamente,

Edilma da Costa Freire
Secretaria Municipal de Educação e Cultura


EDILMA DA COSTA FREIRE

Secretaria da Educação e Cultura
SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Av. DIÓGENES CHIANCA, 1777 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
PARAÍBA • BRASIL • CEP: 58053-900 • FONE: 3218-9273/3218-9274
www.joapessoa.pb.gov.br

ANEXO XVII



U.S. Consulate General Recife, Brazil

Rua Gonçalves Maia, 163, Boa Vista – Recife – PE, CEP 50070-060
Ph: +55 81 3416-3050

ENGLISH LANGUAGE FELLOW – JOÃO PESSOA – 2019 - *SUMMARY*

Project Dates: January 25 - November 25, 2019

Primary Local Institutional Host: Joao Pessoa Municipal Education Secretariat

Point of Contact Joao Pessoa Education Secretariat: Jonathan Vieira jonathan.vieira.jvs@gmail.com

Secondary Local Institutional Host: Federal University of Paraiba – UFPB

Point of Contact at UFPB: Mariana Pérez perezmariana@gmail.com

Point of Contact U.S. Consulate General: Stuart A. Beechler BeechlerSA@state.gov

Point of Contact U.S. Embassy: Helmará Moraes MoraesHF@state.gov

Primary Activities

Provide support to middle school teachers in a bilingual education context during the second year of operation for the city's first public bilingual school. This will be accomplished through workshops towards improving the teaching methods and skills of teachers, classroom observation and support, and developing/enhancing classroom materials. The EL Fellow will work directly with the bilingual school teacher staff, as well as support other English language teachers and professionals from the local university who are involved in supporting the school through teacher orientation, training, and materials development.

Focus

- Content-based Instruction
- TESOL methods and Techniques
- Materials Development

Audience

Municipal education department staff and school staff - middle school principal, vice-principal, teachers of English, and teachers of other subjects delivered in a bilingual format.

Secondary Activities

Provide support to other municipal public school system teachers and state public school teachers through teacher training in classroom methodologies and English proficiency. Also participate in local workshops and events with the well- developed English teacher community.

Focus

- Content-based Instruction
- TESOL methods and Techniques
- Materials Development
- **Audience** - Middle school, high school and university teachers of English.

ANEXO XVIII

02/02/2022 20:52

Gmail - Fwd: English Language Fellow na Paraíba em 2019



Jonathan Vieira <jonathanvieiradasilva27@gmail.com>

Fwd: English Language Fellow na Paraíba em 2019

Jonathan Vieira <jonathan.vieira.jvs@gmail.com>
 Para: jonathanvieiradasilva27@gmail.com

2 de fevereiro de 2022 20:43

----- Forwarded message -----

De: Beechler, Stuart A (Recife) <BeechlerSA@state.gov>

Date: ter, 3 de jul de 2018 14:48

Subject: English Language Fellow na Paraíba em 2019

To: jonathan.vieira.jvs@gmail.com <jonathan.vieira.jvs@gmail.com>, Mariana Pérez <perezmariana@gmail.com>

Cc: Stewart, Daniel A (Recife) <StewartDA@state.gov>, Moraes, Helmar F <MoraesHF@state.gov>, Jennifer Uhler <relcjenn@gmail.com>

Car@s Mariana e Jonathan,

Espero que esteja tudo bem com vocês!

Dando seguimento às iniciativas de apoio às ações da Prefeitura de João Pessoa e da UFPB – junto ao EFOPLI e ainda em articulação com a SEDUC PB – no ensino da língua inglesa, quero atualizá-los sobre os dois projetos de Especialista (2018) e Fellow (2019) – projetos em anexo – e solicitar alguns encaminhamentos da sua parte.

English Language Specialist (ELS) – 11 de setembro a 10 de outubro de 2018

- Estamos no processo de seleção de Especialista da Língua Inglesa (ELS), junto à Georgetown University, conforme projeto em anexo.
- A proposta é para **o/a Especialista estar em João Pessoa entre os dias 15 a 26 de setembro** de 2018 – além de atividades que serão realizadas em Recife, Teresina e São Luís.
- Entendemos que a programação em João Pessoa será dividida entre participação na Semana de Letras 2018 (17 a 21 de setembro) e trabalho com o Município (24 e 25 de setembro) junto à Escola Bilingue Dom José Maria Pires e possivelmente com os centros de línguas CELEST.
- Esperamos que a/o Especialista também possa contribuir com os preparativos para o projeto de Fellow da Língua Inglesa (ELS) em 2019 – projeto em anexo.

English Language Fellow (ELF) – 25 de fevereiro a 25 de novembro de 2019

- Já foi confirmada a seleção de Fellow da Língua Inglesa (ELF). O nome dela é **Chloe Sophia Belows** – veja currículo em anexo.

02/02/2022 20:52

Gmail - Fwd: English Language Fellow na Paraíba em 2019

- A proposta é para ela **chegar em João Pessoa no dia 01 de março a permanecer até o 25 de novembro de 2019.**
- A Chloe foi recrutada pela Georgetown University e selecionada pelo Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife em conjunto com o RELO da Embaixada dos Estados Unidos. Estamos muito contentes com as perspectivas de colaboração e suporte que a Chloe irá oferecer n devorrer dos 10 meses.
- O próximo passo imediato é **identificar a moradia para Chloe**, pois já está se preparando para vir ao Brasil de Buenos Aires, junto com a família, onde reside. Ela virá com o marido, filha pequena e bebê de 04 meses (gravidez em curso). Neste caso acredito que um apartamento de três quartos seria o ideal, mas não sei como está a oferta na região onde Laura e Diane ficaram hospedadas.
- Peço que **vocês iniciam a comunicação direta com a Chloe** (dados de contato no currículo) para trocar informações sobre moradia e outras questões que ela possa querer adiantar com vocês. No caso de e-mails, peço que me copie para poder acompanhar.

Agradecemos imensamente a parceria com vocês e aguardamos seu retorno referente às informações apresentadas acima.

Forte abraço,

Stuart



Stuart Alan Beechler
Especialista em Diplomacia Pública / Public Affairs Specialist
Consulado Geral dos Estados Unidos – Recife – Pernambuco - Brasil
Tel.: (55-81) 3416-3066 / 99922-7085

Instagram: [consuladoueua_nordeste](#)

Official - Privacy/PII

UNCLASSIFIED

5 anexos



image001.jpg
2K

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=a17e6ead9b&view=pt&search=all&permmsgid=msg-f%3A1723696850691433287&simpl=msg-f%3A172369...> 2/3

ANEXO XIX

LEI COMPLEMENTAR Nº 122, DE 04 DE JULHO DE 2019.

ALTERA A LEI COMPLEMENTAR Nº 60, DE 29 DE MARÇO DE 2010, INSTITUINDO O ART. 23-A, COM A FINALIDADE DE CRIAR A GRATIFICAÇÃO DE ATIVIDADE BILÍNGUE/INGLÊS PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA, ESTADO DA PARAÍBA, FAÇO SABER QUE O PODER LEGISLATIVO DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI COMPLEMENTAR:

Art. 1º Fica criado o art. 23-A na Lei Complementar Municipal nº 60/2010, passando este a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 23-A. Fica criada a Gratificação de Atividade Bilingue/Inglês, com o objetivo de remunerar os gestores das escolas bilíngues e os profissionais que exerceram, em língua inglesa, atividades educacionais de conteúdo curricular, no âmbito das escolas bilíngues integrantes da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa.

§1º A Secretaria de Educação publicará edital, com critérios objetivos de seleção e capazes de aferir a fluência na língua estrangeira, franqueando a participação de todos os profissionais da rede municipal, com periodicidade mínima de 2 (dois) anos.

§2º Os profissionais da educação poderão ser reconduzidos quantas vezes forem aprovados na seleção, sendo vedada qualquer preferência em relação aos demais concorrentes.

§3º A gratificação criada na forma do caput do presente artigo tem a função remunerar apenas aqueles servidores que exerçam as atividades descritas no parágrafo anterior, sendo devida no percentual de 20% (vinte por cento) sobre o vencimento básico que o servidor fizer jus.

§4º A gratificação, a que se refere o caput, somente será concedida durante o período em que o servidor estiver no pleno exercício de suas funções nas escolas bilíngues integrantes da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa e não servirá de base para a incorporação de quaisquer benefícios ou vantagens ou de incidência para efeito de aposentadoria ou pensão.

§5º A implantação da gratificação de que trata o caput deste artigo depende da autorização exclusiva do Chefe do Poder Executivo, após justificativa do(a) Secretário(a) Municipal de Educação, contendo, no mínimo:

- I – comprovante de aprovação na seleção referida no §1º; e
- II – comprovante de efetivo exercício do servidor em uma das escolas bilíngues da rede municipal.

§6º O servidor que estiver de licença, por qualquer motivo, fica impedido de receber a Gratificação de Atividade Bilíngues/Inglês.”

Art. 2º Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO DO GABINETE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA,
Estado da Paraíba, em 04 de julho de 2019.



LUCIANO CARTAXO PIRES DE SÁ
Prefeito

Autoria: Executivo Municipal

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

ENTREVISTA COM STUART BEECHLER, ESPECIALISTA EM DIPLOMACIA PÚBLICA NO CONSULADO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA EM RECIFE

JONATHAN: Bom dia. Eu estou aqui com Stuart B., ele que é especialista em diplomacia pública, no Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife. Stuart, primeiramente eu gostaria de saber há quanto tempo você vem trabalhando aqui, se você tem interesse em se apresentar...

STUART: Bom, eu sou na realidade natural dos Estados Unidos e eu estou trabalhando no Brasil pouco mais de 20 anos. Hoje em dia sou naturalizado, então eu tenho essa imersão também do lado Brasileiro. Trabalho no Consulado há quase 4 anos. Eu trabalho na área de educação e relações internacionais com o Brasil, em continuidade, agora, com o Consulado.

JONATHAN: Ok, Stuart. Só para que fique claro, eu sou estudante de Mestrado, do curso de Relações Internacionais da UFPB, e estou aqui para perguntar um pouco sobre cooperação internacional com fins para a área de educação.

STUART: Posso falar uma coisa? Só para deixar claro, também, o meu papel? Aqui no Consulado eu trabalho com o funcionário local do Consulado e, embora tenha essa parte de nacionalidade, o meu papel aqui no Consulado é de ser a ponte entre os diplomatas que vêm trabalhar na área de educação e cultura, e os parceiros locais.

JONATHAN: Entendi. Fazendo essa ponte aqui no Consulado, no caso, você seria um facilitador e, realmente, um especialista local, para ajudar nos mais diversos projetos de cooperação?

STUART: Isso. Cooperação focada nas áreas de educação e cultura e, justamente, facilitando e promovendo. É importante que não seja em apenas conhecimento que a

rede no Brasil, no caso, Nordeste, mas que também tenha um bom conhecimento dos recursos institucionais, financeiros e humanos da parte do governo americano, da sociedade americana. A ideia é que essa interação bilateral possa acontecer, e o meu papel é de facilitar, promover e executar, também operacionalizar as atividades que fazem parte dessa esfera mais ampla da educação e cultura, de cooperação nas áreas de educação e cultura dos dois países, no caso, dos Estados Unidos e da região Nordeste do Brasil.

JONATHAN: E, em sua opinião, como está essa cooperação dos Estados Unidos e da região Nordeste? Como vem sendo desenvolvido esse contato bilateral? Como estão os resultados dos projetos nessa área de educação e cultura?

STUART: Eu acho que a gente tem trabalhado com bastante clareza que, muitas vezes, para apresentar resultados, tem de ser dimensionado dentro de clareza e visão estratégica qual a visão em que foi colocado o projeto em nível global e regional. Há muita clareza e sinergia nas áreas de educação e cultura entre os dois países, especificamente nessa região, na nossa jurisdição, e as estratégias também. Acho que temos desenvolvido uma rede de parceiros que se identificam muito com os nossos programas, esses programas que Matt explicou. E em termos de resultados, qualitativamente falando, apresentaram um pacto muito bom. Está realmente mudando vidas. Transformamos instituições, priorizando muito as pessoas e as comunidades que não têm facilidade, muitas vezes, de ter uma relação com os Estados Unidos, com a cultura, com a língua e com o sistema educacional, que é um aspecto mais forte da sociedade americana. Eu só diria que está ainda longe de seu potencial por falta de recursos, não só financeiros, mas humanos, também. Faltam pessoas para, realmente, tocar as relações bilaterais e, às vezes, do lado brasileiro, uma visão limitada, às vezes, uma compreensão sobre a importância da internacionalização em todos os níveis, em todos os âmbitos, começando com a consciência de cada um, e muitas vezes uma descontinuidade das ações desenvolvidas, muitas vezes não chega numa escala para ter um impacto maior e mais duradouro.

JONATHAN: Quais os projetos que vêm se destacando nesse seu departamento?

STUART: Diria que temos uma rede de centros binacionais que é muito forte, que é um braço que vai muito além do que o Consulado poderia fazer diretamente, dos quais, infelizmente, só temos em Recife, São Luiz e Fortaleza. Então, para a região ainda não tem o alcance, mas é um modelo excelente de um centro nacional de ensino de Inglês, mas também de difusão da cultura e de troca das culturas americanas e brasileiras. Temos, normalmente associado ao centro binacional e/ou universidades públicas ou particulares, um serviço de orientação para estudos nos Estados Unidos que é o Education in USA, que também é um projeto fantástico e é um serviço fantástico e gratuito para quem está buscando uma oportunidade de estudo e pesquisa nos Estados Unidos, e a possibilidade de financiamento ou bolsas. E temos os programas de intercâmbio que existem para jovens, programas como jovens embaixadores, e um suporte que nós damos aos programas que são dos governos estaduais e federais para intercâmbio, como os programas ganhe o mundo e gira mundo, que era Ciências Sem Fronteiras, e o programa de visitantes profissionais e estou deixando o meu “xodó”, por último, que é programa de língua inglesa, que oferece uma gama de recurso para fortalecer e qualificar o ensino do inglês e a aprendizagem do inglês muito acessível através de recursos online, recursos/materiais impressos e cursos online e, também periodicamente, os recursos presenciais, de especialistas no ensino da língua inglesa que vêm para o Brasil e passam de 10 dias à 10 meses. Especialistas são os que ficam até 5 meses, “fellows”, que podem ficar até 10 meses, e “Ice” é um aprofundamento de mapeamento do envolvimento dos educadores professores da língua inglesa e sempre priorizando as redes públicas de ensino.

JONATHAN: No caso desse projeto específico, como que uma cidade ou um Estado pleiteia e consegue uma iniciação em uma experiência como essa?

STUART: Quase todos os programas surgem de um momento do que origina dos parceiros locais (prefeitura, Estado, instituições privadas, indivíduos que vão até o consulado para expressar o seu interesse pessoal no intercâmbio), porque o consulado tem suas limitações de recursos humanos e financeiros, então existem muitas vezes que as pessoas vêm, que se pronunciam em termos de interesse e isso

é percebido pelo Consulado como oportunidade. Feito isso, há um investimento de tempo, energia e, às vezes, financeiro, para possibilitar um contato em diálogo presencial. É mais fácil com o Consulado localizado no Recife, dialogar e construir com algum dos parceiros aqui na cidade, em Recife, no estado de Pernambuco até o agreste, pelo menos. Mas também os funcionários do Consulado vão para outras cidades, normalmente capitais ou cidades de maior porte, nos outros Estados, de Sergipe até o Maranhão, e aí começam a ter momentos de construção, e que é a nossa forma de dar corpo a uma ideia ou possibilidade, mas também de mensurar e nutrir o nível de compromisso em ambos os lados e buscar essa afinidade, esse alinhamento, para aí sim, depois de um tempo, geralmente pouco tempo, poder se concretizar alguma ação que seja do interesse dos Estados Unidos e também do interesse do parceiro brasileiro.

JONATHAN: Quando você faz referência aos interesses, tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil, quais seriam esses interesses?

STUART: Os interesses são promoção da estabilidade, ante as estratégias da missão diplomática. Posso até compartilhar com você, mas é promover a paz e estabilidade na região, promover amizade e identificação com os Estados Unidos e, também, promover os benefícios econômicos e comerciais dos Estados Unidos. E nosso papel, como “soft diplomacy”, é envolver o cidadão nessas atividades para que, realmente, possa criar uma relação, um vínculo com os Estados Unidos, não somente indo para lá, mas, estando aqui também que tem um vínculo com os Estados Unidos positivo e, muitas vezes, que possa também gerar um benefício econômico e comercial, podendo promover estudos, viagens... Enfim, são interesses que também o Brasil tem em níveis de desenvolvimento. Acho que do lado brasileiro também tem interesse econômico e comercial, mas também, para oportunizar o desenvolvimento humano através da educação e cultura, e acho que os valores dos dois países realmente têm muita sintonia, e isso ajuda a criar uma estabilidade.

JONATHAN: No caso desses programas de língua inglesa, já ficou claro que existe uma demanda, até porque o parceiro que, muitas vezes, busca o Consulado, para que essa demanda de alguma forma seja suprida. Em relação à aula de inglês, o ensino

de língua inglesa, qual a sua opinião? Os parceiros ou possíveis parceiros vêm procurando ainda mais o consulado?

STUART: Claro! E assim nós não ficamos apenas aguardando. Por exemplo, eu vou para Aracaju semana que vem, para um evento. O que gerou a oportunidade de ir para Aracaju foi esse evento numa universidade, e através disso estou marcando, também, encontros com a Secretária Estadual de Educação, com outra universidade de porte em Sergipe, com uma rede de pessoas que já participaram de programas de intercâmbio com patrocínio do governo americano... Então, eu vou estar com representantes da Secretaria de Educação do Estado, com os reitores, com as coordenações de relações internacionais das outras universidades. Então nós também promovemos encontros para ouvir e conhecer o que está sendo feito e, durante essas reuniões, surgem as oportunidades, demandas para a colaboração.

JONATHAN: Entendi. E em relação à cidade de João Pessoa, especificamente, vamos tentar agora falar um pouco sobre o que aconteceu em João Pessoa.

STUART: Inicialmente, nós buscamos parceiros onde, tradicionalmente, o programa de língua inglesa vêm trabalhando, que é com o Estado, ou seja, com a rede estadual de ensino e com o ensino superior – normalmente com universidades públicas – na parceria com o Estado, através do centro de línguas, ação de formação de professores, e no ensino superior, com o programa Idiomas Sem Fronteiras. Quando fomos para João Pessoa, na Paraíba, fomos procurados pelos gestores na área de educação e pelo próprio gestor do Município, o Prefeito, para que analisássemos a forma pela qual nós poderíamos também contribuir para a qualificação do ensino do inglês na rede municipal, no ensino fundamental II, o que foi novidade, foi desafio, mas, ao mesmo tempo uma perspectiva muito positiva, muito animadora de ampliar o programa. E, realmente, não é que não tenha se pensado e percebido que o ensino do inglês tem de se começar cedo, e muito dos gargalos do nível superior vinha das lacunas do ensino médio e, claro, que as lacunas do ensino médio vêm dos gargalos que começam ou são já resultados das lacunas do ensino de línguas do fundamental II. O ideal seria até estar falando, também, do fundamental I, mas foi uma oportunidade que veio e que nós não imaginávamos o grau de compromisso e competência que os

parceiros em João Pessoa demonstraram e continuam demonstrando, em termos de realmente fazer uma diferença em termos de qualidade, em termos de escala, em termos de longevidade. Teve nas primeiras conversas alguns “dois passos para a frente e um para trás”. Houveram algumas mudanças de gestores, que foram conversas que durou um pouquinho para que desenvolvesse, e passou também por um período de mudanças de liderança, no nível da secretaria, e algumas estruturações que estavam sendo feitas no Município. Mas o diálogo nunca se perdeu, e depois tomou uma velocidade maior, e conseguimos casar a oportunidade da qual expliquei, em termos de disponibilidade de recursos e um volume maior do que tínhamos imaginado ou tínhamos pleiteado. Só para você entender, de cem mil dólares subiu para trezentos e trinta mil dólares, quase o triplo, e chegando mais próximo à meio milhão de dólares, então possibilitou um trabalho mais robusto e em um número maior de locais.

JONATHAN: Em sua opinião, a prefeitura está preparada para entender e operacionalizar, junto com vocês, um projeto dessa magnitude?

STUART: É, o interessante é que estava preparada, mas não estava pronta. Mas tinha uma visão e uma seriedade, além de um nível de criatividade, também, para enxergar de que forma as nossas contribuições poderiam estar potencializando os programas em andamento e com potencial para crescer e para dar um salto de qualidade e quantidade. Um grande exemplo foi exatamente o que nos surpreendeu, até quando chegou a primeira especialista. Aliás, no primeiro período, a ideia – de uma forma mais tímida – era de estabelecer, pelo menos em uma escola, em algum horário, uma sala dedicada ao ensino do inglês, ao ensino de idiomas, porque tinha sido identificado em outros países onde ela trabalhou (aqui também, rapidamente), na gestão dentro da sala de aula, a dificuldade tanto no ensino quanto na aprendizagem. E de repente chegou com essa proposta, dialogou com os parceiros da prefeitura e a ideia foi não só abraçada mas internalizada, e o compromisso dos gestores das escolas também veio rapidamente e foi possível inaugurar duas escolas inicialmente com salas dedicadas para o ensino de idiomas, especialmente o inglês. Na segunda fase o projeto cresceu para oito, e isso é uma coisa incrível, ainda mais no ensino fundamental. Outro exemplo foi quando falamos do modelo de educação bilíngüe que

tinha sido apoiado pelo Consulado dos EUA no Rio, juntamente com um especialista, que ficou entre um ano a dois anos trabalhando com uma escola para criar uma escola bilíngue, uma dupla escola. Falando desse modelo, a prefeitura mobilizou uma equipe para conhecer pessoalmente, para fazer um mergulho na experiência da metodologia do Rio e ainda conseguiu alavancar um interesse do Estado com a participação da Secretária Executiva do Estado e da Secretaria de Educação do Estado, e voltou já querendo fazer. Então, são exemplos de uma criatividade e compromisso muito especial que veio do gestor principal, o próprio Prefeito, e também envolvendo a Secretaria de Educação, o gestor do Centro de Línguas, o Superintendente dos Diretores das próprias escolas e o nível de movimento e agilidade (sei como é difícil, já trabalhei em órgão governamental no Brasil e sei que requer muita criatividade, muita ação e determinação). Tem dado resultados exemplares, tanto que tem uma repercussão na missão diplomática dos Estados Unidos no Brasil, ou seja, na embaixada, visto como uma referência, e um desejo nosso seria uma reedição para uma reaplicação, justamente porque entendemos que o processo do ensino de inglês tem que ser começado cedo e só vai acumulando, na medida que, quando não se tem um ensino do inglês de qualidade, só vai acumulando nas lacunas, nos déficits, e isso não dá um resultado muito além do que precisa se ter já no nível de ensino superior e no mercado de trabalho. E só mais um comentário: na base disso tudo está o professor. E vimos, especialmente em João Pessoa, o professor de inglês quase como uma fênix, um renascimento, uma luz no fim do túnel que estava ficando escuro, em termos de metodologia em termos de gestão de aula de inglês. Não só escutei, vi em depoimentos e também vi nas pessoas que, realmente, de forma bastante simples e rápida, possibilitaram-se grandes mudanças e guinadas pros professores.

JONATHAN: Foi um desenvolvimento de uma cooperação na área de educação expansiva.

STUART: Exatamente, foi expansiva e difícil de acontecer. Eu confesso que muitas ações que o Consulado desenvolve nem sempre dá para manter, para dar continuidade. Eu diria que foram todas pontuais, mas muitas vezes, quando nós estabelecemos parcerias, e isso eu estou falando no geral, na área de cultura e educação, que abrange também esporte, projetos sociais, tem um momento intenso

de interação, de trabalho junto, de colaboração e cooperação mais concreta, mas é difícil manter. E o ideal é que a semente que é plantada possa crescer, sem necessariamente depender ou envolver, de uma forma mais efetiva e constante, o Consulado, que é o que está acontecendo em João Pessoa. Então é uma dinâmica que é difícil, seja de cooperação internacional, através da diplomacia ou de grandes programas estruturadores na área de desenvolvimento internacional que também faz parte da minha história profissional. Então já vi muitos projetos nascerem e morrerem ou minguar, por falta do parceiro que viabilizou em alguma fase crítica.

JONATHAN: E em relação à questão da formalização dessa parceria? Você foi claro que a prefeitura procurou o consulado, o consulado se organizou, através dos seus programas, houve uma proposta para o departamento de Estado e tudo isso se organizou. Para que a gente finalize, você poderia dizer se tudo isso passou, também, por instituições federais, se isso tudo foi previsto em algum tipo de acordo federal ou se tudo isso aconteceu através dessas instituições prefeitura e consulado?

STUART: Os acordos federais são guarda-chuva, que permitem a atuação e representação do governo americano dentro do Brasil para viabilizações. A nossa maneira de trabalhar é tentar, também, não burocratizar mais do que precisa. Então, ao invés de trabalhar isso aí em âmbito federal, nós focamos no âmbito do parceiro. Então foi feito com outros Estados ou instituições, como universidades e, neste caso de João Pessoa, foi um memorando de cooperação, de entendimento, que foi elaborado de uma forma, eu diria, leve, em termos jurídicos. Claro que tem aplicações jurídicas: nós deixamos bem claro, por exemplo, a autonomia de cada um em termos de aportes financeiros, mas que o principal desse documento era de um compromisso. Cada parceiro tinha, inclusive, no acordo, no memorando, cada responsabilidade de cada parceiro, na verdade, na execução. Dois parceiros a assinar, que seria a Prefeitura de João Pessoa, através da Secretaria de Educação, e o Consulado, mas também um terceiro parceiro no projeto seria a Faculdade de Georgetown. Então esse acordo vingou, até certo período, durante a presença da especialista, nas duas vezes, durante cinco meses, e foi especificamente para o especialista. O projeto já foi concluído, portanto esse acordo já foi encerrado, vamos dizer assim, em termos do projeto específico com a especialista. Mas a cooperação continua e, na medida em

que possa vir outro recurso mais robusto, mais intenso, tendo mais algo do tipo projeto mesmo, pode se fazer outro acordo, outro memorando de cooperação.

Entrevista 2

**ENTREVISTA COM O PROFESSOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UFPB
DOUTOR LUIZ DE SOUSA JUNIOR, SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA DURANTE SETEMBRO DE 2012 A
DEZEMBRO DE 2014.**

JONATHAN: Bom... entrevista com o professor do Centro de Educação da UFPB, professor Doutor Luiz de Souza Junior, ex-secretário de Educação e Cultura do Município de João Pessoa. Professor, bom dia. Eu estou aqui, enquanto aluno do mestrado em Ciências Políticas e Relações Internacionais da UFPB, e me interesso pelo tema de cooperação internacional na área de educação. Então, é sabido que aqui no Município de João Pessoa houve uma aproximação, enquanto o senhor era gestor da Secretaria de Educação e Cultura do Município, e essa aproximação foi com uma unidade consular, justamente a unidade americana no Recife, e eu gostaria de saber do senhor como tudo isso se iniciou. O que foi que o levou a procurar? O que foi que aconteceu na época, quando o senhor era Secretário aqui em João Pessoa?

LUIZ: Jonathan, bom dia. Bom, eu me tornei Secretário em setembro de 2012, no finalzinho da gestão do ex-prefeito Luciano Agra e, já mesmo nesse período, na gestão de Agra, eu lembro que a Prefeitura Municipal de João Pessoa recebeu a então consulesa Ulxa Pitts (se eu não me engano era o nome dela). Uma série de atividades, e eu fui convidado a participar de um almoço que foi oferecido pelo prefeito à consulesa e sua equipe, e eu estranhei... “mas por que me convidaram?” E aí veio uma equipe, e inclusive participam do consulado brasileiro, não é? A equipe técnica que a acompanhava eram todos brasileiros, pessoal do Recife. Mas, no meio da conversa, mostraram interesse em estabelecer relações na área de educação, e aí eu coloquei os projetos que na verdade não eram bem os projetos. Na verdade, já estávamos pensando no plano de governo para a próxima gestão. Não era bem um projeto da minha gestão e de Agra, porque eu estava finalizando, eu entrei lá faltando 4 meses para encerrar o mandato. Falei rapidamente da prioridade nossa para a educação infantil, o passe-livre... A gente não tocou no CELEST, que era o que viria a ser o Centro de Línguas Estrangeiras, porque, na verdade, a gente não teria ainda

muita clareza de como iria ser organizado/criado o Centro. Bom, então conversamos, e ela disse que – ela fala muito bem português, fluentemente – ela indicou uma senhora que estava com ela, iria manter contatos sobre essa questão da educação. Eu não fui até o fim do almoço, pois, nessa mesma época, eu ainda estava com uma banca do doutorado, e pedi mil desculpas por ter de sair apressadamente. Bom, esse foi o primeiro contato. Na verdade, eles que iniciaram. No início da gestão já de Luciano Agra, o pessoal da equipe do consulado me telefona pedindo para receber um professor e uma equipe norte-americana, em que ele iria nos expor um projeto de tecnologias educacionais para metafísica, a partir de ilustrações, tudo digital. Na verdade, era um produto interativo, umas aulas na área de física em DVD. Então, o recebemos na Estação Ciências, levei a equipe pedagógica e ele apresentou – ele falava pouco português – e na verdade ele estava propondo que comprássemos esse kit. É até uma coisa interessante, eu pensei no momento que a diplomacia também é para vender, não é? Sempre tem os fins econômicos. Então, eu senti muito isso, que essa primeira visita foi uma visita para apresentar um produto. Eu lembro que a gente não se interessou por um motivo bem simples, pois nós não tínhamos física no nosso currículo, porque a física em geral é para o ensino médio. Portanto, analisamos, mas não demos um parecer favorável à compra desse material. Pois bem. Um certo dia eu recebo a ligação da Secretária do Prefeito Cartaxo, Luciano Cartaxo, e ela dizia que o prefeito tinha uma agenda com o cônsul de diplomacia pública, Matt K. e Allan Stuart B., e não sei por qual motivo o Prefeito não poderia recebê-los, então pediu para eu os receber nessa audiência, e eu fui recebê-los na Estação Cabo Branco, pedi a sala da diretora, Marianne Góes. Então, quem participou dessa reunião foi Mariane, eu, Stuart e o Matt. Foi quando eles trouxeram a ideia da parceria do projeto para trazer um especialista norte-americano para trabalhar metodologia de ensino da língua inglesa com os nossos professores.

JONATHAN: Mas nessa reunião, professor, vocês esboçaram, de alguma forma, algum interesse na área de inglês?

LUIZ: Não, como eu disse a você, pareceu-me que eles quem pediram a audiência. Veja bem, ela não foi marcada para a Secretária de educação, ela foi marcada para o Prefeito, então eu não tenho como ter certeza, porque se tivesse sido o Prefeito quem

pedira a audiência, muito provavelmente o Prefeito diria lá. Então, como eles vieram, deu-me a atender que eles quem tomaram a iniciativa. Bom, então eles disseram que o motivo era esse, relacionado à educação, e que os Estados Unidos já desenvolviam esse tipo de projeto, e aí eles fizeram referência ao CELEST. Eles disseram que ficaram sabendo que nós criamos um Centro de Línguas e isso os interessou bastante. Então, o Centro de Línguas foi meio que um ponto de referência, essa foi a impressão que me deu. Estávamos com uma iniciativa, para eles, muito interessante, de difundir o ensino da língua inglesa. E então eles queriam trabalhar junto dos professores. Eu disse que estava totalmente de acordo, me manifestei na hora e nem perguntei ao Prefeito. Mas, enfim, às vezes a gente tem de ser proativo, não é? Sou favorável, acho que precisamos disso. Fiz, também, uma defesa, tanto do CELEST quanto dessa parceria. E então foi quando eles explicaram. Claro que eu perguntei sobre custos, que numa universidade norte-americana, que após veio a ser Georgetown, mas na época não me falaram qual era, não tinha ainda sido aprovado, a universidade tinha apenas comunicado que tinha o programa. Então os Estados Unidos mandariam esse especialista, e nós aqui só entraríamos meio que com um apoio logístico, dar apoio, alugar um apartamento... Eu até brinquei: “olha, vocês podem ficar aqui na praia”. Enfim, foi uma conversa muito tranquila, muito boa. Fiquei impressionado com a maneira até informal que eles conversaram. E daí ficamos, acho que três ou dois meses depois, de nos encontrarmos novamente, para que eles já dessem a resposta sobre se eles teriam conseguido fechar.

JONATHAN: No momento, havia a necessidade de uma especialista?

LUIZ: A rede, como você sabe, tem a formação continuada dos professores. É uma formação obrigatória. Na minha ideia, eu achava que ela devia ser transformada ao máximo. Então eu comecei a aceitar muitos eventos e cursos, feito pelos professores. Eles traziam o diploma, o certificado, e eles computavam como hora-aula para a formação. Porque a formação da rede, do meu ponto de vista, era quase que uma obrigação, era quase que uma formalidade. E, em língua inglesa, praticamente não tinha. Então, eu vi ali a oportunidade de trabalhar com isso. É até bom para os professores. O professor nativo. Eles deixaram muito claro que não iam ensinar inglês, iriam ensinar metodologia para o ensino da língua inglesa. E é isso que a gente quer.

Então, para mim, se encaixava dentro do projeto de formação continuada. Foi a minha percepção. Já tinha essa avaliação crítica do modelo formativo nosso, e cada oportunidade dessa eu segurava, pois era aquilo mesmo que queríamos. Na segunda reunião só veio o Stuart. Quando só veio ele, eu senti que era somente uma coisa de encaminhamento, que já não precisava estar aqui o cônsul da diplomacia. Então, o Stuart já veio sinalizando que a Universidade de Georgetown já tinha aquiescido, e que iria mandar a docente. E isso provavelmente no ano seguinte, isso já em 2014. Eu já sabia que eu não iria estar até o ano de 2015, pois eu já tinha conversado, em particular, com o Prefeito, dizendo que iria sair, mas andei como se fosse em frente. E eu lembro que eu reuni os professores de inglês lá no CECAPRO, dei a notícia, levei o projeto, e eu senti uma aceitação muito forte. Uma das falas que me deixou muito impressionado foi “Nós, os professores de inglês, tínhamos sido esquecidos. Então, pela primeira vez, uma gestão lembra”. Na hora eu pensei, imediatamente, que o projeto iria surtir algum efeito. Isso já no mês de dezembro. Eu saí no dia 12... Isso foi uns dias antes de eu sair, que eu reuni esses professores, para poder motivá-los. Quando eu saí, deixei tudo encaminhado, o Prefeito já estava sabendo, pois eu informava a ele. E Edilma, que era a minha adjunta, embora não tenha participado dessas reuniões, ela já tinha conhecimento. Ah! Quem me acompanhou na segunda reunião com os professores foi Gilberto. Eu lembro que tenho até uma foto, nós três: Eu, Stuart e Gilberto. Essa parte pedagógica, trazer o pessoal de língua inglesa, ficou nas mãos do professor Gilberto. Mas fiz essa reunião, e fiz questão de estar presente, para dar essa motivação à equipe. Então, se fosse pra resumir, eu diria que teria muito a ver com aquelas conversas ainda na gestão de Agra e, numa percepção minha, na época, no Brasil estava muito em alta o cenário internacional: as taxas de crescimento no Nordeste, nos últimos anos, foram superiores à média nacional, então tinha um olhar para aquilo, e acho que eles viram na Paraíba, em João Pessoa, essa oportunidade. Assim como o BID veio, também, com esse projeto de cidade sustentável, tem todo esse movimento. E, no meu ponto de vista, era saber aproveitar as oportunidades. E um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Então aproveitei. Não acompanhei o treinamento, a capacitação, mas algumas informações me chegaram que foi muito boa.

JONATHAN: Obviamente. Então, só para que a gente repense um pouco nessas suas últimas palavras, na sua gestão, enquanto Secretário de Educação, o senhor finalizou esse processo de acompanhamento, fazendo a divulgação para os professores de inglês de que essa parceria estava se encaminhando. Então, em termos técnicos, de operacionalização e de documentação, pelo menos na época do senhor, foi constituído.

LUIZ: Exatamente. Eu tenho a impressão que eles entregaram um documento, mas eu acho que ele foi assinado em janeiro pelo Prefeito. Houve uma solenidade, inclusive, onde o Prefeito assinara um termo de cooperação, mas eu já tinha saído. Era um termo de cooperação simples. Mas foi assinado pelo Prefeito, e eu também já não era secretário.

JONATHAN: E o senhor enquanto especialista na área de educação, enquanto professor da Universidade Federal da Paraíba, o que o senhor acha desse tipo de contato? Porque é uma instituição que representa um governo internacional. É uma instituição governamental. O senhor realmente vê uma projeção desse tipo de parceria, acha que isso é importante? Como o senhor sentiu isso? O senhor já esboçou uma parte muito positiva, mas isso deveria ser difundido mais. O que o senhor acha sobre cooperação na área de educação?

LUIZ: Olha, particularmente, eu acho favorável. Primeiro que, em educação, a gente não tem que ter estereótipos, não tem que ter preconceito. Como eu já tinha atuado na gestão de educação superior, como gestor na universidade, essa ideia de internacionalização já está muito presente, na minha concepção. Levar para a educação básica é um desafio. Aparecendo a oportunidade, como eu disse a você, eu pego. Claro que, na sua gestão, você tem os pilares da sua concepção político-pedagógica, então você tem de ser, num certo sentido, pragmático. Até porque o tempo da gestão, o tempo político, é muito curto. Ou então você decide tomar a decisão e ir em frente, para viabilizar, ou você não vai conseguir. Mas, do meu ponto de vista, é extremamente positivo. Por outro lado, a maneira também como o consulado atuou foi uma diferença. Vou dar um exemplo: quando eu cheguei na secretaria, a Prefeitura tinha um convênio com a Aliança Francesa. Qual convênio? A

gente cedia um professor, para ele dar aulas na Aliança Francesa e, em troca, a Aliança Francesa cedia umas vagas para alunos da rede municipal. Nem sei se tinha alunos da rede municipal. Eu tive reunião com a representante da Aliança Francesa e, quando criamos o CELEST, eu disse que, se tínhamos professor de Francês lá, eu vou trazê-la para o CELEST. Então comuniquei à coordenadora, presidente da Aliança Francesa, que iríamos desfazer o contrato (o convênio, aliás). Ela pediu que fosse até no final do ano para fechar, e concordamos plenamente, porque eu tinha um professor de francês, não via o porquê de contratar outro professor de francês. E foi interessante, porque a Aliança Francesa, não sei se deu continuidade, mas ela se voltou para trabalhar com a gente, inclusive colocando à disposição do CELEST a avaliação deles da língua francesa. Até aproveitando o momento, irá sair daqui há um mês mais ou menos esse livro: “No meio da travessia - breves narrativas sobre Gestão Municipal da Educação”, que conta exatamente essa história, sobre o período que eu passei à frente da secretaria, e isso que eu falei aqui está tão presente porque grande parte estará presente no livro, como, por exemplo, a criação do CELEST, esse contato com o consulado, essa questão da Aliança Francesa, robótica... Então, resumindo a sua pergunta, eu vejo como algo extremamente positivo. Já tenho essa visão na universidade. Então o desafio, como eu disse, era levar para a educação básica. E foi um sucesso. Acho que tanto para o CELEST como para essa ação de formação específica.

JONATHAN: Interessante. Acho que todas as perguntas foram respondidas brilhantemente e agradeço demais essa disponibilidade e atenção.

Entrevista 3

ENTREVISTA COM RICHARD REITER, CÔNSUL GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA EM RECIFE DE 2014 a 2017.

JONATHAN: Oh we are here with mr. Richard Reiter who is the American general counsel For the American Consulate here in Recife. Mr. Richard Reiter, before I ask you some questions I'd like to ask you if possible to ask you how much time have you been working as a diplomat here in Recife.

RICHARD: Sure I started as a Diplomat I began my career in the early 90s. I've actually spent 8 years now in Brazil, I've spent a lot of time in Brazil and I began my career here in Recife in the consulate. This time I have been working as the consul General for three years, I started in July of 2014,

JONATHAN: All right. I am here because of my masters. I have been studying International Relations in it in João Pessoa and I have been working and studying international cooperation, especially, concerning educational purposes and I'd like to ask you what you think about cooperation internationally and specially thinking about United States and Brazil.

RICHARD: Sure, actually, you know, let me start by answering Little bit more globally, But what we do here in the consulate and why we do it and then I'm going to focus a little bit on the educational and cultural programs. The consulate has I think three main initiatives, The first one is the Is our counselor section which is the section the most Brazilians are familiar with, the visas, it's for Americans who got in trouble or lose their passport, and of course we do the visa process for the Brazilians who wanna visit, study or work in the United States. That's a lot of what we do here, that takes a lot of our staff and resources. Our second biggest focus are commercial diplomacy, And that means business, that means trade that goes back and forth, that means American companies doing business in Brazil, there is lots of them including here in Northeast like Coca-Cola McDonald's, Fiat, Chrysler. The third thing is education, what we call

people-to-people diplomacy, it's cultural, it's educational, it's press. And that some of the work that you are most familiar with. Why do we do that? We do it because we have a story to tell. Maybe there's something missionary in the American culture, we believe that if you get to know the United States, if you learn about us, that you are going to agree with some of what we do here, you're going to like us, you're going to want to learn more about the United States. People who visit the United States for the first time, want to go back, they wanna do more. It changes their life. We believe that if we can share some of our experience, some of our culture, some our educational practices, it can be transformative, both for the Americans and for the other folks. So, this really drives a lot of what we do and when you think about the way I've just laid it out, it's a sort of long term investments. If you are taking a child and teaching them English or teaching them anything, you're not really going to see the fruits of that investment for many many years. It requires a certain matter of vision, it requires a long term planning, and it requires a faith of what we're doing is the right thing. We have all of these programs and you are familiar with the English Language Programs. We are not going to see real benefits for a long time. We are convinced that it's a good path, a fruitful path, it builds strong ties between the American people and people of other countries. That's an investment that we do with great pleasure.

JONATHAN: And more specifically about these English Language Programs here in Northeast, do you think that it's helpful for the governments here? because you are giving a very interesting support for governments, municipalities, states... Do you think that they need this kind of help in your opinion?

RICHARD: We don't come here with the idea that we're gonna insist on anything, that we are going to push our way into any conversation or any government official, but often they come to us, and so in the case of João Pessoa, your folks have come to us and asked what kind of resources what kind of partnerships we could develop. We've got the same kind of relationships elsewhere. We have Educational U.S.A programs, we do English Language training here in Pernambuco and in other States in Northeast and other states throughout Brazil. So, the first question we ask ourselves what is the commitment of the local partner, whether it's the prefeitura, the secretary of education, the state government. And if there's a strong partner in a need for us, or some of the

assistance that we can provide, then yes, we are absolutely happy to look at that. My colleague Matt will share some of the specifics of what we can do. I think you are familiar with the Fullbright, ETAs, ETs, some of different projects that we have out there. Here in Pernambuco we've been supporting the State Government with English Language Training, and they have a project called Ganha Mundo that we've been supporting. So, there's different models, there's different projects, but it's something we are very happy to do.

JONATHAN: All right. Last question - Brazil for the United States is an important country? And Education between the two countries is a priority?

RICHARD: It's in a lot of levels. There's clearly a great desire in and demand among Brazilian students to study in the U.S.. I forgot the number but I think there are about 10 thousand, maybe more Brazilians studying right now in the United States; that suggests that there's a lot of change going on already in the private sector; people who take themselves to the United States. How can we support that? How can we support with English Language training? You can't study at any level in the U.S. unless you have some good English. If we can provide some basic English training here, that opens the doors to a lot bigger academic projects, professional exchanges, government exchanges, all kinds of things. This is really the key in the lock. If we start with basic level, fundamental English Language training, we do it in a quality level so the people can pass the Toefl, so the people can study and understand when they are in an U.S classroom, that I think it's huge, and the consequences are enormous.

JONATHAN: All right, Thank you for the answers. It was very helpful.

Entrevista 4

ENTREVISTA COM MATT KEENER, CÔNSUL DE DIPLOMACIA PÚBLICA DO CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA EM RECIFE DURANTE OS ANOS DE 2014 A 2017.

JONATHAN: Good morning, I'm here with the consul for public diplomacy, Mr. Matt Keener, and I'd like to ask you, sir, how long you have been working as a consul or for the diplomatic service.

MATT: I have been working as a U.S diplomat for almost 12 years now, specifically I've been working in this role as the Consul for Public Diplomacy for the U.S Consulate - Recife for almost three and a half years and I'm near the end of my assignment here in Recife.

JONATHAN: Just so you know I'm here for academic reasons, I'm a master student for the International Relations Course. I'd like to ask you some questions about international cooperation concerning educational purposes. What do you think about international cooperation for education? And how do you see it?

MATT: Well, obviously, and this goes about saying Education is fundamental. It is the first piece for anything, from an international policy diplomacy perspective of the United States, we view education as an important tool first for strengthening societies, not just for strengthening our relationships with the societies, but strengthening society itself. If you help countries develop their education systems, you give people more opportunities socially, professionally, culturally. You reduce the tendency of youth and young adults to resort to crime, extremism, and you provide more opportunities for strengthening commercial relationships, for strengthening human ties between those countries and the United States simply by supporting education.

JONATHAN: All right, and are there many projects concerning this investment on education, that the American Government has going on?

Yes, the biggest investments for you make, as you are well aware, as we are going to get it a little later, are focused on strengthening the English language, but the United States also focus on several other areas of education, strengthening fundamentals of the education, teaching, student commitment to stay in schools we focus a lot over recent year to promote the stamp areas: science, technology, engineering and mathematics. We've added arts to that as well. Obviously by strengthening those areas we are strengthening the ability for technological advancement, for improving commercial relations and emerging markets between the United States and other countries. So, yeah, we have a diverse range of educational focused programs, we also do a lot of exchanges focused on every area of education. For people ranging from teenagers all the way up to middle age, depending on their focus for specific areas for development, high school, undergraduate, graduate up to doctoral programs, and professor research programs. The United states do it through the fulbright exchanges. Education is fundamental for a lot of our diplomacy work.

JONATHAN: All right, and the consulate here in Recife, what kind of programs it has most?

MATT: In the educational are specifically we invested heavily on english language programs, over the past years promoting English language teaching throughout the Northeast helping Brazilian students find new avenues for studying abroad in the United States. We have strong exchange programs in the international leadership program which is a very specific programs, short-term education exchanges for professionals. We also have Fullbright program, which offers a wide range of exchanges from English teaching specialist to graduate specialist, to research and doctor candidates.

JONATHAN: All right. All these program they happen through institutions like these ones like consulates and embassies in countries like Brazil?

MATT: All these programs, I just mentioned, are specifically State Department Programs. Full Bright is unique and in a lot of countries, Brazil included, we have FulBright commissions which are actually bilateral agencies developed between the

Brazilian Government and the U.S Government, both countries contribute significant financial resources and in time resources to the commissions in order to promote two way educational exchange: Brazil-to-United States and United States to Brazil; and strengthening person-to-person ties that way.

JONATHAN: All the programs are related to the State Department?

MATT: All the programs come out of a State Department Cultural Programs over the years.

JONATHAN: And concerning the English language specialist program. How do you see this program? and How are cities and states interested in this kind of program?

MATT: The English Language Fellow and the English language specialist programs is a specific set of programs that come out of the State Departments Language Office and the Bureau of Education and Cultural Affairs. They are really really valuable tool for us to provide long-term or very specialized assistance to our partners overseas in teaching in English and strengthening the teaching of English at the highest levels. Providing teachers of english with new resources with education or providing very specialized English teaching in different institutions and with these programs we've been able to support binational centers and their ability to teach English. Here in Pernambuco, as the Consul mentioned, we work close to the State Government and provided english language specialist teaching for secondary school teachers throughout the State. In João Pessoa we did similar program within the municipal level, strengthening the english language teaching for municipal educators. We've also done this at the ministry level and we've done short-terming specialist programs, specialists that come for a very short program to focus on a very specific style, or specific techniques for teaching English, utilizing technology in English teaching, whether it's teaching a very specific curriculum for English, but there it's a diverse tool we can use it in a lot of different ways from the long term programs like we've done in João Pessoa to very short terms specific and focused programs. But it's incredibly valuable for us here. We've been able to do a lot over the last six years in the Northeast with these programs in for or five different States in the Northeast.

JONATHAN: Okay. How did that happen there in João Pessoa? How were the first things organized?

MATT: I think that the first piece of the puzzle João Pessoa was a visit by a former colleague of mine who was there meeting with local government officials and the local government had expressed interest in the time at any resource that was conceived and might be able to help provide to strength the English language teaching in João Pessoa. At that time, I had recently arrived here in Brazil and had seen how effective these types of English language fellows and specialists programs were here in Pernambuco to support the state English teaching goals and sent a proposal to the Department of State asking for more resources to do more of these types of program throughout the Northeast recognizing that States and cities like João Pessoa in Paraíba, Teresina, Fortaleza had initiatives that they were developing to try promote more English Language teaching and seen how effective it had been here in Pernambuco,. The Department of State replied very enthusiastically to my request for more resources, provided us more resources than we imagined, then that gave Stuart the ability to launch English Language Programs all over the Northeast. We've seen tremendous results, more specifically João Pessoa I think the results were most impressive.

JONATHAN: You said that the municipality of João Pessoa showed interest in this kind of program because they needed it, so they looked for the consulate concerning the English language. You also said that you wrote a proposal for the State Department. Did that pass through our Brazil Federal level or it was something direct?

MATT: No, it was a direct request from me to my state department, to my government, asking for my resources due a specific innovation fund program that the State Department had available at the time to get those resources. Once we got those resources it was our responsibility to go out and sit down with the specific partners that we had or had identified or developed specific programs. So, in our case we sat down with you and with the federal university in Paraíba and worked out specific programs, specific projects, to commit those resources to.

JONATHAN: Is there any kind of agreement that allows consulates do this kind of partnership direct with municipalities?

MATT: Well, the consulate is the U.S representative for Northeast Brazil. We are in charge of basically all bilateral relations within the mission between Northeast Brazil and the United States. We need approval from the Embassy and from Washington to move forward with this, but we are granted relatively broad authority to develop these types of local partnerships in municipal and state levels to strength the programs. The advents are bilateral priorities with Brazil.

JONATHAN: I understand! I think that it's enough. I thank you for the answers!

MATT: Certainly if you need a line or something else. You can always e-mail and I'll be happy to answer you.

Entrevista 5

ENTREVISTA COM MARY DIANE WHALEY, ESPECIALISTA EM LÍNGUA INGLESA ENVIADA PELO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS PARA FICAR A DISPOSIÇÃO DO CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA EM RECIFE A FIM DE ATUAR NO PROJETO DE PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA NOS ANOS DE 2015 E 2016.

JONATHAN: Good morning, I'm here with Ms. Diane Whaley and we are going to talk about some of her experience in João Pessoa, I'm Jonathan and I'm a master's student for the Political Science and International Relations Program. Hello Diane!

DIANE: Hi Jonathan.

JONATHAN: I'd like to make you some questions about what you did in João Pessoa, how everything started. Because I know that there was a program there in JP between the municipality and the American Government. How did you get involved with that?

DIANE: I'm an English language specialist and that means that I'm included in a database of the W.D English and cultural affairs section of the U.S State Department. Whenever an Embassy or a consulate has a project that requires an English language specialist, the embassy or the consulate contacts the State Department in Washington and they look through their database and they find the people who qualified to do that job. And for me I was very lucky to be sent an email one day and it said basically: Diane, would you like to be considered for a project in Brazil, in Northeast Brazil, that you are qualified for. I said yes absolutely right away. And then the paperwork began. It takes, about really, two or three months to get organized, to get the visas. We have to do medical exams and sometimes it's quite expensive and takes a lot of time to set up all of the appointments with doctors and things like that. I have to learn about the place where I'm going not just in terms of professional needs. Sometimes you don't learn that until you're actually on the ground. Basic thing, you know?..What clothes do I take? What about the culture? What are the things that I need to learn not to do or

need to add to my skills so that I do those things when I arrive. In case of Brazil, that was pretty easy! Bringing bathing suit in and sunscreen lotion. But it does take a long time. It's not just okay, you get a call, Diane and you get a plane in two days.

JONATHAN: Okay, before you talk more about about that experience to go to Brazil. Did you have any kind of similar experience, or it was your first time to go to another country to work as English Language Specialist.

DIANE: No, it wasn't. I had previous assignments. I was assigned to Uruguay for ten months and the project there was very successful and they asked me to come back for another ten months in the following year. So, I did that and then the next year, I spent three months in Cairo. The fourth year was in João Pessoa and also the fifth. My assignments vary. In Uruguay, I basically were three heads. I taught some courses at the University of Montevideo. I worked with the Ministry of Education to develop materials for the public schools countrywide to use and I also do what the State Department thinks overall is the most important part of my job that I do well and that is to promote the study and learning of English. That's I should have mentioned that at the beginning. The specific things that I do change. But the general overall goal is what we call public diplomacy: to develop relationships with individuals within the country, lasting ones, whenever possible that long after I leave I still have both professional and personal contacts. And as I said before to promote the teaching and learning of English. When I went to Uruguay, I told you the three things that I did. But when I landed on the ground in Egypt, this was an international cooperation project with the British Council, with the Egyptian Ministry of Education and then the U.S Embassy in Cairo. And there I piloted a program called TOT: Training of the trainers. So, my goal was to basically replacing myself when I left with egyptian highly qualified teachers, but they weren't trainers and did we did a three month course to have them get comfortable to teach their pairs.

JONATHAN: So, and all that background is related to what you studied? I assume.

DIANE: Yes, I have a masters degree in Linguistics with a specialization in Teaching English as Foreign Language.

JONATHAN: Interesting!

JONATHAN: Could you tell me if the people there in Brazil, in the city of João Pessoa, were needing or expecting to have an English Language Specialist or a person with that background and that experience, so that they could work or improve what they were doing concerning the English language?

DIANE: Jonathan, there's no doubt in my mind that the need was there. But the awareness of the need at all levels where it needed to be acknowledged might not have been the case. I'm not sure. I know once I got there and explained to the municipal officials and the education officials and the teachers themselves what could be, what was possible, and that would solve some of their problems or begin to solve some of their problems.

JONATHAN: Okay. Do you know if the city contacted the consulate, the Embassy, the State Department or if they did that to the city? Do you know anything about that?

DIANE: What I have heard through the consular officials in Recife is that actually one new consul, I think it was the public affairs, I'm not sure, actually misspoke one time. He was visiting João Pessoa for another reason and mentioned almost as an aside, we provide English language specialists also, and maybe we can do something for João Pessoa. Maybe it came out as more of a promise than the person speaking intended. But these kinds of things happen frequently and by chance and when it hits the right ears of someone who says: yes, we can benefit from this and I'm going to do something about it and follow up that contact. then things can happen. I think there has to be this combination of willingness and ability and then this passion, this drive to get things done. That's how it happens.

JONATHAN: Maybe, a consolidated program as that one that you were telling me, this English language specialist program...because it was not something that was created, I assume, just for João pessoa.

DIANE: No, absolutely not, This is somethings as I said before. I think at least the last time I heard State Department Policy, that promoting the study and the teaching of English was number three on our U.S State Department goals. They take it very seriously. They are dedicated to it. And this program has been, I wish I knew how long it's being in existence, sorry, I don't, but let's say at least 20 years and it operates wherever there's a U.S embassy or a consulate, the public affairs office work there in connection with every embassy. It should give you an idea how valuable this program is. In every embassy, there's a Regional English Language officer, and it's that official State Department employee's job to promote the study and teaching of English. So, this regional english language office job is to find places and people to connect with who could use English language specialists to develop projects and then use their funding, their budget for that year to work Washington and find somebody to meet their needs. It's worldwide

JONATHAN: All right. So, I assume that in Brazil there is one.

DIANE: Yes, the Regional English Language Officer is now working out of the Embassy in Brasília, prior to that, they were in São Paulo.

JONATHAN: Diane, going back to João Pessoa a little bit. How was the experience there with the municipality staff, with the teachers? Could you just tell me if they were prepared to receive, to have you there and start working?

DIANE: Anybody else would believe this. This experience for me in João Pessoa was the best that I ever had.

JONATHAN: How great! Tell me more about it.

DIANE: It was good at three levels. So, let's start with the municipality itself. I have never seen a municipality with clear dedication to the goal of improving English language instruction. it was clear from my first meeting with the mayor who I asked very perceptive questions about how I personally was going to help the children in his city and I could tell that he, that this was very sincere, this wasn't a political statement.

This man cared, and cared deeply and I found out later that not just about education, but about his job entirely. So, also the secretary of Education. I basically had three free and opened access to everything that I needed and...

JONATHAN: You had support there.

DIANE: I had all the support I needed. Not just the support, the openness to the new ideas, the willingness to try. When I would propose something...Sure, let's try that. Even if I was talking about things that had never been done before. So, at the municipal level...amazing..

JONATHAN: An example of that?

DIANE: An example?

JONATHAN: Anything you that you never did before and that happened there in João Pessoa.

DIANE: As soon I found out about the conditions that the teachers were working in and their level of motivation, the progress that the students were making and what they were focusing on. I realised that a lot of the problems could begin to be solved if the teachers had more control of their environment, and they could begin to change the culture of the classroom. In João Pessoa, in the middle schools, students stay in their own classrooms, and teachers move from room to room. Just practically speaking, it makes a difficult for teachers because they can't decorate that room. They have to bring all of everything that they want to do in the class that day, they have to carry in with them. It's basically practical things, it's hard...Those things teachers could overcome, more easily. The bigger problem was students owned those room. When I say owned, they set the culture. In many cases not the most conducive to learning. Teachers needed to take charge and say: look in this room, this is how it's gonna be because this is my room. This is where we're learn English and these are the rules. And when the teacher controls that space and the students walk in, it's much easier...I'm not saying it's easy. But it's significantly easier for the teacher to do that.

So, when I first suggested that, I think it was just about two, at the most, three weeks before a classroom dedicated specifically to the learning and teaching of English in one of the schools. And we worked then in that five month period to get another school up and running, that one took just a little bit longer because we needed more equipment.

JONATHAN: So, the administration organized what they could do..

DIANE: Yes, absolutely. We talked about the configuration of the room. What kind of tables should be used. We tried to make it so, and we did in the second classroom find the tables and chairs to make the students to work in groups, which is essential for language, in my opinion. For me it was amazingly fast. Sometimes the bureaucracy to get things approved can take so long that's got a work its way all the way through. I spoke to my host, my host spoke to the secretary of education and it was done. Within one or two days the approval was there to go ahead and start this.

JONATHAN: So, there was a need to have a specialist like you and they were also ready to have a specialist like you because there were things that had to be done.

DIANE: Yes, there was willingness and ability to do it. Lot of times, there's a need, but not willingness. Lot of times there's a need and willingness but not ability. And in this case, that all came together.

JONATHAN: So, your experience, how long dit it take?

DIANE: How long was I there? In 2015, I was there for five months. And in 2016 I had the privilege and the honor to come back for another five months.

JONATHAN: Okay, Diane. And was there any kind of support coming of the municipality there? and from the American Government represented there by the officials or these institutions? Was there any kind of way so they could follow?

DIANE: Yes, there's the usual reports. As soon as I arrive, I basically tell them I'm there, I'm fine. Things are going well. My contacts are taking good care of me. I provide a midway report. I set goals and project expected outcomes and then I read a final report, so they are kept officially and by policy informed in that way. We are in contact with, in this case, which is unusual, we were in contact directly with the consulate, not through the Regional English Language Officer. This was a kind of special arrangement which the consulate in Recife itself requested this. As I mentioned before, the Regional English Language Officer is normally the conduit for this, but in this case the public affairs officer applied for an specific grant, an internal grant, from within the State Department. The RELO office was not involved. Not to say that I couldn't call on them, and I did. They provided educational materials which I was then able to distribute to the teachers, and provided training on how to use them. Mostly I was in contact with the officials at the consulate. Just day to day operations, basically they asking the same questions: are getting the support you need from the municipality? How are things going? Whenever I needed them, I called them.

JONATHAN: Okay. I assume that that support and with that you could provide professional development with the teachers. Anything else you did there or was it just professional development?

DIANE: Let's begin with identifying needs. The teachers were exceptionally opened with me. - I said: How can help you? What do you need? It was clear that one of their chief complaints was that the students were not motivated and that they had a hard time developing interest in teaching English. I realized though after a little while that also and justifiably so that teachers needed to be motivated, that the teachers needed to improve their self esteem, their self confidence, their self worth. Because working at a job with teaching specially, where students don't appreciate you or don't appreciate your subject matter, don't see the value in it, is very demoralizing. You burn out quickly. So, I was thinking, what can I do? Besides giving those materials, helping them specifically within the classrooms in professional development ways, I thought about organizing a conference for the teacher. Then I thought: I'm not going organizing a conference for them, they are going to organize a conference for themselves. Basically, I gave them some guidelines and we formed committees that teachers took

care of almost everything related to the operational of the conference. My host and I organized the venue, organized the infrastructure for the conference, but the teachers decorated, put up signs, organized the rooms. I forgot now all the committees that we organized. Photographers... But anyway, it went very very smoothly, teachers opened up the conference not just to the municipal english language teachers in the city, but also to private schools. and I think what helped them and what motivated them at the most was that they decided to invite the university community also. So, there was these middle schools teachers hosting a professional conference where university, private and other municipal teachers not just from João Pessoa, but as far north from Natal and Campina Grande, came. That for my first five months was the capstone. That was the thing that brought it all together.

JONATHAN: So, interesting! Is there anything that you still want to say about it? Anything that you might remember, anything you did? Is there anything you still want to talk about?

DIANE: During the second five month period that I was there I organized a trip to Rio de Janeiro's English-Portuguese Bilingual School that was supported in Rio in a previous project with the U. S State Department. An English language specialist was in Rio, I believe for three years, helping to establish this bilingual school. So, I thought I could develop an interest in bilingual education in João Pessoa as well. I organized a trip for the director of the foreign language center, for the secretary of education, for one principal of one of the schools, and for the superintendent of principals. I think there was the five of us. And together with another english language specialist who was assigned in João Pessoa, we added to the group some State educational officials. We had a meeting at the consulate in Rio de Janeiro where the municipal-state officials had a briefing. Then we had a full day at the bilingual school in Rio that was established there. It was an excellent networking opportunity for the officials and also a real hand-on first experience in the operation of a bilingual school and they could see not just how the curriculum looked or how the classrooms looked or talking to the teachers, but they could also see how it was possible to change the culture not just of a classroom, but of a school. They saw and learned that the bilingual school was started with just, I think, the 6th grade students came in first and for a year, only 6th

grade students were at that school. So, there was no history, there was no established culture that the students assimilated as they came in. The teacher could say: look, at this school we do things this way. Just from things like how that for me illustrated the relationships that go on there. The students have keys for the audiovisual equipment room. The culture was such that these students were trusted not only to take care of the equipment, but not to lose it, not to damage, but just get it when they needed it on their own, so giving them the space to be creative with it. Then, I was very very pleasantly surprised when...That was an election year by the way...because of that experience that the secretary of education had on that trip, she spoke to the mayor of João Pessoa about that and that was part of his platform policy when he was running for a second turn as mayor. He said he would establish the first bilingual school in the Northeast of Brazil and now that project is underway. As far as personal satisfaction, it's wonderful to know that some small step that I took to provide information and experience, again, was at the right time and right ears and eyes who had willingness and ability and the means to do that. And it was also exactly the kind of thing that the U.S State Department wants to accomplish not just for a specialist to go and for five months do her job, leave, and okay that's finished, done...but we can leave...I hate to use the word legacy, but something that continues after we're gone...The influence...The experiences that continue after we leave. So, my opinion, in the consulates opinion, and in the policy making officers in Washington, it couldn't have gone better.

JONATHAN: So, everything was accomplished.

DIANE: And more than what we set out to do.

JONATHAN: I have to thank you a lot, Diane, for all the answers that you gave. It was really a pleasure and, yes, thank you so much.

DIANE: You're welcome! It was wonderful for me to relive these moments and remember them. They're gonna be precious for me for the rest of my life.

Entrevista 6

ENTREVISTA COM WÓFSI YURI, COORDENADOR DE COOPERAÇÃO TÉCNICA RECEBIDA BILATERAL, E O SR. ANDRÉ GALVÃO, ANALISTA DE PROJETOS, DA AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO (ABC).

JONATHAN: Meu nome é Jonathan Vieira, estudante do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, eu gostaria de saber quais são as funções da ABC

WÓFSI YURI: Dentro da nossa atuação nós já tínhamos como parte de nosso trabalho, tradicionalmente, funções de coordenar cooperação recebida pelo Brasil em todos os níveis. Então, a cooperação técnica de países desenvolvidos ou projetos com organismos internacionais não é só contemplando ou beneficiando entes do governo federal, são dos três níveis. Algumas vezes são arranjos em que todos os três níveis estão envolvidos, outras vezes parcialmente um ou outro. E isso permanece. Permanece também nossa atuação em função dessa relação, desse contato.

A outra vertente (que é interessante você ter em mente, não só a cooperação recebida) é a oportunidade de oferecer cooperação, estabelecer relações e adensar relações com outros países, com entes subnacionais de outros países, também é parte de uma visão que nós temos investido algum esforço de coordenação, de contato. Aqui no âmbito federal, nós temos uma área da presidência da república que trata das relações federativas, mas não operacionaliza, por isso nós trabalhamos em conjunto.

Nós partimos também de uma proposta de criar uma agenda mais voltada para o quadro da diplomacia federativa, de relações subnacionais, daquilo em que poderíamos contribuir primeiro, buscando apresentar o trabalho da própria agência, o que existe de perspectiva na troca de informações, de orientações e até estabelecer compromissos mais formais de trabalho, como recentemente tivemos com o governo de Brasília através da assinatura de um memorando para uma parceria no âmbito da escola de governo para criar um curso de cooperação internacional para os servidores de Brasília, que é município e Estado ao mesmo tempo, e já isso potencializou um canal com outros estados da federação dos quais nós já tínhamos recebido demanda ou que foram sensibilizados mais recentemente. Uma outra questão recentemente é

a que estamos construindo com o Governo do Paraná um protocolo de intenções, entre ABC e o governo do Estado do Paraná, que estamos estruturando. Com São Paulo, Minas, que já têm corpo de assessorias internacionais, que têm ações estruturada, também temos mantido o diálogo para definirmos ações conjuntamente. No caso de municípios nós temos também procurado organizar o diálogo por meio da Confederação dos Municípios e a Frente Nacional de Prefeitos, porque entendemos que é uma maneira além de valorizar a rede, eles têm já de longa data captado os principais desafios e questões que são comuns, mas isso não limita que a gente não possa fazer uma interlocução.

WÓFSI YURI: estabelecer um contato maior entre prefeitura e ABC no futuro é importante. Organizar uma pauta, uma agenda de trabalho dentro do que seja priorizado: aspectos como a identificação no âmbito das secretarias municipais de temas de interesse para a cooperação internacional. Outra questão seria essa identificação de que aspectos precisam ser fortalecidos na estrutura da prefeitura em termos de capacitação e formação. Também são questões que a gente pode apresentar ou encaminhar para parceiros da cooperação internacional. Acho que vale muito esse contato, essa visão. Em alguns casos, tem-se uma ideia de como algumas prefeituras pensam as relações internacionais. A questão de investimento, atração de investimento. Algumas vezes são questões que não se sabe muito bem o que quer, aí arruma-se uma viagem para o prefeito para estabelecer alguma espécie de convênio e contrato. Mas na ABC, já que nós temos não só a institucionalidade, toda a experiência, a vivência do que se tem em termos do universo de cooperação internacional, evita muito a dispersão de esforços, muitas vezes os governos querem fazer diretamente algum arranjo. Acaba sendo possível, mas muitas vezes os governos têm suas limitações. O que a gente pensa em oferecer é um diálogo mais permanente do projeto de internacionalização, são questões que vão sendo agregadas. Tem todo o trabalho de organizar também o enquadramento legal. Muitas vezes não se tem essa noção do que é possível fazer, que tipo de instrumento viabilizaria algumas ações e às vezes fica se quebrando alguma para algumas coisas.

JONATHAN: Essa é a função primordial da ABC?

WÓFSI YURI: Isso é um trabalho complementar, mais direcionado para essa relação de cooperação descentralizada, que a gente fala. A função primordial é manter os programas de cooperação que o Brasil já detém com países parceiros, com organismos, ou negociar novos. E, em algumas frentes, como a cooperação descentralizada, que é um tema mais recente, nós também estamos desenhando estratégias e definindo algumas ações que de fato também têm muita interface com o nosso mandato primordial.

JONATHAN: quando vim conversar com vocês eu estava muito intencionado em entender muito do que foi feito por nós, em João Pessoa, em relação à cooperação educacional. Foi feito um contato primeiro com o Governo dos EUA, mas eu ainda tinha algumas dúvidas em relação à cooperação educacional. Após essa explicação da atuação da ABC, gostaria de saber mais sobre Cooperação Educacional. Como nós estamos?

WÓFSI YURI: O que a gente entende e tem como conceito da cooperação educacional é: ações e atividades de educação mais estruturadas como atividades de graduação, pós-graduação, formações e especializações de longo prazo, ou seja, todo intercâmbio ou atividades que permitam uma formação de alto nível são designadas como cooperação Educacional.

As relações entre instituições de ensino formais, bolsas, negociação de programas para aperfeiçoamento, quadros técnicos. Agora o que é cooperação técnica com funções de capacitação? É a parte de aperfeiçoamentos e capacidades humanas que se utilizam de iniciativas de formação de curta duração desde seminários, workshops, até pequenos cursos de pequena duração, que são muito mais próximos do arranjo de trabalho da cooperação técnica e geralmente fazem parte de uma visão mais completa que teria ou que pode conter outras ações para garantir um resultado adequado. Então, podemos até ter a promoção de uma capacitação específica e acabar e por aí vai, mas pela experiência, a gente percebe que o ideal é ter um projeto, um programa cujo eixo principal seja formação e desenvolvimento humano por meio de algumas atividades de capacitação, desenvolvimento e aperfeiçoamento, mas também considerando aspectos ao longo desse período que

permitam consolidar alguma mudança. Então, nós temos uma diferença clara do que é exclusivamente cooperação educacional do trabalho que a ABC faz de cooperação técnica. Essa atividade a qual você se referiu caberia como uma ação de cooperação técnica no seguinte sentido: é uma identificação de uma deficiência ou, talvez, a ideia de potencializar o processo de Educação de Línguas estrangeiras na prefeitura. E aí por meio da melhoria da qualidade dos professores de acesso ao conhecimento de novas técnicas, isso se dá em termos de um processo de formação e capacitação, visitas técnicas, atividades, e seminários, ou seja, são ações que perfeitamente se enquadrariam na visão de cooperação técnica voltada para a educação. Agora nós temos que fazer essa diferença, porque se nós falarmos em bolsas de mestrado, formação complementar, intercâmbios com universidades, aí nós temos uma questão, propriamente, de cooperação educacional porque são instrumentos mais simplificados para uma só finalidade, sem contar com uma estrutura de acompanhamento do resultado. Não necessariamente, não estou dizendo que não haja mas, geralmente, o processo de cooperação educacional, na sua maioria, depois do acordo definido e aprovado, ele praticamente só faz a troca de papéis para viabilizar a promoção de bolsas e aí cabe aos participantes cumprir aquela atividade. Então, a gente tem aí uma situação em que a depender da visão, da forma como ela é concebida, montada vai ser mais para um lado do que para outro.

ANDRÉ GALVÃO: É interessante, para vocês que estão iniciando agora esse processo, conhecer toda a potencialidade que poderia ter a cooperação de vocês conosco com outras áreas. Eu não sei se você entende quando a gente diz cooperação técnica, cooperação educacional, científica, tecnológica. Primeiro isso tem que ficar claro para vocês que estão iniciando. Depois desses temas de identificação do que é a modalidade, vocês têm que procurar se fortalecer primeiramente conhecendo as experiências de assessoria internacionais de municípios. Valeria até o contato com a Subchefia de Assuntos Federativos porque eles promovem e fomentam o desenvolvimento de estados e municípios em âmbito internacional. Isso vai ampliar o interesse e fortalecer a capacidade do município ao conhecer o que faz uma cooperação técnica, uma cooperação científica. Aqui esse papel que o Yuri disse de vocês mostrarem a necessidade e a gente tentar articular com nossos atores que se envolvem nessa cooperação em âmbito federal

seguramente vai fortalecer bastante essa atuação internacional de vocês. Aí, logicamente, você, de alguma forma, vai começar a participar de alguns eventos, se fortalecendo, até na perspectiva de ter uma assessoria dentro da prefeitura de João Pessoa. A gente poderia começar a ampliar um pouquinho essa questão de só educacional porque você continua na linha de bolsas de estudos. Mas em relação a questões de secretarias porque hoje a prefeitura tem várias secretarias com necessidades. Quais são essas necessidades? Como se possibilita o diálogo para trazer essas necessidades para conversar conosco? Existe uma série de possibilidades que a gente pode fazer desde que se entenda. Como o Yuri disse, a gente está começando a fazer capacitações em municípios e estados brasileiros justamente para conhecer como a gente trabalha, as oportunidades que a gente teria e também para fortalecer as próprias estruturas das prefeituras e dos governos estaduais. Eu sei que parece confuso no início. Mas, não é... Quando se começa a tratar e ver pontualmente uma coisa ou outra, você começa a perceber que é bem mais dinâmico do que matéria de educação. Minha sugestão é continuar a conversa conosco porque estamos abertos sempre. Inclusive, se você conversar com o prefeito e ele estiver em outro momento aqui para entender mais sobre essa parceria em potencialidade também é bem-vindo para que a gente possa trabalhar junto entendendo como a gente poderia trabalhar com cooperação técnica.

JONATHAN: Você entendeu minha posição de ter me envolvido com essa área educacional e inicialmente estar curioso e querer entender como isso tudo é gerenciado em termos de governo federal. Será que a prefeitura pode normalmente entrar em contato com um consulado e estabelecer algum tipo de cooperação? Será que o consulado pode procurar a prefeitura? O fato de os EUA ter esse tipo de programa de incentivo faz com que os EUA seja o maior parceiro em termos de cooperação educacional? Foram dúvidas e perguntas que me foram surgindo.

ANDRÉ GALVÃO: Você sabe que toda relação binacional tem um acordo prévio, acordo básico de cooperação entre dois países, onde uma relação formal se estabelece. Um acordo geral, amplo, que pega todas as modalidades, as formas de atuação, responsabilidades, etc. O que a gente tenta hoje é identificar essas demandas trazendo a quem pertence. Se for cooperação técnica, trazer para a ABC,

porque isso fortalece o sistema nacional de cooperação e te dá a possibilidade, inclusive, de pelo conhecimento apropriado, de difundir isso para outros países. Isso é uma visibilidade incrível para o prefeito. A gente teve recentemente uma parceria em Canoas no Rio Grande do Sul onde eles repassaram uma transferência de observatório de segurança cidadã, um know hall adquirido na cidade brasileira que foi transferido para uma cidade argentina. Então, hoje, na tentativa de montar esse banco de dados, a gente sabe que Canoas tem essa boa experiência repassada, então, passa a fazer parte do legado da cooperação brasileira. É muito difícil às vezes quando se estabelece uma relação direta, sem conhecimento nosso, de quem pertence, interceder com um campo ampliado de ideias. Não é só começar ali, terminar ali e acabou. Ali teve uma apropriação, um trabalho de fortalecimento, que merece ter os louros e a divulgação necessária.

WÓFSI YURI: Um aspecto que também que ajuda a compreensão é em termos de relações internacionais no geral, nós temos uma definição constitucional e temos também uma clara delimitação dos papéis. Agora, nessa esfera, alguns aspectos são possíveis de terem seu encaminhamento por meio direto entre governo estadual ou governo municipal. E, conceitualmente, trazendo para a cooperação técnica, nós estamos procurando trabalhar investindo em uma proposta conjunta de harmonizar uma minuta de decreto para trabalhar esse tema em que a gente conceitue a cooperação descentralizada, tenha um reconhecimento e que ela se dá sempre quando do lado brasileiro haja um ente subnacional e do parceiro internacional também haja um ente subnacional. Para nós não se aplica o conceito pleno de cooperação descentralizada em sua plenitude se você tem um governo central e um ente subnacional porque a relação do ente central pressupõe a anuência da União e de um organismo internacional. E também ele só se relaciona por meio dos marcos estabelecidos e assinados com o governo brasileiro, mesmo para beneficiar estados e municípios. Agora, quando se faz uma ação dessa diretamente, a gente entende que mesmo não sendo de cooperação descentralizada, você tem instrumentos considerados cooperação interinstitucional. Não obriga o Estado Brasileiro, portanto, e, de certa forma, é escolhido por ser mais simples, mais direto, tem menos burocracia e é mais fácil de executar.

A avaliação que se deve fazer é qual a perspectiva de consolidar esse processo, de ter uma base de conhecimento produzida a partir dessa experiência? Se for realmente um horizonte muito rápido para viabilizar alguns intercâmbios, e que com um ou dois anos se acaba, esse instrumento institucional também pode ser escolhido. Mesmo assim nós incentivamos que as ações ocorram por meio de uma negociação, de cooperação técnica, conduzida pela ABC, porque haverá a definição de um marco de responsabilidade e compromissos mais permanentes e a própria visão e experiência da Agência em relação a construir a própria proposta corrobora no projeto e que, muitas vezes, os entes não observam, mas os técnicos e analistas conseguem prestar esse tipo de apoio e ajudar no desenvolvimento desse trabalho. Isso já é um ganho por si. Numa eventual situação de divergência, de demanda, aquele instrumento original que não permite nenhuma ação jurídica fica limitado. Já no arranjo formal, nós temos instrumentos que poderiam cobrir ou respaldar eventuais questões pelo lado do ente brasileiro.

ANDRÉ GALVÃO: Interessante que você falou sobre essa questão do Consulado Espanhol e a gente também trabalha com Espanha também com estados e municípios brasileiros, além de outras opções. Talvez pudesse ser interessante esse contato com os espanhóis em alguma oportunidade, mas para isso a gente precisaria da identificação de algum tema, por exemplo, eles têm tido uma atuação boa na questão de meio ambiente, desertificação, aquele grande programa cisternas em nível nacional, eles apoiaram bastante. A gente sempre está nesse projeto em conjunto de plano de ações. Então, de repente, a gente poderia tentar, depois de uma consolidação maior, um contato com eles para verificar as possibilidades que se teria. Lembrando que cooperação técnica é sempre quando se fala de fortalecimento institucional. Ou seja, você tem uma secretaria que tem uma debilidade em um determinado procedimento. Então, isso seria um intercâmbio de técnicos entre dois países para a elaboração de documentos, publicações, seminários, então, isso tudo entraria nessa questão do fortalecimento institucional da instituição, cursos de uma ou duas semanas.

JONATHAN: Mas, por exemplo, em relação a essa debilidade da rede municipal de João Pessoa em termos do ensino de língua inglesa, era um fato sabido que o ensino

de inglês não estava sendo dado da forma que fosse a mais interessante, por várias questões: a capacitação dos professores, a quantidade de alunos em uma sala. Então, como ter um plano pedagógico para esse tipo de realidade? Houve a oportunidade de entrar em contato com uma instituição estrangeira em que já existia um programa, uma metodologia. Algo que certamente, como vocês falaram, deve ter sido acordado, em algum momento, pelo governo federal, para que isso existisse/fosse disponível. Houve o recurso pelo consulado, que atendeu essa demanda e é algo que vai ficar. Isso é cooperação técnica?

WÓFSI YURI: É um exemplo. O que a gente observa. Um dos eixos principais é você ter não perspectiva na pessoa ou no grupo alvo. A cooperação educacional tem um objetivo na formação da pessoa, a técnica é de fortalecimento institucional, de mudança ou de aprimoramento de política pública, de um setor, da condição da administração pública se tornar melhorada. A cooperação técnica busca de várias maneiras ampliar suas capacidades, seus recursos humanos, técnicos e isso através de alguns processos. Esse caso se encaixaria na cooperação técnica como uma visão de que o desafio inicial dado o nível de qualificação da rede municipal para ensino de língua inglesa, você, ao final do processo, elevaria essa qualidade, esse nível e isso, de forma permanente, agregado à estrutura formal da secretaria, da rede de ensino.

JONATHAN: No caso, se houvesse um impacto na estrutura da instituição?

ANDRÉ GALVÃO: Um impacto ou conhecimento apropriado para se replicar. Ou seja, você recebeu a capacitação e agora você é capaz de dar. Então, isso criou uma sustentabilidade.

WÓFSI YURI: E não algo que dependesse somente do grupo específico de pessoas e quando eles não estivessem mais, se perderia. A cooperação técnica na nossa conceituação, os projetos, as iniciativas são estruturadas para essa finalidade: ter mecanismos de apropriação, de captação desses conhecimentos, dessas informações e institucionalizar e fazer mudanças de processos na administração seja em um departamento específico, seja na secretaria, seja em toda prefeitura.

ANDRÉ GALVÃO: A questão da própria definição de projeto que tem três fases: início, meio e fim. Quando se dá o fim, o que ficou? Se forem só as pessoas, elas são dinâmicas, elas mudam, mesmo fazendo parte do quadro, mas o que a gente quer é a instituição empoderada. O empoderamento institucional, da estrutura.

WÓFSI YURI: A cooperação educacional pode muito bem alcançar um objetivo, cumprir uma meta beneficiando as pessoas somente e onde elas estiverem, pessoalmente, elas vão ter aquela experiência com elas. A cooperação técnica não pode basear-se só nisso, ela tem que ter os mecanismo de institucionalização, de apropriação e capacidade que ela própria possa replicar esse processo após a saída do fator externo de promoção do projeto.

Entrevista 7

ENTREVISTA COM LAÍZE RODRIGUES, PROFESSORA DE INGLÊS DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

JONATHAN: Ótimo. Bom dia, mais uma vez, professora. Eu sou o Jonathan Vieira, me apresentando, aluno do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais e como eu venho estudando a parceria entre o consulado geral dos Estados Unidos em Recife e a Prefeitura Municipal de João Pessoa, eu convidei a senhora justamente para que a gente bater um papo aqui sobre pontos que são relevantes pra a minha pesquisa e a partir daí, é... poder fazer com que a pesquisa fique ainda mas cheia, repleta de detalhes relevantes para a compreensão dessa parceria de forma específica. Mas aí eu vou pedir para que a senhora se apresente um pouquinho, né, fale quem é, diga quanto tempo vem atuando né, enquanto professora, onde também. Enfim, só para que a gente comece aqui essa nossa conversa.

LAIZE: Olá, Bom dia. Eu sou Laize, professora de inglês, tô na rede pública desde o ano de 2011. Então são 10 anos de escola pública, mas comecei minha carreira profissional no ano de 2005, então já vão 16 anos, né, de sala de aula. A princípio, pra mim, era só um passatempo tá no curso de inglês e depois quando surgiram as oportunidades e eu acabei me identificando, né, de certa forma, com essa área de educação. Então é um prazer imenso, né, contribuir com a minha realidade em sala de aula, né, com os pontos relevantes e é isso.

JONATHAN: E professora, hoje a senhora está em qual escola, em quais escolas?

LAIZE: Hoje eu faço, né, da Prefeitura de João Pessoa. Eu tô na escola Zumbi dos Palmares e também tô na escola João Santa Cruz. Esses são os meus dois campos de trabalho.

JONATHAN: E faz quanto tempo mesmo, que está na prefeitura de João Pessoa?

LAIZE: Na prefeitura é...oito anos. Eu entrei no ano, é...eu eu entrei no ano de 2012, aí não, perdão, já fizeram 9 anos, né, entrei em em agosto de 2012 e estamos em um, né, então nove anos e um pouquinho.

JONATHAN: Legal, o tempo passa rápido né?

LAIZE: Verdade.

JONATHAN: Então, ótimo, professora. Como eu já iniciei, falando sobre qual o objeto da pesquisa, mas sabemos que houve essa aproximação com o Consulado dos Estados Unidos de Recife e a Prefeitura de João Pessoa, e essa parceria promoveu a capacitação de professores municipais, dentre outras ações como escola bilíngue. Mas o que eu gostaria de começar a entender aqui, inicialmente, da sua parte, como é que a senhora encara esse tipo de aproximação? Como é que a senhora encara esse tipo de parceria? Acredita que é um tipo de iniciativa importante? Qual a relevância desse tipo de cooperação internacional pra um município como João Pessoa e pra senhora?

LAIZE: Olha só, eu posso definir, é, o tempo que nós tivemos essa parceria como, como que sonho né, foram bons tempos, foram, foi um tempo assim de muita experiência, principalmente pros professores, que assim como eu, ainda não tivemos a oportunidade de ir pra o exterior, né, de fazer um curso fora do país. Então, essa parceria foi assim de uma relevância imensa porque trouxe um pouco, né, de lá para gente aqui. A gente ficou em casa, mas assim, em casa que eu digo no nosso país, sendo que tivemos assim...um apoio, uma assistência, uma qualidade formadora de alto nível. E, assim, isso fez muita diferença para gente enquanto profissional dentro da nossa sala de aula, né, porque se a gente se formou aqui nas universidades brasileiras e também como eu fiz alguns cursinhos de idioma, mas não se compara, não se comparam porque o que a gente recebeu foi estratégia específica de como lidar com aluno, foi o nosso dia a dia de verdade né. De como resolver o problema daquele aluno que, às vezes, não se abre, não consegue falar, não consegue se expressar. E essa formação foi muito específica nesse ponto. Inclusive eu nunca vou esquecer do método Student Centered, né, que a professora Diane trouxe para a

gente e até então eu não tinha aberto os meus olhos, vamos dizer assim, profissionalmente, para aquele método porque é muito diferente o que a gente aprende na universidade, da nossa realidade quando a gente se depara com um público muito vasto, né. São crianças de todos os tipos, de aprendizado, cada um aprende de uma forma diferente. E na universidade brasileira, a gente não tem como ver tudo isso, então essa parceria internacional encheu a nossa bagagem com esse tipo de coisa. A gente se sentiu, pelo menos eu me senti assim, abastecida, encorajada, capacitada, foi de verdade uma capacitação pra gente melhorar o que realmente importa que é o método ensino-aprendizagem e mais, né, ver o nosso aluno crescer. Eu até mudei a questão da minha mentalidade, com relação ao profissionalismo quando eu percebi que não era só chegar na minha sala de aula e dar aula né, era fazer aquele aluno avançar, ela chegar mais perto, ela ir de encontro e tudo isso foi o que é essa parceria internacional nos proporcionou, trazendo professores assim altamente capacitados, treinamentos maravilhosos e que a gente colocava a mão na massa de verdade, né. Era todo um preparo, muito estudo, muita pesquisa e foi um marco na minha história enquanto professora de Inglês. Foi um divisor de águas, para mim, essa parceria.

JONATHAN: Bacana, professora. A gente sabe que a parceria se iniciou, de forma propriamente dita, com a formadora, a partir do ano de 2015. A senhora entrou na prefeitura em 2012, pelo que foi falado...

LAIZE: Isso, isso, em 2012.

JONATHAN: Como era a formação antes de 2015?

LAIZE: Olha, sendo sincera, da forma que eu gosto de ser e tirando pontos positivos de algumas situações, mas assim, eu não posso negar que foi... eram, eram formações vagas porque eles iam reproduzir um pouco do que a gente já tinha visto na universidade e acabava que se tornava uma formação cansativa porque eles chegavam... o programa desenvolvido era assim: métodos de ensino. Tudo isso a gente já tinha visto, eram temas que a gente já tinha feito seminário, já tinha participado tudo na universidade. Era uma reprodução, vamos dizer assim, das

cadeiras dos cursos de letras em inglês, né, não era uma coisa assim voltada para resolução, pra o foco do aluno, entendeu?. Era assim, muito vaga, vamos dizer assim. E porque que eu digo vaga... se bem que de tudo a gente aproveita um pouco, mas era repetitiva só isso. Estudar os métodos de aprendizagem né, então a gente já tava cansado de ver tudo isso. Escolha um tema e fale sobre ele. Estratégias de leitura. Poxa, isso para gente, era assim, acabava que se tornava um peso porque a gente tava indo só cumprir tabela, mas na verdade, no diálogo entre os professores, entre os colegas da classe, a gente quando compartilhava experiência se tornava muito mais proveitoso do que aquilo que nos era passado. Então, como eu falei, foi um divisor de águas a parceria internacional que deixou pra trás tudo aquilo que não nos trazia proveito, vamos dizer assim, e começou a nos fazer avançar. Então assim, não foi experiência legal né, as formações anteriores, por esses motivos. Inclusive até, por a gente saber que essa questão de formação é uma exigência de protocolo e tal e tal, eu me lembro que teve um ano que chegamos até assistir palestra de ensino religioso. E isso foi assim, tão chato pra gente, porque a gente não tinha que tá ali, né, mas pelos protocolos, aquela coisa toda pra se cumprir, para cumprir a carga horária, então nós estávamos ali bem tristes. Mas assim, era, era só, tipo assim o básico do básico. Enfim, era isso, não tinha nenhum diferencial, nada específico...

JONATHAN: Então não tinha um foco específico no inglês? No ensino de Inglês?

LAIZE: Isso. E os professores, por incrível que pareça, não falavam inglês também. O que quando, depois da parceria isso foi muito legal pra gente, porque a gente tinha ali uma pessoa altamente capacitada, nativa e com foco totalmente pra nós professores, pra formação de professores, fez todo um diferencial. E a gente se sentia mesmo numa escola estrangeira, então isso foi perfeito.

JONATHAN: Então, quer dizer que a formação dos professores de inglês não era em inglês e a partir dessa parceria teve esse diferencial também.

LAIZE: Isso, esse diferencial que foi um marco bem relevante.

JONATHAN: A parceria...

LAIZE: A gente só falava em inglês na sala de aula, tudo era voltado pra o real mesmo e um incentivo para a gente falar também, né, dentro da escola, aquela coisa toda, ou seja, descortinou os nossos olhos pra coisas tão simples, mas que por falta de uma pessoa específica, capacitada dessa maneira, a gente ainda não tinha acesso, né, a esse tipo de coisa.

JONATHAN: Interessante. E quais foram as outras ações desenvolvidas dentro desse processo de formação que, das quais a senhora consegue se lembrar, professora? Houve essa formação, essa apresentação de metodologias, que a senhora comentou. Houve essa questão de falar em inglês. Mas quando a senhora pensa na formação em si, o que ficou realmente enquanto, enquanto ações desenvolvidas?

LAIZE: Você fala na formação relacionada a parceria internacional...

JONATHAN: Isso. Agora relacionada a parceria.

LAIZE: Aham, pronto, olha só, o que ficou pra mim de marco foi a criação das salas bilíngue, né, das salas de aula. Que eu nem consigo descrever o tamanho do sonho que foi pra mim preparar uma sala de inglês na escola pra minha disciplina. Totalmente diferenciado do tradicional, de tudo que a gente já tava acostumado a saber. Então uma coisa muito bacana foi a prefeitura ter trazido em algumas escolas, não deu pra assistir a todas, né, mas tinha esses espaço bilíngue dentro de uma escola pública, que isso assim, é sem palavras pra a gente, para um aluno de periferia e ele ter na escola dele aquele espaço onde ele se sente... mexia muito até com a autoestima até dos alunos, entendeu. Eu tô numa sala de inglês, eu tô participando. Então foi algo muito, assim, marcante essa criação né, da sala de aula, a metodologia que a gente usava com eles ali era diferente, era para incentivar a falar inglês, era para incentivar o diálogo, a escrever e eles eram muito envolvidos... muitas imagens, muito atrativo, um ambiente assim, realmente, maravilhoso.

JONATHAN: O lúdico presente.

LAIZE: Isso, a criança da escola bilíngue, né, que, assim, também foi um marco. Eu nunca imaginei que um aluno de rede pública como a gente tem, assim, mais numa periferia, pudesse ter acesso ao ensino dessa qualidade né, com uma escola bilíngue que a gente sabe que não é barato, né, uma escola particular exige um poder aquisitivo, desse nível, exige um poder aquisitivo grande e ali a gente pode ver profissionais altamente capacitados e qualificados proporcionando uma coisa, assim de um nível surreal pra essas crianças né, ou seja, proporcionando a elas a oportunidade de voar para onde elas quiserem.

JONATHAN: Entendi.

LAIZE: E esses foram assim, um dos marcos. Sim, e teve outro que eu também não vou esquecer, que nos deu a oportunidade enquanto profissionais, né, que a gente pudesse expor os nossos conhecimentos, que a gente pudesse proporcionar também... o legal foi que quando veio essa parceria, primeiro nós somos capacitados né, encorajados e depois eles nos deram oportunidade de apresentar todo nosso conhecimento que foi o primeiro congresso, né. Eu me lembro de professores de inglês ali, ao lado da estação ciência, poxa, aquilo ali foi de uma relevância, assim, pra gente enquanto profissional, foi de uma gratidão, de uma satisfação imensa ver todos os professores se engajando, estudando. Vários auditórios, eu não esqueço nunca, tiveram várias oficinas pra o pessoal da rede, quem quisesse ir, era aberto pra todo mundo, né. Então isso foi muito legal porque a gente não ficou como antigamente, só aprendendo e guardando, aprendendo e guardando, a gente já tinha muita coisa né, pra compartilhar, a gente recebeu muito então foi a hora que a gente colocou em prática e foi maravilhoso isso. Foi perfeito.

JONATHAN: Bacana, professora. Em 2015, em 2016 teve a presença, então, dessa professora né, a formadora Diane junto aos professores da rede. Depois dessa presença da Diane, o que mudou, nas formações? Manteve-se esse tipo de formação que a senhora falou, né, que foi tão diferente, em inglês, voltada a metodologias, que culminou inclusive em eventos, em exposição do que foi aprendido. Como é que ficou, depois de 2016, toda essa situação?

LAIZE: Olha só, depois de 2016 mudou a questão é, assim, claro, a professora mudou, mas eu percebi que tentou se manter o ritmo, não foi igual, mas tentou se manter o ritmo. Até eu, eu acredito que por questões políticas envolvidas e tal, e a gente já naquele ritmo, mas tivemos uma parceria muito boa com a UFPB, que também nos assistiu de uma maneira muito calorosa, nos deu assistência, né, assim, esteve conosco. Também houve um congresso na UFPB que nesse já não foi específico da prefeitura, mas houve uma parceria. Então a gente não ficou desprovido, né, a gente não ficou esquecido, mas continuamos sempre encorajados, uma equipe maravilhosa, inclusive os professores que estavam a frente deram conta, era altamente capacitadas, como Professora Mariana Fratelli, Elizabeth e toda a equipe, então nós nos sentimos acolhidos também. E, assim, não fugiu da raia, entendeu, o único diferencial foi que não houve o congresso, né, específico, mas houve a parceria e a gente também pode se expressar nas aulas, a gente também pode compartilhar experiências e tal, só que depois, né, depois do depois, aí a gente ficou triste. Eu fiquei muito triste porque a gente caiu no esquecimento, vamos dizer assim. Se bem que foi pra todo mundo muito difícil por causa da pandemia né, no ano de 2000/2021, mas assim foi, foi triste, não tem outra palavra, porque não houve mais formação específica, não houve mais formação direcionada para o ensino da língua inglesa, foram formações assim, muito vagas, muito vastas, com temas assim que, em alguns casos, no meu caso, eu até considerei bom, vamos dizer assim, porque eu escolhi trabalhar com o tema de avaliação. Então, de qualquer forma estava dentro da minha realidade, mas era tipo assim, cada um por si, né, até por ser uma formação online e tal e tal. Mas, enfim, não tem palavra pra descrever, né, o que a gente sentiu, como a gente se sentiu enquanto profissional no durante e no depois. Só que o depois do depois, foi como se fosse... a sensação foi de que a gente tivesse acordado de um sonho né, de uma coisa boa que passou e não continuou. Na verdade, a nossa esperança era que isso, né, perdurasse. Nem que fosse online, como a gente tá conversando agora, mas que houvesse um encontro, que houvesse um direcionamento específico e infelizmente não aconteceu. A gente ficou assim, né.

JONATHAN: Entendi. Em relação a essa continuidade, sobre a qual a senhora falou, com a UFPB, que após 2016 assumiu essa formação. Essa formação, era também

apresentando novas metodologias de ensino, era também em inglês? Como que a senhora poderia descrever o dia a dia dessas formações com a UFPB?

LAIZE: Olha, foi muito bom assim. Eles falavam... porque assim, a gente sabe que o nível de inglês entre os professores não é o mesmo né, não é o mesmo, e a UFPB fazia esse jogo de cintura entendeu, quando via que tinha algum professor que não dava conta, que não acompanhava, então ela tava ali, sempre pronta né, pra nos ajudar, pra tá perto da gente, pra nos dar toda essa assistência né, mas assim, era em inglês sim. Começava, apresentava, a gente não... como eu falei, não foi a mesma coisa, mas não perdemos o foco entende. A gente foi no mesmo ritmo, a UFPB nos deu uma acolhida, um aparato bem assim, considerável, vamos dizer assim, apenas em alguns casos quando algum professor tinha dúvida, alguma coisa e até nos círculos de conversa a gente falava em português tudo, mas os professores que estavam ministrando eles falavam em inglês, tentaram manter todo o ritmo e fui super, assim, positivo pra gente, não caiu a qualidade, vamos dizer assim, entendeu. A qualidade permaneceu, com o diferencial que, né, as outras professoras do exterior que vieram para cá, né, elas inquestionavelmente eram nativas, e, enfim, mas a UFPB manteve essa qualidade, entendeu, de perto com a gente.

JONATHAN: Entendi, professora. Sua sala de inglês se mantém hoje na escola ainda?

LAIZE: Não, não se mantém, vou explicar porque. É uma questão assim, mais social. Eu fui pra uma escola de comunidade e assim na época, hoje já mudou a gestão e tudo mais, mas na época faltava, eu senti falta, de um apoio entendeu, de toda equipe, não só da gestão porque a escola não é só a gestão. Eu senti falta de apoio de toda a equipe de supervisão, orientação educacional, de psicólogo, até chegar no meu trabalho, na minha sala porque tinha que ser uma construção. Por exemplo, minha sala de inglês era fora, obviamente, das salas regulares, então tinha os meninos... os meninos tinham que se distanciar pra aquele lugar, né. E aí muitos não iam, não gostavam e eu aquela história de que, em casa às vezes eu ouvia “a não obedeço meu pai e minha mãe, eu vou obedecer você”. Então havia toda uma questão social por trás envolvida que eu precisava do trabalho de assistente social, havia uma questão psicológica daqueles meninos que não acreditavam mais no seu potencial e

por isso não queria dividir a sala. E eu nem sei quantas vezes eu fui buscar...e eu ia buscar. Eu me lembro até que uma vez a diretora disse “pois fique aqui que agora sou eu que vou buscar”. E não teve sucesso, entendeu. Então, não perdurou por esse motivo, porque assim era um trabalho todo envolvido com todo mundo e por eu ser de inglês, muitas vezes assim, não por eu ser, mais por ser a matéria de inglês, é muito difícil uma escola abraçar você como uma causa maravilhosa. Eles nos veem como qualquer outra disciplina e menos importante ainda porque são duas horas semanais apenas, né, então nem dão as vezes muita importância e eu precisava do trabalho de toda a equipe pra culminar na minha sala de aula, entende. Pra fazer com que os alunos tivessem ali, porque eu sozinha não podia dar conta, né, da questão social do aluno que fazia, que às vezes não tinha pai, não tinha mãe, ou a mãe não cuidava como devia e tal, tal, tal, onde o aluno desmotivado... Eu tentava fazer minha parte, mas não era suficiente. E pra que tudo isso funcionasse eu precisava da atuação de um superior, de um líder, com relação à equipe porque a minha eu tava fazendo. Então pra ser sincero, chegou uma hora que eu cansei, sabe. Eu cansei porque eu tava saindo da sala com muita dor de cabeça, meu nível de estresse tava aumentando muito porque eu tinha que, praticamente educar, criar como filhos, meninos que estavam dentro da minha sala de aula. Que ia pra jogar peteca, que ia para brincar e era muito difícil. Ó, minha aula era 45 minutos, mas se eu disser a você que eu dava 15 minutos de aula, eu tô mentindo. O nível de concentração, depois de acalmá-los, de orientá-los, o nível de concentração deles era muito pequeno. Então, eu acabei que, quem tava se sentindo frustrada era eu. Por não conseguir, até entender que não era um problema só meu, então eu vou ser sincera que eu cansei, sabe. Eu disse “quer saber, eu não vou conseguir apagar o incêndio dessa floresta toda, então eu vou fazer o que dá sabe”. Eu não tinha muito apoio, nesse sentido, né, é porque é assim, estrutural né. Não é uma pessoa que chega lá e diz “todo mundo quieto na sala de aula”, não é sobre isso.

JONATHAN: Às vezes vem uma ideia boa, às vezes vem um projeto interessante, mas pra que ele possa se desenvolver de uma forma assertiva, é necessário toda uma estrutura, não é, pra dar base para aquele projeto. E isso faltou.

LAIZE: Isso, toda uma construção, isso na cabeça do aluno. E assim, foi muito interessante, eu lamento muito, porque assim, olha só, eu acho que tantos professores queriam tá no meu lugar, porque você ter o Consulado dos Estados Unidos, a representação do consulado na sua escola, isso pra gente que é profissional é muita coisa. E eu me lembro que ele foi lá, com a...na época com a gestão né, da SEDEC e com você, eu acredito que você se lembre que foi um momento maravilhoso, aquela coisa toda. Naquele momento, os meus olhos, assim, brilharam de esperança. “Ai meu Deus, eu não acredito, eu tô na escola dos meus sonhos, na sala de aula de aula dos meus sonhos”. Mas, assim, não depende só da nossa figura de professor. Alguns alunos eu consegui resgatar, né, passei... Tô naquela escola desde, até agora, desde 2016 né, eu tô lá e...mas assim, a sala tá desativada porque não demos continuidade. Quando a gente trabalha sozinho e faz o serviço de todo mundo, a gente se sente sobrecarregado, então eu vi que não valia a pena porque eu tava lutando só e tava entrando em jogo a minha saúde. Então o que foi que eu fiz, voltei pra sala regular, voltei pra sala de aula, a dar duas aulas por semana, né, e transformando a realidade da maneira que eu podia, colocando em prática o método, né, Student Centered, fazer os meus joguinhos, as minhas duplas, as minhas dinâmicas com o diálogo em inglês, a levar figura, a envolver os alunos. Eu me lembro que no sexto ano, eu sempre começava o ano com uma oficina pintura, né, a magia das cores e eu comecei a envolvê-los dessa maneira, da maneira que eu pude e hoje é essa a minha realidade.

JONATHAN: Entendi, professora. E, a senhora falou que houve essa montagem da sala. Eu só queria, pra que a gente finalizasse esse ponto da nossa conversa, saber qual o tipo de material, qual o tipo de estrutura foi dada, tanto pensando em prefeitura, quanto em consulado? A gente já sabe que houve autorização para ter uma sala, pra transformar um ambiente em um laboratório em inglês, mas o que é que teve de material fornecido ou não teve nenhum material? O que foi que mudou, dentro de uma sala de aula, pra chamá-la de laboratório de inglês?

LAIZE: Olha, teve tudo, teve tudo porque, assim, inclusive coisas novas que eu não tinha visto ainda, né, foi nos dado. Na minha sala, a gente recebeu cartazes, recebeu todo tipo de papel que eu pudesse decorar pra deixar o ambiente mais agradável, recebemos os joguinhos que era, era tipo assim, tudo que a gente precisava pra atrair

o aluno naquela aula. Todo o material didático dinâmico foi nos dado. Recebemos um painel onde o aluno escrevia, ia lá montava uma frase. Então assim, isso envolvia muito eles e na verdade era o objetivo. Não de, o personagem principal deixou de ser o professor, mas passou a ser o aluno. Então todo material necessário, lousa, lápis, jogos de interação, painéis, cartazes, tudo, tudo, tudo. A única coisa que faltou, mas não faltou porque tinha isso em outro ambiente da escola, vamos dizer assim, era a questão do Data Show, porque também não podia ficar só na minha sala, né, outros professores também utilizavam. Então o datashow ficaria, ficava na sala de vídeo, né, mas de material não foi só a visita do consulado, não foi só a parceria, foi toda assistência pra que desse certo tudo aquilo que a gente aprendeu né, na formação, todo material.

JONATHAN: E em relação a suas aulas, havia algum tipo de acompanhamento, havia alguma visita a partir do momento em que as aulas começaram, por parte da formadora, ou outro profissional?

LAIZE: Olha, houve uma visita sim. Diane foi lá depois, visitou a nossa sala, falou com os alunos, ela acompanhava, ela tava sempre ali por perto, regando a gente, né. E eu me lembro até que eu fui uma das professoras que fui na casa dela quando ela se hospedou por aqui. Então ela dava essa abertura pra a gente tirar dúvida, pra nos ensinar, pra gente crescer da maneira que ela podia, então não foi só na escola, ela chegou a abrir a casa dela, o lugar de descanso pra gente, isso, assim, foi muito relevante. A gente nunca tinha tido uma parceria, um apoio, né, como um todo, foi um todo. Eu digo assim, além de ela ir nas escolas, além de ela dar o curso de formação, ainda abriu espaço da casa dela pra nos dar esse suporte, foi também muito relevante. E assim, com relação à escola, em si né, aquele grupo que tava ali, vez ou outra ia uma pessoa olhar se às vezes se estava precisando de alguma coisa. Que a minha escola lá tem muitos, nós temos muitos alunos especiais, com diversos, diversos tipos de deficiências e eu tava sempre cercada de um intérprete, né, de um cuidador. Então, tinha sim, não vou dizer que não tinha. Mas assim, como eu falei né, não é uma questão que depende só de uma pessoa, é de um todo, né.

JONATHAN: Com o tempo as coisas vão perdendo, digamos assim, a força né.

LAlZE: Isso, no começo foi lindo, foi novidade, todo mundo queria, né, participar, mas depois você foi se esvaindo com o tempo. Meus alunos já não queria ir e assim acaba que as vezes eu não sei, eu acredito que isso seja geral, mas quem faz o aluno na sala de aula não é só o professor e também não é incompetência dele quando não consegue, né. Não é incompetência só do professor quando se não alcançou o objetivo. É por isso que a escola não só tem professor e gestor, tem outros profissionais envolvidos e eu precisava de toda a equipe comigo, né. Eu precisava fazer um trabalho que não era meu. O meu trabalho era tá na sala de aula, mas o aluno não fica lá direto, tem todo um... deixa eu ver como é que eu digo, tem todo um preparo, toda uma situação pra culminar no processo de ensino-aprendizagem. Então foi isso. Quando um começou a sair de perto, começou assim “a ela dá conta, vai dar certo, vai dar certo”, não deu. Não deu porque eu não podia fazer o papel do inspetor, de colocar o aluno pra dentro da sala de aula, eu tinha que estar na sala de aula, né. Eu não podia fazer o papel do psicólogo, né, de encorajar um aluno que se achava desesperançado. Eu não podia fazer o papel do assistente social, como eu tive casos de alunos que a mãe não deixava ir pra escola pra fazer trabalhos domésticos. Então, era cada realidade, assim, chocante e no final do ano o que me chateava, de verdade, a palavra é essa, me deixava indignada, é que no final do ano que a gente chegava no período de aprovação, de conselho de classe e tal, era que toda essa equipe, né, que de uma certa maneira ficou ausente, “mas o bichinho não teve culpa, mas não sei o quê, não sei o quê”. Só que eu, enquanto professora, quando eu olhava pro aluno, ele não tinha avanço, então eu não tinha como aprovar, eu não tinha como dizer que esse aluno tinha avançado, não tinha como. E acabava assim, desculpa a expressão, mas a corda arrebenta do lado mais fraco e acabava que a gente se tornava responsável por esse insucesso, né, desse aluno e logo que...eu não sei se eu deveria falar, mas acho que é uma realidade, professor prestador de serviço mais ainda, né. Não que assim, hoje, eu tenha medo de perder, não é sobre medo de perder o emprego. Eu prefiro pensar que, assim, basta uma pessoa não gostar muito do seu serviço e lhe troca de escola. A gente não perde o emprego, mas a gente troca de escola. Então tem isso, entendeu, tem essa cultura de que muitos prestadores, professores, aceitavam, né, na maioria das vezes, muitas coisas que não convinha, não tinha nada a ver com nossa realidade, com esse receio, entendeu, se bem que

eu sempre fui muito brigona. Brigona, assim, eu nunca deixei de defender o meu pensamento com relação a isso, né, batem boca no melhor dos sentidos, não de discussão, mas bati boca, algumas vezes, no sentido de “como assim, a gente não pode, vamos melhorar isso”, enquanto eu vi aqui outros colegas, né, ficavam no escanteio, temendo alguma represália. Mas isso também se torna um obstáculo pra a gente. Quando você chega no final do ano, entende, e você tem um superior que não aceita o seu modo de avaliação, o seu modo de trabalho, a sua visão de crescimento, é um dos obstáculos, mas isso não é numa gestão política específica, é em todas as esferas, eu acredito. E eu tô ressaltando isso aqui porque de certa forma interfere, interfere muito, né, no meu processo de sala de aula e de aprendizagem.

JONATHAN: Interessante, professora. Obrigada por sua contribuição nesse ponto. E sobre a questão agora, é, dos Estados Unidos cooperando com João Pessoa. A senhora acredita que existe um motivo especial pra que esse governo tenha feito essa aproximação, essa parceria com a Prefeitura de João Pessoa? Isso foi dito em algum momento por alguma pessoa específica, alguma autoridade ou não?

LAIZE: Não, eu não tenho mais, assim, eu tô com aquela esperança de mim mesmo, mas pelo andar da carruagem, eu acredito que não será renovado essa parceria não. Porque nos foi dado silêncio, né, até agora e o que eu vi de novo foi a questão da preocupação, assim... no início do houve uma semana de seminário, de formação, mas não voltada pra áreas específicas, voltadas de um modo geral, entendeu, pra incentivar o aluno, em busca do aluno, esse tipo de coisa, mas nada específico de disciplina nenhuma. Isso me entristece, me deixa sem esperanças porque eu não sei como vai ficar isso daqui pra frente. Até pela mudança né, de gestão política, então tudo agora é novo, vamos dizer assim, pra atual gestão, né, que é a que acabou de entrar e tal. E eu acho que eles vão deixar isso lá para frente, até porque devem ter outras, outras coisas, né, que envolvem comunicação. E pelo andar da carruagem também, tá bem difícil, tá bem difícil de um modo geral essa questão de formação de professores. Esse ano, a nossa formação foi totalmente voltada para tecnologia, por esse trabalho remoto, né, e assim tá difícil. Até agora a gente não tem, eu pelo menos não tenho esperança no momento ou que no ano que vem isso se resolva, eu acredito que não. Eu nem sei se a gente vai continuar nessa formação digital, né, porque

acabou sendo um foco, mas eu não tenho esperança nenhuma por enquanto. Não nos foi dito nada.

JONATHAN: Então não foi dito também, assim como, como tudo se iniciou, não é, assim pensando, pensando no motivo de terem feito essa parceria...

LAIZE: Não, nada, nada.

JONATHAN: Certo.

LAIZE: A nossa formação, o legal, teve uma coisa legal, mas não pra nós professores de línguas estrangeiras, como eu falei, como um todo, né, que foi um sete, foi um debate, uma conversa dizendo tipo assim “a, observe seu aluno, lá, lá, lá”. Aquele encorajamento que todo curso de professor faz, né, e assim, foi uma surpresa pra mim porque foi uma semana de aulas envolvendo questões de avaliação, de observação, de um modo geral, porque atingiu todos os níveis do pré escolar até a EJA. Eles falaram isso de forma muito ampla, foi bom, foi, claro, de tudo a gente olha e retém o que é bom, né. A gente fica ali com aquele ponto importante, mas com relação a ser específico, se preocupar, né, com essa área específica... inclusive também mudou nossa coordenadora, mudou a gestão do centro de línguas, né, que eu até tentei entrar sobre um pré-requisito e, assim, ninguém tava sabendo e também não tava sabendo em outro lugar. Enfim, eu acho que tá todo mundo ainda tentando aterrissar né. E eu espero que essa aterrissagem tenha um pouso internacional pra trazer bons ventos, né, pra nossa realidade.

JONATHAN: Interessante. Legal, professora.

LAIZE: Que lá na frente eles pensem e vejam a questão da qualidade do ensino pros nossos alunos e investir numa capacitação. Se é para cumprir protocolo, que seja, né, como foi cumprido anteriormente, que seja da melhor maneira possível, que não fique mais nesse geral, mas que seja mais específico.

JONATHAN: Entendi, que seja mais específico. Então, a respeito sobre ações futuras, seja com o governo americano ou seja com outros governos, outros parceiros na área da educação, a senhora realmente não tem nenhuma informação até então?

LAIZE: Nenhuma. Infelizmente. Eu gostaria de dizer que tinha, né, que nós temos, mas não temos.

JONATHAN: Tá bem, tá certo. Então, eu só posso aqui lhe agradecer. Já concluindo aqui, a nossa conversa foi bastante relevante tudo que foi dito aqui. Informações realmente que vão me ajudar muito a compreender ainda mais esse, esse momento que aconteceu aqui em João Pessoa, né, com o consulado e com a Prefeitura. E agradeço por demais professora.

LAIZE: O prazer é todo meu. E assim, eu gostaria de ressaltar também, né. Eu não posso deixar terminar essa entrevista sem ressaltar a sua importância na nossa vida enquanto professores porque nós nunca tivemos uma assistência tão de perto como a gente teve com você. Eu me lembro que sempre que a gente precisava, sempre que a gente tinha dúvida... naquele evento do congresso nós fomos muito bem assistidos, nós fomos muito, assim, acolhidos por você que tava ali a frente do Centro de Línguas. E mesmo com aquela responsabilidade do Centro de Línguas, mas nunca deixou de assistir os professores e a gente tava assim, se sentindo nessa comunhão, né, todo mundo por uma única causa. E é muito bom quando a gente tem uma pessoa que a gente pode contar, que a gente diz “olha eu tô com um problema, me ajuda a resolver”. E a pessoa “tudo bem, professora”. Então assim, agradecer a sua pessoa porque eu acho que vai além do profissionalismo, vai da pessoa, né, não adianta... eu vejo muito essa realidade dentro da minha escola, diplomas e diplomas, mas no chão da escola passa longe, parece que ainda tá na alfabetização porque não põe em prática. E assim, e você, além do profissionalismo enquanto pessoa, é sempre solícito, sempre aberto a reclamações, a elogios, enfim, né, tudo que a gente precisava. Foi muito importante pra nós porque o professor não é só conhecimento, há uma pessoa aqui atrás, né. E esse lado psicológico da gente, quando tá fortalecido, faz a gente chegar onde a gente nem imagina, faz a gente avançar, né, a gente conquista novos horizontes, e isso faz todo diferencial na vida de um professor que se sente, assistido,

né. E eu queria, de verdade, assim, agradecer à sua parceria, pelo apoio, sua atenção, e suas mãos dadas pra gente todo esse tempo, foi... eu posso dizer que até agora foram os melhores anos de professores da minha vida, né, quando a gente teve aí, sua companhia nos bastidores. Às vezes ninguém via né, a correria ninguém via, o desespero. Eu me lembro quando a gente foi organizar aquele espaço pro congresso e eu via você pra lá e pra cá... ninguém via, mas você tava lá e que bom, né, que bom e eu parabênizo. Que você alcance o sucesso desejado, que voe muito alto e, é isso, que Deus abençoe e ilumine teu caminho, né, pra você brilhar cada vez mais.

JONATHAN: Amém, professora.

LAIZE: E se voar para longe, pousar por aqui qualquer dia.

JONATHAN: Tá bem, professora Laize. Muito obrigado mesmo pelas palavras, né, e todos nós aprendemos bastante nesse tempo de trabalho. Tá bom, vou aqui agora encerrar a gravação, agradecendo mais uma vez.

Entrevista 8

ENTREVISTA COM GILBERTO CRUZ, EX-DIRETOR DA DGC E EX-SECRETÁRIO DA SEDEC

JONATHAN: Bom dia, mais uma vez, Professor Gilberto. Eu sou o Jonathan Vieira, aluno do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. Como eu havia adiantado, a minha pesquisa no mestrado é a respeito da parceria estabelecida entre o município de João Pessoa e o Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife e nas pesquisas, em todo o levantamento que foi feito, o senhor está sempre presente desde o momento inicial da parceria estabelecida, devido às suas funções, como também no acompanhamento né desse, desse processo como um todo. E basicamente eu gostaria de escutar o senhor inicialmente a respeito disso, vou pedir para que se apresente também se possível para que a gente comece conversa a respeito desse assunto.

GILBERTO: Pois não, Jonathan. É um prazer conversar com você sobre essa parceria. É, só um momento aqui...É um prazer, Jonathan, falar sobre essa parceria. Meu nome é Gilberto Cruz, eu sou professor há bastante tempo, mais de 35 anos, com muito orgulho. E já assumi da educação pública... eu sou graduado em história e filosofia e tenho uma pós-graduação na área de Gestão Pública, mais especificamente em financiamento da educação. Era professor aqui da rede, e sou professor da rede ainda, efetivo. Quando o Luiz Júnior, que foi o secretário, me convidou para que o ajudasse na secretaria, ele me conhecia a muito tempo e ele me convidou para fazer parte da equipe dele. Eu fui ser diretor da DGC, Diretoria de Gestão Curricular, isso devido a minha experiência com a Gestão Pública. Eu já fui secretário no interior, aqui bem próximo de lá, na secretaria educação e de administração na gestão de um amigo meu que foi prefeito lá e essa experiência eu trouxe para João Pessoa. Luiz Júnior já me conhecia, inclusive ele fez alguns trabalhos no interior sobre isso. Quando ele foi contactado pra fazer essa parceria, estudar essa parceria com o consulado americano, ele me chamou no gabinete para ter uma reunião e a gente analisar a importância dessa parceria para a rede. Queria receber, né, os representantes do Consulado, lá na Estação Ciência. Ainda me lembro que foi na sala da direção lá que

a gente sentou, e o pessoal, os representantes do consulado expôs o termo de parceria e a gente prontamente aceitou e foi de grande experiência positiva para a rede municipal. Eu acho que naquele momento quando nós iniciamos, quando nós iniciamos essa parceria, ainda um pouco sem entender porque foi uma coisa assim que caiu do céu para a gente aqui. Nós tínhamos um problema muito sério aqui na, na, em relação à língua inglesa e a parceria com Consulado abriu as portas, inclusive eu não sei como se encontra hoje, mas foi uma importância muito grande para a rede em relação à vinda do consulado americano em parceria conosco, na rede municipal de ensino de João Pessoa. Estou à disposição para que você faça as suas ponderações de adaptação a vivência aqui na rede municipal, você participou disso, sabe muito bem que a gente se empenhou bastante. Mesmo quando Luiz Júnior saiu da secretaria, foi disputar o, na Universidade, a Reitoria, mas a professora Edilma quando assumiu nós continuamos com um projeto e realmente teve uma participação muito intensa sua, enquanto na época você começou como o diretor lá da CELEST e depois também como Diretor da Estação Ciência. Foi um prazer participar desse, dessa parceria com o Consulado. Logicamente aqui ganhou muito com isso.

JONATHAN: Bacana, professor. Uma pergunta que eu gostaria de fazer, principalmente pensando nessa sua fala sobre a necessidade da rede em relação ao inglês. É...Por que que o senhor acha que a rede tinha essa necessidade, que necessidade era essa assim, de uma forma sucinta?

GILBERTO: Ó Jonathan, é um problema da rede pública como um todo, é, a segunda língua, porque o alunado ele vem lá, ele vem do infantil basicamente sem nenhuma experiência na segunda língua, ele faz na rede pública. E eu inclusive questionava isso, ele chega ao quinto ano sem ter uma experiência com a segunda língua, quando ele chega no sexto ano e vai ter um professor específico de inglês, ele vai começar do zero praticamente, Então, nós começamos a abrir as portas para que os alunos chegassem já e as pessoas vissem a importância da segunda língua, né, e o inglês com essa parceria. Então eu via naquela, naquela, naquela parceria com o Consulado uma maneira de a gente... um projeto que eu tinha lá na secretaria, não conseguiu implantar na época, mas ainda brigo por isso hoje, que nós começássemos a ver a segunda língua ainda no quarto e no quinto ano do fundamental 1. Inclusive aplicamos

na rede aqui já, um processo de alfabetização na segunda língua. Nós estamos já no segundo ano, nós tivemos um problema com a pandemia que atrapalhou tudo, mas começamos a alfabetizar já no primeiro ano também na segunda língua. Foi um projeto que começou aí com a Professora Edilma e eu quando assumi a secretaria continuei, mas infelizmente, nós...

JONATHAN: Tem a pandemia...

GILBERTO: Estamos passando ainda por uma pandemia que atrapalhou todas as nossas, os nossos projetos em relação a esse importante convênio que abriu as portas para que a gente tivesse novas ideias para o futuro.

JONATHAN: Bacana, professor. Inclusive um dos pontos da parceria né, com o Consulado, foi justamente a Escola Bilíngue, né. Então assim houve essa aproximação também nesse, nesse sentido e aí isso também deve ter culminado em, esses outros projetos né, de alfabetização.

GILBERTO: Isso foi uma extensão da Escola Bilíngue. Ela gerou mais duas Escolas Bilíngues, que foi uma Escola no Cristo e outra no José Américo, está alfabetizando já a partir do primeiro ano. Foi, já, a extensão da Escola Bilíngue Dom José Maria Pires.

JONATHAN: Legal, professor. E teve outro ponto da sua fala que me chamou atenção, quando o senhor fala que foi uma parceria que veio do céu né, assim, o senhor tem alguma recordação se foi algo partiu, é, da aproximação entre Consulado e Secretaria de Educação, ou Consulado e gabinete do prefeito e depois isso foi repassado para Secretaria da Educação né. Você saberia dizer qual foi o primeiro contato assim estabelecido né e com qual departamento da Prefeitura essa parceria foi, foi iniciada assim, pensando na discussão.

GILBERTO: Se eu bem me lembro, com Luiz Júnior, esse convite partiu para o gabinete do prefeito e o gabinete encaminhou para o secretário Luiz Júnior e na época ele, quando nos convidou para essa reunião lá na Estação Ciência, que nós

recebemos, ele recebeu enquanto secretário os representantes do Consulado, com a minha presença, mas foi toda uma articulação anterior com o gabinete do prefeito e cabia a secretaria de educação escutar as pessoas, qual a importância e qual era o projeto em si da parceria bilíngue com o Consulado. E eu digo que caiu do céu, porque realmente era um projeto, é um projeto exitoso, você não pode jamais em uma gestão que se preze, você recusar um projeto desse porque abre portas né. Nós estamos falando do futuro, nós não tá falando do hoje, o hoje nós estamos vivendo, estamos falando do futuro, portanto a parceria com o consulado, esse cair do céu, foi exatamente abrir as mentes das pessoas que estão dirigindo uma secretaria de educação pública, né, para que esses alunos começassem a ter acesso a uma segunda língua com mais eficiência. É uma coisa que a gente não pode deixar de ressaltar, é a segunda língua. Quando você tem pessoas interessadas em divulgar para os mais necessitados, no caso da educação pública, um projeto desse nível, você não pode, você se preza, enquanto gestor público você não pode deixar de abraçar e dar os encaminhamentos necessários. Que foi o que nós fizemos aqui com Luiz Júnior, depois continuou com a professora Edilma e até a minha chegada também como secretário, que, infelizmente, é um pouco atrapalhado por conta disso que nós estamos passando, que eu tava agora de máscara, porque realmente é, é difícil conviver com isso. Eu não tenho... Jonathan eu sou professor de História, eu dei muita aula sobre a peste negra, né, e sobre a pandemia do século XIV e o século XX, nunca imaginei na minha vida de passar por uma pandemia, mas estamos passando, vamos passar com certeza.

JONATHAN: Sim, está bem próximo da gente passar. E professor, é, pensando nas ações assim que foram executadas pelas duas instituições. Nós temos a formação né, dos professores, que aconteceu em 2015 e 2016. Nós temos a escola bilíngue também que teve a participação do consulado. O senhor lembra de alguma outra ação, de algum outro financiamento do, ou de algum financiamento do consulado. O senhor lembra de alguma participação dele além disso?

GILBERTO: Teve. Eu posso garantir que o consulado quando iniciou esse projeto aqui conosco, ele deu todo o apoio logístico, né? A gente tem que ressaltar quer trabalhar no serviço público, às vezes, você tem até o recurso para adquirir material didático,

pedagogo, mas nem sempre é possível por conta da burocracia que a gente passa no serviço público que é necessário, não sei se tão necessário, mas é necessário por conta de vários problemas que existem, mas o consulado nos forneceu as orientações necessárias, inclusive com apoio logístico, material, para que a gente começasse essa discussão com esse foco voltado para uma escola bilíngue, nós começamos uma escola bilíngue, uma escola que foi construída para trabalhar nesse formato e foi o pontapé inicial, começamos com os sextos anos e já estamos lá na frente e gerou as duas escolazinhas de primeira, de primeira fase na alfabetização também em inglês, uma em inglês e outra espanhol, mas a do Cristo é em inglês. Então a gente, é, eu lembro desse apoio logístico do consulado e começamos a partir daí a tentar adquirir material didático para trabalhar com os alunos da escola Dom José Maria Pires. E teve um apoio também muito, muito, muito do CELEST que também nos apoiou nessas orientações. Você, na época, era o gestor dessa instituição CELEST. E espero que continue, porque foi importante sim, é um projeto de futuro, estou falando do futuro. E ensino público de qualidade, você não pode simplesmente achar que qualquer projeto serve pro serviço público, não, tem que ser de qualidade e com foco, se não tiver foco não adianta, pode botar lá quem quiser, mas se não tiver foco, vontade, política de investir, não funciona.

JONATHAN: Com certeza, professor.

GILBERTO: E aqui funcionou, na época, enquanto nós estávamos, funcionou.

JONATHAN: Funcionou. Certo. Uma outra pergunta é a respeito da sua visão para que os Estados Unidos cooperem com o município, com João Pessoa. A gente está falando de um governo de um outro país, com ações em conjunto com o governo municipal brasileiro. O senhor saberia dizer, é, se foi dito né algo nesse sentido a respeito da motivação para este tipo de parceria ou o senhor também gostaria de falar alguma opinião sua, pessoal né, a respeito dessa motivação para que os Estados Unidos cooperem com um município, como o Brasil, no município no Brasil?

GILBERTO: Eu tenho presenciado aqui, eu tenho participado de algumas discussões sobre intercâmbio de alunos da rede pública para outros países. Isso é, quando é feito

de maneira organizada, focado, trabalhado com honestidade, isso é uma maravilha. E a participação do Consulado do governo americano em um apoio como esse abre portas para futuramente esses alunos, que estão já nesse processo, visitar esses países, no caso aqui da parceria no Estados Unidos porque é importante sim, sem nenhum preconceito que as pessoas do Estados Unidos, não eu tô falando de investimento, investimento na área que nós, todos os dias, batemos na mesma tecla, a educação é a única forma de você tirar as pessoas, muitas vezes, do mundo desconhecido. Eu não conheço outra área... que tudo depende da educação e quando você tem já um foco de conhecimento que vai abrir a sua mente, abrir as portas para que você ajude os demais lá na frente com seu próprio conhecimento e as pessoas oferecem essa essa condição, que no caso é uma parceria como essa nos Estados Unidos, nesse convênio, essa parceria aqui, é importante sim. Quem sabe um dia a gente não tá levando os alunos da rede municipal de ensino de João Pessoa, os pioneiros, para fazer um intercâmbio de tudo aquilo que eles já viram na sala de aula com os professores. O investimento no professor é muito importante, trabalhar matemática, história, geografia, português e outra língua, isso também, para o professor, ele tá se, se divulgando a sua própria, seu próprio trabalho e como professor de matemática, como professor de história, como professor de português em uma língua diferente, também é bom para ele, não é só para os alunos, para o corpo de professores como um todo.

JONATHAN: Com certeza. Professor, nas suas lembranças essa foi a primeira cooperação internacional entre a Prefeitura de João Pessoa, entre a Secretaria de Educação e um outro órgão, assim, de uma outra instituição, outro governo, essa foi a primeira ou houve outras?

GILBERTO: Não, eu não lembro que teve. Eu tenho 30, mais de 30 anos no serviço público de João Pessoa. Já fui professor, e sou professor logicamente, já fui não, sou professor. Fui gestor de escola durante 20 anos. Não lembro de outra parceria nesse nível, nós temos parcerias aqui internas com outros setores, em outras áreas, mas desse nível, em relação a segunda língua ou semelhante, eu não, não lembro, acho que não teve. Durante o meu período enquanto gestor de escola não aconteceu. E como professor antes de ser gestor escolar eu também não lembro se houve uma

parceria desse nível. Não, acho que foi pioneiro quando o consulado convidou a secretária de educação, parece a parceria, foi uma coisa que a gente não conhecia antes, foi pioneiro mesmo e foi importante. Eu vou sempre dizer que a vinda, dessa parceria do consulado americano com a Prefeitura Municipal de João Pessoa, especificamente com a Secretaria de Educação, foi sim importante e foi pioneiro.

JONATHAN: Certo. E o senhor acredita que outras parcerias nesse sentido com outros sujeitos, outros governos, poderiam suprir necessidades locais, necessidades da, da Educação no município de João Pessoa?

GILBERTO: Com certeza. Eu tô falando, nós estamos falando de uma parceria exitosa que aconteceu, a gente tem fatos, estou falando de fato, que aconteceu essa parceria em João Pessoa e foi importante sim. Se vier outras, por exemplo, de outras nacionalidades para que se invista na educação com esses fins, educativo e de conhecimento amplo, é importante sim, independente do país, seja ele qual for. Ele é uma abertura...é uma fechadura de uma porta que se abre para que a gente tenha novas, novos horizontes.

JONATHAN: Havia, havia algum setor na Secretaria de Educação ou na prefeitura de João Pessoa responsável pela captação de parcerias com organismos internacionais, com agentes internacionais que o senhor sabe dizer? Um setor específico para captação, acompanhamento dessas parcerias e dessas oportunidades que alguns governos podem ofertar pra parceiros.

GILBERTO: Olha, da secretaria de educação existia...hoje não existe mais, é uma outra sigla, a DGC que é a Diretoria de Gestão Curricular e que eu era o responsável, o diretor por esse setor, uma espécie de diretor geral da educação. Tudo faz parte da DGC, e nós tínhamos lá um setor responsável pelos convênios, convênios e parceria, mas o que nos procurou foi só o consulado americano. Nós fizemos aqui, enquanto diretor de DGC, parceria com CENPEC, é uma instituição de Educação de São Paulo muito conceituada sobre processo de alfabetização. Nós tivemos parceria com outras instituições também de Curitiba, sobre conhecimento específico na área da matemática, mas só interna, aqui a nível de Brasil. Parceria internacional, enquanto

eu estive na Secretaria de Educação, como diretor da DGC e depois no próprio gabinete como Secretário, eu não, não, não houve outra, outro contato.

JONATHAN: Entendi.

GILBERTO: Eu acho que esse foi o único da nossa gestão e até agora que eu saiba não tem outro, não tem outro.

JONATHAN: E o senhor...

GILBERTO: Eu sei que...

JONATHAN: Pode falar.

GILBERTO: Eu sei que a DGC mudou agora, é DGP. Mudou só a sigla e as pessoas, lá tem vários setores e gera assim uma espécie de fatiamento da DGC. Eu não tô com muito foco lá não. Tô ajudando a secretária em outra área, na área técnica, mas a DGC tinha essa preocupação sim, nós da DGC. Eu tinha um grupo lá que era muito bom para trabalhar isso e a gente quando entrava numa, numa situação como essa, a gente realmente dava o sangue. Que a gente, nós éramos apaixonados, somos apaixonados por educação pública.

JONATHAN: Com toda certeza. Então, eu acredito que é isso professor. A gente já conversou sobre a importância da parceria, falou sobre esse momento inicial de como ela foi sendo estabelecida. Eu não sei se teria algo para falar sobre ações futuras, o senhor sabe dizer se o consulado ficou de participar em algum outro momento? A gente sabe que teve esse período de pandemia, mas no pós pandemia se havia algo engatilhado né, para acontecer nesse...durante esse período né ou depois desse período. O senhor tem alguma informação nesse, nesse sentido, se existe ainda esse vínculo com o Consulado dos Estados Unidos em Recife?

GILBERTO: Jonathan eu, eu não tenho. Eu não estou muito ligado ao setor que eu ocupava lá na DGC. É uma questão mais de empatia, eu sou uma pessoa que quando

alguém me procura eu faço o possível, mas o possível para se for possível, na minha modesta participação naquele setor, contribuir. Eu não vejo assim, muita disposição do pessoal que está lá não. Eu conheço as pessoas, são pessoas boas, competentes, mas tem uma outra visão de mundo, e a minha, a minha é diferente, a minha é questão de escola mesmo. Eu gosto da questão da escola, acho que na secretaria se colocar ouro no piso ou no teto para que as coisas funcionem da mais beleza possível, se a escola não funcionar não vale nada, não tem nenhum sentido. A secretaria tem que estar a disposição de captar projetos, parcerias desse nível, para o chão da escola porque é lá que a coisa acontece. Eu não tenho muita esperança não, eu sou do chão da escola. A gestão se não tiver essa visão não vai crescer. Aí fica aquele negócio, aquele mais ou menos, os alunos vão na sala de aula, vão pra escola, volta. Eu quero ver o que é que está sendo feito para que eles saiam de lá e saiam com algum conhecimento futuro. Fora disso, eu estou mais nessa parte administrativa, eu não tô me envolvendo muito porque se me convidar eu vou dizer “olha, a minha posição é essa, vocês querem manter tais parcerias? Que foi exitosa, foi bom para a rede. Não quer? Então, paciência”. É uma pena viu Jonathan, mas é a vida né.

JONATHAN: Faz parte...

GILBERTO: Não tenho nenhum ressentimento, não tenho. Enquanto eu estava lá, quando nós estávamos lá, nós trabalhamos para que a coisa acontecesse e aconteceu dentro das nossas dificuldades do serviço público, mas aconteceu muito bem, com muito cuidado e respeitando as pessoas. Mas, cada ser humano tem uma maneira de pensar, de fazer as coisas e algumas coisas eu lamento. Tem algumas coisas que eu lamento. Tem que ter continuidade, porque educação é continuidade, né.

JONATHAN: Educação é continuidade. E a depender da gestão, e a depender de quem está lá à frente, alguns projetos continuam e outros não.

GILBERTO: Isso. Eu disse até para uma secretaria, conversando com ela, eu disse “professora, é o seguinte, educação não pode ser projeto de um governo Educação é um projeto para o município de João Pessoa, para o Estado da Paraíba. Não é do

governo X ou Y, ela é para o município”. Então, se não for assim, que as pessoas tem negócio, assume tudo que tá acontecendo em outros governos, deixa e esquece, aí começa tudo do zero e não funciona. Deixa confusa a mente das pessoas. É o que tá acontecendo hoje e eu disse a ela inclusive, eu tô dizendo isso a você aqui e disse a ela. Vai ter continuidade de projetos ali sempre para melhorar. Mas você deixar de investir porque não era da sua época, eu acho uma perda de tempo uma coisinha pequenininha, é pensar pequeno. Pensar grande é você melhorar o que está dando certo e a partir daí você vai dando encaminhamento nas coisas. Pois eu agradeço Jonathan, essa tua, essas tuas perguntas né. Eu respondi de acordo com aquilo que nós vivemos, a minha vivência foi essa. Eu tenho muito orgulho de tudo que fiz, não me arrependo de nada, tá? Faria tudo novamente, se pudesse aprimorar logicamente. Mas sem nenhum problema de dar continuidade àquele processo que nós tínhamos em relação à Educação Pública de João Pessoa. Eu sou um professor da rede pública, sou apaixonado por educação pública. Trabalhei em escola privada, mas eu sou apaixonado por educação pública. Foi um prazer.

JONATHAN: Pela transformação. Eu que agradeço, professor Gilberto. Foi extremamente válido escutar o senhor, escutar a sua experiência. E tenha certeza que vai contribuir bastante para essa pesquisa né, que eu venho desenvolvendo justamente para entender esse tipo de parceria de uma forma mais assertiva e quem sabe entender também as melhores formas de replicar, né, e e as necessidades para quê esse tipo de projeto, não é, se se torne algo de governo, não, não de governo, mas é de, do município, do Estado. Justamente pelas benesses né, que, que isso traz né. Então, eu que agradeço.

GILBERTO: Obrigado e qualquer coisa estou à disposição.

JONATHAN: Tá bem então. Vou encerrar a gravação.

Entrevista 9

ENTREVISTA COM EDILMA FERREIRA, EX-SECRETÁRIA DA SEDEC

JONATHAN: Mais uma vez boa tarde professora Edilma. Eu sou Jonathan Vieira, aluno do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB. Primeiramente agradeço aqui pela oportunidade de conversar com a senhora, que foi Secretária de Educação do município de João Pessoa, também foi candidata a prefeita, né, daqui da cidade de João Pessoa nas últimas eleições e é uma satisfação poder entrevistá-la para a minha pesquisa que é justamente a respeito da cooperação estabelecida entre o município de João Pessoa e o consulado geral dos Estados Unidos em Recife, pensando na disciplina de inglês. Então, mais uma vez, boa tarde.

EDILMA: Boa tarde, Jonathan. Pra mim é uma satisfação muito grande de estar tendo essa oportunidade de dialogar contigo, de falar da importância dessa parceria, uma parceria bastante relevante e inovadora pra o município de João Pessoa. Então estou totalmente à disposição para a gente ter um bom diálogo.

JONATHAN: Muito obrigado, professor. E iniciando esse momento de conversa, eu gostaria de perguntar a senhora sobre as primeiras lembranças que a senhora tem ao pensar nessa, nessa parceria estabelecida, né, assim, pelo levantamento que foi feito, ela se iniciou lá pelo ano de 2012 com as primeiras conversas, depois foi, foi amadurecendo, né, tendo outros momentos em 2013/2014 até sua consolidação inicial em 2015, mas eu gostaria de escutar da senhora o que é que a senhora lembra, né, desses primeiros momentos, primeiras negociações, né, a respeito desse, desse início dos trabalhos, né.

EDILMA: Eu lembro, eu acredito que em 2014, né, uma reunião com prefeito, ele colocou a necessidade de uma acolhida a um representante do consulado que gostaria de fechar alguns, algumas parcerias com a Prefeitura de João Pessoa. E ele nos orientava a receber, não só eu como secretária de educação, mas outros secretários também foram convidados pra, pra essa reunião, para essa acolhida e foi o primeiro contato nossa, meu. O prefeito já tinha tido anteriormente um almoço, uma

conversa com um representante e foi nesse dia que a gente ouviu, né, algumas ideias, trocamos algumas ideias, dialogamos, e compreendemos ali a importância de estar construindo algo com o Consulado. Se colocava totalmente à disposição, uma pessoa muito aberta, ouvir, né, a trazer, falar de algumas experiências que já tinha em outros municípios, mas a nível de Estado, né. E a partir dali a gente abriu esse diálogo.

JONATHAN: E, qual foi o maior, ou quais foram os maiores frutos dessa parceria, na visão da senhora, não é? O que foi que essa parceria trouxe para o município? Só um momento...sim, qual foi o maior, os maiores frutos da, dessa parceria, na visão da senhora?

EDILMA: Construimos, a partir desse diálogo, a gente foi sonhando, né, confiantemente em um trabalho sério porque o consulado estava se colocando à disposição, construir algo muito inovador com o bilinguismo em João Pessoa. Então, nós tínhamos um desejo, mas não sabíamos quais as portas certas para bater, né. Então essa porta ela se abriu, ela veio ao nosso encontro, que era garantir um centro de línguas em João Pessoa. Então, tínhamos o projeto na cabeça, mas a gente não sabia como iniciar e foi através desse diálogo que a gente começou a compreender como é que a gente, de fato, iria garantir o centro de línguas e, e foi nessa, nesta construção que nós fomos fortalecer e garantir à João Pessoa algo muito inovador, né, que foi o primeiro centro de línguas estrangeiras do município de João Pessoa.

JONATHAN: Bacana, professora. Além desse diálogo né, pensando no centro de línguas, a gente sabe que houve também uma, um investimento na parte de formação dos professores de inglês...

EDILMA: Sim, a partir dessa, dessa interação, nós fomos dialogando e buscando reestruturar, né, buscar acessar outros serviços dentro do consulado, então veio a formação dos professores onde a gente conquistou, ou, enfim, dentro dessa parceria um especialista pra garantir a formação de todos os professores da rede, que foi muito importante, nós tínhamos o centro, tínhamos alguns professores, mas a gente precisava trabalhar o todo dentro da rede pra fortalecer esses professores pra que isso refletisse no aluno que iria estar, futuramente, acessando o serviço do centro de

línguas. Então isso foi fundamental, nós começamos a colocar o ensino de inglês na mesa como se diz, né, a avaliar desde os seus primeiros passos na rede, a uma possível, um possível destaque de um aluno no centro de línguas. Com essa reestruturação, com essa formação, veio a possibilidade da gente sonhar e investir na primeira escola bilíngue do município de João Pessoa. Então desde estudar uma área, um espaço inovador, um quadro de professores preparados, tudo isso foi sendo sonhado e eu acredito que dentre uma parceria séria, das duas partes, que tudo isso foi acontecendo, foi avançando. Eu percebia, em determinadas conversas, que o consulado, ele estava muito confiante no nosso trabalho, não é no trabalho burocrático apenas, é no trabalho executado com muito carinho, com muito respeito, com muito, é, zelo por essa parceria e a vontade de, de fato, ter um impacto positivo na vida das nossas crianças da rede municipal de Educação. É, e futuramente pra cidade de João Pessoa. Então, dentro desse olhar de uma parceria verdadeira, uma parceria séria, nós tivemos a oportunidade de aceitar um convite pra conhecer uma escola bilíngue no Rio de Janeiro. O consulado, é, nos levou a conhecer esse serviço, não era de uma rede municipal, era uma rede estadual, mas ali nós percebemos que não era algo que fosse inalcançável pro município de João Pessoa. Os primeiros passos nós já tínhamos dado, né, que era a formação dos professores, era trabalhar a rede, a importância do bilinguismo para uma cidade em desenvolvimento, uma cidade no porte que João Pessoa tem hoje, né, pra o turismo, pra ser uma cidade mais acolhedora, enfim. E a gente fez essa viagem, foi muito proveitosa, com todo o apoio do consulado, com muitas conversas, né, com muita vivência do dia a dia de uma escola Bilíngue e ao retornar deixamos muito claro pra o prefeito, pra o gestor, que tinha total interesse, sempre foi um grande incentivador, que a nossa escola era viável. E foi dentro dessa parceria, cada vez mais fortalecida e muito verdadeira, que nós garantimos em 2017, não é, a nossa escola. Uma estrutura nova, moderna, equipada, com professores motivados, valorizados e fortalecidos. Cada, a cada ano dentro dessa parceria, né, chegando ao tempo que os professores passaram um mês, não é, fazendo um intercâmbio no...

JONATHAN: Nos Estados Unidos...

EDILMA: É, nos Estados Unidos. E, que isso foi muito motivador, né.

JONATHAN: O consulado quem também financiou essa ida dos professores...

EDILMA: 100% bancado pelo consulado. É, recebemos várias visitas, fizemos testes com nível de aprendizado dos nossos alunos, tanto no centro de línguas, como também na escola bilíngue, né, pra saber o nível de aprendizagem dos nossos alunos, o impacto que esse ensino, essa parceria, essas inovações na rede, estava tendo na vida daqueles adolescentes, daquelas crianças, e também dos professores.

JONATHAN: Na rede municipal de educação também?

EDILMA: Na rede municipal. Várias escolas, elas se voltaram para entender a importância do inglês, então, criando espaço, de vivência mesmo, para as aulas de inglês, inovando esses espaços na sala determinada só para o ensino de inglês. E isso foi muito positivo, entre outros eventos que foram nessa linha dentro dessa parceria que foram sendo construídas. Então João Pessoa, ela se tornou-se um dos municípios referência no Brasil. Eu acredito que o primeiro município a fazer esse tipo de parceria com o Consulado, né. Eu lembro que várias falas do cônsul que nos visitava que dizia assim, que era a primeira escola do Ensino Fundamental bilíngue Municipal. E isso nos deixava muito confiantes, deixava muito feliz porque estava nos oferecendo o que a gente tinha de melhor no município através de professores preparados, motivados e valorizados porque o município também, é, reconheceu e aprovou um diferencial, é um reconhecimento, um diferencial no contracheque desse professor, né, que era uma gratificação por uma dedicação exclusiva do professor.

JONATHAN: Isso na escola bilíngue?

EDILMA: Na escola bilíngue, aonde, de fato, o professor estava ali desde da disciplina de educação física a outras disciplinas. Todos estavam aptos a trabalhar a língua inglesa com as nossas crianças.

JONATHAN: Como foi que a senhora, ou o prefeito de João Pessoa, deixaram essa, essa valorização amarrada administrativamente?

EDILMA: Com projeto de lei, aprovado pela câmara municipal, onde os professores da escola bilíngue, ele tem um diferencial de 20% em cima do seu, do seu vencimento. E isso foi muito importante. Uma coisa também, é importante frisar, que nós não fomos buscar professores de fora, nós fomos um estudo na rede, né, abrir um edital interno para que os nossos professores fossem reconhecidos, os que já tinham a formação, e aqueles que não tinham buscassem essa formação para que, de fato, a escola bilíngue ela se, ela crescesse, né, e a gente atingisse ali os níveis e o nossos objetivos que era formar crianças, desde muito cedo, para o bilinguismo. A gente costumava dizer que nós não estávamos abrindo janelas, nós estávamos abrindo portas para as crianças de João Pessoa voar alto, né, e ganhar o mundo através de um ensino público de qualidade, inclusivo, acessível, né, e ousado.

JONATHAN: Entendi. E professora, a senhora acredita que o consulado teve um papel fundamental em inspirar a senhora enquanto gestora ou o município em relação a esse investimento voltado para a língua inglesa? Como é que a senhora vê isso, né, os ganhos a partir da cooperação, se já havia o interesse né, por esse tipo de desenvolvimento da disciplina de inglês, do bilinguismo em si, e o consulado chegou para contribuir nesse interesse já, já existente ou se realmente o consulado quem trouxe as ideias, né, para que elas fossem implantadas no município?

EDILMA: Olhe, existia o interesse, existia o desejo, né, de trazer algo inovador para a rede municipal. Nós sabemos da capacidade que os nossos professores tinham, que os nossos alunos... é uma demanda que a gente sonhava, mas a gente não tinha ideia de como formalizar. Então foi uma parceria na hora certa, não é? no momento certo porque eles trouxeram toda essa formalização que a gente precisava, toda essa motivação que tínhamos. Então ele, eles chegaram para, de fato, dar esse suporte que naquele momento nós não tínhamos. Então essa cooperação foi essencial. E essencial porque teve seriedade das duas partes, né.

JONATHAN: Ambos tinham suas atividades a executar pra que...

EDILMA: Isso, com certeza, o consulado teve seus interesses, né, como a gente também tinha os nossos. E só foi possível porque ambos tinham essa sede né, e dentro da seriedade, mais uma vez eu repito porque foi bem forte. Todas as vezes que a gente ia conversar com o consulado, eles diziam que sentiam que João Pessoa, de fato, queria algo sério, né, e isso era o que motivava eles a investir e a garantir, a ampliação desses investimentos. Como foi acontecendo ano a ano.

JONATHAN: Entendi. A senhora saberia dizer o motivo...E professora, a senhora saberia dizer, ou emitir alguma opinião a respeito do motivo de os Estados Unidos cooperarem com um município como João Pessoa. A senhora tem alguma opinião formada nesse sentido?

EDILMA: A gente sabe que todo país tem suas políticas externas, né, então, executar uma política é importante pra eles, que também foi importante, é importante para nós, né, é saber construir e tirar proveito daquilo que é positivo para eles e se tornou-se muito positivo para a gente. Diante daquilo que a gente acredita, preparar os nossos alunos pra o mundo, em um mundo globalizado, então foi algo essencial.

JONATHAN: Legal, professora. Alguma...algum setor dentro da Prefeitura de João Pessoa, ou dentro da secretaria de educação, era específico pra acompanhar parcerias internacionais, ou realmente não, não havia uma estrutura para esse, esse tipo de diária dentro da prefeitura?

EDILMA: Eu acredito que a Secretaria de Turismo, que ela tem, né, uma diretoria pra tratar de assuntos internacionais, mas na verdade, naquele momento, a educação foi a ponte, não só para as políticas da educação, mas pra a construção dessa parceria com o consulado. Enfim, Jonathan, não tem não né?

JONATHAN: Tem não.

EDILMA: Tem não lá, mesmo? Tem não?

JONATHAN: Tem não.

EDILMA: E o que, que, que diretoria tem ali? Turismo?

JONATHAN: Não tem nada voltada pra Relações Internacionais na prefeitura.

EDILMA: E é, Jonathan?. Pois eu achei que lá, na secretaria de Turismo, teria uma diretoria que dialogava com o mundo. Como é que vende João Pessoa?

JONATHAN: Não vende. Essa é uma crítica que eu faço, inclusive, né, que não tem estrutura pro acompanhamento e desenvolvimento de projetos internacionais.

EDILMA: Acho que era uma das coisas que você dizia a Luciano, né? Que você poderia fazer isso aqui.

JONATHAN: É, exatamente.

EDILMA: E o BID?

JONATHAN: Também não tem.

EDILMA: Era no gabinete dele, era? De um prefeito? Isso era...

JONATHAN: É, tinha um projeto que era pra ser implantado, né, uma assessoria de Relações Internacionais pra, pra acompanhamento, né, das tratativas e não deixar que os projetos se perdessem, sabe? Mas também nunca foi implantada nesse sentido.

EDILMA: Jonathan, qual foi aquele município que pediu o projeto quando teve...foi Belo Horizonte, não, não foi Belo Horizonte não foi, que o Prefeito Jean...

JONATHAN: Foi Luciano... A não, foi Luciano Rezende do Espírito Santo, de Vitória.

EDILMA: Porque outro dia Aline disse que eles tinham entrado em contato com ela, pedindo uma outra documentação, sabe? Ela até: “professora, fazer uma justificativa por que que a senhora...qual foi o objetivo social da criação a escola”. Ela tava preparando uns documentos pra mandar pra eles. Pra mandar pra eles.

JONATHAN: Legal. Entendi. É, só pra concluir, professora. Deixe eu lhe perguntar a respeito da, da sua visão sobre esse tipo de parceria. A senhora acredita que deveria, é, o município, né, investir mais nessas parcerias internacionais? A senhora acha que isso é um tipo de política pública interessante que pode trazer ganhos pra o município, né, tomando como base essa experiência com o consulado?

EDILMA: Olha, a experiência, ela rendeu boas ações, né, o projeto ele, ele foi essencial. Eu acredito que ainda esteja sendo essencial porque a gente sentia o carinho que a rede criou pela escola bilíngue. O respeito que a cidade tinha por aquela escola, a comunidade tem por aquela escola. O interesse das famílias...e isso nos deixou muito feliz, porque assim, não era o projeto da gestão de Luciano Cartaxo, é um projeto que João Pessoa adotou, né reconheceu e valorizou. E assim, é essencial, a gente precisa...fazer gestão pública é estar aberto a buscar parcerias, a conhecer novas experiências, a buscar novas experiências pra fortalecer, porque sozinho a gente não dá conta das demandas, a gente não tem como inovar sozinho no município, né. Então, não só conhecer experiências dentro do Brasil, mas fora do Brasil, pra que a gente possa estar inovando, buscando outras oportunidades, abrindo outros espaços, outras janelas, outras portas para as nossas crianças, para nossa cidade como todo. E quando se fala de educação, isso é fundamental, a educação ela precisa dialogar com muitos espaços e essa construção com o consulado foi muito importante, né, a gente precisa valorizar que outros e outras parcerias, elas precisam chegar e acontecer, sempre com essa seriedade que eu coloquei desde o começo. Não dá pra gente construir uma coisa de faz de conta, tem que ralar muito, tem que estudar muito, tem que encontrar as pessoas certas, não é?, pra nos ajudar a conduzir a algo que de fato impacte positivamente na vida das crianças. Não foi fácil. Cada passo que se dava, a gente via as dificuldades, os obstáculos, né, mas a gente foi vencendo um a um, com muito pé no chão, com muitas verdades e foi isso que nos deu, é...o que nos deu os frutos que a gente tem colhido. E o nosso sonho é que esse

ensino ele, ele...o nosso aluno quando termina o nono ano, que inclusive é agora, né, em 2021. Que 2022, o sistema público se organize pra que esse menino dê continuidade aos estudos dele.

JONATHAN: Em nível Estadual, a senhora sabe se existe alguma escola bilíngue preparada pra receber alunos que passaram o ensino fundamental numa escola bilíngue?

EDILMA: É... infelizmente, até aqui, eu não conheço. Infelizmente. A gente dialogou, inclusive, com esse desejo, mas até hoje não conheço.

JONATHAN: Entendi, professora.

EDILMA: E é a nossa maior... era uma das nossas maiores preocupações, minha, né, porque desconstruir o que a gente fez não vai ser fácil, mas é a continuidade disso no ensino médio. Imagina o potencial de uma criança dessa, o diferencial de uma criança dessa quando termina o nono ano em uma escola bilíngue. A frustração dele e da família não ter, dar, continuidade a esse ensino no nível que o município vem oferecendo.

JONATHAN: Entendi. Professora, em algum momento a senhora chegou a compartilhar ou a contactar o governo federal do Brasil pra falar o que tava acontecendo na cidade de João Pessoa? Ou foi uma, um contato direto com o governo americano através do seu Consulado, né? O governo federal também estava por dentro ou não houve esse tipo de necessidade, né, em algum momento durante essa parceria?

EDILMA: A parceria foi direto com o Consulado. E o mais importante dizer, o consulado veio até João Pessoa. Então, foi uma cooperação direta. O governo federal, eu acho que numa conversa informal com o ministro em 2017, chegou-se a falar desse projeto que estava sendo implantado, mas nada formal.

JONATHAN: Mas nada, como dando satisfação, não é, ao governo federal ou pedindo autorização. E sim, falando sobre as boas práticas de João Pessoa.

EDILMA: As boas práticas, dentro das boas práticas de João Pessoa. Das inovações da gestão em João Pessoa na educação.

JONATHAN: Certo, professora. Eu não sei se a senhora tem mais alguma, algum comentário a fazer a respeito dessa cooperação. Se a senhora saberia dizer se outras também foram negociadas em âmbito internacional ou se foi, justamente, só essa na área de educação, no período que a senhora esteve à frente?

EDILMA: Olhe, é... houve conversas, houve ideias com outras secretarias, mas eu não tenho segurança no momento pra falar sobre essas outras experiências. O que tenho a certeza, a segurança de falar, é aquilo que eu vivenciei dentro da pasta da educação como secretária. Desde os primeiros momentos aos últimos contatos com o consulado, né, e com a escola bilíngue. Que foi algo assim, muito prazeroso de se fazer. Hoje, a minha sensação é do dever cumprido. A gente buscou garantir a base da educação, mas a gente também deu vários voos no, em uma educação moderna, ousada, de oportunidades de fazer diferente para aqueles que mais precisam. Então, a sensação é do dever cumprido.

JONATHAN: Entendi, professora. Uma última pergunta que me surgiu agora, aqui, é a respeito da UFPB, né, porque durante o tempo da, da especialista na Prefeitura de João Pessoa, na UFPB também houve uma outra especialista pelo mesmo período. Também fazendo um trabalho com os professores de inglês e alunos inglês lá, né. A senhora teria como fazer um breve comentário a respeito dessa relação com a UFPB e se essa, essa parceria também, de alguma maneira, significou é... uma, ou propiciou uma aproximação com a UFPB através da parceria, ou já havia alguma relação assim entre a UFPB e prefeitura, né, pensando no inglês?

EDILMA: Olhe, parcerias da universidade, da secretaria de educação já existia algumas, mas do ensino de inglês foi a partir dessa construção com o consulado.

JONATHAN: Interessante!

EDILMA: Então, teve um momento que foi tão verdadeiro e tão fervoroso, e muito prazeroso de ver a universidade, ela assumindo ali com o retorno do especialista para os Estados Unidos. A Universidade assumindo essa formação dos nossos professores e os nossos professores, é... satisfeito com o que... com a continuidade dessa formação que a universidade propôs de fazer. Então, foi algo bem interessante, muito bom pra o município de João Pessoa porque, de fato, a Universidade ela, ela acompanhou, hora mais de perto, hora um pouco mais distante, mas depois de um determinado momento, muito presente no que o consulado estava ali construindo com a gente. Então, foi muito bom e foi muito importante, e muito gratificante de ver a universidade chegar tão perto dos nossos alunos, a estender a mão de fato pra os nossos professores, garantir a formação, acompanhar esse ensino e isso foi muito bom. Tenho muito a agradecer.

JONATHAN: É interessante perceber... Interessante perceber como às vezes uma parceria internacional pode aproximar atores locais, né, de uma mesma cidade. Isso é bem interessante.

EDILMA: Isso, uniu todo um potencial e trouxe mais, né, um plus pra o projeto. Então, a universidade foi essencial dentro dessa, dessa, depois da parceria construída, né. Ele chegou pra abrilhantar e pra dar continuidade aquilo que no consulado achava que não era mais tão essencial pra eles estarem aqui porque a universidade já estava garantindo esse suporte.

JONATHAN: Tudo bem, professora. Só tenho a agradecer a senhora, né, pelo tempo e, enfim, por sua visão a respeito da parceria. E muito obrigado, né, por tudo.

EDILMA: Jonathan, eu que tenho a agradecer, até porque você foi um parceiro nessa construção, né, você vivenciou desde o princípio, você contribuiu e, assim, o município, a gestão tem muito que agradecer, têm muita gratidão pelo que você fez, né. Então, é algo assim essencial, a gente fica muito feliz em saber do tamanho da contribuição que você deu pra que tudo isso acontecesse. Eu digo assim que você foi além do que a gente esperava. Estava sempre disponível, o consulado compreendeu isso muito rápido, né. A universidade também tinha você ali, como essa referência da

gestão e isso facilitou muito a nossa relação com o consulado e a nossa relação com a universidade, dentro dos dois projetos, tanto do centro de línguas, como da escola bilíngue, no bilinguismo que foi ofertado a João Pessoa dentro de um patamar nunca visto antes.

JONATHAN: Bacana, professora. Muito obrigado mais uma vez.

Entrevista 10

ENTREVISTA COM EMERSON DE AZEVEDO, PROFESSOR DE CIÊNCIAS DA ESCOLA BILÍNGUE

JONATHAN: Mais uma vez boa noite ao professor Emerson de Azevedo Silva Bezerra. Eu sou Jonathan Vieira, aluno do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB. Professor, primeiramente muito obrigado por me receber aqui nessa entrevista para que a gente, justamente, converse um pouco mais sobre sua visão a respeito da minha pesquisa né, do mestrado, que é pensada na parceria entre o Consulado Geral dos Estados Unidos e a Prefeitura de João Pessoa. Então eu já inicio agradecendo aqui, esse momento e pedindo para que se apresente um pouco e falando principalmente sobre sua experiência na prefeitura de João Pessoa, seu tempo de trabalho e onde vem atuando.

EMERSON: Olá, Jonathan, é um prazer estar aqui conversando com você hoje né, a gente já mantém uma amizade aí que vem de anos né e é sempre bom conversar com você uma pessoa assim que eu considero bastante, que teve forte impacto aí na minha carreira, nessa minha trajetória, e principalmente na área de educação. Bem como você mesmo falou meu nome é Emerson, sou natural de Campina Grande, mas já moro aí a cerca de 6 anos na capital da Paraíba, em João Pessoa, e assim boa parte da minha carreira profissional foi dentro da educação e está sendo dentro da educação e este, infelizmente ou felizmente, é o meu último ano na educação porque optei por me aventurar em uma outra realidade né, fora da esfera pública, agora desta vez na iniciativa privada e trabalhando aí na área de tecnologia, certo. É, inicialmente a minha formação inicial foi em ciências biológicas então eu tinha habilitação, tenho habilitação para dar aula de Ciências da Natureza no Fundamental 2 e biologia no Ensino Médio. Nessa jornada, aí já passei por ensino em escolas técnicas, em escola de Ensino Fundamental 2, ensino médio, e tive uma experiência ali na Universidade também enquanto eu pagava algumas disciplinas de mestrado. Então, portanto, já vou adiantando também sou mestre em ciências biológicas, com concentração em Zoologia e atualmente eu estou cursando ciência da computação, que é uma área também que eu adquiri interesse e já tenho interesse, mas optei por estudar também.

Então estou bem envolvido com esse ambiente de aprendizagem, de ensino, gosto muito de ensinar, gosto muito de aprender e esse é um resuminho aí.

JONATHAN: Bacana, professor. E na prefeitura de João Pessoa, quando foi que iniciou seu trabalho nela, onde vem atuando ou nesses últimos anos?

EMERSON: Então, eu entrei na prefeitura no ano de 2015 e desde 2015 eu atuei em três escolas, estou na minha terceira escola no município. Já passei por uma escola no bairro do Grotão, já passei por uma escola no bairro de Mangabeira e agora estou encerrando meu ciclo na prefeitura na Escola Bilíngue que fica localizada no bairro do Alto do Mateus em João Pessoa. Essas escolas do início da minha jornada na prefeitura foram escolas regulares do Ensino Fundamental 2 e EJA, né. Atuei tanto no ensino ali do sexto ao nono ano como também ciclos 3 e 4 do EJA, Educação de Jovens e Adultos, e, mas foram escolas regulares né, assim, tirando que eu estou aqui em um projeto diferenciado que é o ensino bilíngue, as outras foram escolas regulares da rede ali.

JONATHAN: Bacana, professor. Então, agora falando um pouco sobre a parceria entre Consulado dos Estados Unidos e Prefeitura, a gente sabe que houve essa aproximação entre esses dois entes e na aproximação houve tanto capacitação de professores quanto ações como a própria Escola Bilíngue e, de forma inicial, de forma geral gostaria de ter essa sua visão e opinião a respeito desse tipo de iniciativa. Qual a relevância desse tipo de iniciativa para o senhor e o que lhe chamou mais atenção pensando nessa iniciativa de aproximação internacional.

EMERSON: Então, acredito que assim logo de cara um dos maiores impactos e o que chamou mais atenção foi a possibilidade de a gente ter essa educação bilíngue no setor público. A gente vem aí numa onda crescente de educação bilíngue na iniciativa privada, mas era incipiente ou quase não se pensava nessa possibilidade de se ter um ensino bilíngue no setor público, nas escolas públicas. Então isso foi algo que me chamou bastante atenção. Na época eu passei por uma experiência na escola privada e funcionava lá bem né,, a gente sabia que tinha aquela aquela possibilidade de acesso a recursos, treinamento no setor privado, mas a gente nunca imaginava de

que, que essa possibilidade pudesse chegar no setor público também né, foi quando em 2018 ali, 2017, a gente ficou sabendo desse projeto, aí a gente, no meu caso né, fui, fiquei curioso, fui procurar saber e soube né de que a prefeitura tava com planos de abrir, de fundar a primeira escola bilíngue pública de João Pessoa né, que no caso também seria do Nordeste né, gente na época não sabia de nenhum caso de escola com esse viés né de bilinguismo no setor público no Nordeste inteiro. Já se sabia de outras iniciativas como era o caso do Rio, mas para aqui, para a nossa região foi totalmente novo, então isso me chamou atenção porque eu acho que, que a gente sabe né, a gente vive num mundo cada vez mais globalizado em que o inglês ele aí tem se consolidado durante anos e provavelmente por mais, muito mais anos para frente, como uma língua comum aí né de comunicação global e eu acho que isso abriria a possibilidade, ou as portas, ou a visão, a mente dos alunos de periferia. Isso, tudo isso me chamou bastante atenção e eu achei que seria muito benéfico para o nosso lado.

JONATHAN: Bacana! E, o governo americano nessa experiência sua, enquanto professor da escola bilíngue, qual foi a participação do governo americano, na sua visão, dentro desse projeto?

EMERSON: Então, é, várias, várias participações. Então essas participações foram traduzidas, digamos assim, através de ações tanto de formação, acompanhamento, mentoria, cursos, fornecimento de materiais didáticos, pedagógicos, em vários aspectos. Então a gente passou ali por vários treinamentos, inclusive treinamentos de capacitação internacionais. Tivemos oportunidade ali no início de 2019, de viajar para os Estados Unidos né, com os custos totalmente financiados pelo governo americano. Onde tivemos ali um treinamento sobre bilinguismo no Brasil voltado para o CLIL, a metodologia CLIL, na Universidade do Arizona em 2019. Essa parceria também, houve uma continuidade com uma mentoria feita através de um especialista presencial em nossa escola que foi a Chloe Belos, também em 2019 ela passou ali cerca de seis meses acompanhando as atividades da escola. Eu, particularmente, tive um convite por parte do Consulado também para participar do ELT Hackathon, o English Language Teaching, o Hackathon do ensino de línguas, no caso de língua inglesa que foi realizado em Olinda, Pernambuco também no Estado de Pernambuco

em 2019. Tive a oportunidade também de participar como apresentador, do nosso, da nossa escola na versão de 2019 do BRAZ-TESOL que ocorreu na cidade de Curitiba. Mais recentemente aí, no ano passado, tivemos várias oportunidades de formação à distância e uma das que eu participei foi a chamada *Using Educational Technology in the English Language Classroom*, foi uma formação ali, onde no contexto de pandemia tava muito relevante o uso de ferramentas tecnológicas no contexto do ensino, então foi mais uma iniciativa ofertada pelo governo americano em parceria com o consulado também.

JONATHAN: Isso para todos os professores da escola, essa formação?

EMERSON: Na verdade assim, algumas ações destas que eu citei foram focadas nos professores da nossa escola. Algumas ações individuais, eu recebi o convite particularmente e outras ações abertas ao público em geral. Mas uma das que eu mais destaco, e que houve um maior impacto na comunidade escolar, na nossa escola bilíngue de João Pessoa, foi o acompanhamento pela English Fellow, Chloe Bellos que ocorreu ali no primeiro semestre de 2019, foi o mais impactante e juntamente com esse acompanhamento tivemos formações também com a própria Chloe, com outras parceiras, outras professoras que também vieram para apresentar outros trabalhos. Então, essa foi a mais impactante em termos de formação para nossa escola, é, no período maior, mas também a formação que tivemos no Arizona que contempla também vários professores da nossa escola, a maioria dos professores na época e também trouxe bastante benefícios, né. Então tanto a formação da Universidade do Arizona, na qual vários professores participaram, foram patrocinados pelo consulado americano para ter essa viagem totalmente custeada, quanto a disponibilização de uma pessoa para estar ali acompanhando o dia a dia da escola também. Foram as que mais impactaram a nossa escola diretamente. As outras ações foram ações mais individuais ou coletivas abertas ao público geral que tivesse interessado.

JONATHAN: Interessante, professor. Então, basicamente pelo que eu entendi, houve desde o início da escola essa presença do consulado através de ações e essa presença ainda, ainda vem se perdurando, ainda existem ações com esse parceiro.

EMERSON: Então houve uma, digamos assim, quebra meio que inesperada por conta da pandemia. É, isso é inegável que vários planos mudaram porque até onde eu fiquei sabendo era, estava previsto que algumas das formadoras da Universidade do Arizona viessem para a nossa escola. Elas iriam passar por várias escolas do Brasil, por várias escolas que tiveram professores que passaram pela formação lá no Arizona, mas infelizmente a pandemia quebrou alguns, interrompeu alguns planejamentos. Até onde eu sei esse plano de ela virem para o Brasil, visitarem a nossa a nossa escola não foi cancelado né, apenas que precisou ser adiado por conta da questão do isolamento, da pandemia, que a pandemia impôs.

JONATHAN: Então houve essa oferta de cursos, cursos online?

EMERSON: Exato! Exato, durante a pandemia houve várias disponibilizações dos chamados MOOCS, né. Os cursos massivos online, mas não só esses cursos massivos online que são assíncronos, mas também formações síncronas que os professores poderiam se inscrever, houveram as divulgações ali na página da RELO no Facebook, nos grupos do Instagram, foram formações assim mais gerais durante a pandemia e formações à distância mesmo. Mas eu diria que não se encerrou esse contato, essa oferta de ações.

JONATHAN: Entendi. O que mudou, na sua opinião, na prefeitura de João Pessoa uma vez que houve esse tipo de parceria estabelecida?

EMERSON: Bem, eu acredito que houve um estreitamento de laços né. Então acho que a gente com essa parceria se sentiu, passou a se sentir muito mais confortável a fazer convites ao consulado para participar, tá envolvido ali com as ações da escola. Eventualmente eles também nos convidam para eventos lá no, na sede deles no Recife, é para conhecer escolas as quais eles também tem parceria lá próximo do consulado. Então eu acho que eu diria que o estreitamento de laços de cooperação, ali de trocas culturais, é troca de saberes é muito importante, foi muito importante e está sendo muito importante, principalmente para que a gente possa entender como o bilinguismo ele pode ser aplicado no setor público, em comunidades mais carentes, em escolas públicas. Porque a gente já tem assim uma vasta experiência né,

materiais aí, informações de como ocorre nas escolas privadas, mas em escolas públicas eu acho que isso é uma mina de informações que estão sendo geradas aí com essa possibilidade.

JONATHAN: Bacana! Uma outra pergunta, não sei se isso já foi tema de discussão, se já foi mencionado em algum momento, se o senhor tem alguma opinião própria a respeito do motivo pelo qual os Estados Unidos resolveram cooperar com João Pessoa. O senhor saberia dizer, se existe uma, se já foi comentada uma razão para que isso aconteça?

EMERSON: Bem, não, pelo menos para mim essa razão não foi assim claramente exposta, explicitamente exposta, né. Eu como professor soube que houve essa tentativa de estreitar laços com o governo americano, aí a gente acabou recebendo os resultados. Mas saber assim claramente qual é, qual é a razão eu não sei, eu posso dar minha opinião.

JONATHAN: Por favor...

EMERSON: Eu vejo assim, eu vejo João Pessoa como uma cidade de bastante potencial, né, ela é muito colocada assim como cidade com bastante potencial turístico, mas algo que eu tenho visto principalmente assim estando agora também envolvido com o setor da área de Tecnologia, João Pessoa ela está localizada num ponto bastante estratégico porque se a gente parar para analisar João Pessoa tá ali ó no centro de grandes Universidades formadoras de mentes, de profissionais qualificados, está ali junto a João Pessoa a UFPB, a alguns quilômetros temos a UFCG, e um pouquinho mais ao Norte temos a UFRN, um pouquinho mais ao Sul a UFPE. Então acho que João Pessoa ali, ela se concentra esses grandes centros formadores de nível superior, né, os quais tem um vasto potencial de cooperação, de colaboração. E o Brasil a gente sabe que é o Brasil, um país que, que que demanda de oportunidades de trabalho, mas então essa cidade né, como a cidade não só turística, mas uma cidade também formadora de profissionais qualificados, eu acho que, que é benéfica para ambos os lados. Uma outra questão que eu vejo também é que, assim, os Estados Unidos eles não tomam nenhuma ação à toa né, a cidade de

João Pessoa ela é conhecida como está, sendo localizada né geograficamente em um ponto ali no extremo oriental das Américas e os Estados Unidos como uma nação extremamente militarizada, eu não duvido assim que possa haver a busca por uma instalação de uma base militar americana na nossa nossa região. Para que isso ocorra é preciso também haver um estreitamento de laços culturais, ali a aproximação do idioma. Quando eu digo assim que eu vejo uma possibilidade de uma instalação de base militar na nossa região, eu também não vejo como sendo algo negativo, isso faz parte da política internacional também pensar no aspecto bélico também, militar, estratégias militares né, a gente vive aí constantes conflitos e possibilidades de conflito e isso precisa estar presente também no planejamento das Nações, não só americana, como brasileira também. Então, dizer a você que eu sei a razão, não, eu penso nessas possibilidades né, tem um potencial político, tem o potencial de mentes né, a gente sabe que tá ocorrendo bastante essa questão de fuga de mentes, de pessoas daqui que prestam serviços para os Estados Unidos e vejo também a possibilidade de, de se querer instalar uma base militar na nossa região também, futuramente, talvez, mas são só suposições.

JONATHAN: Entendi. Sim, claro, não se preocupe.

EMERSON: Se você sabe vou pedir para você me explicar.

JONATHAN: Não, na verdade, eu tô tentando entender o motivo. É...

EMERSON: Faz parte do seu objeto de estudo...

JONATHAN: Também, também, né, as suposições. E, professor, uma outra pergunta que se faz necessária. Saber do senhor se hoje a cidade de João Pessoa vem fazendo outras parcerias na área de educação com, com sujeitos internacionais.

EMERSON: Olha, Jonathan, eu como, assim, estando mais presente na sala de aula, eu sou uma pessoa que não estou muito envolvido ali com as tomadas de decisões da prefeitura, secretaria, até o momento eu não sei, certo?. Eu soube que houve uma iniciativa de se fundar outras escolas bilíngues, inclusive com a língua espanhola

também, outros idiomas ali, o qual naturalmente vai se buscar parcerias com países falantes desse idioma também né, que no caso seria o espanhol. Mas no momento, que eu saiba, eu não vi ações com, com outras Nações neste sentido, né, de parceria, não que eu saiba.

JONATHAN: Mas essa informação é super relevante, com certeza. E sobre ações futuras, há algum planejamento com o governo americano nos próximos anos? O senhor já comentou que tem ainda essa possibilidade de trazer formadores da própria Universidade do Arizona, mas saberia dizer também se existe algum outro planejamento de alguma outra ação?

EMERSON: Então, Jonathan, como eu te falei os planos né, não estão muito claros agora por conta do nível de incerteza. Então se há algum plano a ser feito aí no futuro breve, eles não foram compartilhados ainda. Eu acho que principalmente devido ao fato desse tempo de incerteza que a gente está né, mesmo a ação lá das professoras que ficaram de vir para nossa escola ficou sem data definida, né, elas acabaram adiando alguns meses, mas esses meses se tornaram agora anos. E aí a gente está sem saber quais seriam os próximos passos. A gente sabe que é do interesse do governo americano, junto ali com o escritório de língua inglesa, o RELO, que a gente compartilhe as nossas experiências para que esse projeto de bilinguismo, escolas bilíngues no setor público se expanda pelo país, se popularize. Então a gente sabe que é do interesse deles que a gente esteja envolvido em projetos futuros em outras cidades em que haja o desejo de se fundar novas escolas bilíngues, no caso em inglês, é português e inglês. Então a gente estaria presente ali na troca de saberes e experiências de como ocorreu esse processo na nossa escola e como está ocorrendo, o que está certo, mas nada definido, nada consta em calendário ainda.

JONATHAN: Entendi. Hoje, na sua opinião, o consulado acompanha o desenvolvimento das atividades da escola, o desenvolvimento da escola em si, existe algum compartilhamento constante por parte da escola, por parte da prefeitura do que vem sendo desenvolvido na escola, isso pensando no consulado. A prefeitura mantém esse contato, passa algum tipo de relatório, tem algum tipo de reunião nesse sentido? O senhor falou do RELO que tá sempre tendo, tendo a escola bilíngue como uma

referência pra depois disseminar isso em outros lugares, mas institucionalmente há essa aproximação para acompanhar o que vem sendo feito na escola?

EMERSON: Jonathan, eu não saberia te dizer se isso vem acontecendo. Talvez ao nível de gestão escolar, você vai conversar em breve com a atual gestora da escola, que é a Aline. Eu soube que houve um repasse de relatórios, mas não procurei saber de detalhes do conteúdo desses relatórios, não sei se eles continuam acontecendo. Eu soube que houve principalmente no período em que a Chloe estava em nossa escola, mas se ele continua acontecendo, se continua havendo algum tipo de repasse eu não saberia te informar. Agora, assim, uma percepção que eu tive foi que a gestão atual, né, da prefeitura, ela tem uma percepção um pouco diferente dessa, dessa parceria. Eu não tenho notado assim tanto a iniciativa de se, de se buscar a retomar também essa parceria por parte da gestão Municipal atualmente como tínhamos na gestão anterior. Eu acho que a gestão anterior ela fomentava um pouco mais essa tentativa de aproximação. Tanto é que a nossa escola né atualmente, eu não tenho percebido um olhar diferenciado para o nosso projeto né, na, na visão de que nossa escola, ela não é mais uma escola do município e sim uma escola que tem um projeto ali político pedagógico diferenciado. Então eu notei que assim teve o fator pandemia também que a gente sabe que é inegável que impactou, mas eu notei um certo esfriamento do ponto de vista de tentativa de estreitar laços em relação da gestão atual. Com o consulado americano.

JONATHAN: Entendi, professor.

EMERSON: Não sei se essa informação é relevante.

JONATHAN: Não, tudo é relevante. Fique à vontade para compartilhar suas percepções que, certamente, vão clarear ainda mais esse, esse caminho que eu venho percorrendo na pesquisa. Mas, de toda maneira assim eu acho que só me resta agradecer porque todas as perguntas aqui foram respondidas dentro das suas possibilidades. Eu não sei se ainda deseja fazer mais algum comentário a respeito desse processo como um todo, mas eu já me dou por satisfeito.

EMERSON: Eu também gostaria de agradecer a oportunidade de compartilhar esse conhecimento. Eu acho que é extremamente relevante essa troca de percepções, ideias, opiniões, porque a gente trabalha com legados, a gente passa por projetos, passa por iniciativas e é satisfatório saber que o nosso trabalho teve, deixou uma marca ali, uma contribuição. Você, como uma pessoa que teve bastante presente aí na fundação desse projeto da escola bilíngue de João Pessoa. Eu também, eu encerrei um ciclo lá de 4 anos, eu peguei lá a primeira turma, as primeiras turmas que estavam iniciando na escola até a saída delas. Foi muito marcante para mim, vai deixar laços de amizade com esses alunos por um longo tempo, eu quero acompanhá-los, saber se assim se houve um impacto positivo né. Eu conversei, conversando com eles eu disse assim “você têm noção de que vocês vão sair daqui desta escola, vocês vão para uma outra escola, e vocês não vão se sentir assim os mesmos, em relação aos outros colegas que vieram de outras escolas, porque vocês vão chegar com uma percepção diferente de mundo”. Você sabe que o inglês já não é mais uma barreira, eles não têm medo de abrir um site inglês, consumir um conteúdo em inglês, de conversar em inglês, então a gente sempre escuta esse diálogo. E se essa barreira foi quebrada, a gente de fato cumpriu com uma grande missão que é formar cidadãos, cidadãos globais né, pessoas né ali, jovens, que têm essa visão para o mundo e não a visão assim que se encerra naquele mundinho da cidade, é dele, do estado dele, da região dele, do país dele, mas é um cidadão que ou uma cidadã que pode estar atuando ali em qualquer lugar do mundo. Então eles estão saindo com essa percepção e acho que é muito positivo.

JONATHAN: Bacana, professor. E nesse ciclo de 4 anos, os alunos realmente, hoje, podem ser chamados de bilíngues.

EMERSON: Sim, sim, porque o bilinguismo ele é muito mais do que você ser, digamos assim, plenamente fluente no idioma. Eu acho que um cidadão bilíngue é aquele que ele quebrou aquela barreira de comunicação com o outro né, com o estrangeiro, e eu diria que os alunos com essa vivência, com essa possibilidade de termos pessoas de outros países que não falam a língua portuguesa em nossa escola, quebrou essa barreira né. Pelo menos, não vou dizer assim em 100% dos alunos que saíram, mas quatro anos, se um aluno ali passou quatro anos na nossa escola com o inglês ali

martelando diariamente na vida deles e eles não perderam o medo de encarar o inglês de frente, eu acho que seria algo fora da, do esperado né. Que a gente espera que o aluno, ele tenha essa visão mais aberta para o idioma, para o mundo como um todo. E eles com certeza, do nosso ponto de vista, eles saíram com essa percepção, com essa formação de que o mundo é muito maior do que a nossa cidade, nosso estado, nosso país.

JONATHAN: Bacana, professor. Então, eu vou encerrar aqui a gravação, né, agradecendo mais uma vez pelo seu tempo, tá bom?

Emerson: Muito Obrigado, Jonathan.

Entrevista 11

ENTREVISTA COM FÁBIO RIBEIRO, PROFESSOR DE INGLÊS DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

JONATHAN: Então, mais uma vez boa tarde Professor Fábio, eu sou o Jonathan Vieira, estudante do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB. Primeiramente gostaria de agradecer pela oportunidade de conversar a respeito da minha pesquisa do mestrado, que é justamente sobre a parceria estabelecida entre a Prefeitura de João Pessoa e o Consulado Geral dos Estados Unidos. E antes de começar a falar sobre essa parceria e sobre suas percepções enquanto professor de inglês da Rede Municipal, eu gostaria de pedir para que o senhor se apresentasse um pouco, falasse sua experiência enquanto professor, há quanto tempo está no município de João Pessoa, para que a gente possa contextualizar melhor essa conversa.

FÁBIO: Certo. Oi, Jonathan, é muito prazer, muita satisfação contribuir, né, com essa sua pesquisa. Eu me chamo Professor Fábio Ribeiro, eu sou professor de inglês há um bom tempo, há mais de 20 anos, comecei bem cedo em 1995 quando eu tinha apenas 15 anos de idade, né. Então assim, sempre trabalhei em escolas de idiomas e aí entrei na prefeitura em 2015, quando eu fiz o concurso. Enfim, eu fiz uma especialização recentemente em metodologia, gosto muito dessa área de metodologia. Também fiz o CELTA da Universidade de Cambridge em 2015 também, por coincidência. Enfim, e profissionalmente seria mais isso mesmo.

JONATHAN: Legal, professor. E antes de 2015, o senhor já tinha trabalhado na rede pública de algum município ou foi a primeira vez com o concurso?

FÁBIO: Eu tinha feito o concurso em 2013, do Estado, né, e eu comecei a atuar no Estado da Paraíba em 2013.

JONATHAN: Bacana!

FÁBIO: No ensino médio.

JONATHAN: Legal. Então já tinha uma experiência, né, dentro da via pública desde 2013. E professor Fábio, o município de João Pessoa teve essa aproximação com o Consulado dos Estados Unidos em Recife, essa parceria promoveu capacitação de professores e outras ações também, como escola bilíngue, e eu gostaria de saber, inicialmente, quais foram as principais ações que, através dessa parceria, que afetaram o Senhor enquanto o professor, não é, que o senhor tenha também notícias né. Qual foi a sua experiência pensando nessas parcerias, nessa parceria?

FÁBIO: Desculpa, Jonathan. Cortou aqui, caiu a conexão, você pode repetir?

JONATHAN: Posso, posso, sem problema algum. Eu iniciei aqui a pergunta a respeito da parceria, qual foi a principal ação ou as principais ações de que o senhor fez parte nessa, nessa parceria com o consulado enquanto professor de inglês?

FÁBIO: Certo, então, no primeiro ano que nós tivemos a formação nós recebemos a especialista, a professora Diane Whaley. E, como é que funcionou na verdade a formação antes dela, mas ouvi comentários de muitos professores era bem diferente, não era uma coisa tão voltada para questões práticas que os professores realmente precisavam no dia a dia na sala de aula. Aí então, assim, a parceria que houve com o consulado americano foi bem, que houve na rede foi bem positiva, e ajudou bastante os professores a sentirem uma nova motivação em relação ao ensino do idioma na rede municipal e os professores se sentiram mais capacitados. Ela, a Diane, veio com uma estrutura totalmente diferente, uma proposta diferente, né. Ela propôs a utilização de sala de aula, especificamente pra inglês nas escolas. Então algumas escolas conseguiram adotar isso, e eu pessoalmente eu tive contato também com...eu tenho uma colega chamada Laíze, que ela me informou bastante sobre como foi a experiência dela né, que ela conseguiu fazer bem o trabalho a princípio, mas, assim, ela me falou sobre os materiais que ela começou a utilizar né, sobre...me enviou até algumas fotos para eu observar e ela realmente conseguiu fazer uma caracterização muito boa da sala de aula e ela conseguiu utilizar das instruções, do conhecimento que Diane tava transmitindo. E ela conseguiu aplicar bem a princípio né, mas aí com

dificuldades, talvez, mais socioeconômicas, eu não sei exatamente, mas os alunos eles não... infelizmente eles não valorizaram muito esse trabalho da professora e aí ela não conseguiu ir muito adiante nesse trabalho né. Apesar de que outros professores com quem eu conversei e disseram que tiveram um bom resultado né. Eu particularmente também tentei implementar esse modelo de ensino na escola que eu dava aula, mas assim não consegui fazer tudo, eu consegui separar uma sala de aula pra dar essas aulas de inglês, então os alunos eles sempre se dirigiam para essa sala, era uma sala de vídeo em que eu poderia utilizar o data show né, aí eu pude tentar também transformar as aulas mais comunicativas, deixar as aulas mais comunicativas, fazer com que os alunos pudessem conversar mais em inglês, pudessem interagir em inglês também, mas por essa dificuldade assim de timidez dos alunos, de talvez não estarem muito preparados pra esse tipo de, de, de sistema ou esse modelo de ensino, eu tive muitas dificuldades, para ser bem sincero. Mas tem a correlação cultural. A gente sabe que o inglês... quando a gente aprende um idioma, a gente precisa também se inserir dentro do contexto cultural daquele idioma, a gente precisa conhecer um pouco sobre a cultura onde aquele idioma é falado, do país onde o idioma é falado. Eu, particularmente, sempre me envolvi mais com o inglês americano, né, estudei em uma escola de idiomas cujo material era todo voltado para inglês americano. Então, eu sempre me envolvi com inglês americano também, né, até por questões religiosas também, né, eu sou membro de uma igreja na qual existem muitos missionários norte-americanos, então eu tive muitos contatos. Eu fiz uma missão também, de tempo integral lá no Japão, passei três meses nos Estados Unidos e aí, assim, tive muitos companheiros americanos. Então assim, a cultura americana sempre foi muito forte pra mim. Então na prefeitura foi bem interessante, né, ter a presença de Diane como norte-americana pra contribuir também pra que as pessoas pudessem, pra que os professores pudessem conhecer um pouco mais sobre a realidade dos Estados Unidos, conhecer um pouco mais sobre a cultura norte-americana e levar esse conhecimento para os alunos. Então, isso foi bem positivo também.

JONATHAN: O conhecimento que a Diane trazia nesses momentos formativos. Se o senhor fosse resumir seria como. Quais foram as novidades que ela trouxe e o que é que ela, basicamente, fazia para que fosse levado pelos professores até as escolas?

FÁBIO: Certo. Bom, assim, eu gostaria de salientar o fato de que não só apenas professores nativos que são bem capacitados para fazer formações ou dar aulas de inglês. É que as pessoas, às vezes, têm uma ideia um tanto equívoca em relação a isso, né. Infelizmente, assim, existe uma cultura de que “a porque é norte-americano, então ele é mais bem preparado, ou mais bem capacitado para dar aula de inglês”. Na verdade, às vezes acontece o oposto né. Porque é como se nós, por exemplo nós falantes de português nunca tivemos nenhum tipo de treinamento sobre ensino e de repente tivéssemos que dar aula de português, mas no caso de Diane e muitos professores que são nativos, falantes nativos de inglês, que fazem, que estudam dentro da área, que se especializam dentro da área, então, no caso de Diane foi muito positivo porque tinha os dois né, tanto o fato de ela ter formação, ter a experiência, ter o know-how, e ela era nativa, né, então isso contribuiu bastante. Enfim, Diane, ela, ela transmitia muito o conhecimento voltado pra questão prática mesmo né, então assim a questão comunicativa era muito importante. Os professores da rede municipal né, segundo relato de muitos professores, eles estavam muito acostumados a um método mais tradicional de ensino né, no qual o professor ele era o centro das atenções nas aulas né, ou seja, aquele modelo tradicional no qual o professor ele, ele fala o tempo todo né, ele transmite conhecimento o tempo todo e os alunos ficam mais passivamente ouvindo aulas sobre gramática ou sobre compreensão textual. E o que a Diane propôs não. Diane propôs a interação entre os alunos. Ela trouxe muitas atividades, sugestões de atividades, que nós poderíamos fazer com os alunos para dar a eles essa oportunidade de interagirem uns com os outros e poderem se comunicar em inglês. Mesmo que a princípio essa comunicação fosse delimitada, mas ajudando os professores também a perceber como eles podiam ajudar os alunos a entenderem que eles podiam cometer erros, né, e que o erro faz parte do processo de aprendizagem. Que através do erro eles iam aos poucos transformando essa Inter Language né, que nós falamos em inglês, em um inglês propriamente dito né, assim, com a precisão gramatical. Então, eu senti essa diferença dessa parte prática e mais comunicativa que ela sugeria que os professores pudessem aplicar em sala de aula.

JONATHAN: A sugestão dela, pelo que eu entendi, era uma sugestão inovadora porque a prática da maioria dos professores era mais voltada para gramática, porém era desafiadora devido ao contexto das escolas, como o senhor bem disse.

FÁBIO: Isso, isso.

JONATHAN: Entendi. E, Professor Fábio, esse tipo de cooperação, esse tipo de parceria, na sua opinião, então, é benéfica pra o município? Esse tipo de operação é benéfica, é interessante?

FÁBIO: É, como eu falei antes, a gente não pode muito, é, desvincular o ensino de idioma com o país onde o idioma é falado como língua nativa, né. Apesar de que o inglês a gente sabe que, hoje em dia, é muito mais falado por não nativos do que por nativos, mas ainda existe uma influência muito forte, né, do inglês enquanto língua nativa. Então eu acho essa correlação muito interessante, muito importante, justamente por isso porque as pessoas elas podem ter esse acesso, no caso os professores podiam ter esse acesso mais direto, digamos assim, ao inglês como é falado da fonte. Então muitos professores também tiveram a oportunidade. É, uma coisa que a Diane fez também, que ela convidou muitos professores a participar, foi que... a gente sabe assim, professores já antigos, professores que a um tempo estavam longe da universidade, que não tinham formações nesse sentido assim muito práticas e voltadas para o inglês, ou formações que fossem ministradas em inglês mesmo, né. Eles tinham uma certa dificuldade, até na questão comunicativa em inglês, os próprios professores, então eu lembro que ela montou alguns grupos, né, no qual, nos quais ela pode ajudar esses professores com, a desenvolverem a competência comunicativa no inglês. Para que eles estivessem melhor preparados para a sala de aula e também para entender, né, porque ela não falava muito bem o português e a proposta era justamente também dar aos professores essa oportunidade de ouvir o inglês nativo e se comunicar em inglês, aprimorar, né, o inglês deles. Então eu acho que contribuiu muito nesse sentido também.

JONATHAN: Legal. Então basicamente professores de inglês do município estudaram a língua inglesa né, estudaram o inglês para falarem melhor e se comunicarem melhor.

FÁBIO: Isso, isso.

JONATHAN: Legal. E o senhor saberia dizer se há algum tipo de planejamento para futuras ações com esse parceiro americano ou o senhor não saberia dizer?

FÁBIO: Infelizmente eu não tenho nenhuma informação sobre isso não. Não saberia informar.

JONATHAN: Entendi. Depois que houve esse, esse momento formativo com a Diane, o senhor acredita que houve algum tipo de mudança no modelo formativo da, da Prefeitura, pensando nos professores de inglês? Se houve algum tipo de mudança interessante ou se, enfim, não houve.

FÁBIO: Assim, depois de Diane nós, de certa forma, perdemos um pouco o contato né, com os outros professores. Nós tivemos ainda, o governo ainda enviou em, acho que no ano seguinte ou em 2017, uma outra professora especialista também. A formação, ela também era norte-americana e, assim, aquele momento também foi bem positivo. Eu acredito que, assim, pelo menos para mim né, quando ela deu essa ideia, eu consegui implementar pelo menos a questão da sala de aula voltada para inglês, é, como eu falei a princípio, que no meu caso, foi bem positivo apesar da dificuldade que eu sentia por parte dos alunos. Foi bem positivo, né. E com outros professores com quem eu mantive contato, né, alguns poucos, eu pude perceber também que foi bem positivo, né, que alguns alunos eles estavam podendo ter um bom aproveitamento.

JONATHAN: Certo. Havia algum acompanhamento por parte da gestão da escola, por parte da secretaria de educação, é, dessas salas de inglês ou ficou realmente algo mais concentrado, é, no campo das ideias? A ideia foi apresentada e quem conseguia fazer a sala fazia e quem não conseguia tava tudo bem? O que é que o senhor sentiu?

FÁBIO: É, eu soube que Diane, ela chegou a visitar algumas escolas, né, ela foi, ela acompanhou mais de perto o trabalho com alguns professores né. Comigo, especificamente, não né, nós tivemos alguns encontros também, mas assim fora do

contexto da prefeitura, ela foi assistir uma aula minha em uma instituição particular, da cultura inglesa que eu dava aula, mas na prefeitura em si não, ela não foi, até porque ela não, não tinha, assim, tempo hábil, não tinha condições de acompanhar pessoalmente esse trabalho com todos os professores. Então realmente ficou assim, mais algo concentrado no professor, né. Se o professor ele conseguisse, aí assim a escola em si, a maioria delas, infelizmente não tinha uma estrutura, né, para aplicar essa sugestão dela, né, da sala de aula exclusiva para o inglês. Então assim, eu pessoalmente também tive dificuldades né, porque outros professores queriam utilizar a mesma sala né, para dar, tipo por exemplo, professora de artes, ou professores que queriam passar vídeos, então assim, muitas vezes que não conseguia utilizar essa sala pra fazer o trabalho. Então, basicamente foi assim.

JONATHAN: Entendi. E pra finalizar, você teria alguma visão ou opinião sobre a razão pela qual os Estados Unidos cooperam com, ou cooperaram com um município como João Pessoa. Em algum momento isso foi dito por alguma autoridade ou o senhor tem alguma formação a respeito...informação?

FÁBIO: Sim, nós tivemos...antes de começar esse trabalho, nós tivemos uma conferência, uma reunião com o Prefeito de João Pessoa na época. Eu acho que com você também, você estava presente na reunião e foi nos dado alguma, algumas informações sobre o interesse dos Estados Unidos em acompanhar, né, o nosso progresso, em proporcionar essa oportunidade para os professores e para os alunos da rede municipal. Pessoalmente, é algo que eu admiro muito, né, no governo dos Estados Unidos, é que eles realmente demonstram essa preocupação em ajudar países em desenvolvimento, né, ou cidades como João Pessoa que estão em desenvolvimento para poderem aprimorar seus conhecimentos e ter uma correlação, né, com o país. Então, foi bem bacana, bem positivo.

JONATHAN: Legal, legal. Tem mais algum comentário a fazer ou a gente já pode encerrar aqui esse momento?

FÁBIO: Uma pausa aqui no vídeo. Tá ouvindo, né?

JONATHAN: Oi, voltou sim. Voltou agora. Eu só perguntei se o senhor gostaria de fazer algum último comentário a respeito sobre essa sua experiência ou se a gente já pode encerrar aqui esse momento de conversa.

FÁBIO: É, eu esqueci de falar sobre uma conferência que a Professora Diane organizou pra professores de inglês. Foi a primeira conferência, né. Infelizmente, até agora, foi a única que nós tivemos, né. Se eu não me engano foi em 2016, que ela organizou essa conferência para professores de inglês da rede municipal, mas que foi aberto para toda, toda a cidade. Então vários professores, de vários contextos, vieram para participar dessa conferência né. Eu inclusive fui convidado pela professora Diane a compartilhar um workshop também, sobre o que ela tinha transmitido pra a gente, então foi bem interessante. Eu pude falar também sobre a questão da prática comunicativa em sala de aula, sobre o ensino indutivo, né, que seria a gramática comunicativa, né, na qual os alunos podiam participar mais do processo ensino-aprendizagem, né, não ficar apenas passivamente ouvindo o professor, mas podendo perceber como as regras gramaticais funcionam, né. Então, foi algo que eu pude transmitir também, os conhecimentos que eu adquiri e compartilhei com os outros professores.

JONATHAN: Legal, professor. Pelas informações que eu tenho, houve uma em 2015, houve outra em 2016 também e nos anos seguintes ficaram atreladas essas conferências em conjunto com o EPI, o encontro de professores de língua inglesa da UFPB. Ficou em conjunto.

FÁBIO: Isso, foi mesmo.

JONATHAN: Mas, legal. Isso é uma informação bem relevante, né, porque foi um momento de encontro, né, dos professores e de compartilhamento das boas práticas.

FÁBIO: Isso. Desculpa.

JONATHAN: Tá tudo bem, professor. Eu lhe agradeço por demais né, pela, pelo seu tempo né, e pelo compartilhamento aqui da sua experiência, da sua visão, e agora eu vou aqui parar a gravação. Obrigado.

FÁBIO: Certo, foi um prazer.

Entrevista 12

ENTREVISTA COM HARLANNE GODOI, PROFESSORA DE INGLÊS DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

JONATHAN: Então é isso, Bom dia. Estou aqui com a professora Harlanne Godoi, professora município de João Pessoa que me deu a honra de fazer esse momento, essa conversa para a minha dissertação de mestrado, né, o mestrado de Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB, em que eu venho estudando, professora, a parceria que foi estabelecida entre o município de João Pessoa e o consulado geral dos Estados Unidos. Justamente pensando na disciplina de língua inglesa, né, então basicamente esse, esse convite para esta conversa, para essa entrevista é para que a gente possa se aprofundar em alguns pontos que são importantes pra a minha pesquisa e eu gostaria de começar, embora eu já tenha falado seu nome, mas assim sabendo um pouco mais sobre a sua experiência no município de João Pessoa até então.

HARLANNE: Olá, então, bom dia. Primeiro eu fico feliz, assim, em poder contribuir com sua pesquisa e, como você já falou, eu trabalho no município de João Pessoa, aprovada no concurso, sou professora efetiva desde 2015. E aí, como professora efetiva então eu tenho trabalho com os alunos do fundamental do sexto ano ao nono ano, desde 2015. E aí é isso, fico feliz em poder contribuir aí com a sua pesquisa.

JONATHAN: Legal, na disciplina de inglês, a senhora é professora de inglês, né?

HARLANNE: Isso, eu sou professora de língua inglesa. Desculpa, faltou dizer isso, um dado importante, né, sou professora de língua inglesa.

JONATHAN: E hoje está atuando em mais de uma escola? Tá em uma escola só?

HARLANNE: É, eu comecei, assim, na área da educação a muitos anos, mas assim com escola particular e aí depois fui migrando para escola pública, né. Primeiramente foi aprovação no concurso do estado, eu também sou professora do Estado desde

2013 e posteriormente, como eu já mencionei, passei no concurso da Prefeitura, né, do município e aí eu saí, então, das escolas privadas para me dedicar ao trabalho na escola pública. Então, atualmente eu desenvolvo trabalho numa escola municipal e uma escola estadual.

JONATHAN: Qual o nome da escola do município, professora? Só pra eu registrar aqui.

HARLANNE: É, na escola do município é a escola Padre Pedro Serrão. Lá no Cristo.

JONATHAN: Entendi, no bairro do Cristo aqui em João Pessoa. Tudo bem, legal. Então, já começando aqui o nosso bate papo sobre essa parceria, essa cooperação internacional que eu venho estudando, eu gostaria de saber da sua parte se a senhora tem alguma opinião formada sobre essa cooperação internacional entre prefeitura e consulado. E se acredita que é importante esse tipo de iniciativa, a partir da sua opinião.

HARLANNE: Vou começar do teu finalzinho aí, sobre a importância. Então, assim, com certeza eu acho muito importante e de extrema relevância essa parceria, de acordo com a minha experiência, né, com as minhas vivências, essa parceria me trouxe assim um benefício muito grande, no sentido de ampliar a minha, a minha visão de prática de sala de aula, de desenvolvimento de metodologias que se mostraram de uma eficácia relevante realmente no meu dia a dia. Então eu lembro que em 2015 eu passei no concurso e pouco tempo depois houve um curso de formação, todo ano a Prefeitura de João Pessoa estabelece um período de formação para professores e nós, de língua inglesa, tivemos a grande alegria e honra de participar de um curso de formação com a professora Diane, vou chamar de Diane, e ela era... exatamente essa parceria, né, do consulado com a prefeitura e ela veio nessa apresentação trazer contribuições excelentes, não só pra mim tenho certeza. Não só para minha prática profissional, pedagógica, mas também para todos os professores da rede que estavam envolvidos nesse curso de formação.

JONATHAN: Bacana! No caso a senhora entrou em 2015, o primeiro ano dessa parceria também foi em 2015, então já entrou na prefeitura tendo acesso a essa formação.

HARLANNE: Exato.

JONATHAN: Legal. Uma pergunta que eu gostaria de saber, pensando ainda, gostaria de fazer pensando ainda nessa, nessa parte da experiência na formação, saber se a senhora lembra das principais ações que foram desenvolvidas? O que é que realmente teve de diferencial nessa formação, muito embora tenha sido a sua primeira experiência nas formações do município de João Pessoa. Eu não sei se algo mudou dessa, dessa época até hoje, mas se sinta muito à vontade para fazer um comparativo ou trazer uma, fazer uma fala nesse sentido mesmo da formação em si, das principais ações desenvolvidas nesse tipo de formação.

HARLAN

NE: Certo, entendido. Então assim, de maneira bem específica a formação agregou bastante a minha prática e até assim sem medo de errar que foi um divisor de águas pra mim, existe uma professora antes daquela formação e uma professora depois. Por que, porque eu tive contato com metodologias assim, que até então eu não conhecia, vou explicar para você. Até aquele momento em 2015, eu já tinha estado em sala de aula a muitos anos, mas foi o primeiro momento em que eu conheci de maneira mais aprofundada e até conheci, porque antes eu não tinha nem escutado falar, eu conheci e inclusive de maneira prática a metodologia de ensino centrada no aluno. Então foi com a professora Diane, ela trouxe pra gente essa metodologia, que pra mim foi algo extremamente novo, né, de colocar o aluno como o protagonista, ele no centro da metodologia de ensino aprendizagem, e ela fez isso de uma maneira muito legal porque não era um estudo teórico sobre uma metodologia que seria eficaz, mas ela nos fez vivenciar essa metodologia de forma que nós nos sentimos, eu né, vou falar por mim, eu me senti segura pra colocar isso em prática na minha sala de aula, com os meus alunos e isso foi de uma transformação tremenda porque, no lugar de... eu sempre fui uma pessoa que falo muito, então assim, aquela coisa de tá ali na frente falando, falando, falando, ou seja, tendo uma metodologia centrada no professor,

centrada em mim, então todo esse paradigma foi quebrado nesse curso de formação porque eu comecei a ver que o aluno deve ser o protagonista. Então eu comecei a partir desta, desse curso de formação a utilizar as estratégias que ela nos passou, de colocar o aluno no centro e isso foi muito positivo pras minhas aulas porque no lugar de tá ali falando o tempo todo, o meu aluno começou a trabalhar, eu comecei a fazer coisas com que ele realmente aprendesse, ele realmente participasse, ele fosse um agente ativo no processo de construção do conhecimento.

JONATHAN: Entendi. Pode falar.

HARLANNE: Pontuando assim de forma mais prática o que você falou, eu traria a questão da metodologia de ensino centrada no aluno, foi algo novo pra mim e transformador, como eu já falei, e também a questão das vivências, não foi algo teórico, ela trouxe realmente algo prático pro chão da sala de aula do curso de formação. E nós tivemos que apresentar e participar, de forma que a gente se sentiu seguro pra colocar isso em prática com os nossos alunos.

JONATHAN: Então foi uma vivência prática?

HARLANNE: Sim, foi, sem dúvida foi uma vivência prática, foi muito bom. E foi assim, é como eu disse, um divisor de águas porque me abriu os olhos para isso aí, me tirou do centro e aí eu comecei a colocar o meu aluno no centro, e aí foi quando as coisas começaram a dar mais certo, né. A gente começa a observar que conseguir alcançar resultados mais positivos, de alunos que muitas vezes estavam ali, né, perdidos e você conseguir trazer pra perto. Alunos que não falavam nada na sala, eu nunca tinha escutado a voz, extremamente tímidos e daqui a pouco eles já estavam sendo conectados nas atividades em dupla, nas atividades em grupo e naquelas técnicas todas que ela passou pra gente dentro dessa perspectiva de metodologia centrada no aluno. E aí, só assim como eu disse, pra finalizar esse ponto, posteriormente eu tive a oportunidade de fazer um intercâmbio para os Estados Unidos. Posteriormente eu tive a oportunidade também de participar do curso, do Gira Mundo, do programa do Gira Mundo. Em ambas as situações foi muito forte essa questão da metodologia centrada no aluno e aí foi algo pra mim mais tranquilo porque eu já tinha vivenciado

aqui no Brasil mesmo através dessa conexão aí né, do Consulado com a Prefeitura e nos proporcionar esse curso de formação. Então, foi muito bom pra mim.

JONATHAN: Houve uma espécie de atualização referente a uma metodologia que em outras vivências suas estava, estava sendo trabalhada, né, nesses outros cursos.

HARLANNE: Isso, exatamente, exatamente. E foi, como você usou uma palavra aí legal, uma atualização mesmo. Porque eu já tinha saído da universidade a algum tempo, né, já tinha uma prática em sala de aula e tal, e realmente foi uma quebra de paradigmas, para eu ver mesmo com outros olhos, né, uma possibilidade que foi realmente relevante pra mim.

JONATHAN: Entendi. E na universidade, só pegando esse gancho sobre ela, esse tipo de técnica, esse tipo de trabalho, na sua visão, era, era feito também, essa metodologia centrada no aluno era trabalhada durante sua formação na universidade?

HARLANNE: Eu não vou dizer 0%, mas assim não, não era, não era. No meu tempo... não sei como está hoje, mas enfim, no meu tempo, quando eu fiz o curso de letras eu nunca tinha estudado sobre essa metodologia do ensino centrada no aluno, então realmente foi algo novo pra mim, foi uma atualização, né, foi uma espécie de realmente de atualização, ver o que que tá acontecendo, quais são as novas perspectivas do ensino. A gente sabe que o nosso aluno, ele não é o mesmo mais, a gente não está mais no mesmo mundo. Quando eu fiz o fundamental, eu fui uma aluna dentro de um sistema de uma forma. Hoje, a gente sabe que o nosso aluno ele tá em outro mundo, um mundo muito mais tecnológico, globalizado e a educação precisa acompanhar isso aí, né. Então no meu tempo de universidade, de formação, né, acadêmica, não foi uma falta irrelevante, que eu tenha aprendido, que tenha sido colocada essa evidência, não foi dada com relação a uma abordagem centrada no aluno. No curso de formação, da prefeitura com a professora de Diane que realmente isso veio, meus olhos se abriram pra isso aí.

JONATHAN: Entendi. Sobre essas suas experiências de intercâmbio, a senhora falou que uma das vivências foi através do programa estadual do Gira Mundo, mas também

mencionou um intercâmbio para os Estados Unidos. Tá falando do mesmo intercâmbio ou foram oportunidades diferentes?

HARLANNE: Foi pela Fulbright

JONATHAN: Pela Fulbright, também do governo americano. E essa oportunidade surgiu a partir da prefeitura ou foi algo diferenciado, algo distinto né, dessa vivência na prefeitura?

HARLANNE: Essa, essa possibilidade de intercâmbio pela fulbright, eu tomei conhecimento... não me recordo assim, como, mas era necessário escrever um projeto e enviar e, não... esse foi o Gira Mundo, perdão.

JONATHAN: Sem problemas!

HARLANNE: Foi necessário fazer a prova, né, do TOEFL. E eu lembro que eu fui, né, pra esse, esse programa de intercâmbio pela Fulbright exatamente levando o meu projeto de english club desenvolvido na minha escola do município, da prefeitura. Então assim, foi bem legal. Lá inclusive, na universidade, nós fomos convidados a apresentar no final e eu fui mostrar o trabalho que estava sendo desenvolvido aqui na escola do município, né, com meu English Club, que era um momento em que a gente tinha um clube de inglês, de aperfeiçoamento, de atividades dinâmicas, diferenciadas e aí eu levei vários vídeos com participação de alunos, os alunos do fundamental conversando em inglês numa troca muito legal. Foi muito bom também.

JONATHAN: Bacana, professora. E agora, tentando entender mais o que mudou a partir dessa parceria, dessa cooperação internacional estabelecida. O que é que a senhora acha que mudou dentro da prefeitura ou se não mudou nada a partir desse, dessa parceria. Acredita que mudou alguma coisa na área da educação em João Pessoa? Pensando na disciplina de inglês, pensando na sua prática?

HARLANNE: É, eu acho, eu acho que até assim, pela minha fala anterior, eu vou, vou mencionar mais um vez, né, em termos de professores de língua inglesa, eu tenho a

certeza que acrescentou, agregou bastante, porque é como eu expliquei anteriormente né, além de passarmos por uma atualização, por atividades de vivências práticas, né, a gente pode transferir isso, trazer tudo isso para nossa sala de aula, né, e isso foi de muita relevância, foi muito bom. Eu acho que foi uma experiência boa, que essa, essa parceria agrega muito porque exatamente vem qualificar os professores de língua inglesa, tornando-os mais capazes, mais atualizados e competentes no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas nas aulas de língua inglesa. E aí, só pra citar exemplos práticos, assim, com relação a alunos né, eu já citei um e aí foram vários alunos que, que, apresentaram melhora, não só na questão da língua inglesa, mas também na questão de superação dos medos, da vergonha de falar inglês, da participação na sala de aula, da prática das atividades orais que a gente sempre ouve muito assim, aqui no Brasil, aquela coisa de que inglês de escola pública a gente vai ver só aquelas coisas de gramática, e não, com essa parceria, né, imersa nesse curso de formação, eu fui aprendendo estratégias de trazer o aluno pra junto, pra participar. Então é como eu te disse, o benefício não foi só dos conteúdos, eles se refletiram nos conteúdos, mas também houve muita superação de meninos tímidos que não falavam, de meninos se apresentando, com desenvoltura na língua inglesa, e resultando em notas melhores também. Eu acho que foi um movimento muito positivo, né, é uma parceria assim que traz muitos benefícios à educação, ao chão da sala de aula de língua inglesa nas escolas municipais.

JONATHAN: Entendi.

HARLANNE: Essa é a minha experiência, minha vivência.

JONATHAN: Legal.

HARLANNE: Mas, eu convivo com outros professores, né, e assim a troca que se estabeleceu foi muito positiva. Uma outra coisa que me lembro também de mencionar agora, é que nós temos um grupo de Whatsapp que foi formado desde essa formação em 2015 e os professores lá interagem, eles trocam experiências, né, e tudo isso foi construído a partir daquela formação. Então essa parceria trouxe esse benefício

também, de um maior link, uma maior conexão entre os professores da rede, os professores em inglês do município, né. E a gente sabe que trabalhando em educação, a gente não trabalha sozinho, né, então quanto maior essa rede, quanto mais fortalecida essa rede mais resultados positivos são alcançados.

JONATHAN: Entendi, muito bom esse ponto. Houve alguma outra ação em que a senhora lembra que os professores se reuniram assim de uma forma pioneira? Houve algum evento, alguma outra ação, como criação de grupos, né, que acabou de mencionar ou algum tipo... algum outro tipo de reunião em que os professores pudessem compartilhar suas vivências ao longo desse, desse período?

HARLANNE: Sim, sim. Ao término da formação, do curso mesmo de formação, a gente foi convidado a participar de uma conferência de língua inglesa dos professores do município. Então foi excelente porque tinha banner, tinha apresentação no, como é que eu chamo aquilo... no anfiteatro, né, enfim, então a conferência foi muito produtiva, movimentou todos os professores, não só do município, mas os professores da rede particular de inglês, os professores de inglês do Estado foram convidados a prestigiar, participar dessa conferência, assistirem à conferência, visitar e nós do grupo de formação da prefeitura, que fomos imersos nesse curso de formação, nós fomos aqueles que divulgamos os nossos trabalhos, socializamos os nossos resultados alcançados. Então, foi uma troca muito boa, e isso aconteceu mais de uma vez, mais de uma vez. Pelo que eu me lembro, acho que umas duas vezes houve essa conferência de língua inglesa, né, dos professores do município, resultado dessa parceria, desse trabalho do curso de formação e que acabou abrangendo toda a cidade.

JONATHAN: Que bacana, professora. E depois que se findou, né, assim esses dois momentos, porque a gente sabe que a professora Diane esteve em 2015 e em 2016, né, e ao término, na sua visão, houve alguma continuidade da parceria? A senhora sabe dizer se houve algum tipo de outra ação em conjunto com o consulado, ou se não, se outros parceiros se agregaram a esse movimento, a essa parceria?

HARLANNE: Depois de 2016, bom, que eu saiba de outra parceria com o consulado não, eu não sei. Mas eu sei que a prefeitura firmou uma parceria com a UFPB e assim nós continuamos tendo o curso de formação com profissionais competetes, sem dúvida, mas assim não é a mesma coisa nos seguintes pontos, né, a gente tinha uma professora nativa, que era a Diane, então era uma professora nativa. Isso pra gente faz um diferencia imenso, né, principalmente porque a gente sabe que não é uma coisa fácil ter essa experiência de ir ao exterior, de conviver com americanos, então se vem uma pessoa de lá e ministra um curso pra gente, é de um valor assim, pra gente que é professor de inglês, é de uma valor tremendo, né. Então esse seria um ponto que nós acabamos assim, perdendo, já que os cursos de formação, os posteriores, foram com a UFPB e não com alguém nativo ou consulado, digamos assim. Um outro aspecto é com relação ao suporte de materiais, então, é preciso ser dito também que a gente recebeu do consulado, dessa parceria, da professora Diane, materiais assim, riquíssimos, de ensino da língua inglesa. Então, tanto materiais que poderiam ser usados com alunos para aulas mais lúdicas, mais dinâmicas, e interativas, como também ela dispôs de materiais, como revistas e livros mesmo, né, para o enriquecimento do profissional, do professor. Então assim, ela, ela... eu lembro que ela me deu muitas atividades assim que eu podia, de joguinhos, que eu podia fazer com os alunos, mas também ela me deu livros para o meu crescimento na língua inglesa. Revistas, né, que a gente, que a gente não só leu algumas com ela, alguns artigos com ela e trabalhamos com ela, né, mas também para o nosso estudo pessoal, o nosso crescimento pessoal como professor de língua inglesa. Então esses dois, dois aspectos aí, nós tivemos como professores da rede municipal, apenas mediante a parceria com o consulado, né, a gente acabou que embora os professores da UFPB sejam bastante competentes, né, as aulas eram produtivas, muito boas, mas assim a gente perde nesses dois quesitos aí.

JONATHAN: Entendi, professora. Obrigado por ter falado sobre esse ponto. E agora uma opinião sua a respeito de o motivo de um governo como os Estados Unidos cooperar como um governo como o de João Pessoa. Na sua visão, existe algum motivo especial pra isso? A senhora sabe dizer se isso foi mencionado em algum momento por alguma autoridade ou pela própria formadora? Qual a sua visão a respeito da motivação pra que haja esse tipo de cooperação?

HARLANNE: Essa pergunta é difícil. Essa pergunta é difícil assim, com relação a ser mencionado pela autoridade, pelas autoridades, enfim, de maneira específica do porque os Estados Unidos, qual o interesse seria dos Estados Unidos, porque eu vejo do nosso lado, a gente aqui merecia demais né, como eu já citei todos esses pontos positivos. Mas esse olhar de lá pra cá, eu não sei te dizer e assim eu não me recordo de ter sido colocado por nenhuma autoridade essa questão. Eu não me recordo disso não, não lembro não. E assim, claro que vivemos num mundo globalizado, como já falei, então a língua inglesa é a língua universal. A gente que já viajou pro exterior, já foi pra lugares onde não se fala o inglês e a gente sabe que a gente fala inglês em todo o mundo, né, então assim, é importante que a gente esteja aí em desenvolvimento do aprendizado do idioma, né. Enfim, eu não sei te dizer assim o interesse dos Estados Unidos, é, não tô sabendo.

JONATHAN: Sem problemas. A senhora se recorda sobre o momento de apresentação dessa, dessa nova forma de fazer formação com esse parceiro, foi algo que chegou com uma comunicação prévia, vocês estavam sabendo enquanto professores ou foi meio que uma surpresa pra todo mundo. A senhora tem alguma lembrança nesse sentido, nesse sentido?

HARLANNE: Bom, a lembrança que eu tenho é a seguinte... primeiro que eu passei no concurso 2015, comecei o ano e pra mim foi muito chocante, vou dizer a palavra chocante mesmo, foi chocante, desesperador às vezes a situação, porque até então eu trabalhava numa das melhores escolas particulares da cidade, apenas com turmas de ensino médio. Então, eu trabalhava muito no médio, numa escola particular que me dava recursos de toda natureza e forma pra que eu pudesse dar boas aulas e aí eu fui pra, pra escola pública do fundamental e foi chocante pra mim porque a minha linguagem tinha que ser adaptada, eu tava com turmas de sexto ano e eu não podia ser a mesma que dava aulas no ensino médio, tá entendendo? Então, pra mim foi muito desafiador o trabalho com o fundamental porque eu passei a vida toda, anteriormente a isso, trabalhando com ensino médio e escola de idioma, então é um outro público, um outro universo. Quando eu entrei em 2015, no início do ano que começou antes da formação, né, eu fiquei assim desesperada porque eu disse “Meu

Deus, o que é que eu vou fazer, eu tenho que adequar a minha maneira de falar, eu tenho que adequar toda a minha abordagem”. E aí, surge o curso de formação, e aí eu fiquei sabendo que ia ter, quando nos fomos orientados de que ia o ter o curso de formação, e que seria com uma nativa e aí quando as aulas começaram foram assim muito bom pra mim, sabe, colocou por terra toda aquela angústia que eu vinha porque ela me apresentou possibilidades. Com essa abordagem de ensino centrada no aluno. Então ela me apresentou essa possibilidade e com ela eu fui amadurecendo e fui colocando aquilo em sala de aula, como eu te expliquei. Então assim, nós fomos orientados sim e foi isso.

JONATHAN: Legal, bacana. E pra finalizar, eu só gostaria de saber, mesmo enquanto professora, eu entendo que está na escola cumprindo essa função social importantíssima, mas eu gostaria de saber a senhora tem alguma informação a respeito da existência de ações em conjunto com o Consulado até hoje e de ações futuras, se algo vem sendo planejado nesse sentido, né. Isso pensando no governo americano, não é, ações presentes e ações futuras ou ações também com outros parceiros, outros governos, tudo isso pensando na área de educação. A senhora tem informações nesse sentido?

HARLANNE: Não, não tem sido comentado na, nas escolas né, que eu faço parte. A única, a única, o único ponto assim, digamos, que eu tenho conhecimento é sobre essa parceria, mas aí é do governo do Estado, com as universidades lá, algumas da Finlândia que tem o conexão mundo, né, um projeto aí, um programa aque é um pouco diferente do Gira Mundo, mas que lembra. E enfim, é isso, mas... e também o fulbright tem a ver com o consulado, as vezes recebo email do pessoal da fulbright, mas assim, na escola mesmo assim, não tenho conhecimento não de se tem alguma parceria, alguma coisa assim não.

JONATHAN: Entendi, tudo bem, legal. Algum comentário final? Da minha parte eu só tenho que lhe agradecer por essas belíssimas informações.

HARLANNE: Eu também, só dizer isso né, que eu agradeço a oportunidade, né, e espero ter contribuído, espero ter contribuído aí com a tua pesquisa.

JONATHAN: Com certeza, com certeza.

HARLANNE: Fico feliz em ter ajudado.

JONATHAN: Foi de muita valia e só lhe agradeço também pelo seu tempo e pela exposição e compartilhamento dessas informações tão relevantes. Pode ter certeza que está ajudando bastante, professora.

HARLANNE: Que bom, que bom.

JONATHAN: Eu vou parar aqui a gravação agora.

Entrevista 13

ENTREVISTA COM ALINE PAZ, DIRETORA DA ESCOLA BILÍNGUE

JONATHAN: Mais uma vez boa tarde, professora Aline. Eu sou o Jonathan Vieira, sou aluno do mestrado de Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB. Primeiramente eu gostaria de agradecer bastante pela disponibilidade de conversar comigo, uma vez que o tema da minha pesquisa é a relação entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa e o Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife, no que se refere a área de inglês, né, no município e gostaria que a senhora se apresentasse um pouco para que a gente pudesse começar essa, esse momento aqui de conversa, né.

ALINE: Olá, Jonathan, o prazer é meu. Obrigada pela confiança, né, de tá participando do projeto de pesquisa. É sempre bem vindo, são sempre bem vindos projetos de pesquisa, acho que tudo que cresce nossa escola, nossa experiência e divulga, coisa importante, a gente tá por aí, né. E, Jonathan, falando de mim, eu sou pedagoga, fui convidada por cargo por já ter, questões de já ter alguma, relacionamento com escolas de idiomas e estou aqui efetiva do município...

JONATHAN: Então hoje a senhora é diretora pedagógica da Escola bilíngue Dom José Maria Pires, não é isso?

ALINE: Exatamente. Hoje eu estou, no momento, com as duas funções por algumas outras questões, mas toda a parte de ensino, de educação, de currículo, de tudo.

JONATHAN: Amém, professora. E pra que entender um pouco sobre a relação do município de João Pessoa com o consulado, eu fiz, obviamente...

ALINE: Jonathan...

JONATHAN: Oi. Cortou um pouco?

ALINE: Cortou um pouquinho, cortou e voltou.

JONATHAN: Certo, eu vinha dizendo que pra eu entender esse objeto da minha pesquisa, eu fiz vários levantamentos, tanto de materiais, documentos, e entrevistas também pra compreender o passo a passo até chegar na parceria, na cooperação estabelecida com o consulado. A gente sabe que teve desde especialistas em língua inglesa trabalhando com os professores de inglês da rede municipal de João Pessoa, até culminar também na escola bilíngue. E eu, hoje, venho assim lhe perguntar qual a sua visão geral a respeito dessa parceria, pensando no município de João Pessoa, né, o grau de importância dela, uma visão mais geral mesmo da senhora nesse sentido.

ALINE: É o seguinte, Jonatas. Nós temos... Jonathan, desculpa. É que eu tenho um Jonatas aqui. Nós temos essa parceria, eu acredito muito importante pra nossa escola e também pro município. Porque, primeiro, a gente é como escola bilíngue, então bilíngue inglês, português. Então nós temos pessoas que trabalham com o idioma e que traz uma força pra escola. Então a gente sabe que esse movimento da embaixada se envolver, de estabelecer alguns recursos, de determinar formação pra gente, foi algo que nos enriqueceu muito. Com relação ao município, como você disse, eles trouxeram formação pros professores do município, fortalece muito essa parceria trazida de fora pra dentro da escola. E, assim, não é uma coisa que às vezes a pessoa pensa “a porque são os Estados Unidos, e eles são, vão impor a cultura deles”. Não é essa a função deles. É uma função muito mais educacional mesmo, que isso é importante para as pessoas entenderem. A embaixada ela vem, de uma forma que eles vão batendo na porta também, eles trazem pessoas de fora que querem entender o nosso contexto e querem agregar valor a esse contexto. Isso aí é uma coisa bem legal. Então nós tivemos aqui dentro da escola bilíngue no ano de 2019, eu vou falar a partir da minha gestão. Então tivemos aqui uma fellow, que veio que passou o ano inteiro conosco e os seis últimos meses foi absolutamente só da bilíngue, então que foi a Chloe. A Chloe veio assim, como um bálsamo pra escola, pra organizar o nosso currículo que, como vocês sabem a nossa escola foi a primeira escola bilíngue pública do Nordeste e de ensino fundamental. Uma escola que estava aprendendo, estava caminhando, ainda estamos... mas nós estamos caminhando, então nessa caminhada foi uma pessoa que nos deu vários direcionamentos, porque é a especialidade era

trabalhar com essa questão bilíngue, então ela é formada, é como se fosse professor de letras aqui do Brasil. Ela tinha essa formação voltada para nos dizer qual eram as melhores metodologias que a gente podia abordar e isso foi uma riqueza enorme. Sem contar também nas viagens, que você mesmo acompanhou, as viagens que os professores fizeram, no ano de 2019 pra 2020, nós também tivemos viagens do professor João, ele também viajou, então foi uma coisa muito bacana.

JONATHAN: Qual foi o professor?

ALINE: E a gente sabe que esses professores vão contribuir com muitas ideias boas, vinheram muitos materiais. Foi o professor João. De geografia, João.

JONATHAN: Sim, sim.

ALINE: Eu esqueci agora o Estado que ele foi, mas foi aquele que todo mundo quer ir, o Estado. Foi pra um, melhor do que o pessoal que foi pro Arizona. Eu agora esqueci qual foi o que ele foi, mas daqui pra lá eu lembro. E foi bem bacana, voltada pro Stem, então ficou todo mundo babando porque foi uma viajona assim de totalmente voltada pro stem, que é a área de ciências, matemática, tecnologia e também trouxeram muitos materiais pra escola, jogos, banner, cartazes pra trabalhar com aluno. Chloe quando viajou no meio do ano e trouxe materiais também fornecidos pela embaixada e esse sim, nós também recebemos pessoas da embaixada pra trazer um pouco sobre a cultura que tivemos conversas bilíngues dos alunos com eles, então assim essa parceria vem fortalecendo. Eu como gestora também viajei pra Brasília. Nós conversamos muito com professores do Brasil inteiro, tanto que eu tenho dado muito suporte a outros Estados que estão inaugurando, que a embaixada pede isso eles dizem que é uma “via de mão dupla”, a gente também ajuda outros Estados, a gente criou um XXX local (7:18), pouquinho já, já estamos... já sabemos os erros e acertos. E a embaixada sabe disso, que hoje nós estamos num contexto de dois anos de pandemia, né, eu acho que aí já vai pra próxima pergunta, não sei.

JONATHAN: Claro, sim, sim. Gostaria muito de entender, hoje, a atual situação, né, da parceria. A gente tá na pandemia, se o consulado, se o governo americano vem

fazendo, veio fazendo algum tipo de ação durante esses dois anos né, de pandemia já, 2020/2121 ou se tem também ações previstas né, pra escola bilíngue ou pra o município?

ALINE: 2022 agora. É o seguinte, Jonathan, eles trabalham muito com questão do planejamento, o ano de 2020 que estava planejado, recebemos de novo uma fellow, teríamos toda uma capacitação, ele foi completamente interrompido, mas não foi só a gente, foi o mundo. O mundo sofreu uma interrupção absurda e essas pessoas que, tinham pessoas que tinham vindo, nós recebemos essas pessoas em Brasília em fevereiro/março e antes de abril elas já estavam voltando. Você tira como foi, tiveram que serem devolvidas por causa da pandemia...

JONATHAN: Elas não chegaram a vir pra João Pessoa, elas ficaram em Brasília.

ALINE: As dos outros Estados chegaram, a de João Pessoa ia chegar em maio e não a recebi. Foi menos uma dor de cabeça, porque eu iria receber e devolver. Minhas colegas dos outros Estados receberam e em menos de um mês tiveram que providenciar a devolução dessa pessoa porque é uma pessoa que não fala a nossa língua muitas vezes e a gente tem que dar todo o suporte. Então, não chegamos a receber a pessoa em maio. Em maio passaria dois meses e iria vir de novo ou ela, ou outra pessoa em setembro, mas estaríamos com a vida organizada. Mas aí, qual foi na época a Jennifer, que já estava responsável pelo setor da RELO Brasil, não é mais ela, não sei se você sabe. A Jennifer foi para outro país e hoje nós estamos com a Maria, Maria é a nova RELO, representante. Então a Maria chegou agora no final do ano, assumiu aqui no Brasil e ia ao ano de 2020...

JONATHAN: Cortou um pouco, professora.

ALINE: Cortou?

JONATHAN: Cortou. Eu peguei essa parte, da senhora falando sobre esse ano que não tem verba. Oi...

ALINE: Isso, pra 2022 não foi planejado. Tá ouvindo?

JONATHAN: Sim.

ALINE: Pronto, não foi separado verba para isso. Nós não tivemos verba, por conta da pandemia. O governo tá auxiliando o Brasil, o governo americano, em outras instâncias, não na educação. Então eles vão ver o que é que é possível, que não seja com tantos gastos para 2022. Mas de antemão nós não vamos receber nenhuma fellow, mas o projeto é que este ano, como o novo normal está se formando, eles possam guardar de novo um verba para as nossas distribuições, nossa parceria continua de “vento em popa”. Tivemos a formatura agora e o Jeff ele não veio porque tinha um evento no Ceará, Fortaleza. Mas eles ainda são nossos parceiros, nós ainda conversamos. Mas, hoje, por conta dessa pandemia, nós não temos um cenário, exatamente o que o governo americano vai trazer para a gente.

JONATHAN: Entendi, professora. Hoje na prefeitura quem vem tendo uma relação maior com o consulado, quem vem representando essa parceria de uma forma mais próxima.

ALINE: Jonatas, com relação... Jonathan, com relação a prefeitura em si, eu não sei quem vem dialogando com eles. A pessoa que mais tem dialogado com eles sou eu, porque eu falo com essas pessoas, eu ainda tava de licença maternidade quando houve essa troca da responsável pela RELO Brasil, que é, fica em Brasília no caso, que é a Jennifer. E agora a Maria, foi por telefone que me contou essa novidade, eu até contei que estava de licença e a gente não tem ainda assim uma, que eu saiba, uma representatividade forte na prefeitura municipal como era a sua função na época e que depois você passou para Mariana. Então nós não temos essa função, exatamente essa pessoa determinada. Hoje a escola bilíngue tem porque eu mantenho o contato com eles, então assim, dessa forma, para a escola bilíngue.

JONATHAN: Mudou a gestão...

ALINE: Inclusive eles assinaram um contrato. Isso, mudou a gestão municipal. Eles tem interesse sim que a gente continue, mas eu acho, acredito que por conta das

novas demandas, a gente ainda tá organizando o ano de 2022. E depois, aula presencial com terças e quintas aulas online, então a gente ainda tá engatinhando ainda com essa loucura que o mundo sofreu. A gente tava super bem, aí de repente saímos um pouco do curso, tivemos que nos, nos readaptarmos. Nos adaptarmos ao novo mundo, né, e estamos aí. E a prefeitura também está nesse processo. Além de ser um governo novo, nós não temos ainda uma representatividade forte em relação à embaixada.

JONATHAN: Na sua visão, professora, a quebra de governo, a mudança de governo compromete, às vezes, essas relações com parceiros já estabelecidos? Compromete de alguma maneira? Como é que a senhora vê isso pessoalmente?

ALINE: Olha, para a escola, eu vou falar um pouco, eu vou falar do meu setor. Para a nossa escola, não acredito que a mudança de gestão fez grande diferença não, eles são abertos a receberem, inclusive a secretaria tinha dito que se a embaixada confirmasse que viria para a formatura do nono ano, ela também confirmaria a vinda do prefeito, ele faria um esforço para estar aqui.

JONATHAN: Legal!

ALINE: A embaixada não veio, ele me justificou, agradeceu o convite, disse que esperamos ver este ano. Mandou até isso, né, “espero ver você no próximo ano”. Que o Jeff, ele é agora o novo chefe do cargo que era o Daniel. Você lembra do Daniel?

JONATHAN: Sim, cônsul de Diplomacia Pública.

ALINE: Pronto. Aí não é mais o Daniel, é o Jeff, que eu não conheço ainda, só por email. Então, o Jeff disse que viria e acabou não vindo, que dizer, não disse que viria, ele confirmou que não viria. Eles são muito pontuais né, se disserem que vem... que vem. Então esse, esse poder público atual não se fez não, pelo contrário ela disse que apoiaria, mas como escola estamos um pouco assim, mais enfraquecidos, por conta desse processo todo que estamos vivendo. Então é muito mais por conta do processo mesmo.

JONATHAN: Professora, a senhora falou sobre o contrato e aí a ligação cortou. Que contrato a ser assinado seria esse?

ALINE: Não, acho que foi alguma coisa do áudio. Nós, a sim, sim, perdão, o último contato que eu tive online com a embaixada foi que eles assinaram um contrato com o governo do Estado da Paraíba, mas pra obra pública e eles nos convidaram como escola bilíngue, gestores da escola bilíngue a participar do evento... Foi um evento grande... né, Brasília, não me lembro exatamente como era o nome, era o Toddy, quem se aposentou foi o Toddy se não estou enganada. Foi ele que fez essa assinatura com o governador e convidou a escola bilíngue para participar desse momento que achei bem bacana porque eles mandaram convite formal para a escola bilíngue... inclusive a gente foi citado, mas foi tudo online. Foi do jeito que nós estamos aqui, cada um no seu espaço, em um evento formal, mas cada um no seu espaço com câmeras abertas e eles fizeram essa assinatura. Então assim, eu vejo que eles ainda têm um carinho, uma preocupação com a nossa escola, que realmente as oportunidades...

JONATHAN: Então, hoje o consulado tem um entendimento formalizado com o governo do Estado da Paraíba?

ALINE: Tem, eles têm por causa do projeto Gira Mundo e em outras coisas, né, que eles também têm, que é questão de infraestrutura, alguma coisa voltada para infraestrutura o governo do Estado está com uma parceira, foi assinado mesmo. A gente, você deve saber, como caráter de 'apadrinhamento', nós não temos nada assinado, mas somos apadrinhados, é aquela velha história.

JONATHAN: Interessante isso. Professora, muitas ações foram, pela pesquisa que eu venho fazendo, foram realizadas, dá pra perceber que a prefeitura de João Pessoa devido a parceria teve aproximações com outras instituições, como por exemplo a UFPB. A prefeitura também se organizou internamente, né, para os projetos que a gente já citou. Teve uma mudança na formação dos professores, mudanças metodológicas, criou-se leis, né, pensando na valorização do bilinguismo na cidade,

inclusive voltada para a escola bilíngue. Eu queria entender da parte da senhora se essas outras ações se mantêm, né, como por exemplo a lei né que fez uma espécie de gratificação, né, para os professores da Escola Bilíngue.

ALINE: Isso, essa lei ela dá direito a 20% a mais no salário para professores que, no caso, ensinam de forma bilíngue e gestores. E a lei ela está assim, claro que tem alguns professores que entraram recentemente aí entram em um processo para poder entrar nesses 20%. Mas a lei tá de pé, inclusive o atual prefeito disse que vai... a atual secretária disse que vai ver se muda para que todos da escola recebam 20%... é que os professores tenham essa gratificação... na inglesa, portuguesa, na disciplina de geografia, história, português, matemática. Então isso justifica.

JONATHAN: Porque eles estão trabalhando com o inglês também nas suas disciplinas.

ALINE: Material, tem toda essa questão. Então, a gente...

JONATHAN: Cortou um pouco aqui, deixa eu ver se melhora.

ALINE: Aquele garimpado para conseguir professores.

JONATHAN: Interessante. A senhora acredita então que a parceria se mantém, né, e existe todo esse apadrinhamento, todo esse interesse, né, por parte do consulado em relação a escola bilíngue, em relação ao município de João Pessoa. O que é bem interessante. A única questão que houve mesmo foi que nesse período da pandemia as ações elas, elas diminuíram, não é verdade?

ALINE: Isso.

JONATHAN: Houve alguma atividade online, algum tipo de curso, alguma relação nesse sentido mesmo na época da pandemia?

ALINE: Houve sim. As duas professoras de inglês fizeram uma formação, esqueci agora o nome, mas posso te enviar depois, uma formação super importante. Inclusive foram docentes pela formação da prefeitura, que foi uma formação bem pesada, voltada mesmo ao bilinguismo. Com um curso bem, bem puxado... E a embaixada forneceu esse curso online, e essas duas professoras participaram, que foi a professora Claudiane e a professora Caroline, elas fizeram e um curso de uma riqueza enorme, com certificação, com tudo, vários encontros, não faltou encontros, teve uma boa carga horária, então eles ofereceram sim, ainda fizeram essa oferta pra gente de forma online.

JONATHAN: Bacana, professora.

ALINE: E aí eles vêm também ainda...

JONATHAN: Cortou de novo. Deixa eu ver aqui.

ALINE: Eles também oferecem Webinar, né, os Webinar. Além de participar de tal Webinar, às vezes eu participo...

JONATHAN: Eu consigo ouvir agora.

ALINE: Pronto, então eles sempre estão enviando Webinars pra gente, para que a gente possa participar, umas palestras, eles oferecem muito aí fica bem mais livre, e não tem certificação, são apenas palestras, né, eles sempre estão... pra os nossos professores e essa questão online também tiveram algumas modificações...Então eles tiveram sim, foi uma coisa importante, mostrando...Graças a Deus.

JONATHAN: Legal, professora. A gente já tá chegando ao fim aqui da conversa.

ALINE: Tá ouvindo, Jonathan?

JONATHAN: Sim, tô ouvindo. Consegue me ouvir?

ALINE: Jonathan, desculpa. Sim.

JONATHAN: Certo. Eu vinha dizendo que a gente já tá chegando até, ao fim dessa conversa, mas teve uma sua que me chamou muito a atenção, quando a senhora falou sobre a questão da parceria, né, que a senhora disse assim que vem trocando experiências com outros Estados, outros municípios e que o consulado, a embaixada disse que isso é uma via de mão dupla, né, no sentido de que esse compartilhamento faz parte dessa relação estabelecida, dessa cooperação estabelecida. Não sei se eu entendi errado, se é isso mesmo...

ALINE: É isso mesmo. Esses dias eu, o último Estado que eu fiz alguma observação foi pro pessoal de São Paulo. São Paulo também tá pra vir uma escola bilíngue do município...do Estado, eu acho. E são contatos que a gente conheceu através da embaixada. Então eles sempre dizem “eu vou passar seu telefone, você passa algumas informações”. Eles me perguntam, não obrigam, mas pergunta é claro que, com parceiro, a gente quer ajudar os parceiros, né, que são de vários lugares. Então hoje em dia, a gente, pronto, o pessoal de Florianópolis, já falei uma época com Georgia que era a Secretária de Educação. Ela entrou em contato pra saber, eu mandei e-mail, com essa montagem dessa escola bilíngue... aí eu faço... das coisas que a gente não deve cometer, não cometam, organizem antes, então várias coisinhas que precisamos passar, que vocês não precisam passar e outras coisas bem legais também. Como nós estamos fazendo, é, então, Florianópolis, outro lugar, Londrina no Paraná, Londrina tá aí também para inaugurar. O pessoal de Londrina, inclusive da UEL, Universidade Estadual de Londrina tem sido muito requisitada... São pessoas que eu conheci no evento de Brasília e algum deles foi quem viajou com o pessoal pros Estados Unidos, que é o Sérgio. O de São Paulo também. Então a nossa escola, hoje, aqui no Nordeste, tem sido uma excelente referência de escola bilíngue pro Brasil, fico muito feliz porque a gente tá tentando se organizar ao nosso modelo.

JONATHAN: Bacana, professora. Então, agradeço demais, né, por essas respostas, né. Eu acho que já contemplou tudo que eu venho investigando. Eu não sei se quer fazer alguma outra fala, algum outro comentário, né, final.

ALINE: Não, apenas obrigada... por nosso trabalho... Isso aqui é tudo passageiro, mas a escola bilíngue é um legado bacana pra o município de João Pessoa. Eu acho que é uma das melhores coisas que o município de João Pessoa tem. Então a gente tem esse modelo e essa... dentro da tua pesquisa é algo que nos fortalece.

JONATHAN: Legal, com certeza. Há outras escolas bilíngues ou só essa em João Pessoa?

ALINE: Foram inauguradas... que foi inaugurada, mas o projeto não foi, não foi uma escola ainda, então não caminhou ainda. Tá caminhando aos poucos, porque também veio a pandemia...mas a outra não é como a gente, consolidada.

JONATHAN: Legal, professora. Muito obrigado.

APÊNDICE II – VISITA À ASSESSORIA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS DO MEC

Depoimento de Leandro Gomes Cardoso, Coordenador Américas da Assessoria de Assuntos Internacionais do MEC, e Paula Regina Ferreira da Silva, assistente de coordenação.

Parte 1) Apresentação introdutória das atividades profissionais desempenhadas em João Pessoa, e motivo da visita à Brasília.

Leandro: Como o programa é estruturado?

☐ Jonathan faz explicação sobre o programa e como se deu a parceria entre Prefeitura Municipal de João Pessoa e Consulado Geral dos Estados Unidos em Recife.

☐ Paula: é um programa?

☐ Jonathan explica que faz parte de um programa do Departamento de Estado Americano.

☐ Leandro: Eu nunca tinha visto algo nesse modelo. O que nós temos no Governo Federal é o programa Idioma sem Fronteiras. O que é uma outra forma de programa. Um programa que foi feito para capacitar os prováveis alunos do Ciência Sem Fronteiras, um programa de mobilidade. Ao final do ano passado, o que se percebeu com esse programa foi que esse programa também poderia ser bem mais que isso para capacitação de professores tanto dos institutos federais que é uma realidade mais próxima do governo federal quanto da educação básica do país inteiro. Chegou-se a enviar cerca de 70, 80 professores dos institutos federais, por ser federal a gente tem uma capacidade de articulação melhor; eles treinaram durante 2 meses, não só em língua inglesa, mas também em pedagogia, metodologia. Mas depois houve o impeachment e nesse momento não se sabe como o programa ficará.

☐ Leandro fala a respeito da experiência de João Pessoa dizendo que: esse modelo também é interessante. Em vez de enviar 70, você traz uma pessoa.

□ Leandro diz que não conhecia sobre os projetos da Escola Bilíngue do Estado do Rio.

□ Leandro: um modelo que eu conheço que Argentina e Chile me abordaram várias vezes é fazer uma troca de professores: a gente manda um professor de português e a gente recebe um professor chileno ou argentino.

□ Jonathan pergunta se eles estavam cientes dos projetos com conduzidos pelo Consulado, pelo governo americano.

□ Leandro e Paula respondem que “não”.

□ Jonathan pergunta se havia algum tipo de acompanhamento pela Assessoria do MEC? Há algo parecido?

□ Leandro diz que “sim”, o inglês sem fronteira. Que está agora parado.

□ Leandro continua dizendo: deixa eu te contar duas coisas sobre a Base Nacional Comum que está sendo reformulada e participam das discussões o Centro Lemon. Um centro brasileiro financiado por ele tem na universidade de Stanford, um Centro de Estudos de Políticas Educacionais no Brasil, financiado pelo Centro Lemon dentro de Stanford e eles estão participando sim com especialistas deles da discussão da Base Nacional Comum, especialmente, na área de matemática e também tem na área de língua. Por serem norte-americanos e a gente está discutindo a Base Nacional Comum, eles atuam com uma certa diplomacia mesmo que faça uma crítica. E eles têm o mesmo diagnóstico dizendo que tenha muita coisa, tem

que focar mais no comunicativo. Outra coisa que é também interessante que nesse Centro eles têm um programa de formação de professores. Treinando não só em língua inglesa, metodologia, tecnologia em sala de aula, etc.

□ Paula diz acerca da visita que: foi uma visita importante e positiva porque a gente não conhecia essa ação. E é bom ver como uma coisa que aparentemente simples pode ter esse impacto. É mais efetivo.

APÊNDICE III – VISITA AO ITAMARATY

Depoimento da senhora Almerinda Augusta de Freitas Carvalho, Chefe da Divisão de Temas Educacionais.

- Após Jonathan fazer as explicações sobre o projeto e parceria entre Prefeitura Municipal de João Pessoa e Consulado-Geral dos Estados Unidos no Recife.
- Almerinda diz: Isso é uma prática que deve ser disseminada
- Almerinda diz: não estávamos cientes e ficamos muito satisfeitos em saber. Uma boa prática e a baixo custo.

Almerinda diz: Aqui é a Divisão de Temas Educacionais, mas a sigla ficou DCE como se fosse cooperação educacional do Brasil e do exterior. A Internacionalização da educação brasileira e em outros países. A gente procura boas práticas de outros países que a gente supõe que estejam em estágio mais avançado que o nosso e por outro lado nós oferecemos a mais de 50 anos a outros países que ainda não chegaram no nosso nível. Graduação inteiramente grátis para outros países que não estejam no nosso estágio. A pessoa sai daqui com reconhecimento de diploma e eles ficam prontos para trabalhar com o diploma validado, que enviamos à embaixada de nosso país. Um exemplo de *soft power* importante. Pós-graduação que tem 33 anos, porque nossa pós-graduação não era considerada sólida o suficiente para apresentar aos outros quando começamos a ter esse reconhecimento começamos a oferecer a países com os países em desenvolvimento com quem temos cooperação. Temos cooperação com pessoas chinesas, indianas, em outras áreas. Temos grandes alunos que se tornaram grandes autoridades em seus países. Ex ministro de Cabo Verde; Educação da Argentina. Ministro do Paraguai. Isso permite para nós em termos de trabalho diplomático, algo muito bom. A gente acompanha os organismos internacionais nas propostas de internacionalização da educação com programas novos, educação ao longo da vida, educação na primeira infância que tem muito valor. Ensino secundário que tem sido considerado o mais fracassado. – Falou sobre dificuldades do ensino básico...ensino técnico é algo em que estamos relativamente bem.